

Universidade Federal de Santa Catarina

MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E MUNDOS DO TRABALHO:
brasileiros em Portugal e na Espanha (1986-2008)

ADRIANO LARENTES DA SILVA

Florianópolis, março de 2009

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História

**MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E MUNDOS DO TRABALHO:
brasileiros em Portugal e na Espanha (1986-2008)**

Adriano Larentes da Silva

Tese orientada pela Profa. Dra. Maria
Bernardete Ramos Flores e submetida à
banca examinadora para obtenção do título
de Doutor em História.

Florianópolis, março de 2009

No século passado a gente imaginava, a gente sonhava. Hoje temos quantidade, temos tudo ao momento, temos a imagem. Podes ver a tua família em tempo real com uma câmara, em um centro de internet, de telefone. Então tudo isso faz perder a magia de escrever, da poesia, de imaginar, de ponderar ao país receptor, de recordar o país de diáspora. Eu creio que é distinto nisso. Ainda que as causas sejam as mesmas, de tipo econômico.

Maria Dolores

AGRADECIMENTOS

Escrever uma tese não é tarefa que se faça em pouco tempo e sem a contribuição de inúmeras pessoas. Se isso vale para aqueles que estudam a história tendo como fonte principal os arquivos e documentos oficiais, vale ainda mais para os que, como eu, realizam seus estudos tendo como principal referência a História Oral, cujas fontes são memórias vivas e histórias móveis. Estar com as pessoas e ouvir suas histórias exige, acima de tudo, contatos e contribuições de muita gente.

A presente tese não seria possível sem os muitos contatos estabelecidos no Brasil e no exterior e, principalmente, sem as contribuições, a solidariedade, o companheirismo, a amizade e apoio de tantas pessoas e instituições. A todas elas devo os meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço primeiramente à minha esposa Saionara e à minha filha Luísa pelo amor, compreensão e companheirismo. Durante os últimos quatro anos, ambas vêm “segurando a barra” e me dando força. Esse agradecimento é extensivo também a todos das famílias Greggio e Silva.

À minha orientadora, professora Maria Bernardete, pela dedicação, profissionalismo e amizade. Agora, mais do que nunca posso dizer, foi um grande privilégio poder contar com sua orientação precisa, com seu empenho e doação!

À minha co-orientadora na Espanha, professora Maria Dolores, que me recebeu de forma despojada e carinhosa, abrindo comigo as portas que levariam a inúmeras descobertas. A ela devo muito do que pesquisei e escrevi sobre a Espanha e também a minha gratidão por seu imenso esforço para estar em minha defesa de tese.

À minha co-orientadora em Portugal, professora Maria Ioannis Baganha, por ter me recebido de maneira tão acolhedora e carinhosa. Graças a sua orientação e profissionalismo pude aprofundar meus estudos e conhecimentos sobre a imigração brasileira em Portugal.

Aos professores da UFSC e UDESC, Gláucia Assis, Paulo Pinheiro Machado, e Bernardete Aued, que fizeram parte de minha banca de qualificação, de projeto de doutorado sanduíche e, no caso dos dois primeiros, também de tese. Nessa empreitada final juntaram-se os professores Marcos Montysuma, Cristina Scheibe Wolff e Emerson Campos. A todos meus agradecimentos pela leitura atenta e pelas ponderações extremamente importantes feitas para a melhoria do trabalho.

À CAPES pelo apoio financeiro durante o Estágio de Doutorado Sanduíche realizado em Portugal e na Espanha.

Aos mais de 100 brasileiros e brasileiras que se dispuseram a conversar comigo pela internet e a me receber em suas casas, locais de trabalho e outros espaços para contar suas histórias e trajetórias de vida. Sem eles esse trabalho não teria sido possível no formato como foi construído.

Ao padre António Pires (Costa da Caparica), Ulisses Garrido (CGTP-IN), José Rodrigues Neto (Costa da Caparica), Adriana e demais pessoas da Casa do Brasil Lisboa, Vítor Marques (um português cabra-macho!), Vera Cruz e Bruno (obrigado pela acolhida!), aos funcionários do Centro de Estudos Sociais e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e a todas as pessoas que tornaram agradável minha estada em Portugal e permitiram que a pesquisa avançasse.

À Haydeé Bossio e todos da ONG *Antequera Acoge*, Chila Guzman pelos contatos repassados, Regina e Centro de Acolhida a Imigrantes de Cádiz, Nacho Dueñas, companheiros do grupo *Intrahistoria y Oralidad* e funcionários da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Cádiz, padre Paco, padre Antonio, Igreja da Trindade e Pró-libertas (Antequera), Alfredo Tovar e a todos que me acolheram carinhosamente em Motril (Granada), à Associação Amigos do Brasil, em Barcelona, Pilar Rato, Fernando Medina e todos da FECOHT/CC.OO, Fabiana Gama e todos da AHBAI, à Junta da Andaluzia, padre Andrés e Maribel pela acolhida em Algeciras, enfim, a todas as pessoas e instituições espanholas que colaboraram para que minha tese ficasse mais rica em informações e, principalmente, cheia de vida.

A minhas companheiras e amigas Tudi e Rosana, exemplos de luta e desprendimento em defesa dos trabalhadores e de um mundo mais justo. A elas se associam os amigos e amigas Hanen, Aline, Evaristo, Carol, Luciana, Juliana, Rodrigo, Leandro, Gabriel, Sônia, Soloá, Vera Mazzini, Therbio, Renata, Lucia Onzi, Norma, Leda, Serginho, Milton e tantos outros com os quais convivi durante os anos do doutorado e em que trabalhei na Escola de Turismo e Hotelaria Canto da Ilha.

À Maria Nazaré, Mauricio Alves, bolsistas e professores do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC.

Aos novos companheiros e amigos do Instituto Federal de Santa Catarina, campus Chapecó, pelo apoio recebido na etapa final de escrita e de defesa da tese.

Enfim, a todos que de uma forma ou de outra colaboraram para que essa tese pudesse ser escrita e defendida.

RESUMO

A presente tese aborda o processo de migrações internacionais e de transformações do mundo do trabalho entre o final do século XX e início do século XXI. Seu foco são os brasileiros e brasileiras, documentados e indocumentados, que, em 2007 e 2008, viviam em Portugal e na Espanha. O trabalho tem como objetivos investigar a história das migrações internacionais entre Brasil, Portugal e Espanha, mostrando a chegada de espanhóis e portugueses no Brasil e o contexto de ampliação das migrações de brasileiros para esses dois últimos países a partir de 1986; mostrar as narrativas, memórias, territórios e o cotidiano dos imigrantes brasileiros em Portugal e Espanha; e identificar as novas faces do trabalho imigrante entre o final do século XX e início do século XXI tendo como referência o trabalho de imigrantes brasileiros na construção civil, na limpeza e no cuidado de pessoas, na agricultura e na hotelaria. O período estudado vai de 1986 até 2008. Dentre as fontes documentais utilizadas estão entrevistas orais, notícias de jornais, documentos oficiais e dados estatísticos. O principal argumento defendido é o de que as migrações internacionais e a dinâmica atual do mundo do trabalho não são algo novo na história, mas são parte de uma estrutura que se mantém há mais de 100 anos. Contudo, a conjuntura do final do século XX e início do século XXI é distinta, principalmente em aspectos relacionados ao trabalho imigrante. Tal trabalho vem sofrendo interferências diretas de alterações mais amplas nos padrões produtivos, nas tecnologias e nos fluxos internacionais do capital e força de trabalho. Ao mesmo tempo, ainda que os imigrantes enfrentem piores condições de trabalho, que tenham lugares reservados para atuar e que recebam menores salários que os trabalhadores nacionais, estes não formam um mundo do trabalho à parte, uma vez que estão contabilizados, como precarizados, entre aqueles que devem produzir a riqueza mundial. Outro argumento defendido é o de que no contexto atual também são distintas para os imigrantes as formas de morar e de viver, bem como as noções de família, comunidade, profissão, emprego, sociabilidade, pertencimento e a maneira como estes lidam com o passado, o presente e o futuro.

Palavras-Chave: Migração internacional, mundo do trabalho e memória

RESUMEN

La presente tesis aborda el proceso de migraciones internacionales y las transformaciones del mundo del trabajo del final del siglo XX y comienzo del siglo XXI. Su enfoque son los brasileños y brasileñas, documentados e indocumentados, que, en 2007 y 2008, vivían en Portugal y en España. El trabajo tiene como objetivos investigar la historia de las migraciones internacionales entre Brasil, Portugal y España, mostrando la llegada de españoles y portugueses en Brasil y el contexto de ampliación de las migraciones de brasileños hacia esos dos últimos países tras 1986; mostrar las narrativas, memorias, territorios y el cotidiano de los inmigrantes brasileños en Portugal y España; y apuntar las nuevas características del trabajo inmigrante entre fines del siglo XX y principios del siglo XXI teniendo como referencia el trabajo de inmigrantes brasileños en la construcción civil, servicio de hogar familiar y cuidado de personas, agricultura y hostelería. El período de estudio va de 1986 hasta 2008 y las principales fuentes documentales utilizadas son entrevistas orales, noticias de la prensa, documentos oficiales y datos estadísticos. El principal argumento presentado es que las migraciones internacionales y la dinámica actual del mundo del trabajo no son algo nuevo en la historia, sino que parte de una estructura que se mantiene hace más de 100 años. Sin embargo, la coyuntura del final del siglo XX e inicio del siglo XXI es distinta, principalmente en aspectos relacionados al trabajo inmigrante. Ese trabajo recibe interferencias directas de cambios más amplios en los padrones productivos, en las tecnologías y en los flujos internacionales del capital y fuerza de trabajo. Al mismo tiempo, aunque los inmigrantes tienen peores condiciones de trabajo, tengan lugares reservados para actuar y que reciban sueldos más bajos que los trabajadores nacionales, ellos no forman un mundo del trabajo distinto, una vez que están contabilizados, como precarizados, entre aquellos que deben producir la riqueza mundial. Otro argumento defendido es que en el contexto actual también son distintas para los inmigrantes las formas de morar y vivir, así como las nociones de familia, comunidad, profesión, empleo, sociabilidad, identificación y la manera como ellos interaccionan con el pasado, el presente y el futuro.

Palabras-Clave: Migración internacional, mundo del trabajo y memoria

ABSTRACT

This dissertation investigates the international migration process and the transformations in the world of work between 1986 and 2008 so as to contribute to deepen the research on international migrations and the contemporary world of work. It focuses on Brazilian documented and non-documented immigrants who were living in Portugal or Spain in 2007 and 2008. The specific objectives of this study are (1) to investigate the history of international migrations among Brazil, Portugal, and Spain focusing on the arrival of the Portuguese and Spanish immigrants in Brazil and the context of expansion of the Brazilian migrations to Portugal and Spain; (2) to identify the narratives, memories, territories, and the everyday life of Brazilian immigrants in Portugal and Spain; (3) to uncover the new features of the immigrant work in the end of the twentieth century and beginning of the present century having as reference the work of Brazilian immigrants in areas like civil construction, cleaning, in the care of people, agriculture, and hotel management. The data analyzed in this study consist of recorded interviews in which Brazilian immigrants tell their life stories, newspaper news, official documents, pictures, statistics, among others. The main argument defended in this study is that the international migrations and the present dynamics of the world of work are not something new in the world history, but they are part of a structure that has been in existence for more than a century. However, the conjuncture of the end of the twentieth century and beginning of the present century is different, especially in aspects related to immigrant work which has been suffering direct interferences from wide changes in the productive patterns, in the technology, international flux of capital and work force. Despite the fact that the immigrants have worse working conditions, specific working areas, and get lower salaries than the national workers, they do not form an apart world of work, since they are counted as precarious workers between those who have to generate the worldwide wealth. Another argument defended in this dissertation is that in the present context the ways of living as well as the notions of family, community, profession, employment, sociability, belonging and the way the migrants deal with the past, the present, and the future are also different.

Key-words: International migration, world of work, memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1) Caminhos da Investigação	16
2) As pesquisas sobre as migrações internacionais	21
3) Organização da Tese	32
CAPÍTULO 1 - AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS	37
1.1 - ENTRE MIGRAÇÕES E VIAGENS – Olhares para o Passado	40
1.2 - A IMIGRAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	45
1.3 - O BRASIL E O CONTEXTO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO	51
CAPÍTULO 2 - A LONGA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES ENTRE BRASIL E PORTUGAL	57
2.1 - IMIGRANTES PORTUGUESES NO BRASIL	58
2.1.1 - Os “brasileiros” de torna-viagem	60
2.1.2 - Portugal nos anos 1960 e 1970 – rumo à Europa	64
2.2 - IMIGRAÇÃO BRASILEIRA EM PORTUGAL	67
2.2.1 - Gilberto Freyre: um brasileiro em terras portuguesas	69
2.2.2 - Os brasileiros em Portugal segundo os Censos Populacionais (1890-1970)	74
2.2.3 - Outras memórias sobre os anos 70 em Portugal	77
2.2.4 - O fenômeno Gabriela	81
2.2.5 - A Imigração Brasileira nos anos 1980 e 1990	82
2.2.6 - A visita de Mário Soares ao Brasil	87
2.2.7 - Brasuca: em busca do “boom” português	89
2.2.8 - Os Dentistas Brasileiros em Portugal	92
2.2.9 - Os novos brasileiros em Portugal	96
2.3 - APONTAMENTOS GERAIS SOBRE A PRESENÇA BRASILEIRA EM PORTUGAL	102
CAPÍTULO 3 - OS BRASILEIROS DA COSTA DA CAPARICA	105
3.1. COSTA DA CAPARICA: UMA TERRA DE PARTIDAS, DE CHEGADAS E DE BRASILEIROS	107
3.2 - OS LUGARES BRASILEIROS NA COSTA DA CAPARICA	114
3.2.1 - Os bares	114

3.2.2 - As Igrejas _____	117
3.2.3 - Na loja de remessas _____	119
3.2.4 - Os locais de moradia _____	122
3.2.5 - Na praça central _____	124
3.3 - A “COMUNIDADE” BRASILEIRA E AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE _____	126
3.4 - SILVIO E IVA: DOIS MINEIROS NA COSTA DA CAPARICA _____	130
3.5 - O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL EM PORTUGAL _____	134
3.6 - AS CONEXÕES COSTA DA CAPARICA-ESPANHA _____	139
CAPÍTULO 4 - ESPANHÓIS NO BRASIL – BRASILEIROS NA ESPANHA	
Trajetórias de Migração e Trabalho entre os Séculos XIX e XXI _____	149
4.1 - ESPANHÓIS NA AMÉRICA _____	150
4.1.1 - A América e o retorno dos <i>indianos</i> _____	157
4.1.2 - Espanhóis no Brasil _____	159
4.1.3 - As novas fronteiras da emigração espanhola _____	168
4.2 - INVERTENDO A ROTA: BRASILEIROS NA ESPANHA _____	172
4.2.1 - Os brasileiros na Espanha entre 1900 e 1990 _____	173
4.2.2 - Brasileiros na Espanha: anos 1990 e 2000 _____	182
4.2.3 - Os brasileiros em Madri, Barcelona, Sevilha e Cádiz _____	185
CAPÍTULO 5 - OS BRASILEIROS DE ANTEQUERA _____	193
5.1 - ANTEQUERA: TERRA DE EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO _____	196
5.2 - A HISTÓRIA DOS BRASILEIROS EM ANTEQUERA _____	200
5.3 - JOYCE E ADÃO: EM BUSCA DA TERRA PROMETIDA _____	208
5.4 - ELIANA: DO SONHO AMERICANO À REALIDADE ESPANHOLA _____	216
5.5 - UM OLHAR GERAL SOBRE OS BRASILEIROS EM ANTEQUERA E EM TODA A ESPANHA _____	225
CAPÍTULO 6 - AS FACES DO TRABALHO IMIGRANTE _____	228
6.1 - FLEXIBILIZAÇÃO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E DESEMPREGO: o trabalho entre o final do século XX e início do XXI _____	230
6.2 - O TRABALHO LONGE DE CASA _____	239
6.2.1 - O Trabalho na Construção Civil _____	239
6.2.2 - O Trabalho no Cuidado de Pessoas e na Limpeza _____	243

6.2.3 - O Trabalho na Hotelaria _____	249
6.2.4 - O Trabalho em <i>Invernaderos</i> e na Azeitona _____	255
6.3 - OS TRABALHADORES IMIGRANTES E OS DESAFIOS DO NOVO SÉCULO _	261
CONSIDERAÇÕES FINAIS _____	273
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS _____	282
ENTREVISTAS GRAVADAS _____	295
ENTREVISTA PELA INTERNET _____	298
JORNAIS E REVISTAS _____	299
ESTATÍSTICAS _____	303
OUTROS DOCUMENTOS _____	305
ANEXOS _____	307
QUADRO GERAL DE ENTREVISTAS _____	308

INTRODUÇÃO

Quando João Carlos chegou à Málaga, Espanha, em janeiro de 2005, havia passado quase 100 anos desde que sua avó tinha emigrado para o Brasil em companhia de seus familiares e de vários emigrantes andaluzes. Ela partiu em 1906 quando ainda era menina, com nove anos de idade, numa viagem que durou cerca de dois meses até o porto de Santos, em São Paulo. Já ele saiu sozinho de Londrina, Paraná, com dezenove anos, e sua travessia durou cerca de onze horas.

Três meses após a chegada de João Carlos à Espanha iniciava em Goiás uma longa marcha de trabalhadores rurais sem-terra. Durante quase vinte dias 15 mil pessoas seguiram em fileira em direção à capital federal, onde entregaram sua carta de reivindicações ao presidente Lula. Entre os que marchavam estavam Joyce e Adão, ambos acampados na região de Araputanga, Mato Grosso, uma terra de latifúndios e de emigração¹.

Em Goiás vivia Brasuca. Seu pai era militar e dono de fazenda. No entanto, Brasuca não foi nem militar, nem fazendeiro. Já em 1972, com dezenove anos, saiu de Anicuns, sua cidade natal, para ir viver em Goiânia. De lá iria anos mais tarde para o Rio de Janeiro e posteriormente para Portugal.

O caminho inverso ao de Brasuca fez o pai de Luciana em 1959. Nesse ano ele saiu de Sertã, Portugal, rumo ao Rio de Janeiro. Tinha na época dezoito anos de idade. Foi sozinho, deixando seus familiares no pequeno povoado. Mais de quarenta anos depois seria a vez de sua filha Luciana desembarcar na Europa².

Vários aspectos unificam as histórias acima, mesmo que muitos acontecimentos ligados a cada uma delas tenham ocorrido em espaços e tempos distintos. Como se pode perceber são histórias de diferentes gerações de emigrantes que nos últimos 100 anos sucederam-se na travessia do Atlântico. Primeiro da Península Ibérica em direção à

¹ - Ao longo do trabalho será usado o termo *Migração* para se referir aos deslocamentos de forma geral, *Imigração* para se referir ao processo de colonização do Brasil e aos brasileiros que moram fora do país e *Emigração* quando houver necessidade de marcar o movimento de saída de um país ao outro. Em vários momentos também aparecerá a expressão “Migração Internacional”. Neste último caso, o significado desta expressão está associado a um processo de mobilidade populacional e espacial irregular, onde não há simplesmente a passagem do local de origem ao local de destino, mas sim um trânsito contínuo, um vai e vem, entre as fronteiras nacionais.

² - De todos os entrevistados apenas cinco solicitaram que seus nomes verdadeiros fossem ocultados e substituídos por nomes fictícios (nestes casos, aparece esta opção logo após a citação do nome pela primeira vez). Nos demais casos, os nomes e sobrenomes dos entrevistados citados ao longo da tese são verdadeiros e sua divulgação foi por eles autorizada.

América. Depois da América em direção à Península Ibérica. Entre uma viagem e outra, várias lutas, histórias, migrações internas, projetos individuais e familiares.

Histórias como as descritas parcialmente acima, nos permitem traçar uma cartografia das migrações internacionais atuais relacionando-as com as migrações do passado. Para isso, o ponto de partida é o tempo presente que é, como mostrou Marc Bloch (1993), de onde devem partir e para onde devem voltar os historiadores.

Ao longo dos últimos quatro anos segui as pistas deixadas por homens, mulheres e crianças, brasileiros e de outras nacionalidades, que vivem nos dias atuais em Portugal, na Espanha e em outros países. Vivi de longe e de perto o dia a dia das migrações internacionais. Ao todo foram entrevistadas 115 pessoas, sendo 62 entrevistas gravadas em fita K-7 e MP3, 40 entrevistas concedidas informalmente, cujas informações foram anotadas em meu diário de campo, e 13 entrevistas feitas pela internet (E-mail e MSN). Destas entrevistas e tudo o que ouvi, senti, li, presenciei, imaginei, pesquisei, tirei elementos para compor essa tese.

O objetivo geral do presente trabalho é analisar o processo de migração internacional do final do século XX e início do século XXI, mostrando suas relações com as migrações ocorridas em épocas anteriores e com as transformações contemporâneas do mundo do trabalho. Já os objetivos específicos são: 1) investigar a história das migrações internacionais entre Brasil, Portugal e Espanha, mostrando a chegada de espanhóis e portugueses no Brasil e o contexto de ampliação das migrações de brasileiros para esses dois últimos países a partir de 1986; 2) identificar as narrativas, memórias, territórios e o cotidiano dos imigrantes brasileiros em Portugal, Espanha e outros países; 3) mostrar as novas faces do trabalho imigrante entre o final do século XX e início do século XXI tendo como referência o trabalho de imigrantes brasileiros na construção civil, na limpeza e no cuidado de pessoas, na agricultura e na hotelaria; e 4) contribuir para o aprofundamento das pesquisas sobre migrações internacionais e mundo do trabalho contemporâneo.

O foco da tese são os brasileiros e brasileiras, documentados e indocumentados³, que vivem em Portugal e na Espanha. O período estudado vai de 1986, ano da entrada oficial destes dois países na Comunidade Econômica Européia, até 2008, término do trabalho de campo.

³ - As expressões *Documentado* e *Indocumentado* serão usadas ao longo do trabalho para designar, respectivamente, imigrantes que possuem sua situação regularizada no país de destino e imigrantes que permanecem irregulares por não terem autorização legal para viver e trabalhar em outro país.

O principal argumento aqui defendido é o de que as migrações internacionais e a dinâmica atual do mundo do trabalho não são algo novo na história, mas parte de uma estrutura que se mantém há mais de 100 anos. Ao mesmo tempo, a conjuntura do final do século XX e início do século XXI é distinta, principalmente em aspectos relacionados ao trabalho imigrante. Tal trabalho vem sofrendo interferências diretas de alterações mais amplas nos padrões produtivos, nas tecnologias, nos fluxos internacionais do capital e de força de trabalho. Ao mesmo tempo, ainda que os imigrantes enfrentem piores condições de trabalho, que tenham lugares reservados para atuar e que recebam menores salários que os trabalhadores nacionais, estes não formam um mundo do trabalho à parte, uma vez que estão contabilizados, como precarizados, entre aqueles que devem produzir a riqueza mundial. Outro argumento defendido é o de que no contexto atual também são distintas para os imigrantes as formas de morar e de viver individualmente e em grupo, bem como as noções de família, comunidade, profissão, operário, emprego, sociabilidade, pertencimento e a maneira como estes lidam com o passado, o presente e o futuro.

Para a análise dos dados obtidos, são usadas duas categorias que servem de fio condutor da escrita. São elas Memória e Trabalho.

Por Memória entendo um conjunto de representações individuais e coletivas do passado, construídas e reconstruídas constantemente no tempo presente. Segundo Catroga (2001, p. 44), por meio da Memória “cada um se filia no seu próprio passado” e “constrói a sua identidade e a sua distinção em relação aos outros”. Para esse autor, Memória implica em recordação, rememoração, identidade, alteridade, esquecimento e seleção. De acordo com Catroga, é à luz do seu passado e dentro de uma tensão tridimensional do tempo que homens e mulheres organizam o seu percurso de vida como *projeto*.

Já a categoria Trabalho é aqui entendida em sua dimensão ontológica e histórica. Ou seja, é por meio do trabalho que homens e mulheres diferenciam-se de outros animais, transformam a natureza, desenvolvem seu potencial criativo e garantem sua sobrevivência (MARX, 1988). Trabalho implica, portanto, não apenas em força física, mas também subjetividade e conhecimento. Além disso, segundo Thompson (1987), através do trabalho homens e mulheres identificam-se enquanto “classe que se faz”, desenvolvendo novas experiências e estratégias de lutas.

Ambas as categorias acima são centrais no contexto de uma investigação sobre as migrações internacionais e em uma análise cujo o foco são as histórias de vida e o

mundo do trabalho. A partir destas duas categorias levantei um conjunto de questões, as quais me proponho a responder ao longo deste texto. A primeira delas é sobre as histórias contadas, as memórias reavivadas, esquecidas e ressignificadas após a partida. A segunda diz respeito a maneira como as memórias dos brasileiros imigrantes interferem em seus projetos individuais e coletivos. A terceira busca identificar os sentimentos, representações, dramas e projetos de vida que emergem longe de casa. A quarta questiona as especificidades do trabalho imigrante. A quinta tenta identificar as relações existentes entre o trabalho imigrante e as transformações recentes do mundo trabalho. E a sexta procura saber se existe uma continuidade entre as histórias atuais de imigração e as histórias passadas. As respostas a estas perguntas são dadas a partir de uma abordagem que mescla fatores macro e micro estruturais.

Dos diferentes fatores que interferem no processo migratório internacional contemporâneo, são enfocados os de caráter econômico, individual e familiar, dando ênfase àqueles que se relacionam às mudanças no mundo do trabalho e que permitem uma perspectiva histórica de longa duração. Além disso, são considerados fatores como globalização, estruturação de redes migratórias⁴, estabelecimento de “culturas de imigração”⁵ e de conexões internacionais entre cidades e a maior facilidade e agilidade nos transportes e comunicações.

Neste trabalho as migrações foram divididas em três grupos. 1) *Individuais*, geralmente associadas à emigração brasileira anterior à década de 1980 e caracterizadas por deslocamentos isolados e não necessariamente vinculados a redes familiares e profissionais de emigração; 2) *Profissionalizadas*, quando envolvem deslocamentos interfronteiras que ocorrem a partir de estruturas legais e clandestinas em que atua uma rede de intermediários e atravessadores, os quais facilitam empréstimos financeiros, auxiliam a compra da passagem aérea, estimulam o envio de remessas financeiras e promovem a colocação no mundo do trabalho exterior, forjam documentos e indicam os caminhos a percorrer desde a cidade de origem até a cidade de destino, enfim, transformam as migrações em negócios extremamente vantajosos e lucrativos; 3) *Familiares*, também estruturadas em redes, planejadas e projetadas pelos membros da

⁴ - O conceito de redes migratórias aqui utilizado refere-se ao um “conjunto de atores ou nós” que estão interligados pela ação de migrar. Segundo Soares (2003, p. 258), as redes migratórias internacionais são um tipo específico de rede social, que agrega redes sociais existentes, redes pessoais e enseja a criação de outras redes.

⁵ - Por “cultura de imigração” entende-se um conjunto de símbolos, códigos, comportamentos, estratégias e estruturas existentes em determinadas localidades e que são partilhados e mantidos por um ou mais grupos de pessoas. Nestas localidades, as migrações e os retornos fazem parte do cotidiano dos seus moradores.

família nuclear e ampliadas, com fortes vínculos afetivos e de solidariedade e com papéis claramente definidos para todos os envolvidos.

Dessas três formas de migração internacional descritas acima, abordarei principalmente as duas últimas, já que foram estas as que predominaram no trabalho de campo realizado.

1) Caminhos da Investigação

As informações e análises aqui apresentadas são o resultado das investigações por mim realizadas nos últimos quatro anos com o objetivo de aprofundar as proposições elencadas em meu projeto de doutorado em História na Universidade Federal de Santa Catarina e, principalmente em meu projeto de Doutorado Sanduíche, desenvolvido, de agosto de 2007 a maio de 2008, no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal e na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Cádiz, Espanha.

O foco inicial de investigação do primeiro projeto era o estado de Santa Catarina como pólo emissor de emigrantes e os Estados Unidos como pólo receptor. No entanto, as leituras e pesquisas que realizei desde 2005 me encaminharam para uma abordagem territorialmente mais abrangente e para a escolha dos temas Trabalho e Memória como eixo central de análise. Isto ocorreu à medida que fui percebendo que as migrações internacionais não estavam restritas a Santa Catarina e aos Estados Unidos, mas eram um fenômeno mundial de grandes proporções, com conseqüências diretas da e na reestruturação internacional do trabalho.

Por outro lado, o redimensionamento dos fluxos migratórios para a Europa, notadamente para Portugal e Espanha, utilizando-se de estruturas migratórias semelhantes às presentes nos Estados Unidos, chamaram a atenção e me instigaram a desenvolver um trabalho de campo nos dois primeiros países. Nessa escolha, foram consideradas também a necessidade de descentramento das pesquisas sobre migrações internacionais dos Estados Unidos para outros países e as relações históricas estabelecidas entre Portugal, Espanha e Brasil desde o início da colonização de nosso país. Por outro lado, tanto Espanha quanto Portugal mereceram uma atenção especial por serem considerados países receptores de um grande número de migrantes nesse início de século e por se apresentarem cada vez mais como destinos alternativos aos brasileiros que não conseguem entrar legal ou ilegalmente em outros países. Além

disso, a ampliação do tráfico de pessoas, especialmente mulheres, o aumento das remessas financeiras para o Brasil, a profissionalização da emigração brasileira, o processo de criminalização dos migrantes e o acirramento dos conflitos a partir do final da década de 1980 entre brasileiros e populações “estabelecidas” também foram considerados na escolha de Portugal e Espanha como locais de investigação.

Outro fator relevante é que tanto em Portugal quanto na Espanha a presença de grandes contingentes de imigrantes é algo relativamente novo, pois até a década de 1980 ambos os países caracterizaram-se como exportadores de força de trabalho. Esta é uma diferença importante em relação a países como Estados Unidos, Alemanha e França, que há mais de meio século vêm recebendo um número expressivo de migrantes em seus territórios.

O foco de investigação proposto no projeto de Doutorado Sanduíche era os trabalhadores da hotelaria e da construção civil, já que os dados previamente levantados mostravam que estes eram setores onde atuava grande número de brasileiros, tanto em Portugal quanto na Espanha. No entanto, o trabalho de campo me permitiu ir além destes dois setores, ampliando o olhar também para o trabalho doméstico e o cuidado de pessoas, para o trabalho em bares e restaurantes e na agricultura. Além do foco em setores produtivos, a pesquisa de campo me encaminhou também para uma abordagem que permitiu uma análise dos territórios habitados pelos brasileiros, das memórias, dos projetos e dos dramas individuais e familiares existentes em contextos migratórios internacionais.

Em Portugal, as primeiras atividades de pesquisa foram desenvolvidas, a partir de agosto de 2007, no Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra e constituíram-se de levantamento sobre publicações relacionadas ao meu tema de investigação. Na biblioteca do CES tive acesso a uma série de artigos acadêmicos e outras obras que me permitiram ter uma panorâmica sobre as migrações internacionais e o mundo do trabalho em Portugal, na Espanha e outros países. Dali, passei à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra onde iniciei um levantamento demorado em jornais e outros periódicos, fiz leituras de obras de autores brasileiros e portugueses que escreveram sobre Portugal e Brasil e consultei outras fontes documentais como os Censos Demográficos do Instituto Nacional de Estatísticas de Portugal.

Paralelo a esse trabalho acima iniciei, após reunião com minha co-orientadora em Portugal, Profª. Dra. Maria Ioannis Baganha, as pesquisas de campo nas cidades de Lisboa e Costa da Caparica, alterando a proposta inicial de estudar os brasileiros

presentes na região de Coimbra. A escolha dos novos locais levou em conta a maior concentração de brasileiros com o perfil sócio-econômico e laboral desejados e a necessidade de aprofundar os estudos sobre a presença brasileira especialmente na Costa da Caparica, onde viviam em 2007 cerca de sete mil imigrantes brasileiros. As viagens à Costa ocorreram em setembro, outubro, novembro e dezembro, totalizando cinco visitas. Nestas visitas fiz observações sobre o cotidiano, nos dias úteis e aos finais de semana, dos moradores da área central da Costa e pude perceber a presença brasileira em bares, restaurantes, lavanderias, casas de envio de dinheiro, hotéis, na construção civil, nos cultos evangélicos e missas, na praça principal, na praia e ruas daquela cidade. Também foi a oportunidade de ouvir diversas histórias, algumas de maneira informal nos bares, na praça e outros espaços que visitava, outras acompanhadas de um gravador, o que me permitiu ouvi-las novamente mais tarde, passá-las para o papel e estabelecer novo contato com meus entrevistados. À medida que conhecia novos brasileiros ampliavam-se as informações sobre o dia a dia dos imigrantes da Costa e outras cidades portuguesas. No entanto, não ouvi e gravei entrevistas apenas com brasileiros, mas também com portugueses, o que me possibilitou entender melhor a história da Costa, a chegada dos imigrantes brasileiros e africanos e as relações de alteridade que têm se estabelecido nas últimas décadas naquele local.

Além dos brasileiros e portugueses da Costa da Caparica conversei e ouvi as histórias de outros brasileiros e portugueses que viviam e trabalhavam na cidade de Lisboa. Assim, pude fechar um conjunto de mais de 30 entrevistas que contemplou, no caso dos imigrantes, desde os brasileiros recém-chegados até brasileiros que estavam em Portugal desde os anos 70. Nas visitas que fiz às cidades acima também aproveitei para buscar documentos e informações junto à Casa do Brasil em Lisboa, ao Consulado e à Embaixada do Brasil em Lisboa, à Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Inter Sindical (CGTP-IN), ao Sindicato e Federação dos Trabalhadores no Turismo e Hotelaria de Portugal e conhecer brevemente a cidade de Cascais, outro local de grande concentração de imigrantes brasileiros naquele país. Através dos contatos na CGTP-IN, gravei entrevistas com dirigentes sindicais dos setores de limpeza de empresas terceirizadas e da construção civil. Já na Casa do Brasil em Lisboa pude acessar a um arquivo muito rico em notícias e outros documentos relativos à imigração em geral e à presença brasileira em Portugal desde a década de 1970. As notícias recolhidas em diferentes periódicos portugueses e brasileiros na Casa do Brasil

complementaram o levantamento que fiz nas bibliotecas do CES e Geral da Universidade de Coimbra.

Na Espanha as atividades de pesquisa ocorreram de janeiro até o final do mês de abril de 2008. Na etapa inicial desenvolvi meu trabalho na biblioteca da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Cádiz. Nesse local, pude fazer leituras sobre as migrações recentes na Espanha e sobre a imigração espanhola para o Brasil e outros países da América a partir do século XIX, consultar atas, censos demográficos, revistas e artigos acadêmicos e realizar um levantamento minucioso das notícias sobre o Brasil e as migrações internacionais publicadas, entre 1976 e 1996, pelo jornal espanhol *El País*.

A partir de fevereiro iniciei a busca de contatos para entrevistas com brasileiros em diferentes cidades da Espanha. Por um lado, segui a sugestão de contatos, feita por minha co-orientadora, Profa. Dra. María Dolores Pérez Murillo, o que permitiu um diálogo inicial com pessoas vinculadas ao grupo de pesquisa *Intrahistória e Oralidade* da Universidade de Cádiz e com outros espanhóis que me levaram aos imigrantes brasileiros. De outra parte, contatei a Federação dos Trabalhadores no Comércio, na Hotelaria e no Turismo (FECOHT), com sede em Madri, o que também abriu caminho para futuras entrevistas. Aos poucos foram surgindo nomes de brasileiros e brasileiras para entrevistas em Cádiz, Sevilha, Madri e Barcelona. Nessa última cidade, além das entrevistas que realizei com imigrantes brasileiros na Espanha e espanhóis no Brasil, também participei do Simpósio Internacional *Nuevos Retos del Transnacionalismo en el Estudio de las Migraciones* que aconteceu em fevereiro de 2008 na Universidade Autônoma de Barcelona. Aproveitei o período em que estive em Barcelona para buscar bibliografias sobre meu tema na biblioteca da Universidade Autônoma de Barcelona e da Universidade de Barcelona, bem como para conhecer o Consulado do Brasil e representantes de associações de brasileiros na Catalunha, entre elas a Associação Brasil-Catalunha, a Associação de Pesquisadores Brasileiros na Catalunha, Núcleo do Partido dos Trabalhadores de Barcelona e Associação Amigos do Brasil. Esta última entidade foi, inclusive, posteriormente visitada. Já em Madri a primeira visita foi para conhecer os espaços por onde circulam os imigrantes e estabelecer contatos com dirigentes da FECOHT e representantes da Associação Hispano-Brasileira de Apoio aos Imigrantes (AHBAI). Também foi a oportunidade de conhecer o trabalho realizado pelo

Voluntariado de Mulheres Dominicanas (VOMADE) e visitar a Feira de Imigrantes, que ocorreu nos dias 23 e 24 de fevereiro⁶.

Graças aos contatos prévios, o trabalho de campo ganhou mais consistência a partir de março com visitas a Sevilha, Málaga, Antequera e Madri. Nessa segunda etapa continuei realizando entrevistas orais com brasileiros, conhecendo entidades públicas, sindicais, religiosas, buscando bibliografias e dados sobre as migrações e ampliando minha rede de contatos na Espanha. Através da *Junta da Andaluzia* e de entidades vinculadas à Igreja Católica, que trabalham com imigrantes de diferentes nacionalidades, cheguei à cidade de Antequera, aonde encontrei um grande número de brasileiros. Por esse motivo e pela especificidade da presença brasileira em Antequera resolvi, em acordo com minha orientadora na Espanha, centrar minhas pesquisas nesse local para conhecer melhor aquela realidade. Isso implicou a ampliação dos setores laborais observados já que os imigrantes aí estavam envolvidos em distintas atividades, em especial na agricultura, na construção civil, na faxina e no cuidado de idosos. O trabalho também foi beneficiado pela ajuda de uma entidade não governamental chamada *Antequera Acoge*, que me abriu suas portas oferecendo estrutura e a possibilidade das primeiras entrevistas, e por outra entidade chamada *Prolibertas*, ligada à Igreja Católica, que me hospedou e alimentou em sua casa de acolhida a imigrantes. Nos dois espaços pude conversar e conviver com imigrantes de distintas nacionalidades, em especial marroquinos, romenos, subsaarianos, paraguaios, argentinos, entre tantos outros. No total foram três visitas que resultaram em mais de 35 entrevistas com brasileiros e outros imigrantes e possibilitaram a coleta de um riquíssimo e inédito material.

Simultaneamente ao trabalho em Antequera continuei o trabalho de campo também em Sevilha e fiz visitas às cidades de Toledo, Córdoba, Granada, Algeciras, Tânger (Marrocos) e Motril. Em todas elas estive com imigrantes, convivi com espanhóis e pessoas de distintas nacionalidades, conheci entidades que trabalham com o tema da emigração e imigração e pude acumular um importante acervo de entrevistas e de fotografias do trabalho de campo.

As mais de 70 histórias ouvidas e as situações vivenciadas na Espanha mesclam-se com as 30 narrativas colhidas e os momentos que passei junto a brasileiros em

⁶ - A Feira de Imigrantes é realizada anualmente em Madri com o apoio do poder público local. Seu objetivo é disponibilizar em um único espaço vários serviços e informações aos imigrantes. Pelo que pude perceber, é também onde muitas empresas tentam atrair imigrantes para a compra de imóveis, carros e outros produtos, para cursos e empregos temporários.

Portugal e às 13 histórias que foram contadas pessoalmente e pela internet por brasileiros que moram ou moraram nos Estados Unidos, Japão, Itália e Inglaterra. Estas últimas histórias, contadas entre 2004 e 2008, serão usadas ao longo da tese para subsidiar o debate sobre os contextos migratórios e as transformações no mundo do trabalho em países distintos de Portugal e Espanha⁷.

2) As pesquisas sobre as migrações internacionais

Atualmente, diferentes pesquisadores em todo o mundo têm se dedicado ao estudo das migrações internacionais, através de pesquisas de mestrado, doutorado, pós-doutorado e em outros espaços ligados a instituições e organizações nacionais e internacionais como a Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (CEPAL), Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Das pesquisas feitas em universidades de todo o mundo, temos acesso no Brasil a diversos livros e a uma série de artigos publicados em revistas especializadas. A nível nacional, os maiores centros de pesquisa são a Universidade de São Paulo (USP) e a Universidade de Campinas (UNICAMP), onde o tema tem sido estudado por pesquisadores como Teresa Sales, José Carlos Bom Meihy, Neide Patarra, Ana Cristina Martes, Bela Feldman-Bianco, entre outros.

Reunindo os estudos feitos nos diferentes espaços descritos acima, temos uma produção muito vasta sobre as migrações internacionais. Estas produções são em sua maioria de cientistas sociais, economistas, antropólogos, sendo muito poucas aquelas feitas por historiadores. A maior parte delas é do período posterior à década de 1990, momento em que aumentaram os fluxos migratórios e o tema migrações começou a ganhar grande destaque na imprensa internacional⁸.

No Brasil, as primeiras notícias sobre deslocamentos em massa para outros países apareceram na imprensa no final dos anos 1980. Neste momento, as notícias publicadas em jornais e revistas de circulação nacional falavam de mais de um milhão de brasileiros vivendo no exterior, boa parte deles no Japão e nos Estados Unidos

⁷ - As entrevistas feitas pela internet são fontes cuja coleta envolve outras formas de relação entre entrevistador e entrevistado já que se baseiam em perguntas e respostas feitas à distância por e-mail ou através de programas como *Messenger* e *Skype*, os quais possibilitam a utilização simultânea de texto escrito, voz e imagem. Tais entrevistas são fontes tão importantes e confiáveis quanto quaisquer outras.

⁸ - Estas informações se referem a um levantamento que fiz tendo como base 240 publicações acadêmicas (livros e artigos).

(MARGOLIS, 1994, p. 26-27). O principal local de saída neste período era a região de Governador Valadares, em Minas Gerais⁹.

Conforme mostraram Sales (1999, p. 14) e Fiori (2002, p. 85), a imprensa brasileira foi pioneira no sentido de ocupar-se com os brasileiros que estavam deixando o país, antecipando-se assim às universidades e ao poder público. No caso das universidades brasileiras, as investigações sobre as migrações internacionais começaram a ser publicadas, principalmente através de artigos, no final da década de 1980 e início dos anos 1990. Dois dos destaques dessa época são a Revista Brasileira de Estudos Populacionais, da UNICAMP e a Revista Travessia, do Centro de Estudos Migratórios Scalabrini. Das produções acadêmicas daquele período até hoje, a maior parte delas foi dedicada ao estudo da presença brasileira nos Estados Unidos¹⁰. No entanto, há também publicações sobre brasileiros no Japão¹¹, na Itália¹², em Portugal, na Espanha e em outros países.

Em Portugal, as pesquisas sobre a imigração brasileira ocorrem desde meados da década de 1990. No entanto, a maior parte das publicações que tratam desse tema é posterior ao ano 2000 e envolvem pesquisadores brasileiros e portugueses. Entre os portugueses, Beatriz Padilha (2005; 2007) estudou o processo de integração dos brasileiros na sociedade portuguesa e o fluxo de mulheres brasileiras nesse país, Filipa Pinho (2001) abordou a visibilidade da imigração brasileira na imprensa portuguesa e brasileira, João Peixoto e Alexandra Figueiredo (2007) trataram dos brasileiros no mercado de trabalho português, Sandra Silva e Aline Schiltz (2007) estudaram as relações de alteridade entre brasileiros e portugueses e João Malheiros (2007) analisou a presença brasileira em Portugal entre os censos demográficos de 1991 e 2001. Malheiros (2007) é também o organizador de uma das primeiras sínteses sobre a imigração brasileira em Portugal, editada em colaboração com pesquisadores portugueses e brasileiros e publicada, em 2007, pelo Alto Comissariado Português para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDE). A partir de 2008, outra pesquisadora portuguesa que iniciou um grande levantamento sobre a imigração brasileira em Portugal foi a Profa. Dra. Maria Ioannis Baganha, da Universidade de Coimbra.

⁹ - Segundo Assis (1995), o processo de saída de brasileiros de Governador Valadares em direção ao exterior iniciou na década de 1940 e se intensificou nas décadas de 1970 e 1980. Desde então a emigração para os Estados Unidos e vários outros destinos tornou-se parte do cotidiano de Valadares e de várias cidades próximas.

¹⁰ - Sales (1995, 1999), Bom Meihy (2004), Assis (1995 e 2004), Martes (1999 e 2003), Beserra (2000 e 2003), Debiaggi (2001), Monteiro (1997), entre outros.

¹¹ - Fusco (2000), Galimberti (2002), Hirano (2005), Sasaki (1998).

¹² - Bogus & Bassanesi (1998).

Já entre os pesquisadores brasileiros, uma das primeiras a escrever sobre os brasileiros em Portugal foi Lúcia Bógus, que, em 1995, publicou na Revista *Travessia* um artigo intitulado *Brasileiros em Portugal: novos movimentos migratórios ou volta às origens?*. Neste artigo, Bógus comparou os dados levantados pela *Revista Veja*, publicados em 1991 (30 mil), com os fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatísticas de Portugal (12.678) e pelo Itamaraty (21 mil), apontando a divergência entre números oficiais e não oficiais de brasileiros em Portugal no início da década de 1990 (BÓGUS, 1995). Além disso, a autora mostrou que os imigrantes brasileiros em Portugal nesse período constituíam um grupo distinto, pois grande parte dos que estavam nesse país eram trabalhadores qualificados e com nível elevado de escolarização. Posteriormente, Bógus escreveu novos artigos sobre os brasileiros em Portugal, mostrando que essa realidade havia mudado no final da década de 1990, quando passou a predominar uma “migração para o trabalho”, cujos principais envolvidos eram jovens, com baixa qualificação profissional e escolaridade, provenientes de regiões de forte tradição emigratória no Brasil¹³. Feldman-Bianco (2001), por sua vez escreveu sobre as deportações de brasileiros em Lisboa no início da década de 1990, mostrando como os conflitos entre brasileiros e portugueses através da imprensa e a crise diplomática entre os dois países, derivada desse episódio, contribuíram para colocar em xeque o discurso da irmandade entre Brasil e Portugal. Rossi (2007) tratou das remessas enviadas pelos imigrantes brasileiros ao Brasil, mostrando que, em 2003, elas chegavam a 500 milhões de dólares. De acordo com Rossi, o total de envios de todo o mundo naquele ano chegava a 5,2 bilhões de dólares, o que representava valores superiores aos auferidos com a produção de café, açúcar, calçados, aviões, minérios de ferro e soja. Benalva Vitorio (2007) analisou os relatos construídos na mídia portuguesa sobre os brasileiros, entrevistou imigrantes longe de casa e mostrou as identidades e identificações presentes nos processos migratórios internacionais. Segundo Vitorio, a imagem construída dos brasileiros e do Brasil a partir do final da década de 1980 em Portugal é bem distinta daquela que foi construída nas duas décadas anteriores, quando a imprensa portuguesa enfocava um Brasil “distante, lendário, povoado de muitos lusos, sambistas, macumbeiros, futebolistas, mulheres bonitas e, sobretudo, de gente com piada”, esquivando-se de qualquer comentário sobre o regime militar instalado no Brasil (VITÓRIO, 2007, p. 42).

¹³ - Um dos artigos mais recentes da autora sobre o tema foi publicado em 2007 no livro organizado por Malheiros (2007, p. 39-58).

Outro pesquisador da imigração brasileira em Portugal foi Igor José Machado, responsável por um dos trabalhos mais completos e instigantes sobre o tema. O estudo de Machado (2003) teve como foco a construção de identidades e as relações de alteridade entre brasileiros e portugueses na cidade do Porto. Segundo Machado, no momento de seu trabalho de campo em Portugal estava em curso naquele país processos de “exotização da identidade brasileira”, que fazia com que os brasileiros fossem representados como alegres, simpáticos, sensuais e malandros. Tratava-se, de acordo com ele, de uma “mercantilização das identidades” e de uma produção de subjetividades possíveis apenas na lógica atual do capitalismo. Para Machado, a construção de inúmeros estereótipos estimulava a construção de lugares subalternos aos brasileiros, favorecendo a exploração de sua força de trabalho. Em sua tese, o autor escreveu sobre os brasileiros no mercado de trabalho do Porto, destacando os trabalhadores de bares e restaurantes e da prostituição, mostrou os conflitos políticos, identitários e raciais existentes, tratou da presença de evangélicos ligados à Igreja Universal do Reino de Deus e problematizou as relações entre Brasil e Portugal no contexto das comemorações dos 500 anos do Brasil.

Diferente de Portugal, em que as produções acadêmicas sobre a imigração brasileira começaram a ser escritas em meados da década de 1990, na Espanha as pesquisas sobre os imigrantes brasileiros, assim como o próprio fenômeno migratório, é bastante recente e têm aumentado numericamente à medida que os fluxos para esse país também se ampliam. As publicações sobre o assunto começaram a aparecer nos últimos cinco anos. Em 2004, Leonardo Cavalcanti, a partir de um trabalho de campo realizado na cidade de Barcelona, publicou a primeira tese e provavelmente também os primeiros artigos acadêmicos sobre a chegada de brasileiros na Espanha. Segundo Cavalcanti (2004a, 2004b), entre as características do coletivo brasileiro em Barcelona, no início dos anos 2000, estavam a não concentração em um único espaço desta cidade, a realização de distintas atividades laborais, o pertencimento a diferentes grupos econômicos e étnicos e a invisibilidade. Tratava-se, segundo ele, de uma “invisibilidade relativa”, já que muitos brasileiros, mesmo não sendo reconhecidos como tal em meio a milhares de outros imigrantes árabes e africanos, acabavam também sendo estigmatizados por serem negros e mulatos. O autor aborda também a vida cotidiana dos brasileiros em Barcelona, tendo como referência o trabalho, os vínculos sociais e o lazer, mostra como os brasileiros se representam e são representados na Espanha e os contextos nos quais são construídos discursos que enfatizam o retorno e a

transitoriedade. Os temas elencados por Cavalcanti em 2004 (2004a; 2004b; 2004c), foram retomados e aprofundados em artigos publicados em 2005, 2006 e 2007 tratando dos brasileiros, das relações de alteridade e da imigração na Espanha (CAVALCANTI, 2005; 2006; 2007).

Além de Leonardo Cavalcanti, as pesquisas e publicações sobre a imigração brasileira na Espanha vêm sendo feitas nos últimos anos também por outros pesquisadores. Em 2006, Kachia Téchio, com base em estudo feito em Madri, escreveu sobre os brasileiros invisíveis naquela cidade, mostrando a presença destes como imigrantes indocumentados na construção civil, em restaurantes, no trabalho doméstico e em outros espaços da capital espanhola. Para a autora, tratava-se em sua maioria de imigrantes internacionais explorados em um contexto ‘sem movimentos sociais’, ‘sem sindicalismo de solidariedade global’, e “sem representação” no ‘novo sindicalismo operário’. O estudo de Téchio comparou o contexto vivido por brasileiros indocumentados em Madri, com os dados levantados em estudos feitos em Lisboa, Costa da Caparica e Setúbal (TÉCHIO, 2006). Ainda em 2006, outro estudo sobre os brasileiros na Espanha foi publicado por Ripoll, que apresentou um panorama da imigração brasileira naquele país até então. Trabalhando com dados dos “padrões municipais”¹⁴, essa autora mostrou que o número de brasileiros na Espanha cresceu rapidamente após o início dos anos 2000 (RIPOLL, 2007). Em 2007, outros três artigos foram apresentados no 5º Encontro Nacional da ABEP - Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Neste evento, Duval Fernandes abordou a presença de brasileiros na Espanha utilizando os dados do Padrão Municipal, do censo demográfico espanhol de 2001 e do Ministério do Trabalho da Espanha. A exemplo de Ripoll, a ênfase também foi o substancial crescimento no número de brasileiros na Espanha após o início dos anos 2000 (FERNANDES, 2007). Artigo semelhante a este foi publicado pelo mesmo autor em 2008, dessa vez focando os brasileiros em Madri (FERNANDES, 2008). Outro artigo apresentado no encontro da ABEP foi escrito por Marcelo Vidal (2007), que tratou da presença de brasileiros e outros latino-americanos na Espanha, mostrando a inserção desses imigrantes no mundo do trabalho local. Assim como Fernandes e Ripoll, Vidal também baseou seu estudo em dados estatísticos produzidos por órgãos espanhóis.

¹⁴ - O “Padrão Municipal” é um registro que os imigrantes fazem junto às prefeituras municipais espanholas. Esse registro serve como comprovante de tempo de permanência no país caso o imigrante busque sua regularização futuramente. Na Espanha, podem se “empadronar” imigrantes documentados e indocumentados. Mesmo assim, o número de imigrantes que não se registram ainda é bastante alto.

Diferente dos três autores anteriores, o artigo apresentado por Maria Cecília Patrício (2007) mostrou a migração de travestis e prostitutas para a Espanha, focando sua análise nas histórias de vida recolhidas. Patrício tratou ainda das táticas e dos *truques* utilizados e das formas de solidariedade para sobreviver num mundo do trabalho em que predomina a cafetinagem, as promessas não cumpridas, o acesso a espaços fechados e perigosos e as articulações internacionais que ligam a cidade do Recife, no Brasil, à Madri, na Espanha. Segundo Patrício, a presença de travestis e prostitutas brasileiras na Espanha é anterior a década de 1990. No entanto, a migração de travestis ocorre em situação distinta da migração de mulheres arregimentadas para a prostituição. Trata-se, conforme Patrício, de uma migração mais “autônoma”, muitas vezes documentada, que não se caracteriza como tráfico de pessoas e que mantém um “diferencial em relação às migrações de mulheres e homens, ou famílias inteiras, com fins de fazerem a vida fora de seu país” (PATRÍCIO, 2007, p. 13).

Mais recentemente, em janeiro de 2009, foi defendida na Universidade de Alicante, Espanha, uma nova tese de doutorado tratando da imigração brasileira naquele país. A tese foi escrita por Erika Ripoll a partir de um extenso trabalho de pesquisa no Brasil e na Espanha e aborda desde os contextos macroestruturais que influenciam o processo migratório até a vida cotidiana, as relações de alteridade e a construção de identidades por brasileiros imigrantes. Além dos que já haviam partido do Brasil a autora trabalhou também com potenciais imigrantes, mostrando como estes imaginam a Espanha e o que encontrarão caso também emigrem. Abordou ainda a situação de desigualdades sociais, a realidade do mercado de trabalho, os conflitos urbanos, as migrações internas e a situação de mulheres, negros e jovens no Brasil. Caracterizou o movimento de chegada dos espanhóis no século XIX e XX e apontou o contexto em que partiram milhares de homens e mulheres para a Espanha a partir da década de 1990. Em relação aos brasileiros na Espanha, Ripoll (2009) mostrou as redes sociais existentes e a maneira como estes imigrantes circulam no mundo do trabalho local. Segundo Ripoll, os brasileiros na Espanha desempenham distintas atividades, geralmente em mais de um setor. Os trabalhos realizados caracterizam-se pela precarização e os empregos encontram-se geralmente em setores marginais da estrutura ocupacional. De forma geral, a tese de Ripoll mostra dados e informações bastante semelhantes aos que apresentarei ao longo desse trabalho.

As publicações sobre Portugal e Espanha, portanto, são formadas basicamente por livros, teses e principalmente artigos abordando temas relacionados ao mundo do

trabalho, às identidades no contexto da globalização, à imigração de mulheres e de outros grupos de brasileiros, ao envio de remessas, às representações dos imigrantes na mídia, entre outros assuntos. Nesse sentido, o enfoque das publicações sobre Portugal e Espanha é bastante parecido com aquele presente nas obras que tratam de brasileiros imigrantes em outros países.

No universo de publicações sobre os brasileiros na Europa, nos Estados Unidos e em outros locais, um dos debates centrais é, a meu ver, o que trata sobre o papel desempenhado pelas redes de migração no processo de saída, manutenção e retorno dos emigrantes brasileiros. Tal debate aparece em distintas obras. Os autores que usam esta perspectiva têm mostrado que aqueles que migram dificilmente o fazem sozinho, mesmo que a travessia da fronteira ocorra solitariamente. Dessa forma, a migração é quase sempre uma empreitada coletiva, que envolve a família nuclear, os parentes próximos, amigos e diversas outras pessoas. É no interior desse grupo que ocorre o planejamento da saída, a busca do dinheiro necessário para a viagem e, após a partida, o intercâmbio entre aquele que partiu e os que ficaram. É também através deste grupo que muitas vezes outras migrações ocorrem. Estas redes, no entanto, dificilmente deixam registros escritos e não se sabe exatamente onde começam e onde terminam. Elas podem envolver um pequeno grupo ou centenas de pessoas. Para desvendá-la, uma das estratégias mais utilizadas têm sido a pesquisa de campo e a realização de entrevistas orais com os emigrantes. Há também pesquisadores que se dedicam a análise de outros materiais como cartas e fotografias enviadas por aqueles que partiram, notícias divulgadas pela imprensa brasileira e em jornais brasileiros que circulam nos países de destino.

Dos poucos estudos sobre as migrações internacionais na área de História, publicados no Brasil, um dos centrais foi escrito por José Carlos Sebe Bom Meihy e trata das experiências de brasileiros em Nova York¹⁵. Nesse livro, as fontes principais de Bom Meihy são as histórias de vida e entrevistas gravadas com emigrantes oriundos de diferentes regiões do Brasil. Nas quatro partes que compõem o livro, ganharam voz inúmeros personagens que, em sua maioria, enfrentavam diariamente os desafios de viver na clandestinidade, fugindo o tempo todo dos agentes da Imigração Estadunidense. Boa parte destes brasileiros ou “brasucas”, conforme Bom Meihy, tinha

¹⁵ - O uso desse autor tem a intenção de mostrar como o tema das migrações internacionais tem sido trabalhado na área de História e não significa a adesão à forma como este concebe e trabalha a História Oral.

dificuldades em aceitar a sua condição de imigrantes, preferindo se dizer “de passagem” ou “em trânsito”, mantendo a idéia de um “retorno eminente” e desenvolvendo uma “saudade crônica” do Brasil, que só é aliviada nas gerações seguintes, as quais crescem com outros problemas.

Segundo o autor, faltava a estes “brasucas” coragem de assumir que suas experiências fora do Brasil extrapolavam os limites da aventura episódica e se constituíam em um processo emigratório de grandes proporções. Esta falta de “consciência emigratória” deve-se em parte à tradição de que imigrantes foram os europeus e demais grupos que chegaram ao Brasil especialmente no século XIX e não os atuais imigrantes que são brasileiros de nascimento e de aceitação irrestrita. Muitos destes novos imigrantes, segundo Bom Meihy, deixaram o Brasil no final dos anos 1980 e início dos anos 1990 em meio a planos econômicos e políticas de governo fracassados. A maioria deles recebeu influência de notícias que mostravam o exemplo de pessoas que alcançaram sucesso ao sair do país. Estas notícias, em um contexto nacional e mundial de crescente desemprego, acabaram estimulando novas emigrações. No entanto, somente as boas notícias e as razões econômicas não explicam a presença de brasileiros em Nova York. Conforme mostrou o autor através de suas entrevistas, existe uma teia complexa de justificativas que extrapolam as macro-explicações acadêmicas.

Ao colocar em primeiro plano as memórias e trajetórias de vida dos imigrantes, Bom Meihy revelou as diferentes faces do processo migratório, suas mazelas e sua dinâmica cotidiana e reafirmou a importância da História Oral como um instrumento indispensável àqueles que estudam as migrações internacionais. É a História Oral que permite, por um lado, desvendar muitos fios que formam as redes de migração e, por outro, romper com a dicotomia tradicional entre presente, passado e futuro. Através dela, descortinam-se sonhos, projetos de vida inacabados, dramas individuais e familiares, dilemas de uma sociedade marcada por uma intensa mobilidade populacional. Por sua importância, o uso da História Oral será recorrente no presente trabalho.

Conforme mostrou Thomson (2002), a migração é um dos temas mais importantes da pesquisa de História Oral. Isto porque é através da História Oral que há o diálogo não apenas com o passado, mas principalmente com as inquietações vividas no presente pelos migrantes e pelo próprio historiador. Trata-se de narrativas sempre provisórias, inacabadas, ucrônicas, assim como são as identidades e memórias dessas pessoas em movimento. Por meio da História Oral o historiador pode entrar em contato

com o que Thomson chama de “história oculta da migração”, ou seja, histórias de grupos marginalizados ou oprimidos que geralmente não aparecem nas estatísticas oficiais. Por outro lado, os testemunhos dos migrantes podem demonstrar, como mostrarei no caso dos brasileiros em Portugal e Espanha, o complexo entrelaçamento de fatores e influências ligados ao processo migratório.

O contato com os migrantes nos conduz às narrativas sobre os diferentes significados do trabalho na atualidade e às estratégias de sobrevivência usadas por documentados e indocumentados. Da mesma forma, é possível dialogar com sonhos e expectativas de homens e mulheres, mostrando sua inconformidade com a situação vigente através da uchronia. Conforme mostraram Portelli (1993) e Braudel (1992b), a uchronia é o espaço da possibilidade, daquilo que poderia ter ocorrido caso outros fatores não interferissem. É aquilo que permite ao narrador “transcender” a realidade como dada e recusar a se identificar e se satisfazer com a ordem existente. É “imaginar um passado que não se produziu, é brincar de refazer a história, suputar o que teria sido preciso mudar ou desordenar em seus encadeamentos para que ela tivesse seguido outro caminho” (BRAUDEL, 1992b, p. 334). Indo um pouco além, poderíamos dizer que uchronia e memória andam lado a lado e ambas são importantes para a superação das dificuldades impostas pela migração e pelo distanciamento do país de origem. Neste sentido, a uchronia também se relaciona com a imagem que o migrante constrói, no presente, de si mesmo, do seu passado e do seu futuro. Autores como Hall (2003) e Bom Meihy (2004), por exemplo, mostram que o discurso da vitória está quase sempre presente entre os migrantes e que boa parte deles tem dificuldades de admitir que fracassaram ao se deslocar para outro país. Este fator impede, inclusive, que muitos retornem aos seus locais de origem até que não adquiram uma quantia financeira capaz de demonstrar que venceram.

Tanto o discurso ucrônico quanto o discurso da vitória estão presentes também entre os brasileiros na Península Ibérica. No primeiro caso, os depoimentos colhidos mostram inúmeras reinvenções, justificativas e desejos de reescrita da própria história. Para Eliana, entrevistada em Antequera, Espanha, a negação do visto para os Estados Unidos, a não entrada na Inglaterra e o fato de ter sido barrada na fronteira do México só ocorreram em função de detalhes. No consulado estadunidense em Brasília talvez faltou, segundo ela, ser mais enfática, “pedir para ele (funcionário que lhe atendeu), chorar e implorar”, no aeroporto de Londres tudo teria sido diferente se tivesse caído em outro guichê, assim como havia acontecido com os primos. Já na fronteira do México

com os Estados Unidos a história poderia ter sido outra se tivesse acatado as ordens do coioite para tirar toda a roupa na hora da travessia do Rio Grande, se uma carreta não atravessasse em sua frente no instante exato em que chegaram até a rodovia, se os primos fossem mais solidários. No caso de Mariano, entrevistado em Madri, há um constante reencontro com o passado e com suas raízes espanholas, “adormecidas” até a década de 1990. Desde então, a história da família foi reconstruída, permitindo a Mariano a incorporação de memórias do pai e de outros parentes, reconectando a pequena Torrecilhas, na Espanha, à Nova Granada, no Brasil. Já em relação a Silvio e Iva, entrevistados na Costa da Caparica, Portugal, há claramente lembranças que querem esquecer, mas que insistem em aparecer. Para ambos, a reescrita da própria história depende da materialização de projetos futuros. Segundo disse Silvio na conversa que tivemos em 2007, tudo será diferente quando voltar ao Brasil. Construindo seu futuro imaginariamente ele projeta o seu retorno e constrói um cenário de como seria a sua vida caso não tivesse decidido emigrar para Portugal. Seria “um chefe” que só responderia por “Senhor Sílvio”, cheio de compromissos, rodeado de secretárias e que só atenderia com hora marcada. Assim como ele, também Iva gostaria de reescrever sua história. “Se eu tivesse que voltar atrás, um recomeço, eu falo, eu teria casado, teria tido minhas filhas, mas não teria pisado aqui”. Para Iva outra dificuldade ainda hoje sentida tem relação com a imagem de sucesso que passa aos seus parentes no Brasil, o que faz com que muitas vezes tenha que fazer sacrifícios enormes para continuar enviando dinheiro aos filhos e aos parentes que ficaram.

A construção da imagem e do discurso de sucesso é recorrente entre os brasileiros com quem conversei em Portugal e na Espanha, mesmo entre aqueles que estavam desempregados e com dificuldades financeiras na época do trabalho de campo. Duas características destes imigrantes são evitar serem vistos como fracassados e não admitir sua condição de trabalhador desterrado e explorado. Contra essa realidade, muitos imigrantes constroem uma narrativa que os coloca em uma situação de transitoriedade, ou seja, a migração e a condição atual são tratadas como passageiras e provisórias, perdurando até o retorno aos locais de origem. O problema é que este discurso se mantém mesmo depois de muitos anos no exterior. Além disso, muitos nunca mais retornam aos seus países. Esta situação contribui para a criação de conflitos de identidade, pois, ao não se considerarem do local onde vivem, os migrantes deixam de lutar por direitos mínimos como moradia, transporte e condições dignas de vida.

Assim, amplia-se cada vez mais o fosso que divide os “estrangeiros” dos “nativos”, ou como chamou Elias (2000) os “Estabelecidos” e os “Outsiders”.

Além do debate sobre ucronia e memória, o presente trabalho também terá como referência uma abordagem histórica que privilegia a “longa duração”. Esse conceito é usado com base nos escritos de Braudel (1992a e 1992b) sobre os tempos da História. Para esse autor, a longa duração é o tempo “de lentíssimo desenrolar”, em que predomina uma linguagem histórica mais profunda, uma história de pulsações lentas em que descortina-se uma série de conjunturas. O objetivo ao optar pela perspectiva da longa duração não é fazer uma história totalizante, cujo movimento pode ser captado apenas com a observação das grandes estruturas, mas é, principalmente, analisar o tempo presente a partir de uma abordagem historiográfica preocupada em entender e problematizar o mundo que nos cerca. Trabalhar e entender esse mundo exige dos historiadores, além de uma análise de longa duração, um novo olhar sobre o que Chauveau e Tetart (1999) chamaram de “história próxima” ou do presente, da qual, além de investigadores, são testemunhas e partícipes do processo que analisam. Quando trabalha-se com questões tão próximas, como aquelas aqui apresentadas, é necessário um diálogo muito aberto com outras áreas do conhecimento, o que, se por um lado, abre um leque bastante amplo de possibilidades de análise, por outro, exige que se delimite melhor o próprio campo de atuação. Outro aspecto importante é que quem opta por essa modalidade de História tem a sua disposição um universo muito vasto de fontes documentais, como áudio-visuais, notícias de jornais, páginas da internet, imagens, documentos oficiais, entrevistas orais e pela internet, sobre as quais é preciso avançar no debate relativo à sua utilização. Todas estas fontes dão ao historiador do início do século XXI possibilidades de escolhas que seus predecessores de cerca de 25 anos atrás não tinham e, mesmo que tivessem, talvez dessem pouca ou nenhuma importância.

Um dos grandes desafios dos historiadores contemporâneos, portanto, é mostrar que o tempo presente tem inúmeras especificidades em relação às fontes disponíveis e ao próprio objeto de análise e que, da mesma forma, carrega fortes marcas de outras épocas e processos históricos, muitos deles ainda não concluídos. Portanto, a análise do período investigado não pode ficar restrita a ele, mas contemplar uma perspectiva dialética que faça emergir as continuidades e descontinuidades da História. Conforme mostrou René Remond (1999), os acontecimentos políticos, econômicos e sociais inscrevem-se no curto, no médio e no longo prazo, sendo que é papel dos historiadores mostrar a distinção entre “o que fica e o que muda”.

Mostrar o que ficou e o que mudou no atual processo de migrações internacionais e no mundo do trabalho imigrante é um dos objetivos dessa tese.

3) Organização da Tese

A presente tese está organizada em seis capítulos, além da introdução e das considerações finais. Cada capítulo está estruturado de forma que possa ser lido independentemente dos demais. No entanto, o conjunto e a distribuição dos capítulos foram pensados com vistas à apresentação, debate e amarração dos múltiplos fatores e contextos que conformam as migrações internacionais e o mundo do trabalho imigrante.

O primeiro capítulo traz um panorama das Migrações Internacionais Contemporâneas, situando-as em um quadro de mudanças ocorridas ao longo do século XX, mais especialmente após a década de 1950. A partir de uma abordagem macroestrutural procuro mostrar que o deslocamento internacional de força de trabalho foi incentivado ao longo de todo o século passado e que determinados grupos de trabalhadores que hoje são vistos como um problema por países como Estados Unidos, Alemanha e França um dia foram convidados a contribuir com sua força de trabalho nesses locais. O capítulo mostra também que a América Latina e o Caribe, que até a década de 1980 haviam recebido milhões de imigrantes, passaram, após esse período, a ser uma das maiores regiões exportadoras de mão-de-obra para todo o mundo. Essa realidade atingiu países como Cuba, República Dominicana, Colômbia, Argentina e Brasil. Só deste último país havia, em 2008, quase quatro milhões de imigrantes, distribuídos principalmente pela América, Europa, Ásia e Oceania. As informações apresentadas no capítulo I foram recolhidas no Brasil, inclusive com pesquisas na sede da Organização Internacional do Trabalho, em Brasília, e também no exterior, por meio do trabalho de campo.

O segundo capítulo apresenta o processo de imigração entre Brasil e Portugal ao longo dos últimos 500 anos, mostrando que durante mais de 450 anos predominaram os deslocamentos em direção à América e que a partir do final da década de 1980 ampliaram-se os fluxos em direção a Portugal. As migrações à América e posteriormente rumo à Europa estão descritas na primeira parte do capítulo, enquanto a presença brasileira em Portugal a partir do século XVI compreende a parte seguinte. Nesta, são abordados os deslocamentos de estudantes brasileiros a Coimbra, analisados os dados estatísticos dos censos demográficos feitos desde o final do século XIX em

Portugal, explicitados os territórios e marcas deixados pelos que chegaram a esse país nos anos 1970 e analisados as principais mudanças que ocorreram em Portugal após a década de 1980. O capítulo mostra ainda o conjunto de notícias divulgadas em Portugal e no Brasil sobre a imigração brasileira a partir de 1986, sugerindo que a imprensa teve um papel decisivo na consolidação de Portugal como um destino para os brasileiros. Após esse ano, as notícias mesclaram os conflitos corporativos envolvendo dentistas brasileiros e portugueses à “invasão”, no caso português, e ao “êxodo” imigrante, no caso da imprensa brasileira. No início da década de 1990, os conflitos, acirrados pela mídia, continuaram existindo à medida que novos brasileiros tentavam desembarcar no país e eram barrados em Lisboa. No entanto, começava nesse momento uma imigração *profissionalizada* em Portugal, não percebida como tal em função da manutenção entre os portugueses de uma imagem dos imigrantes brasileiros vinculada a dentistas, publicitários, jogadores de futebol e outros profissionais altamente qualificados e pertencentes à classe média brasileira. Essa percepção seria posteriormente reforçada com a criação do conceito de “Segunda Vaga” que mostrava a mudança do perfil dos imigrantes brasileiros em Portugal somente a partir do final da década de 1990. No segundo capítulo também são analisadas várias notícias de jornal, entrevistas gravadas, histórias ouvidas informalmente e outros documentos pesquisados durante o trabalho de campo em Portugal.

O terceiro capítulo explicita parte do que foi abordado no capítulo anterior mostrando a presença brasileira na cidade da Costa da Caparica, região metropolitana de Lisboa, a partir do final da década de 1980. O trabalho de campo nesse local permitiu o contato e a realização de entrevistas com vários brasileiros. As histórias ouvidas em distintos espaços mostraram um predomínio de brasileiros oriundos da região de Governador Valadares, em Minas Gerais, numa clara evidência de que Portugal havia se tornado uma das rotas alternativas aos imigrantes e aos atravessadores de imigrantes daquela região do Brasil. Além de mineiros, encontrei também paulistas, goianos e paranaenses. Em relação ao trabalho ficaram evidentes os impactos do baixo crescimento econômico português sobre aquela localidade e os imigrantes. Muitos brasileiros com quem conversei estavam desempregados ou fazendo pequenos “bicos”. Já outro grupo, bastante numeroso, trabalhava na Espanha, voltando de tempos em tempos à Costa da Caparica, onde mantinham sua casa e a sua “comunidade”. Grande parte dos que iam para esse país atuavam no setor da construção civil. Além da existência do que chamei “A Rota Espanhola”, o trabalho de campo nesse local também

permitiu conhecer o cotidiano de inúmeros brasileiros, freqüentar seus espaços de trabalho, moradia, lazer e oração. As histórias contadas mostram o drama vivido por muitos longe de seus filhos e familiares no Brasil, os projetos de futuro, as memórias da infância e de um país “maravilhoso” e “amado” que ficou para trás.

O quarto capítulo trata dos espanhóis no Brasil e dos brasileiros na Espanha. Nesse capítulo, a intenção é mostrar uma história de longa duração, relacionando as migrações atuais às migrações de espanhóis ao Brasil a partir do final do século XIX. A retomada dessa história teve como ponto de partida a visita que fiz e as histórias que ouvi na cidade de Motril, mais especificamente no pequeno povoado de La Garnatilha, em Granada, Espanha. O processo de imigração espanhola para o Brasil é retomado também a partir de bibliografias que tratam sobre o tema e de entrevistas com brasileiros filhos de espanhóis imigrantes, alguns, inclusive, hoje “retornados” à Espanha. Na segunda parte do capítulo, o foco são os brasileiros na Espanha. Inicialmente são analisados os dados dos censos demográficos entre 1900 e 1990, mostrando que o número de brasileiros na Espanha nesse período era bastante reduzido. Esses dados estatísticos mesclam-se com depoimentos e fotos da presença brasileira em cidades como Barcelona e Madri. Posteriormente é abordada a imigração brasileira na Espanha após a década de 1990, evidenciando que esse coletivo de imigrantes só se tornou significativo nos anos 2000. O capítulo encerra com as trajetórias de vida e de trabalho de brasileiros que viviam, em 2008, nas cidades de Madri, Barcelona, Sevilha e Cádiz.

O quinto capítulo aborda a presença de brasileiros em Antequera, uma pequena cidade localizada na província de Málaga, Andaluzia, Espanha. Além de retomar a história de Antequera como uma terra de emigração, o capítulo também apresenta uma tentativa de reconstrução da curta história dos brasileiros nessa cidade após o final da década de 1990. Grande parte do texto foi escrito a partir de histórias contadas por homens e mulheres que, em 2008, distribuíam-se pelos distintos espaços da cidade. São brasileiros majoritariamente do estado de Mato Grosso, mais especificamente da região dos municípios de Araputanga, Quatro Marcos e Pontes de Lacerda¹⁶. Foram contatados ainda brasileiros de Rondônia, Paraná, Goiás, São Paulo, Santa Catarina e Minas Gerais. Grande parte desses brasileiros e brasileiras se distribuía entre o trabalho no campo,

¹⁶ - Toda essa região do Mato Grosso tem sido palco nas últimas décadas de um intenso movimento migratório em direção aos Estados Unidos, Japão e à Europa como um todo. Assim como em outras localidades brasileiras, estão aí instaladas estruturas, redes e conexões necessárias para a mobilidade populacional de brasileiros e brasileiras de distintos extratos sociais.

especialmente nos períodos de colheitas da azeitona, na construção civil, no trabalho doméstico e no trabalho como “internas”. Esses dois últimos espaços concentravam grande número de mulheres brasileiras. No trabalho de campo, além de identificar o desemprego, o subemprego, as memórias ucrônicas, o cotidiano e os projetos de brasileiras e brasileiros imigrantes, pude perceber também o grande medo que sentem em função de não possuírem documentos e da forte pressão policial sobre os imigrantes indocumentados. Este medo leva muitos brasileiros a viverem grande parte do seu tempo trancados em casa e em seus locais de trabalho.

O sexto capítulo aborda as transformações no mundo do trabalho imigrante. Nele, uma das idéias defendidas é a de que as migrações internacionais contemporâneas são parte de um processo maior de do capital e do trabalho¹⁷. Nesse novo cenário, tanto o Brasil, quanto Portugal e a Espanha têm papel fundamental, pois contribuem para regular os fluxos populacionais internacionais. Da mesma forma, o conjunto dos imigrantes atuais, mesmo os precarizados, indocumentados e “de passagem” estão contabilizados, ao lado dos demais trabalhadores, entre aqueles que deverão produzir bens e serviços em nível global. Outro argumento utilizado é de que as migrações atuais são distintas das migrações do passado, mas são parte constituinte de um movimento secular de deslocamento de força de trabalho. Defendo ainda que não estamos diante do fim do trabalho, mas vivemos em um cenário que, especialmente para os trabalhadores imigrantes, marca o fim das profissões, da família operária nos termos clássicos, do emprego fixo e dos fortes vínculos com o local de trabalho. Esse capítulo busca sistematizar e analisar, sob a ótica do trabalho, o que foi apresentado nos capítulos anteriores.

De forma geral, os seis capítulos dessa tese foram estruturados para enfatizar distintos aspectos. Dentre eles estão os intensos processos de mobilidade internacional contemporânea, as histórias de longa duração que caracterizam as migrações entre o Brasil, Portugal e Espanha, as memórias e o cotidiano dos brasileiros longe de casa e as faces do trabalho imigrante no contexto pós-fordismo/taylorismo.

Os resultados aqui apresentados são fruto do trabalho de pesquisa que realizei nos últimos quatro anos, no Brasil e no exterior e visam contribuir para o

¹⁷ - Ao longo do trabalho, o uso da expressão desterritorialização está relacionado a processos de desterritorialização, reterritorialização e multiterritorialidade, já que, como bem apontaram Haesbaert (2004) e Sassen (2003b), o fato de estarem ocorrendo processos de desterritorialização não significa o fim dos territórios e o desaparecimento de centros de comando do capital internacional. Para Haesbaert (2004, p. 32), o que marca o contexto atual é um processo concomitante de destruição e construção de territórios mesclando diferentes modalidades territoriais, em múltiplas escalas.

aprofundamento do debate sobre as migrações internacionais no contexto de importantes transformações no mundo do trabalho e da sociedade.

CAPÍTULO 1

AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS

À barca, à barca, senhores! Oh! que maré tão de prata! Um ventozinho
que mata e valentes remadores! [...] À barca, à barca segura, barca
bem guarnecida, à barca, à barca da vida!
Gil Vicente - 1517



Bote com imigrantes africanos na travessia do Estreito de Gibraltar
Fonte: Casa de Acolhida de Imigrantes de Algeciras – Espanha - 2008

Em abril de 2008, após percorrer várias cidades portuguesas e espanholas em busca dos trabalhadores imigrantes brasileiros, resolvi fazer a travessia do Estreito de Gibraltar para conhecer parte do que acontece em um dos maiores territórios de emigração de todo o mundo: o Norte da África.

Na cidade de Tânger, no Marrocos, vi de perto jovens marroquinos tentando transpor as barreiras policiais de entrada no porto que liga aquele país à Espanha. Segundo me informou Ride, um jovem marroquino de 18 anos com quem conversei na cidade de Antequera, Espanha, em março daquele mesmo ano, uma das estratégias utilizadas por esses jovens é, após conseguir entrar no porto, amarrar-se debaixo de

caminhões que posteriormente entram nos navios para fazer a travessia do Estreito de Gibraltar. Durante cerca de um ano, foi dessa maneira que Ride tentou fazer a travessia do Estreito para entrar na Espanha. Foram seis tentativas frustradas. Em todas elas foi pego pela polícia e devolvido ao seu país de origem. Na sétima, no entanto, conseguiu entrar.



Porto de Tânger, Marrocos - Polícia marroquina vistoria caminhão à procura de imigrantes
Foto: Adriano Larentes da Silva – abril de 2008

Outro jovem marroquino que conheci, dessa vez em uma casa de acolhida de imigrantes em Algeciras, foi Wahahid, que entrou também via porto de Tânger se fazendo passar por turista. Segundo ele, sentou-se ao lado de uma espanhola e lhe pediu para informar à polícia que estavam juntos. Após entrar na Espanha Wahahid foi perseguido pela polícia e, junto com um companheiro do seu país, iniciou uma longa viagem, a pé, pelas montanhas do sul da Espanha, alimentando-se de frutas que colhiam e de doações de moradores e abrigoando-se em lugares abandonados. Após sete dias, depois de caminharem cerca de duzentos quilômetros, foram pegos pela polícia espanhola e entregues a um lar de menores.

A prática de caminhar pelas montanhas é bastante comum entre os imigrantes africanos, segundo contou padre Andrés, em abril de 2008, quando me recebeu

carinhosamente na casa de acolhida a imigrantes que mantém na cidade de Algeciras. De acordo com ele, muitos imigrantes têm a intenção de chegar caminhando a cidades como Almería, Madri e Barcelona, onde esperam encontrar trabalho. Padre Andrés é um antigo padre-operário que a partir dos anos oitenta resolveu dedicar-se a causa dos imigrantes e tem acompanhado as inúmeras mortes que ocorrem semanalmente no Estreito de Gibraltar. Relatos colhidos na Espanha e no Marrocos e notícias da imprensa mostram que por vezes, em apenas uma noite, chegam a morrer mais de 70 imigrantes no Estreito, sendo posteriormente lançados ao mar, fazendo do local um grande cemitério de indigentes.

Para Mohamed, um imigrante da Guiné que conheci em Algeciras, estamos diante de uma nova fase da escravidão africana. Segundo ele, como no passado, continuam a chegar homens e mulheres para o trabalho, só que agora precisam se deslocar por sua conta e risco até os seus “senhores”. “Estamos aqui senhores. Façam de nós o que quiserem”, brincou Mohamed na conversa que tivemos em abril de 2008 enquanto ele aproveitava para desenhar um mapa da África em forma de um rosto com lágrimas nos olhos. Mohamed entrou na Espanha em uma das embarcações que fazem a travessia do Estreito durante a madrugada, quando a maré está mais baixa e a vigilância das fronteiras é mais difícil.

Ainda em Algeciras, na casa de acolhida a imigrantes, conheci Santusa, ou Santi como prefere ser chamada, que me abraçou com força e se mostrou emocionada por encontrar um “conterrâneo” seu na Espanha. Segundo me contou Santi, nasceu no Vale dos Incas, no Peru e é uma “autêntica” Inca, de família Quéchuá. Está na Espanha desde 1989, quando iniciou sua trajetória profissional naquele país como cantora de músicas andinas. Nunca se casou, apesar de ter tido namorados, contrariando a tradição do seu povo, no qual os casamentos são acertados entre famílias. Depois que largou a música, Santi trabalhou em vários empregos, cuidando de pessoas e limpando casas. Quando conversamos, em abril de 2008, estava desempregada há três meses¹⁸.

As diferentes histórias mostradas acima não são uma exclusividade do Norte da África e tampouco da Península Ibérica. Além disso, não são apenas produto do nosso tempo. Todas elas são uma mostra do drama vivido há mais um século por milhões de imigrantes em todo o mundo. Foi em memória desses imigrantes e dos milhares de

¹⁸ - Os depoimentos de Wahahid, Ride, Mohamed, Santusa e padre Andrés não foram gravados, já que as conversas ocorreram informalmente. No entanto, parte do que todos contaram ficou registrado em meu caderno de campo.

outros que morrem anualmente em mares, oceanos e regiões de fronteira que realizou-se em setembro de 2007, em Portugal, um culto ecumênico na praia da Costa da Caparica, organizado pela Cáritas Europa. Desse encontro, participaram religiosos e outras lideranças de toda a Europa, preocupados com os efeitos perversos gerados pelo processo migratório do nosso tempo.

1.1 – ENTRE MIGRAÇÕES E VIAGENS – Olhares para o Passado

A imigração não é um fenômeno novo na história. Se olharmos a partir de uma perspectiva de longa duração, veremos que os deslocamentos populacionais, as dificuldades de adaptação e o rechaço ao “estrangeiro” são parte da história da humanidade. Tudo isso, ocorre desde que os seres humanos sentiram a necessidade de se alimentar, vestir, ter uma moradia e um espaço para garantir a sobrevivência e desenvolver a criatividade através do trabalho.

Desde a pré-história, homens e mulheres se deslocam, não porque haja dentro deles uma força natural ou um “desejo de errância”, que os impele ao movimento, como propõe Maffesoli (2001), mas porque essa tem sido uma maneira de satisfazer suas necessidades biológicas, sociais, culturais, econômicas, espirituais. Da Ásia à América multiplicam-se histórias de grupos humanos que deixaram suas terras e migraram para outros espaços, e de muitos que eram capturados e transportados para outras regiões para trabalhar como escravos. Há exemplos disso na Grécia e Roma antiga, na América Pré-Colombiana, nos relatos bíblicos sobre o Egito e a Terra Santa, nos grandes deslocamentos do período medieval.

Esses diferentes tipos de mobilidade podem ser observados também ao longo da história do Brasil, país em que as fronteiras nacionais e a idéia de nação só se efetivaram na primeira metade do século XX. Em nosso país, os deslocamentos populacionais foram intensos durante todo o período colonial e imperial, seja entre as diversas regiões, ou entre os frágeis limites fronteiriços com os países vizinhos. No século XIX, por exemplo, escravos brasileiros eram levados por seus senhores para trabalhar nas grandes fazendas da fronteira com o Uruguai como forma de suprir a falta de força de trabalho advinda do fim da escravidão naquele país em 1842. Para isso, segundo Borucki, Chagas e Stalla (2005), estabeleciam “contratos de peonagem”. Tais contratos previam a libertação dos escravos que seriam levados ao Uruguai e, ao mesmo tempo, os obrigavam a prestar serviços ao “ex-senhor” por um longo tempo. No

Extremo Oeste de Santa Catarina, conforme Silva (2004), era prática comum até a década de 1940 a utilização de trabalhadores brasileiros para extração de madeira e erva-mate na região da atual Província de Misiones, Argentina. Deste país, por sua vez, vinham indígenas com mantimentos e outros produtos que abasteciam o comércio do Extremo Oeste catarinense. O mesmo acontecia em outras regiões fronteiriças do Brasil, onde até hoje existe uma intensa movimentação de pessoas e produtos.

O aumento das migrações intra-regionais ocorreu a partir da segunda metade do século XX, momento em que muitos brasileiros deixaram o país, seguindo, principalmente, para a Argentina e Paraguai e milhares de bolivianos, uruguaios, argentinos e outros habitantes da América do Sul vieram para o Brasil. As migrações de brasileiros para o Paraguai, por exemplo, ocorreram a partir da década de 1950 e contribuíram para a expansão das fronteiras agrícolas naquele país e para amenizar problemas ligados à posse da terra no Brasil. Além disso, a partir dos anos 70, essas migrações serviram aos interesses estratégicos e militares dos governos dos dois países. Nesse sentido, o Tratado de Aliança e Cooperação Econômica, firmado por Paraguai e Brasil, em 1975, previa o povoamento do território paraguaio por mais de 1,2 milhões de brasileiros, o que na época correspondia a quarenta e cinco por cento da população total daquele país. O objetivo principal, segundo Baer e Texidó (2003), era criar uma “cerca viva” ao redor do lago de Itaipu e assegurar a expansão da fronteira econômica brasileira no Paraguai, consolidando o Tratado de Itaipu, firmado em 1973¹⁹.

A migração de milhares de brasileiros nesse período com destino ao Paraguai não parece ter se constituído em um movimento isolado ou que estivesse ligado simplesmente ao intenso trânsito entre fronteiras. Ao contrário, ela fez parte de um processo mais amplo de mobilidade populacional, cujos efeitos visíveis eram o aumento das migrações intra-regionais, uma grande migração interna, com um acelerado processo de êxodo rural e urbanização, e uma expansão lenta e gradual das migrações extra-regionais.

Se levarmos em conta os diferentes tipos de mobilidade populacional, presentes ao longo da história do Brasil e de outros países, perceberemos que o que talvez seja bastante novo nesse processo de migrações contemporâneas e que nos diferencia de nossos antepassados não muito distantes são basicamente três elementos. O primeiro, diz respeito à noção de pertencimento a um estado nacional e à construção de fronteiras

¹⁹ - Esse tratado possibilitou a construção da usina hidrelétrica de Itaipu, na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai.

lingüísticas, históricas, políticas, geográficas e culturais que devem ser transpostas. O segundo relaciona-se à possibilidade de utilização de tecnologias que permitem uma maior agilidade e amplitude dos deslocamentos e das informações sobre diferentes partes do globo. E o terceiro, vincula-se a uma lógica de sociedade que comprimiu o tempo e o espaço, urbanizou-se, globalizou a pobreza e concentrou a riqueza, criou um super exército de reserva de força de trabalho e fomentou um processo migratório de massa que atingiu, ao mesmo tempo, diferentes localidades do planeta.

Como se sabe, viajar ou mesmo morar fora do Brasil foi historicamente privilégio de poucos. Até meados do século XX, quem tinha essa possibilidade eram os membros das elites locais e os filhos desta, geralmente homens, que seguiam inicialmente para a Europa e, posteriormente, já sob influência da dominação cultural americana, também para os Estados Unidos²⁰. Entre 1850 e 1950 vários escritores, intelectuais, ocupantes de cargos públicos e outros brasileiros viajaram, conheceram e escreveram sobre o cotidiano europeu e estadunidense. Dos nomes mais conhecidos destacam-se André Rebouças, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Monteiro Lobato, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Erico Veríssimo. Destes, Freyre e Veríssimo seguiram para o exterior na primeira metade do século XX. O primeiro viajou para Portugal, colônias portuguesas e outros países europeus, relatando suas viagens em livros como *O Mundo que o Português Criou* (1940), *Aventura e Rotina* (1952) e *Um Brasileiro em Terras Portuguesas* (1953). Já Veríssimo viajou para os Estados Unidos em 1941 a convite do Departamento de Estado Americano e permaneceu entre os “americanos do Norte” por cerca de três meses, visitando catorze cidades e fazendo quase trinta conferências em universidades e outros espaços em que era convidado. Nestas conferências e nas conversas que manteve com escritores, líderes políticos, artistas de cinema e outras pessoas, falava do Brasil e dava suas impressões sobre os Estados Unidos, ao mesmo tempo em que tinha sempre consigo a sua “Kodak”, na qual registrava cenas da vida nos lugares por onde passava. Seus relatos dos lugares visitados, descritos no livro *Gato Preto em Campo de Neve*, estão carregados de admiração à sociedade norte-americana. Em Nova York, por exemplo, Veríssimo fica impressionado com as galerias de arte, os museus, as luzes de néon da Broadway e a organização da cidade. Outro aspecto que chama muito a atenção do escritor é a

²⁰ - No livro *A Construção da Ordem*, Carvalho (1981) mostra que, até o final do século XIX, os membros da elite brasileira seguiam para a Europa geralmente para realizar seus estudos em universidades francesas e portuguesas (com destaque para a de Coimbra).

diversidade cultural de Nova York, advinda dos diferentes grupos que migraram para a cidade. “Se Washington é um microcosmo dos Estados Unidos, Nova York é um microcosmo do mundo. Criaturas vindas de outras terras, trazendo na alma sonhos de liberdade e riqueza uniram-se para construir esta sólida e estranha metrópole” (VERÍSSIMO, 1996, p. 170).

Os escritos de Veríssimo e a imagem construída dos Estados Unidos inserem-se em um contexto de intenso debate, ocorrido no século XIX e início do século XX, em diferentes países latino-americanos, sobre as distinções entre a América e a Europa²¹. Nesse debate, a América foi muitas vezes vista como a “terra prometida” da liberdade e da igualdade que se contrapunha a uma Europa injusta e absolutista (SANTOS, 2005). Em outros momentos, era vista como um território de interesses divergentes, que opunham especialmente os Estados Unidos ao restante do continente (FLORES, 2005). O que se sabe, independente das diferentes opiniões tanto sobre a América quanto sobre a Europa, é que o Brasil sofreu interferências diretas das idéias e das transformações sociais ocorridas em ambos os continentes. Nesse sentido, os escritos de Veríssimo também respondiam à expectativa de um público específico que, como dizia o próprio autor, aguardava ansioso por novas notícias do exterior. Foi esse mesmo público que, influenciado pela literatura, pelos filmes de Hollywood, pelos jornais e revistas, pelo rádio e, mais tarde pela televisão, passou cada vez mais não só a viajar por curtos períodos ao exterior, mas também fixar residência e trabalhar em cidades dos Estados Unidos e da Europa²².

Nos anos de 1960 e 1970, essa camada da classe média, juntamente com os membros das antigas elites, com os exilados políticos do Regime Militar e outros brasileiros descendentes e casados com europeus, montaram as bases para que cada vez mais brasileiros ganhassem o mundo. Porém, foi só a partir de meados da década de 1980 que o movimento de migração internacional ganhou os contornos atuais, deixando de estar restrito à classe média e à elite e passando a constituir-se como um movimento composto também por extratos sociais menos favorecidos economicamente.

²¹ - As impressões sobre ambos os continentes estão expressas nos relatos de viagens e escritos do uruguaio José Enrique Rodó, do argentino Domingo Sarmiento e dos brasileiros André Rebouças, Joaquim Nabuco e Oliveira Lima.

²² - Veríssimo ao descrever os Estados Unidos, dialoga o tempo todo com essas influências. Não é por acaso que ele visita a Broadway, Hollywood e outros espaços consagrados por diversos veículos de comunicação.

A década de 1980 e, especialmente, a década de 1990, foram marcadas pelo deslocamento de milhares de trabalhadores brasileiros e de outros países latino-americanos em direção à Europa, ao Japão e, principalmente, aos Estados Unidos.

Aos poucos, a partir de um movimento iniciado em décadas anteriores, foi se formando uma densa rede de emigração que envolveu trabalhadores de diferentes categorias e grupos sociais, dando uma nova dinâmica ao movimento tradicional de povos no continente latino-americano. Isso fez com que, ao invés de um local de chegada de imigrantes, como era até a segunda metade do século XX, a América Latina se tornasse um pólo emissor de força de trabalho para outros continentes. Nesse processo, indígenas equatorianos rumaram à Espanha, mexicanos atravessaram em grande número a fronteira em direção aos Estados Unidos, brasileiros e outros grupos espalharam-se pelo mundo.

As décadas finais do século XX foram um tempo de rápidas mudanças em toda a sociedade, com uma expansão sem precedentes do capital internacional, da maquinaria ou das novas tecnologias e do desemprego estrutural. No campo político, as últimas décadas desse século foram marcadas pela derrocada do socialismo real no Leste Europeu, pelo fim das Ditaduras Militares na América Latina e pelo avanço do Neoliberalismo nos países do chamado terceiro mundo. Nesse último caso, coube especialmente ao Brasil, Argentina e Chile um importante papel como espaços de experimentação das políticas ditadas pelos países ricos através do Fundo Monetário Internacional. Entre os resultados da implantação no Neoliberalismo nestes países estão as privatizações, associadas à política do estado mínimo, o aumento da pobreza e a eliminação de milhares de postos de trabalho. Para os trabalhadores, o final do século XX foi um momento de redefinições de suas estratégias, tanto para enfrentar o desemprego, a urbanização e o êxodo rural acelerados, quanto para organizar novas lutas através de sindicatos, partidos políticos e movimentos sociais.

Sob o ponto de vista teórico esse foi um tempo do acirramento do debate, ainda em andamento, sobre os sentidos do trabalho e o fim da modernidade, das utopias, da história²³. Foi também uma era de ascensão, decadência e revisionismo do pensamento marxista, de avanço das correntes pós-modernas e pós-coloniais e dos estudos sobre identidades, gênero, cultura, etnia, mentalidades, cotidiano, linguagens.

²³ - Autores de diferentes matizes vêm debatendo sobre esse tema, entre eles: Antunes (1996), Mészáros (2002), Fukuyama (1992), Habermas (1991), Anderson (1999), Giddens (1991), Harvey (1992), Eagleton (1996).

O final do século XX, portanto, observado bem de perto, mostra-se como um tempo de mudanças que atingiram todos os setores da sociedade. Mas, qual a profundidade dessas mudanças? A resposta depende de quem as analisa. Para alguns não estaríamos diante de mudanças apenas conjunturais, mas de alterações profundas nas concepções de sujeito e sociedade, enquanto para outros as bases da modernidade e do capitalismo ainda não teriam sido superadas. Nesse debate, faz-se mais do que necessário uma análise a partir de uma perspectiva de “longa duração”, o que nos ajuda a situar historicamente o significado das mudanças ocorridas, entendendo de que maneira elas impactaram o movimento migratório de massa verificado nesse mesmo período. Da mesma forma, uma análise histórica de longa duração permite avançar no entendimento sobre as especificidades das migrações internacionais e do mundo do trabalho do final do século XX e início do século XXI, mostrando suas relações com períodos históricos mais distantes.

1.2 - A IMIGRAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Desde a última década, o tema migrações internacionais tem tido cada vez mais destaque na imprensa brasileira e internacional através de notícias, reportagens especiais, filmes e de telenovelas²⁴. A cada dia novos números e informações são divulgados, mostrando faces até então desconhecidas deste fenômeno.

Parte de um processo global de deslocamentos de povos, as migrações estão hoje na agenda de diferentes governos e organizações internacionais, os quais têm sido cada vez mais impelidos a dar respostas, tanto às populações dos países receptores quanto aos milhões de migrantes em movimento.

Oriundos em sua grande maioria de regiões periféricas, os migrantes internacionais da atualidade pertencem majoritariamente a uma classe de despossuídos economicamente. São milhões de africanos, asiáticos, caribenhos e latinos que cada vez mais “invadem” países que historicamente dominaram política e economicamente suas regiões de origem e contribuíram para o aumento da pobreza na América, na Ásia e na África.

Segundo mostrou o relatório da Organização das Nações Unidas, divulgado em março de 2006, o número de migrantes internacionais em todo o mundo em 2005 era de

²⁴ - A novela América, que foi ao ar pela Rede Globo em 2005, teve como tema central o processo de emigração dos brasileiros e outros latino-americanos para os Estados Unidos.

191 milhões. Destes, seis em cada dez eram provenientes de “países em desenvolvimento” localizados na Ásia (28%), África, América Latina e Caribe e Oceania²⁵. De acordo com a ONU (2006), os principais destinos destes migrantes têm sido a Europa e principalmente a América do Norte.

As forças que impulsionam as migrações internacionais, segundo outro relatório publicado pela Organização Internacional do Trabalho (OIT), são múltiplas e complexas, porém é possível afirmar que a pobreza, as guerras, a fome e a repressão figuram entre as causas mais importantes. Além destes, outros fatores que influenciam os deslocamentos são a pressão demográfica sobre recursos naturais escassos, a desigualdade de salários e o desemprego, as altas taxas de urbanização, a diminuição do custo do transporte e das comunicações e uma interação cada vez mais intensa entre as sociedades, os conflitos civis e a inexistência de direitos humanos, bem como a criação de redes de migração familiar e profissionalizadas.

A predominância de um ou outro tipo de migração depende do momento histórico e de uma série de fatores. Segundo a OIT, muitos países que hoje dificultam cada vez mais a entrada de migrantes em seus territórios, um dia estimularam as migrações através de grandes programas de contratação de mão-de-obra estrangeira. Isto ocorreu, entre outros países, com os Estados Unidos, que entre 1942 e 1966 incentivou a entrada em seu território de cerca de cinco milhões de migrantes mexicanos através do programa *Bracero*. Este programa foi firmado em agosto de 1942 pelos governos do México e Estados Unidos e era, segundo argumento estadunidense, uma “medida de emergência de guerra” (BUSTAMANTE, 2002, p. 25). Os trabalhadores contratados eram em sua grande maioria camponeses de importantes regiões agrícolas mexicanas como Coahuila, Durango e Chihuahua. Os empregos oferecidos visavam atender principalmente uma demanda de força de trabalho dos grandes fazendeiros estadunidenses, os quais se responsabilizariam pelos custos de transporte, alimentação e hospedagem daqueles que estivessem dispostos a atravessar a fronteira. Pelo contrato firmado entre os dois governos, caberia também aos empregadores garantir aos migrantes mexicanos salários, condições de moradia e atendimento de saúde semelhantes aos oferecidos aos trabalhadores nacionais. Da

²⁵ - Os números que serão apresentados ao longo desse capítulo são estimativas, muitas delas bastante imprecisas, e seu uso tem apenas o propósito de indicar a magnitude do movimento migratório e das transformações em curso.

mesma forma, estes ficariam responsáveis pelo repasse de dez por cento dos rendimentos dos contratados ao governo mexicano.

Apesar de aparentemente vantajoso aos trabalhadores mexicanos, o acordo firmado não foi materializado em sua totalidade, pois prevaleceram o poder econômico e os interesses dos grandes latifundiários estadunidenses. Segundo o pesquisador mexicano Jorge Bustamante, na prática, os rendimentos dos trabalhadores migrantes eram bastante inferiores aos dos trabalhadores nacionais e as demais vantagens oferecidas ficaram apenas no papel. Na verdade, tratava-se de uma forma de recrutamento de mão-de-obra barata e bastante produtiva e da continuidade de uma estratégia adotada desde o início do século XX pelos Estados Unidos, que consistia em contratar trabalhadores mexicanos em momentos de crescimento econômico e expatriá-los nos períodos de crise. Conforme mostrou Bustamante (2002), no início do século XX milhares de mexicanos entraram no território estadunidense para substituir a força de trabalho de chineses e japoneses, tendo sido expulsos do país nos anos de 1930 em meio a Grande Depressão Americana.

Além dos Estados Unidos, o incentivo à entrada de emigrantes também ocorreu, nas décadas de 1950 e 1960, em países europeus como França, Alemanha, Bélgica e Países Baixos. Na França, a década de 1950 foi de contratação de trabalhadores do sul da Europa e do Norte da África. Na Alemanha, o programa *Gastarbeiter* estimulou a entrada de 3,6 milhões de trabalhadores entre 1960 e 1966, entre eles espanhóis, portugueses, italianos, turcos, gregos e iugoslavos (OIT, 2004). Os *Gastarbeiter*, ou “trabalhadores convidados”, foram recrutados para trabalhar especialmente em setores como a construção civil e a indústria.

Em todos os casos, as restrições à entrada de emigrantes só começariam a aparecer nos anos de 1970 com a crise do Petróleo, ganhando força nas décadas seguintes. Estas restrições, no entanto, não impediram que muitos migrantes permanecessem vivendo nos Estados Unidos e países europeus e que novos estrangeiros continuassem chegando em grande número em busca de emprego e melhores condições de vida. Utilizando as bases de uma migração estimulada pelos antigos programas de contratação milhões de migrantes cruzaram as fronteiras nacionais para viver como indocumentados nos países mais desenvolvidos economicamente. Apesar dessa realidade, o recrutamento de força de trabalho migrante através de programas de contratação não deixou de ser realizado após os anos 70, mas apenas adotou um novo formato.

Estudo feito por Geronimi (2004) sobre a legislação de diferentes países mostra que a década de 1990 é o momento auge da celebração de acordos bilaterais em todo o mundo. Na América Latina, por exemplo, dos 168 acordos concluídos na segunda metade do século XX, cerca de cinquenta por cento foram celebrados entre 1991 e 2000. Também a partir de 2000, de acordo Geronimi, vem se verificando um novo aumento de acordos como resultado da escassez de mão-de-obra em países que no passado enviavam emigrantes e que hoje se converteram em receptores, como, por exemplo, Itália, Portugal e Espanha. Segundo Geronimi (2004, p. 25), estes acordos bilaterais recentes apresentam uma melhora em sua forma e conteúdo, pois se aproveitaram em alguma medida dos acordos precedentes firmados por outros países e corrigiram erros que provocaram um incremento das migrações indocumentadas. Conforme a OIT (2006), enquanto os antigos programas para trabalhadores imigrantes distribuía os trabalhadores em todo o mercado de trabalho com uma série de normas únicas, os novos programas buscam satisfazer às necessidades de mão-de-obra de setores específicos, como a agricultura, a informática, a área de saúde, entre outros.

Tanto os dados da OIT quanto os da ONU sugerem que os países desenvolvidos são altamente dependentes da força de trabalho migrante. De acordo com relatório da ONU, os impactos das migrações na economia dos países receptores são geralmente positivos e, mesmo que em curto prazo a entrada de estrangeiros possa gerar desemprego entre os não migrantes, a tendência é que em médio e longo prazo as migrações estimulem o crescimento do emprego e dos ganhos fiscais destes países (ONU, 2006). Segundo a OIT, devido às baixas taxas de natalidade e à tendência de envelhecimento das populações dos países desenvolvidos, as migrações serão fundamentais para a manutenção da força de trabalho destes países pelo menos pelos próximos 50 anos. Permanecendo o quadro atual, países como Alemanha, França, Itália e Reino Unido teriam que acolher 1,1 milhão de migrantes ao ano, o que, segundo a OIT (2004), é improvável que possa acontecer.

Apesar da realidade descrita acima, tem se tornado cada vez mais freqüente, em diferentes países, manifestações de líderes políticos e da sociedade civil contra a presença de populações imigrantes, sob a alegação de que estas são responsáveis pelo aumento do desemprego e da violência. Na Europa, esse argumento tem sido usado nos últimos anos especialmente por partidos de extrema direita e grupos neonazistas em países como França e Alemanha.

Na França, o principal alvo são os magrebinos que, desde os anos 1950, lotam as periferias das maiores cidades deste país. Conforme mostrou Sayad (1998), trata-se de uma “imigração de colonizados”, ou seja, grupos que em sua maioria são provenientes de ex-colônias francesas como Marrocos e Argélia, os quais ao migrar para a França levam consigo a forte religiosidade muçulmana e todas as tradições das pequenas aldeias onde viviam.

Na Alemanha as conseqüências de atitudes racistas e xenofóbicas são sentidas especialmente pelos mais de dois milhões de turcos, os quais vivem em bairros isolados nas maiores cidades. Neste país os principais ataques aos turcos são patrocinados por grupos de jovens *Skinheads* que reivindicam uma Alemanha pura e livre de imigrantes.



Charge sobre a presença imigrante na Espanha na atualidade²⁶
Fonte: Mural da ONG *Antequera Acoge* – 2008

As preocupações com os impactos da presença de imigrantes em território nacional têm motivado a criação de novas leis e a alteração das leis já existentes,

²⁶ - Na parte superior da imagem aparece o seguinte texto: “Se roga à população imigrante que volte a seus lugares de origem até que se lhes necessite de novo” (tradução nossa).

especialmente, por parte dos governos dos países mais desenvolvidos. Consultando a legislação dos principais países que atualmente são receptores de imigrantes percebe-se que as mudanças ocorreram à medida que houve um aumento do fluxo migratório. Das leis para estrangeiros do período posterior à Segunda Guerra Mundial, as primeiras são do final dos anos 1940, com incremento nos anos 1970 e 1980 e, principalmente, na década de 1990. Esta última década foi a que produziu e alterou o maior número de documentos relativos à presença estrangeira em todo o mundo²⁷.

As alterações feitas visaram à adaptação à realidade migratória e às mudanças no mundo do trabalho em cada país e, ao mesmo tempo, atender as recomendações de organizações como a OIT, que, desde sua criação, em 1919, vem orientando os governos sobre a necessidade de se garantir os direitos mínimos aos trabalhadores estrangeiros.

Das recomendações feitas pela OIT até os anos 1950 uma das mais completas e que passou a ser adotada por muitos países foi a de número 86, de 1949, que tratava, entre outros assuntos, sobre os significados de termos comuns a serem utilizados²⁸ e sobre as condições de vida e de trabalho para trabalhadores permanentes e temporários de cada país. Segundo esta recomendação, os governos dos países membros da Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho, realizada em junho de 1949, deveriam ter como norma o desenvolvimento e o uso de todas as possibilidades de emprego e deveriam “facilitar a distribuição internacional de mão-de-obra”, apoiando o movimento de saída de trabalhadores de países com excedente de força de trabalho para os países que possuíssem déficit (CONFERENCIA INTERNACIONAL DEL TRABAJO, 1949, p. 02, tradução nossa). Às autoridades destes países também caberia a responsabilidade de aconselhar aos migrantes e suas famílias, em seus idiomas ou dialetos, ou, ao menos, em um idioma que pudessem compreender, sobre as questões referentes à emigração, imigração, condições de trabalho e de vida, “compreendidas as condições de higiene no lugar de destino, regresso ao país de origem ou de emigração e, de uma maneira geral, acerca de qualquer outra questão que possa interessar-lhes em sua qualidade de migrantes” (Ibid., p. 04).

²⁷ - As informações sobre a legislação dos países receptores têm como referência *Migrant Workers* (1999, Appendix E).

²⁸ - Para a expressão “trabalhador migrante”, por exemplo, a OIT atribuiu o seguinte significado: “[...] “trabalhador migrante” significa toda pessoa que emigra de um país ao outro para ocupar um emprego que não haverá de exercer por sua própria conta, e inclui qualquer pessoa normalmente admitida como trabalhador migrante.”

Ao mesmo tempo em que tratavam dos direitos mínimos que deveriam ser assegurados aos imigrantes recrutados, estas recomendações também deixavam transparecer a grande vulnerabilidade destes trabalhadores. Na recomendação de 1955, por exemplo, argumentando que os migrantes tinham o “direito de repatriação”, a OIT informava que, mesmo tendo sido recrutados legalmente, muitos trabalhadores migrantes poderiam ser repatriados caso tivessem se tornado incapacitados para o trabalho devido a alguma enfermidade ou acidente sofrido durante a viagem ou caso fossem declarados inaptos para o trabalho por um médico do país de destino. Outros dois motivos de repatriação também poderiam ser a expiração do tempo de serviço estipulado no contrato de trabalho e a impossibilidade do empregador cumprir este contrato (CONFERENCIA INTERNACIONAL DEL TRABAJO, 1955, p. 3-4).

Estas recomendações tinham, portanto, um caráter ambíguo, pois, ao mesmo tempo em que expressavam preocupação com a vida dos trabalhadores migrantes e seus familiares, também demonstravam certa conivência com práticas que favoreciam principalmente aos recrutadores. Apesar disso, elas foram fundamentais para regular minimamente as relações de trabalho em diferentes países, tanto no auge de grandes programas de contratação, quanto nas décadas seguintes. Após 1949 e 1955, novas orientações sobre os trabalhadores migrantes foram feitas pela OIT em 1975 e 1990.

Toda esta legislação e documentação produzida nas últimas décadas é uma mostra da importância que o tema migrações internacionais ganhou especialmente após a segunda metade do século XX em todo o mundo.

1.3 - O BRASIL E O CONTEXTO LATINO-AMERICANO E CARIBENHO

A exemplo do que vem ocorrendo em outras regiões do mundo, o processo de deslocamento populacional tem sido intenso nas últimas décadas na América Latina e Caribe.

Precedido por migrações internas entre cidades e pelo êxodo rural acelerado, o movimento de emigração neste continente deu continuidade a um processo mais amplo de mobilidade populacional. Este processo, por sua vez, foi influenciado, entre outros fatores, pela emergência da sociedade industrial, com a adoção lenta e gradual da lógica capitalista em todo o continente especialmente a partir de 1930, e pela chamada reestruturação produtiva, ocorrida principalmente nos maiores países no final da década

de 1980 e ao longo de toda a década de 1990. O resultado disso foi o esvaziamento de pequenas vilas e cidades, o nascimento de grandes metrópoles como São Paulo, Buenos Aires e Cidade do México e o aumento da pobreza em todo o continente. É neste contexto, portanto, que devem ser entendidas as migrações internacionais na América Latina e Caribe.

Segundo a CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e Caribe, mais de 25 milhões de pessoas deixaram esta região até 2005, sendo o México, a comunidade do Caribe e a Colômbia os locais com a maior quantidade de migrantes no exterior. Além destes locais, existe uma emigração intensa também em outros países como Brasil, Argentina, Cuba, El Salvador, Guatemala, Haiti, Peru e República Dominicana (CENTRO DE NOTÍCIAS DA ONU, 12/04/2006).

De acordo com a CEPAL, em vários países do Caribe mais de vinte por cento da população se encontra no exterior. O principal destino dos caribenhos e latino-americanos é os Estados Unidos, onde, até 2004, viviam cerca de 18 milhões de imigrantes provenientes desta região, cerca de metade deles indocumentados. Outros destinos são o Japão, o Canadá e a Europa, em particular a Espanha.

Este processo de emigrações tem, segundo a CEPAL, conseqüências diversas para as populações da América Latina e Caribe. Entre as principais estão a perda de força de trabalho qualificada e o aumento das remessas externas feitas por aqueles que saíram, o que em muitos países como Guatemala e El Salvador representa mais de 20% do PIB nacional (Ibid.).

O que vem ocorrendo na atualidade em toda a América Latina e Caribe é um fenômeno inverso à lógica até então estabelecida, ou seja, a entrada de imigrantes oriundos especialmente de países da Europa.

No caso específico do Brasil, esta entrada ocorreu ao longo de mais de 400 anos de história de ocupação do território nacional, tendo se ampliado entre os séculos XIX e XX com a chegada de grandes grupos de portugueses, italianos, espanhóis, japoneses, alemães, entre outros. Estes imigrantes vinham em busca de novas terras e de trabalho e dispostos a “Fazer a América”. Para tal, haviam deixado para trás em suas regiões de origem não apenas amigos e parentes, mas também o desemprego, a miséria, a convulsão social e estruturas produtivas em transformação.

Dos diferentes grupos que vieram para o Brasil, os portugueses, os italianos e os espanhóis foram os mais numerosos. No caso dos portugueses, a entrada no território nacional já ocorria desde os séculos XVI e XVII, mas tornou-se realmente significativa

na primeira metade do século XX. Grande parte desses portugueses era empobrecida e vinha de regiões de forte tradição emigratória, conforme mostrarei no segundo capítulo deste trabalho.

Situação semelhante a dos portugueses ocorreu com os italianos, o segundo grupo mais numeroso de imigrantes a entrar no Brasil. Segundo Angela de Castro Gomes, como os demais imigrantes, os italianos também deixaram seu país basicamente por motivos econômicos e sócio-culturais. Conforme ela, a emigração, muito praticada na Europa, era uma maneira de aliviar os países de pressões sócio-econômicas, além de alimentá-los com um fluxo de renda vindo do exterior, em nada desprezível, pois era comum que imigrantes enviassem suas economias para os parentes que haviam ficado. Para os que emigravam, “tratava-se primeiramente de sobreviver e, não menos importante, sonhar com a chance de enriquecer e até possuir um pedaço de terra, quem sabe voltando à aldeia natal como um vitorioso que soube resgatar a dignidade e honra de toda a família” (GOMES, 2000, p. 164). Na opinião de Castro Gomes, no caso dos italianos, o fenômeno da imigração se caracterizou por um fluxo de retornos muito considerável. “Sempre houve casos de imigrantes que viajavam mais de uma vez para o Brasil e casos de imigrantes que, por serem bem ou malsucedidos, decidiram voltar a viver na Itália” (Ibid.). De acordo com ela, a saída dos italianos ocorreu depois de um longo período de lutas para a unificação do país, que fez com que sua população, particularmente a rural e mais pobre, tivesse dificuldade de sobreviver, seja nas pequenas propriedades que possuía ou onde simplesmente trabalhava, seja nas cidades, para onde se deslocava em busca de trabalho. Nessas condições, segundo Castro Gomes, a emigração era não só estimulada pelo governo, como também uma solução de sobrevivência para as famílias. Foi assim que cerca de sete milhões de italianos colocaram-se em marcha entre 1860 e 1920. Desse total, cerca de 1,4 milhões vieram para o Brasil (Ibid.).

Já os espanhóis, terceiro grupo mais numeroso de imigrantes a chegar ao Brasil, até o início do século XX viviam majoritariamente no campo e, a partir de então, passaram a buscar cada vez mais a sobrevivência nos centros urbanos do próprio país na expectativa de emprego na indústria ou no comércio. Mas, conforme mostraram Guimarães e Vainfas (2000), a “via crucis” ainda não estava completa. “Analfabetos, na sua grande maioria, carentes de qualificação para o trabalho fabril, a cidade os rejeitava. O passo seguinte consistia em tomar o caminho do porto mais próximo e tentar o embarque no primeiro ‘buque’ que zarpasse em direção ao Novo Mundo”

(GUIMARÃES e VAINFAS, 2000, p. 112). “Fazer a América”, no caso dos espanhóis, significava a perspectiva de acesso à propriedade da terra, às oportunidades de trabalho e à fortuna fácil. Segundo os dois autores, as agências de emigração cumpriam o papel de alimentar esses sonhos, valendo-se muitas vezes de propagandas enganosas e falsas promessas. “Circulavam notícias em Madrid, de que um desses estabelecimentos arregimentavam mão-de-obra com destino ao Brasil oferecendo passagem gratuita, vinte libras esterlinas por pessoa e terrenos para a fundação de colônias” (Ibid.). Além das propagandas, umas das formas de chamada muito utilizadas e bastante eficazes eram as cartas de parentes e conhecidos, as quais mostravam-se muito mais confiáveis à espanhóis e outros imigrantes²⁹. No Brasil, os cerca de 700 mil espanhóis, galegos em sua maioria, que entraram no país entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, habitaram cidades como Santos, Salvador e Rio de Janeiro. A presença espanhola no Brasil será tratada com mais detalhes no quarto capítulo desta tese.

A trajetória de imigração espanhola, italiana e portuguesa mostra como as transformações econômicas e sociais de cada país interferiram na difícil decisão da partida de trabalhadores urbanos e rurais e fizeram com que milhões de homens e mulheres se colocassem em marcha rumo a América especialmente a partir da segunda metade do século XIX.

Hobsbawm, escrevendo em 1977, refere-se às migrações desse período como a “maior migração dos povos na História” (HOBSBAWM, 1977, p. 207). Entre 1846 e 1875, de acordo com ele, uma quantidade superior a nove milhões de pessoas deixou a Europa, seguindo principalmente para os Estados Unidos. Na década de 1880, entre 700 e 800 mil europeus emigraram em média a cada ano e nos anos posteriores a 1900 estes números oscilaram entre um e 1,4 milhão (Ibid., p. 208).

Assim como os migrantes da atualidade, a maioria daqueles que deixavam a Europa no final do século XIX e início do século XX sonhava, segundo Hobsbawm (1977, p. 214), em fazer fortuna no exterior e depois voltar para casa “ricos e respeitados”. Porém, a exemplo de hoje, nem todos que migravam desejavam ou tinham a possibilidade de voltar posteriormente às suas regiões de origem.

²⁹ - Conforme mostrou Machado (1999, p. 56), no final do século XIX, os camponeses do norte da Itália que se dirigiam ao Brasil não acreditavam no “pessoal da cidade” e costumavam dar mais importância às cartas de parentes e vizinhos que já estavam na América. Para Machado, os emigrantes que saíam da Europa no final do século XIX e início do século XX em geral sabiam o que lhes aguardava no Novo Mundo. Ou seja, calculavam previamente as vantagens e desvantagens da partida.

Dos imigrantes que saíram da Europa e outras regiões do Velho Mundo, cerca de cinco milhões vieram para o Brasil, muitos destes se estabelecendo em núcleos coloniais em estados como Santa Catarina e Rio Grande do Sul e principalmente nos estados como São Paulo e Rio de Janeiro (SEYFERTH, 1990, p. 11). Muitos dos que hoje deixam estes estados e o Brasil em direção a Europa ou seguindo para a Ásia e a América do Norte são descendentes destes imigrantes.

É importante destacar, no entanto, que a maior parte dos novos imigrantes já não viaja mais em navios lotados de compatriotas, mas sim utiliza modernos aviões que permitem chegar aos locais de destino em poucas horas de vôo. Conforme mostrou Martes (1999, p. 21-22), suas cartas não demoram mais meses até chegar às pequenas vilas de onde eles partiram e o contato com parentes e amigos de sua terra natal já pode ser estabelecido através de um telefonema, feito pouco tempo depois do desembarque.

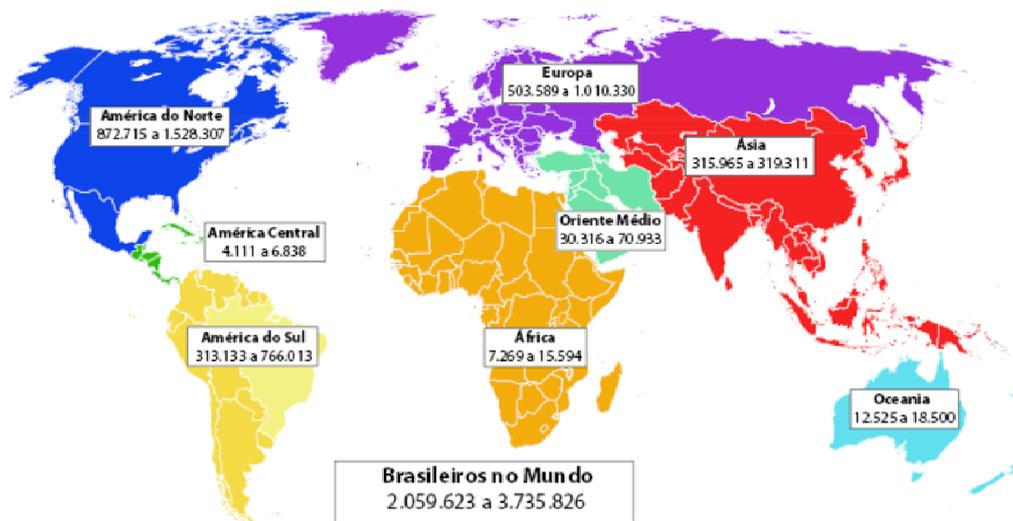
Por outro lado, apesar do encurtamento das distâncias geográficas e das facilidades de comunicação, os novos imigrantes não necessariamente enfrentam menos dificuldades do que seus antepassados. Agora, mais do que as dificuldades devido às distâncias geográficas, dois dos maiores problemas são a clandestinidade e as duras condições de trabalho.

Sujeitos a jornadas que passam das 15 horas diárias em subempregos ou “profissões silenciosas”³⁰, a realidade de trabalho dos novos imigrantes permite muitos paralelos com a vida dos trabalhadores do final do século XIX. Para manterem-se e economizar dinheiro, muitos se submetem a mais de um emprego e a trabalhos extras nos finais de semana. Em geral, os imigrantes atuais realizam tarefas distintas daquelas que faziam em seus países de origem e isso independe do grau de escolaridade que possuem. Assim, advogados lavam pratos, engenheiros entregam pizza, assistentes sociais fazem faxina, dentistas viram dançarinas (MEIHY, 2004).

O total de brasileiros vivendo fora do país na atualidade é algo ainda bastante incerto de acordo com os autores que estudam o fenômeno emigratório e o Ministério de Relações Exteriores do Brasil. Segundo dados publicados em 2008 pelo Itamaraty, os números de brasileiros espalhados pelo mundo variam entre 2.059.623 e 3.735.826. A estimativa com base nas informações repassadas pelos postos consulares aponta para um total de 3.044.762. Desse total, um milhão duzentos e quarenta mil estariam nos

³⁰ - Este termo foi originalmente utilizado por Bom Meihy (2004) para designar os trabalhadores imigrantes nos Estados Unidos que se submetem a trabalhos clandestinos que não exigem o domínio da língua inglesa.

Estados Unidos, 487 mil no Paraguai, 310 mil no Japão, 150 mil no Reino Unido, 147 mil em Portugal³¹, 132 mil na Itália, 110 mil na Espanha³² e cerca de 500 mil nos demais países (MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES, 2008). O mapa a seguir, elaborado pelo Itamaraty, mostra a distribuição internacional dos brasileiros.



Fonte: <http://www.abe.mre.gov.br/avisos/brasileiros-no-mundo>

Que fatores contribuíram para a configuração do mapa acima? Quais as especificidades da emigração de brasileiros para a Europa a partir do final do século XX? Estas e outras questões serão abordadas nos próximos capítulos a partir das histórias de vida e do trabalho de campo realizado em Portugal e na Espanha.

³¹ - Este número está bem acima do informado pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal (SEF), que estimava existir nesse país, em 2007, um total de 66.354 brasileiros (SEF, 2007).

³² - Esses dados são bem próximos aos informados pelo Instituto Nacional de Estatística da Espanha. Segundo o INE, havia, em 2008, 114.022 brasileiros nesse país (INE, 2008)

CAPÍTULO 2

A LONGA HISTÓRIA DE MIGRAÇÕES ENTRE BRASIL E PORTUGAL

Até meados de 1980, o número de brasileiros em Portugal ainda era muito reduzido, apesar da presença brasileira nesse país ser bastante antiga. Porém, a partir do final dessa década, milhares de brasileiros escolhem Portugal como destino e iniciam sua marcha rumo à antiga metrópole.

Quem são os brasileiros que escolheram Portugal a partir desse período? Em que se diferenciam daqueles que chegaram antes deles? Quais as relações entre as migrações de brasileiros para Portugal e as migrações de portugueses para o Brasil? Essas são algumas perguntas que busco responder neste capítulo.

A análise aqui apresentada é o resultado das leituras e informações recolhidas no Brasil e, principalmente, das pesquisas de campo realizadas em Portugal, entre agosto e dezembro de 2007. O trabalho concentrou-se em três cidades portuguesas: Coimbra, Lisboa e Costa da Caparica. Na primeira, foi priorizado o levantamento de bibliografias e fontes documentais escritas, enquanto nas duas últimas esse levantamento foi acrescentado de entrevistas com brasileiros e portugueses.

O presente capítulo está dividido em dois grandes blocos. O primeiro trata dos portugueses no Brasil e o segundo aborda a presença brasileira em Portugal entre o final do século XIX e o início do século XXI. Cada bloco está dividido em subtemas que aprofundam os dois temas principais. Ao longo de todo o capítulo, recorri a diversas fontes, em especial entrevistas gravadas com brasileiros e portugueses, e a várias notícias extraídas de jornais portugueses e brasileiros.

O objetivo principal do capítulo é mostrar a migração brasileira em Portugal como parte de um processo maior, de longa duração, com vínculos profundos com outros processos migratórios e com outros acontecimentos do passado e do presente. Já os objetivos específicos são: a) historicizar os fluxos migratórios de portugueses ao Brasil e brasileiros a Portugal; b) mostrar a construção de Portugal como um destino atrativo para milhares de brasileiros a partir de meados da década de 1980; e c) analisar o processo de profissionalização da imigração brasileira e a chegada de “novos brasileiros” em Portugal ao longo da década de 1990.

As informações e análises aqui presentes serão complementadas pelo estudo de caso, apresentado no capítulo seguinte, feito com brasileiros residentes na cidade da Costa da Caparica, região metropolitana de Lisboa.

2.1 - IMIGRANTES PORTUGUESES NO BRASIL

No princípio eram alguns homens que circulavam. Marinheiros que criaram afectos e interesses lá, onde a madeira ganhava tons mais quentes e a palavra Brasil se tornou nome da terra. Depois a prática de uns poucos tornou-se padrão de comportamento e o Brasil passou a inscrever-se como destino na formação social do Noroeste português. O florescer do ouro nas Minas e o desenvolvimento do comércio no litoral brasileiro incentivaram à partida e milhares de portugueses saíam anualmente a tactear a sorte, animando um importante tráfego veleiro. O fim da colonização e a independência do Brasil mudaram as condições institucionais, mas os trilhos estavam sulcados e a transferência de pessoas não só manteve as tendências anteriores como ganhou incremento e tomou novos cambiantes. Os colonos tornaram-se emigrantes (ALVES, 2000, p. 297).

É difícil escrever e falar sobre a presença brasileira em Portugal sem revisitarmos a história de mais de quinhentos anos de deslocamentos e relações estabelecidas entre Brasil e Portugal. Queiramos ou não, estamos marcados pelo colonialismo, pela escravidão, pelos massacres de povos indígenas, pela presença da Corte portuguesa no Brasil, por conflitos e hibridismos culturais.

Reavivamos a história desses quinhentos anos a todo o instante, seja por meio das referências feitas por uma memória oficial, explicitadas em datas comemorativas e monumentos históricos, ou por intermédio das relações cotidianas que mantemos. É uma memória pertencente a um campo de conflitos, de interesses divergentes, cuja retomada pode ocorrer para legitimar ou deslegitimar determinados discursos e ações do presente e do passado.

Durante mais de quatro séculos, milhares de portugueses espalharam-se pelo mundo, descobriram e conquistaram novas terras, dando mostras de serem um “povo intensamente ulissiano”, como afirmou Freyre (1953). Das diferentes experiências portuguesas na Ásia, na África e na América, uma das mais marcantes foi provavelmente a vivida em terras brasileiras, aonde chegaram, em 1500, liderados por Pedro Álvares Cabral, para tomar posse do território recém-descoberto. Desde então,

diversas gerações se sucederam na travessia do Atlântico em busca das riquezas e das oportunidades do “Novo Mundo”.

A saída das cidades e das pequenas aldeias portuguesas, em direção à “nova terra desejada”, conforme escreveu Camões, em *Os Lusíadas*, já ocorria desde o século XVI e pode ser observada por meio de documentos como os *Rois dos Confessados e Comungados*, que serviam para o controle dos sacramentos da Igreja Católica e, ao mesmo tempo, registravam os “ausentes” em cada localidade. Grande parte dos que partiram para o Brasil desde então eram provenientes do Norte de Portugal, região onde, segundo Alves (2000), ocorreu uma partida massiva de trabalhadores rurais especialmente a partir do século XVII. Nessa região, estruturou-se uma “cultura de emigração” que estabeleceu redes de apoio e de trabalho. Através dessas redes, os emigrantes já instalados “recebiam e orientavam conterrâneos que lhes eram recomendados por cartas de parentes, conhecidos e correspondentes comerciais” (ALVES, 2000, p. 297). No Porto Oitocentista, por exemplo, era prática comum os pais enviarem para o Brasil, em especial para o comércio no Rio de Janeiro, jovens com idade entre 13 e 14 anos, os quais, além de fugir do serviço militar, que à época era de seis anos, também tinham a tarefa de reunir economias para futuros investimentos em Portugal.

De acordo com Alves (2000), toda essa mobilidade e ampliação de redes foi facilitada e incentivada, a partir do século XIX, por diferentes fatores, tais como o processo de urbanização do Brasil, as profundas alterações técnicas, em relação às comunicações (navegação, correios, telégrafos e, principalmente, a imprensa), as sucessivas crises agrícolas e a crescente monetarização da economia, tornando os ganhos da emigração mais significativos.

Os números sobre a presença portuguesa no Brasil são bastante imprecisos. No entanto, há estimativas de que entre os séculos XVI e XVII tenham migrado para nosso país cerca de 100 mil portugueses. No século seguinte, com o início da corrida do ouro em Minas Gerais, esse número aumentou para 600 mil (VENÂNCIO, 2000, p. 65-66). Segundo Fausto (1995) a corrida do ouro provocou em Portugal a primeira grande corrente de emigração ao Brasil durante os primeiros sessenta anos do século XVIII, com uma média anual de entradas de oito a dez mil indivíduos. Conforme Fausto (1995, p. 55), “era gente da mais variada condição, desde pequenos proprietários, religiosos ou comerciantes, até prostitutas e aventureiros”. Apesar dessa importante presença de imigrantes portugueses durante o século XVIII, o ápice do fluxo migratório ocorreu na

primeira metade do século XX, entre 1901 e 1930, com a entrada de mais de 750 mil portugueses, fazendo com que a média anual ultrapassasse a barreira dos 25 mil imigrantes (VENÂNCIO, 2000, p. 66).

Segundo Venâncio (2000, p.68-72), a origem sócio-econômica dos imigrantes portugueses é muito diversificada. Nos dois primeiros séculos de colonização predominou um processo migratório de “caráter *restrito*” com destaque para uma importante presença de portugueses degredados e de grupos de cristãos-novos e ciganos. Entre os séculos XVIII e o final do século XIX, fase identificada por Venâncio como de *transição*, com o recuo do império português na Ásia e o “surto minerador” no Brasil, predominaram indivíduos originários de camadas intermediárias ou superiores, os quais formavam a elite colonial brasileira. Já a partir de meados do século XIX o que ocorreu foi uma “imigração de *massa*”. Nesse último período, as mulheres passaram a representar parcelas cada vez maiores dos grupos de emigrantes, e as crianças menores de 14 anos, pobres, órfãs ou abandonadas, chegaram a representar 20% do total de emigrados. Para Venâncio (2000, p. 72), entre os fatores que contribuíram para essa mudança de perfil dos imigrantes estão o aumento expressivo da população portuguesa e a mecanização de algumas atividades agrícolas, conseqüência de um “processo de modernização capitalista” que ganhou força, em Portugal, a partir de 1850, produzindo um excedente de trabalhadores no campo e que, diferente do que ocorreu em vários países, não foram absorvidos no meio urbano. Nesse mesmo período, há, em Portugal, a restrição ao livre uso dos pastos e terrenos baldios e são abolidos os últimos vestígios de direitos camponeses herdados da época feudal. Todos esses fatores, segundo o autor, levaram a uma progressiva diminuição dos padrões de vida dos pequenos proprietários rurais, fazendo com que esses engrossassem as fileiras dos candidatos à emigração não apenas para o Brasil, mas também rumo a outros países.

2.1.1 - Os “brasileiros” de torna-viagem

A literatura portuguesa é repleta de histórias e aventuras de portugueses no Brasil e outras tratando dos chamados *torna-viagens* ou *brasileiros*, os quais depois de alguns anos no Novo Mundo retornavam às suas comunidades, compravam terras, construía casas e tentavam reintegrarem-se. Muitos “brasileiros”, no entanto, voltavam tão ou mais pobres do que saíram ou nunca mais voltavam.

De acordo com Machado (2005), a construção da imagem desses “brasileiros” foi realizada por diferentes autores como Camilo Castelo Branco, Julio Dinis e Eça de Queirós, os quais, desde o século XIX, enfatizavam principalmente a imagem do regressado rico, mas também muito estúpido, ganancioso, usurário e faminto por comendas de nobilização.

Um dos livros nos quais aparece a imagem acima é o romance *Eusébio Macário*, escrito por Camilo Castelo Branco, em 1879. Nele, o autor mostra a expectativa e os preparativos em uma pequena comunidade na região do Minho, Norte de Portugal, para o retorno de mais um “brasileiro rico”. Recebido com muita festa, esse “brasileiro” voltava à sua aldeia como um grande triunfador e, vestido com sua longa casaca, tentava, com muita dificuldade, demonstrar sua nova condição social.

Havia povo à entrada da aldeia, na expectativa do brasileiro rico: mulheres com mãos cruzadas sobre as barrigas, numa imobilidade pascária; rapazitos em fralda suja e esfarrapada de tomentos, coçando as pernas picadas pelas moscas, e repuxando as saias das mães, a pedirem pão com esgares lamuriantes, de uma fealdade específica da raça humana e dos pequenos garotos das aldeias; homens que vinham das malhadas sentavam-se no cruzeiro, com as calças brancas arregaçadas até à coxa, e esfregavam com delícia as pernas cabeludas, mordidas pela pojeira do palhiço e dos eirados, pondo os joelhos escarpados ao pé da boca. O criado do abade, um torto que limpava a égua e ia buscar a carne ao Arco, estava no adro e, logo que avistou na revolta do caminho a ama, atirou ao ar seis bombas reais e, enfiando pela escada da torre, começou a repicar dois sinos a um tempo, com a veemência febril de quem toca a fogo. O José Macário que estava à porta da botica, e mais um grupo de trolhas que trazia na casa, fizeram subir dúzias de foguetes de três respostas, enquanto um dos trolhas disparava doze morteiros que retumbavam nos ecos da corda de serras, com fragor alegre. Povo corria de todos os quinchosos: rapazolas, com chapéus nas mãos e as caras no ar, dando pulos por sobre as sebes, apartavam as canas dos foguetes e espojavam-se a disputá-las com grandes gritos e sopapos. Havia o contágio da alegria, a exultação bruta que dá a electricidade do fino e do foguete. Malhadores atiravam os chapéus ao ar, e berravam *eh! eh!*, uns monossílabos selvagens com que saúdam os forasteiros e afoutam os bois derreados nas ladeiras escorregadias. Cães de uma magreza esquelética uivavam, quando o foguete rechinava subindo; outros, com as caudas retraídas, aflitos, saltavam paredes, guinchando latidos de pavor. A égua em que montava o brasileiro, abacial, pacífica, resfolgava, curveteava, ladeava, fazia programas de coices. Ele abria muito as pernas e agarrava-se às crinas, dizendo *xó, xó, não mi dèrrubeis!* Felícia tinha

medo que o irmão caísse, pinchou já jumenta e agarrou com destreza e força a égua, pelas cambas do freio. Macário, que levava as abas da casaca apanhadas e atadas sobre o estômago, para se não mancharem do suor das ancas da besta, apeou sem as desatar. O povo, o grande animal expansivo, que ri às vezes com fino sentimento do burlesco, dava na barriga palmadas de uma exultação hílare e bruta.

- Olha o rabo da casaca voltado pra diante, ó Maria Ruiva! – O diabo do homem parece um entrudo! – É que traz a barriga do envés! – E o Ferramenta: - Ó Zé das Poldras, olha o brasileiro como é gordo! Se eu pilhava assim um porco! - E o Matula, um veterano sem nariz: - A égua anda para trás. Que lhe passe o freio pró rabo, que ela anda pra diante. – E outras chulices corriqueiras, minhotas. Os malhadores batiam nos joelhos com as mãos encodeadas muito abertas, *às upas*, num regozijo de vinho folião (CASTELO BRANCO Apud CABRAL, 1985, p. 416).

Outro autor que retratou o regresso de “brasileiros” foi Ferreira de Castro, no livro *Emigrantes*, mostrando um outro lado – o retorno triunfante muitas vezes permanecia apenas em sonho para muitos emigrantes.

Havia sonhado um regresso de triunfador: dinheiro para a esquerda, dinheiro para a direita, mancheia de tostões atirada ao rapazio sôfrego, que se encabritaria no pó da estrada para agarrar as moedas; uma ajuda ao senhor abade, que sempre tinha gastos a fazer na igreja; a compra das terras do Esteves, bons fatos (ternos), bons chapéus e uma casa nova, uma casa nova de dois andares, na encosta dos Salgueiros. Agora, porém, só via a cara desdenhosa dos seus conterrâneos, que respeitavam os homens, sobretudo, pelos seus haveres e não compreendiam facilmente que se regressasse do Brasil sem riqueza (CASTRO, Apud CABRAL, 1985, p. 302).

Retornar do Brasil sem riquezas representava, para esses “brasileiros”, reconhecerem-se como fracassados diante da comunidade da qual partiram. Por isso, como mostrou Alves (1993), era comum que muitos não voltassem para os locais de onde saíram, evitando familiares e conhecidos, na medida do possível. Até porque a própria comunidade distinguia os “brasileiros”, que conseguiram provar sua capacidade individual tornando-se “novos ricos”, e os “abrasileirados”, que após pouco tempo no Brasil retornavam sem grande sucesso econômico.

A memória colectiva conserva ainda algumas das maroteiras que os rapazes das aldeias protagonizavam sobre os seus jovens conterrâneos que voltavam de bolsos vazios, mas vestidos com o exótico fato branco, incompatível com os hábitos do campo.

Autênticos rituais de humilhação a filtrarem a reintegração, que passavam pelo enodoar da brancura da roupa pelos processos mais cruéis (Alves, 1993, p. 306).

Todo esse universo de inadaptação e de rejeição social e familiar vincula-se muito fortemente com a imagem construída social e historicamente do Brasil como um território de riquezas, de abundância e de prosperidade. Para Machado (2005, p. 01), tratava-se, para muitos, de uma visão do Brasil como a “árvore das patacas”, “lugar de infinita riqueza e potencialidades alvoroçantes. Imagem de um país selvagem, tão bruto quanto os *torna-viagens*, mas, de certa forma, o paraíso da ascensão social”. Esse universo mítico era reforçado pela figura do “brasileiro” *torna-viagem* e funcionava principalmente aos mais jovens como o grande incentivador da emigração em direção às terras brasileiras, conforme percebe-se no trecho abaixo, escrito por Augusto Ribeiro, em 1881.

Aos novos atrae-os o Brazil, o brasileiro que voltou rico, que comprou as terras do morgado, que dá dinheiro a juro, que faz uma festa ruidosa, com grandes esmolas aos pobres e luttos jantares aos ricos, desperta-lhes a ambição e não descançam sem ir também para o Brazil (RIBEIRO, Apud ALVES, 1993, p. 188).

Essa imagem mítica de uma terra de riquezas, o “El Dorado”, esteve, desde o século XV, associada a todo o Novo Mundo e mobilizou milhares de pessoas de áreas urbanas e rurais não só de Portugal, mas de diversos países europeus. No caso português, envolveu gente de todas as classes sociais, especialmente do Norte e do arquipélago dos Açores e da Madeira, num movimento de partidas e de chegadas constantes que tornaram-se prática cotidiana nessas e outras localidades. Foram migrações que, assim como as migrações contemporâneas, estiveram envoltas por projetos familiares e individuais, busca de melhores condições de vida, clandestinidade, frustrações, envio de remessas aos que ficaram e fragmentação de inúmeras famílias.

Apesar do insucesso de grande parte dos que emigravam, permanecia, até meados do século XX, em Portugal, a perspectiva da América como uma terra de oportunidades e de futuro, como mostra uma propaganda da empresa aérea *Panair do Brasil*, publicada no jornal *Diário de Lisboa*, em novembro de 1953: “*Vai à América do Sul?* – Faça da Panair do Brasil o seu caminho para a ‘Terra do Futuro’... a América do Sul!” (DIÁRIO DE LISBOA, 1953, p. 02).

2.1.2 - Portugal nos anos 1960 e 1970 – rumo à Europa

O grande fluxo de portugueses, em direção ao Brasil, ocorreu até a década de 1950. Depois desse período, a emigração portuguesa foi redirecionada para países europeus como França, Luxemburgo e Alemanha (SANTOS, 2004). Essa emigração aumentou especialmente após a Segunda Guerra Mundial, quando cada vez mais portugueses foram requisitados a ajudar na reconstrução de países vizinhos, aliviando os efeitos da escassez de força de trabalho nesses locais.

A partir dos anos 1960, o governo português estabeleceu acordos bilaterais com a Holanda em 1960 e a França em 1963, o que acabou servindo de estímulo para novas migrações. Este movimento de saída se manteve com força até o final da década de 1970, quando iniciou uma diminuição do fluxo de emigração e Portugal passou a receber cada vez mais emigrantes, especialmente aqueles vindos das ex-colônias da África.

Nos anos 1960 e 1970, Portugal, apesar de toda sua história de dominação e conquistas na Ásia, na América e na África, ainda era um país no qual havia muitos empobrecidos vivendo no campo e na cidade. Nesse período, os jornais portugueses falavam de comboios (trens) que iam e vinham lotados de emigrantes. Eram muitos os que partiam beneficiados pelas melhorias nos transportes e pela construção de novas estradas de ferro, interligando cada vez mais a Europa, voltando de tempos em tempos para rever familiares. Isso era mais comum no período das festas de final de ano, quando aumentava a circulação de camionetas e automóveis com emigrantes. Inclusive, trens extras tinham que ser colocados em circulação para atender a grande demanda daqueles que estavam trabalhando em países como França, Alemanha e Suíça. Um dos retratos dessa situação foi feito por Mário Ventura, no livro *Morrer em Portugal*, de 1975. Nesse livro, Ventura enfatiza a chegada e a saída dos “franceses” na vila de Sabugal, norte de Portugal.

Às sextas-feiras o largo maior de Sabugal ganha uma animação que só se assemelha à dos dias de mercado: regressam da França os emigrantes naturais do concelho, depois de um período de férias – as “vacanças” – mais ou menos prolongado. Nos meses de Janeiro e Março, quando as condições de clima são mais rigorosas em França, impedindo os trabalhadores de fazerem as horas extraordinárias que lhes rendem mais, eles vêm até às suas aldeias, a juntar-se às famílias, a cultivar as pequenas e improdutivas terras que abandonaram, reparando as suas velhas e desoladas habitações.

É nesta altura, também, que os mais novos contraem matrimónio com as prometidas que por longo tempo, pacientemente, os aguardam. Consultando um jornal local, contam-se por muitas dezenas os casamentos realizados nas últimas semanas em todas as freguesias do concelho. Eles são emigrantes – elas irão, passados dias, ao largo da vila, despedir-se dos maridos que receberam há pouco.

Numa das últimas sextas-feiras foi dia grande no Sabugal. Centenas de “franceses” aglomeraram-se às primeiras horas da manhã no largo principal da terra. Vinham com eles, das freguesias mais distantes do concelho, as mulheres, os filhos, todos os parentes próximos e afastados. Havia farnéis, cestos com enchidos, mantas de toucinho, muito pão, o bom pão caseiro, dezenas e dezenas de bicicletas. Uma imagem de êxodo – êxodo que dura há longo tempo, que todos os dias se renova.

Várias camionetas e dezenas de automóveis levaram naquele dia para França mais de trezentos homens. Voltarão de novo à sua terra lá para o fim do ano, quando a invernia se tornar rigorosa no país de exílio, a fim de gozarem aqui dois ou três meses de convívio com os entes familiares. E assim continuarão, a ir e a vir, sem se radicarem no país que escolheram para melhorar a existência, até conseguirem obter possibilidade de comprar o futuro na terra em que nasceram e que não esquecem (VENTURA, Apud CABRAL, 1985, p. 99).

A saída e o posterior retorno depois de meses ou até anos fora de casa era prática bastante antiga e fazia parte da formação social de muitas localidades portuguesas, conforme já mostrei acima. Por isso, quando se buscava trabalho, estava incluída a possibilidade de trabalhar também fora do país. É isso que mostra, por exemplo, um anúncio publicado no jornal *Época*, em 1971. Na seção de *Anúncios Gratuitos para Trabalhadores* lia-se: “Rapaz: 23 anos de idade, com a profissão de pintor, serviço militar cumprido, deseja qualquer emprego, não importa ser em Portugal ou no estrangeiro. Resposta a Manuel da Costa Santos, Calçada do Perdigão, 2-A (Cheias) – Lisboa-6” (ÉPOCA, 01/09/1971).

Nos anos 1970, enquanto muitos rapazes na idade de Manuel buscavam emprego e outros iam e vinham dos países vizinhos, inúmeros portugueses que haviam emigrado em anos anteriores, principalmente para a Europa e para as colônias africanas, retornavam “em definitivo” às suas cidades e aldeias. E um dos motivos do retorno era o fim das Guerras Coloniais, com a conseqüente independência das ex-colônias. Já para os que emigraram para a Europa, o retorno foi incentivado inclusive por políticas governamentais de auxílio aos que desejassem partir e pelo endurecimento nas leis de imigração. Isso aconteceu, por exemplo, com a França que, conforme informava o

jornal espanhol *El país*, em setembro de 1977, desejava suprimir a imigração de trabalhadores estrangeiros em seu território. Para isso, havia suspenso os vistos de trabalho e as autorizações para reagrupamento familiar e decidido conceder uma “ajuda de retorno” a todos os trabalhadores migrantes que trabalhassem na França a menos de cinco anos.

La referida «ayuda al retorno» consiste en 10.000 francos (180.000 pesetas) que ofrece el Gobierno a todo inmigrado que vuelva a su país y se comprometa a no regresar a Francia nunca jamás. Hasta la fecha, esta «ayuda» afectaba únicamente a los inmigrados sin empleo, pero de los 50.000 que se encuentran en tal situación, sólo han aceptado la oferta 3.601. El Gobierno francés se propondría, de aquí a 1980, reducir a la mitad los dos millones de obreros extranjeros que laboran actualmente en el hexágono (EL PAÍS, 29/09/1977).

No caso português, tratava-se, portanto, de dois tipos de retornados: os das ex-colônias e os que haviam emigrado a outros países europeus, como a França. Ao todo retornaram, nesse período, entre setecentos e um milhão de pessoas, o que representava naquele momento cerca de dez por cento da população total de Portugal.

Em notícia publicada em abril de 1977, o jornal *O Globo* refletia sobre os impactos dos “retornados” em Portugal. Segundo o jornal, o emigrante, “o maior produto português de exportação”, estava com sua “cotação” baixa no “mercado internacional” devido à crise mundial que afetava os países capitalistas no período pós 1973. “As restrições às importações baixadas por quase todos os países do mundo não abrangem somente bens essenciais e supérfluos. Todas as portas foram fechadas à mão de obra sem especialização” (O GLOBO, 10/04/1977). Em Portugal, de acordo com *O Globo*, o problema se agravava com a chegada dos emigrantes das ex-colônias, com os quais não se podia fazer o mesmo que se faz com outros “produtos”. “Não se pode queimá-lo ou atirá-lo aos porcos, como se faz com os excedentes de café ou do milho. O ex-colono de Angola, Moçambique ou Timor é um ser humano como outro qualquer, anda com os dois pés, fala, pensa, age e reage, e quer trabalhar.” Naquele momento, segundo o jornal, Portugal era um país “pobre em recursos naturais”, com uma indústria “atrasada e arrasada pelos desmandos das sucessivas administrações”, sem capacidade para oferecer “atrativos para o investimento estrangeiro” e tendo que sair de uma “gravíssima crise econômica” (Ibid.).

Entre as saídas para a crise estava a proposta de enviar parte dos “retornados” à países que já haviam recebido inúmeros portugueses num passado recente, como era o

caso do Brasil e da Venezuela. Esse, inclusive, teria sido um dos objetivos, não atingidos, da viagem ao Brasil do primeiro ministro português Mario Soares, em dezembro de 1976, conforme informou o jornal *El país* (18/12/1976). Entre os motivos alegados pelo governo brasileiro para a não-aceitação da proposta de Soares estavam a “grave crise” econômica que o país vinha enfrentando, com um elevado déficit da balança comercial e o crescente desemprego. A intenção portuguesa, segundo o correspondente do *El país* em Lisboa, era que o Brasil absorvesse 150 mil retornados de Angola e Moçambique (EL PAÍS, 17/12/1976).

O debate sobre os retornados teve grande visibilidade na imprensa portuguesa e europeia desde o período revolucionário, em 1974, até meados dos anos 1980 e ocorreu simultaneamente à continuidade da emigração portuguesa para o norte da Europa e para outros países como Estados Unidos e Austrália e à transformação gradativa de Portugal em um país também de chegadas, mesmo que os que chegavam, num primeiro momento, fossem majoritariamente portugueses e seus descendentes provenientes da África, da Ásia, da Europa e também do Brasil.

2.2 - IMIGRAÇÃO BRASILEIRA EM PORTUGAL

Duda Guennes chegou a Portugal em 1974, em meio a Revolução dos Cravos. Seu objetivo como jornalista era cobrir a Revolução. “Eu vim para acompanhar a revolução que estava em processo, estavam vivenciando e tentando essa revolução, que realmente durou quase um ano e tal”, me informou ele, em entrevista concedida em Lisboa em outubro de 2007³³.

De acordo com Duda, até novembro de 1975 Portugal vivia realmente um processo revolucionário “com o poder sendo disputado a tapa, no meio da rua”. Em função disso, o país passou a ter um interesse jornalístico muito grande para o mundo inteiro, “porque causou espanto para a humanidade que militares tenham dado um golpe de estado progressista, porque normalmente é o contrário”. Um dos motivos da Revolução, segundo ele, teria sido a Guerra Colonial, que era uma guerra “completamente injustificada” e os portugueses estavam perdendo. “Os militares sentiram isso primeiro e com mais intensidade, porque estavam lá no campo de batalha,

³³ - GUENNES, Duda. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Lisboa, 09 de out. 2007. Gravação em MP3.

do que os governantes que estavam aqui em Lisboa e não participavam de guerra nenhuma, não viviam o drama da guerra. E então houve essa revolução”³⁴.

A presença brasileira em Portugal na década de 1970 era, segundo Duda Guennes, ainda bastante “residual” e “praticamente não existia”.

Não havia nada. Havia a Varig, o Banco do Brasil, a Embaixada, o Consulado e o Pão de Açúcar, o supermercado Pão de Açúcar. O resto não havia nada. Brasil e Portugal estavam de costas voltadas um para o outro. E então havia nessa época em torno de doze mil brasileiros morando em Portugal³⁵.

Dentre esses brasileiros estavam, de acordo com ele, muitas mulheres casadas com portugueses, jogadores de futebol e estudantes.

A maioria eram brasileiras casadas com portugueses que não representavam nenhum grupo organizado, nem um grupo que fazia nenhum tipo de reivindicação e nem nada. Moravam em Faro, moravam em Lisboa, em Coimbra. [...] Havia alguns jogadores de futebol, havia esse contingente de estudantes que era mais ou menos grande e turistas e funcionários de embaixadas e de algumas empresas³⁶.

Dos grupos acima citados, o das mulheres brasileiras casadas com portugueses é bastante antigo, pois a prática desse tipo de matrimônio remonta ao período colonial brasileiro e se mantém até hoje graças, entre outros fatores, à manutenção pelos portugueses de certa “exotização” da mulher brasileira, conforme mostrou Machado (2003). Já o grupo dos jogadores de futebol, está presente em Portugal pelo menos desde a década de 1930, quando inicia o êxodo dos futebolistas brasileiros não só para esse país, mas também para outros países europeus, principalmente para a Itália (ALVITO, 2006). No entanto, dos grupos citados, o mais antigo é provavelmente o dos estudantes, cuja presença em Portugal remonta ao século XVI.

Segundo Rodrigues (1991), entre 1577 e 1877, cerca de três mil estudantes brasileiros passaram pela Universidade de Coimbra que, nesse período, era o grande centro de formação intelectual dos filhos da elite brasileira. Conforme mostrou Carvalho (1981), até o final do século XIX, os membros das elites locais seguiam para a Europa geralmente para realizar seus estudos em universidades francesas e portuguesas, com destaque para a de Coimbra. Depois disso, muitos retornavam ao Brasil e ocupavam

³⁴ - Ibidem.

³⁵ - Idem.

³⁶ - Idem.

espaços importantes no cenário político nacional. Foi o que aconteceu, por exemplo, com José Bonifácio de Andrade e Silva que, em Coimbra, estudou Matemática, Filosofia e Direito e, no retorno ao Brasil, foi um dos personagens centrais do processo de Independência em 1822. Grande parte desses estudantes era das regiões mais prósperas do Brasil. Assim, durante o período colonial predominaram estudantes do Nordeste, filhos dos grandes proprietários de terra daquela região e, a partir do século XVIII começaram a aumentar os estudantes da região Sudeste, em especial do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, que se mudavam para Portugal para realizar seus estudos principalmente em Direito, Medicina e Filosofia (BRASIL, 1943).

Além dos estudantes, outros brasileiros passaram pela Universidade de Coimbra, especialmente a partir do século XX, incluindo intelectuais e presidentes da república, sendo que alguns deles, inclusive, receberam, dessa universidade, o título de Doutor *Honoris Causa*. Entre esses brasileiros estavam os presidentes João Café Filho e Juscelino Kubitschek de Oliveira e o sociólogo Gilberto Freyre.

2.2.1 - Gilberto Freyre: um brasileiro em terras portuguesas

Gilberto Freyre viajou a Portugal pela primeira vez em 1922, retornando a esse país em diversas ocasiões. Em 1937, seguiu para Portugal na comitiva do presidente Getúlio Vargas, com o objetivo de proferir palestras em universidades locais e reunir documentos relativos ao Brasil. O conteúdo das conferências lidas em Lisboa, Porto e Coimbra foi publicado em 1940 no livro *O mundo que o português criou*. Onze anos depois, em 1951, à convite de Salazar, Freyre voltou novamente à Europa, dessa vez para conhecer e escrever sobre o Portugal do Ultramar. Dessa visita, resultaram dois livros: *Um brasileiro em terras portuguesas* e *Aventura e Rotina*.

No livro *Um brasileiro em terras portuguesas*, Freyre reúne conferências e discursos relativos à sua viagem a Portugal, colônias e ex-colônias portuguesas da Europa, Ásia e da África (Goa, Bombaim, Coimbra, Lisboa, Porto, Bissau, Luanda, São Vicente, na capital de Moçambique, Beira, Manica e Sofala), entre agosto de 1951 e fevereiro de 1952. Em suas conferências e discursos, o autor procura refletir sobre as experiências portuguesas no Ultramar apresentando o “lusotropicalismo” como um elemento central da identidade portuguesa.

Para ele, o português é um “povo intensamente ulissiano”, atraído pelo sol, pelo calor, “pelas mulheres pardas das terras quentes”.

O português é grande por esta sua singularidade magnífica: a de ser um povo luso-tropical. Toda vez que tem pretendido ser, como o inglês, o belga, o holandês, o francês, um europeu nos trópicos, um senhor branco de povos tropicais e de cor, ele se tem amesquinhado em ridícula caricatura daquelas nações imperiais (FREYRE, 1953. p. 14)³⁷.

Para Freyre, os portugueses viveram ao longo de sua história entre dois extremos, ora a inércia, a rotina, a conservação da ordem estabelecida, ora o risco da aventura, os extremos da ação, características que lhes permitem o equilíbrio, “produzindo indivíduos ao mesmo tempo arrojados e prudentes.” Segundo Freyre, sem a aventura ultramarina ou tropical e a rotina, a inércia, características dos portugueses, “não teria havido Portugal nem continuaria a haver hoje português sob tantas formas e sob tantas cores e em tão diversos espaços”. Os portugueses são “menos um povo imperialmente europeu que uma gente já ligada pelo sangue, pela cultura e pela vida a povos mestiços e extra-europeus”.

Nesse mesmo livro, Gilberto Freyre fala sobre os que regressavam a Portugal dizendo que “regressavam não os mesmos homens só de aldeia ou só de Lisboa ou do Porto ou de Évora mas outros homens, com novas solicitações, desejos, sentimentos, experiências [...]”

A representação do português em Freyre é essencialmente masculina, responsável pela fecundação, mestiçagem e difusão de Portugal e do Cristianismo. “[...] seu corpo de macho vigoroso multiplicou-se em corpos pardos, roxos, amarelos, morenos, no Oriente, nas Áfricas, na América; e a esses corpos comunicou sua qualidade de português ou transmitiu sua alma de cristão.” No Brasil, “fundou, como se fosse novo Adão, um novo paraíso e fez sair dos ventres moços de novas evas, toda uma raça vigorosa de homens morenos, meio português no corpo e meio cristão na alma.”

Freyre abrandava os efeitos da escravidão de povos africanos, afirmando que era uma escravidão visando um objetivo maior a serviço, ao mesmo tempo, de Cristo e d’El-Rei. Eram escravos que “a nação desde logo se dispôs a absorver cristãmente dentro do seu sistema de família patriarcal em que o afillhado com facilidade tornava-se filho. Filho sociológico igual ao biológico. Filho de cor igual ao branco.” Foi, segundo o autor, um “doce processo de assimilação” que permitiu a índios e negros “civilizar-se”, “aportuguesar-se”, “cristianizar-se”. No processo de “assimilação” realizado pelos

³⁷ -. As citações que seguirão poderão ser encontradas, respectivamente nas seguintes páginas: 20-25, 27-28, 32-38, 80, 154, 211, 236, 251, 277-278, 411 e 429-432.

portugueses havia uma continuidade do processo assimilacionista realizado pelos maometanos na África, inclusive em relação a poligamia e ao tratamento dispensado aos escravos.

Sobre o luso-tropicalismo afirma: “Do luso-tropicalismo não nos esqueçamos de que é quase impossível separar o que sempre houve de cristocêntrico na expansão portuguesa, a serviço da qual operou, além da escravidão, a própria poligamia, para não falar da miscigenação.”

Escrevendo num período imediatamente posterior à derrocada do Nazismo e do Fascismo, Freyre procura, apesar de suas relações com Getúlio Vargas e Salazar, romper com a perspectiva nacionalista, privilegiando o transnacionalismo lingüístico, cultural e político. Terminando sua conferência em Goa ele argumenta que a unidade da “cultura luso-tropical” podia ser afetada pelos nacionalismos e propôs a “sublimação e ampliação de simples nacionalismos em transnacionalismos não só de cultura como até políticos”.

Em Setembro de 1951, no Círculo Eça de Queiroz, em Lisboa, Gilberto Freyre afirmava:

O brasileiro que chega a Lisboa, cada dia se sente menos estrangeiro em Portugal – nas ruas e não apenas dentro de casas ilustres como esta; cada dia o brasileiro vê menos no português que chega no Brasil um estranho, para descobrir no adventício um irmão europeu que o sol do trópico vai amorenar em luso-brasileiro.

Referindo-se provavelmente à Constituição de 1946 (Foi eleito deputado em 1945), o escritor afirma, em visita a Moçambique em Janeiro de 1952, que foi autor de novo estatuto a emenda “quase vitoriosa” que estabelecia a dupla nacionalidade para os portugueses residentes no Brasil.

Era o reconhecimento de um fato: o de que o português no Brasil não é um estrangeiro. O português no Brasil é um brasileiro nascido em Portugal. Ou na Ásia. Ou na África. Mais cedo ou mais tarde estou certo de que a Constituição Brasileira reconhecerá o que já é sociologicamente um fato; mais cedo ou mais tarde nem o português – da Europa, ou da África, ou do Oriente – será tecnicamente um estrangeiro no Brasil, nem o brasileiro será um estrangeiro em qualquer das áreas portuguesas no mundo. No momento em que nações escassamente semelhantes procuram agrupar-se em federações, a federação lusíada já tem as suas bases asseguradas. Todos nós que falamos a língua portuguesa, que seguimos a tradição luso-cristã de vida, somos um povo só.

Já na cidade do Porto, afirmava, em janeiro de 1952: “O Brasileiro que vem ao Porto chega a uma cidade de Portugal que tem alguma coisa de materno para quase todos nós, do Brasil”, referindo-se à emigração para o Brasil.

Freyre também escreve sobre a pobreza em Portugal, dando o exemplo do Porto, onde viu “em toda a sua crueza” lugares equivalentes às favelas e “mucambarias” brasileiras, onde proliferavam doenças.

É um problema que os portugueses devem enfrentar com um vigor que até hoje lhes tem faltado. Um problema que parece ligar-se principalmente ao da alimentação: ao de melhor alimentação para parte considerável da gente lusitana que, por motivos preponderantemente econômicos, não se alimenta como deveria alimentar-se.

As visitas de Gilberto Freyre foram ora saudadas com entusiasmo, ora objetos de crítica na imprensa portuguesa e dos territórios ultramarinos visitados. Em sua visita ao Porto, por exemplo, em 1951, o jornal *Primeiro de Janeiro* tratou Freyre como “um grande escritor e um grande sociólogo, que honra não só o Brasil, mas a cultura de expressão portuguesa e, pelo seu vasto saber e a sua coragem intelectual, o mundo das idéias contemporâneas.” Na mesma notícia, aproveitava para distingui-lo de outros “brasileiros”, os “brasileiros de torna-viagem”.

É preciso não o confundir com esses brasileiros, e portugueses, de torna-viagem, que levam e trazem mensagens laudatórias de coletividades insignificantes, a quem se oferecem banquetes obrigados a muita retórica intercambista e algumas veneras de circunstância. Este é Alguém.

Já o jornal *Ressurge, Goa!*, de Bombaim, Índia, publicou, em 15 de Agosto de 1952, uma dura crítica a Gilberto Freyre intitulada *O Sr. Gilberto Freyre e a verdade sobre Portugal*.

Diz o Sr. Gilberto Freyre que nas Universidades de Portugal se disserta livremente. É esta uma das afirmações mais infelizes e tendenciosas com que ele pretende iludir a sua responsabilidade de intelectual, e enganar o povo brasileiro, induzindo-o em erro acerca do que se passa na outra Pátria de além-Atlântico. [...] Quanto a falar livremente, a conversar abertamente nas ruas e nos cafés, como ele nos pretende fazer crer, é uma *boutade* e uma calúnia que ofende profundamente todos os patriotas portugueses que pugnam pela liberdade do seu País. Nós sabemos bem como se pode criticar o governo salazarista – às escondidas, em sigilo, de maneira que os esbirros da P.I.D.E.

não sonhem. [...] Tampouco em Portugal, o governo pode ser criticado, como afirma o pretendido sociólogo. Não o permite a ditadura fascista, que desde 1936 suprimiu toda a liberdade de imprensa. [...] Pertence este senhor ao grupo de intelectuais género André Maurois, que têm passado por Portugal sem entrar em contacto com o povo português. [...] Não sabemos o que viu, mas sabemos o que declarou à imprensa, e isso nos basta para ajuizar acerca da sua idoneidade moral. De Lisboa nada nos conta. Nem uma só palavra sobre a miséria confrangedora da população alfacinha. Entretido nas suas conversações com Salazar, não teve tempo para percorrer e observar a Lisboa Noturna com o seu enxame de prostitutas, tuberculosos e homossexuais, que são o cancro a gotejar pus sobre a consciência dos homens responsáveis do nosso tempo. No Porto tampouco se debruçou sobre o drama das carquejeiras, verdadeiros ouriços humanos. Ele desconhece talvez a tragédia cruciante dessas mulheres que, para angariar uns míseros escudos, chegam a transportar à cabeça ou ao dorso 150 quilos em percursos de 4 e 5 quilômetros, tuberculizando-se lentamente.

O jornal ainda faz referência à luta, em Goa, contra o colonialismo português, e o desejo das populações locais em integrarem-se à União Indiana, “a sua verdadeira Pátria”, ambos ignorados por Freyre.

Claro que este representante da reação não podia volver de Portugal à sua pátria disposto a dizer ao povo brasileiro o que era esse mundo de lágrimas, desditas e esperanças, por ele percorrido. Se o fizesse perderia a confiança que nele depositaram os dirigentes portugueses, e nunca mais lhe seria possível viajar de graça, adulado como um grande senhor, pelas nulidades da nossa época.

Além disso, o jornal afirma que os escritores considerados por Freyre são, na verdade, “intelectuais que fazem papel de “moderados”.” Também faz referência a artigo escrito por Raquel de Queiroz na revista *O Cruzeiro*, “desmascarando” o escritor de *Casa Grande e Senzala*, e ao presente, uma edição rara de *Os Lusíadas*, enviado pelo General Craveiro Lopes ao presidente Getúlio Vargas.

Nas obras publicadas por Gilberto Freyre, referentes às suas visitas a Portugal e o Ultramar, entre os anos 1940 e 1960, há poucas referências sobre a presença brasileira nesses locais. Seus contatos são principalmente com professores de universidades e funcionários do consulado e embaixada brasileira. Até porque, os poucos brasileiros que viviam em Portugal nesse período estavam distribuídos pelo país e provavelmente pouco freqüentavam os espaços visitados por Freyre.

2.2.2 - Os brasileiros em Portugal segundo os Censos Populacionais (1890-1970)

Oficialmente, o primeiro censo português, adaptado às recentes orientações internacionais em relação à estatística populacional³⁸, foi realizado em 1864 e contabilizou uma população total de 4.188,410 habitantes (INE, 1868). Porém, tanto esse censo quanto o posterior, realizado em 1878, não informam sobre a população brasileira em Portugal. Essa informação aparecerá com mais detalhes somente no Censo Populacional de 1890.

Em 1890, de um total de 5.102,891 habitantes, 41.339 eram estrangeiros e destes 6.192 eram brasileiros. Estes brasileiros viviam em sua maioria nos distritos do Porto (1916), Lisboa (1750), Braga (450) e no Arquipélago dos Açores (842). Entre as cidades, as que possuíam maior número de brasileiros eram Lisboa, Porto, Hangra do Heroísmo, Vila Nova de Gaia e Braga, respectivamente (INE, 1896).

Dez anos depois, em 1900, o censo populacional português contabilizou 7.594 brasileiros e outra vez apontou uma predominância destes nos distritos do Porto, Lisboa e Braga e no Arquipélago dos Açores (INE, 1905). Essa distribuição espacial pouco se alterou no censo seguinte, em 1911, quando o número de brasileiros recenseados em Portugal passou a ser de 12.143 (INE, 1913) e nos censos posteriores de 1920 e 1930, que contabilizaram, respectivamente, 4.969 (INE, 1923) e 8.663 (INE, 1934) brasileiros. No entanto, esses últimos censos mostraram uma presença significativa de brasileiros também nos distritos de Viseu, Aveiro, Coimbra e Vila Real.

Já a partir do censo seguinte, de 1940, é possível ter algumas informações adicionais sobre os brasileiros em Portugal. De acordo com esse censo, viviam em Portugal em 1940, 4.825 brasileiros, sendo a maioria mulheres. Os imigrantes solteiros e católicos eram em maior número e a idade predominante era de 20 a 29 anos. Além disso, mais de 75% dos recenseados sabia ler e estavam no país há mais de cinco anos, com residência fixa em Lisboa (983), no Porto (530), nos Açores e na Madeira (432) e em outras localidades. Entre as atividades exercidas estavam as ligadas à Agricultura e Pesca (17%), às Indústrias Transformadoras (9%), ao Comércio e Seguros (7%) e à Serviços Diversos (43%). Destas atividades, as três primeiras eram exercidas majoritariamente por homens enquanto na última mais de noventa por cento eram mulheres (INE, 1945).

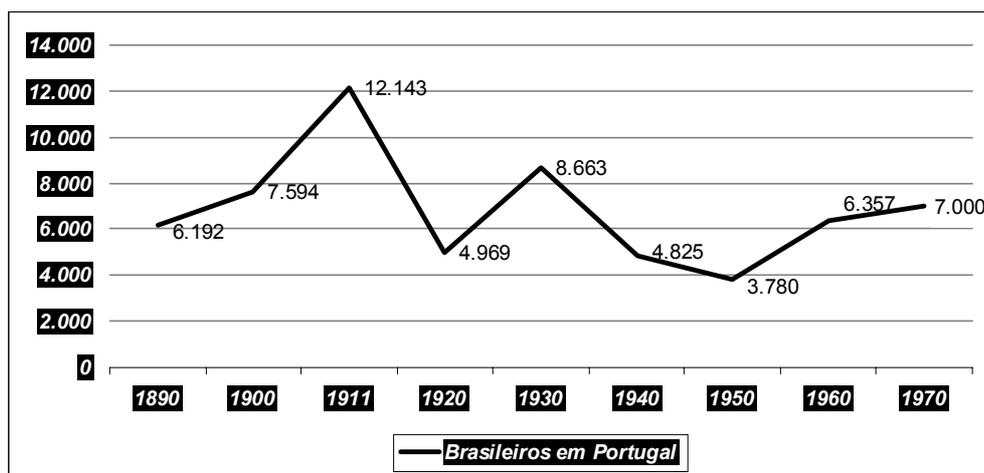
³⁸ - A partir da segunda metade do século XIX os censos populacionais de diferentes países foram adaptados às orientações dos Congressos Internacionais de Estatísticas, cuja primeira edição ocorreu em Bruxelas em 1853.

Em 1950 o número de brasileiros em Portugal diminuiu, passando a 3.780, segundo o Censo populacional realizado naquele ano. Os homens formavam agora a maior parte do grupo de brasileiros e os principais distritos habitados eram Porto, Lisboa, Viseu, Aveiro e Coimbra. Nestes locais os brasileiros tinham ocupações variadas. Em Viseu, por exemplo, predominava o trabalho na agricultura, em Aveiro nas indústrias de transformação e em Lisboa e no Porto no setor de Comércio e Serviços. Sobre essas duas últimas cidades é possível também saber com mais detalhes quais as principais ocupações exercidas pelos brasileiros. Segundo o levantamento feito pelo INE, em Lisboa havia, entre os 554 brasileiros ocupados, 19 costureiras, 36 caixeiros de balcão, 20 escriturários, 17 funcionários públicos de carteira, 31 comerciantes-patrões, 7 engenheiros, 6 diplomatas e cônsules, 40 criados, 80 donas de casa e 69 domésticas. Já no Porto, de um total de 409 ocupados, havia 6 alfaiates, 18 caixeiros de balcão, 20 escriturários, 11 guarda-livros, 19 comerciantes-patrões, 8 industriais-patrões, 7 médicos, 21 criados, 52 donas de casa e 40 domésticas. Em todo o país os brasileiros solteiros permaneciam sendo maioria (INE, 1952).

Em 1960 há um incremento de quase 70% na presença brasileira em Portugal. Segundo o Censo Populacional viviam no país nesse período 6.357 brasileiros, sendo 3.655 mulheres e 2.702 homens. Desse total, a maior parte vivia nas áreas rurais do país, estando as maiores concentrações nos mesmos distritos apontados pelos censos anteriores, com destaque para Porto e Lisboa. Agora, no entanto, os casados e viúvos eram a grande maioria. Em relação ao tempo de residência no país, 529 viviam há menos de um ano, 659 de um a quatro anos, 300 de cinco a nove anos e 4.869 há mais de dez anos. Quanto à idade, 1.218 tinham até dezenove anos, 1.660 tinham de vinte a trinta e nove anos, 2.224 tinham de quarenta a cinquenta e nove anos e 1.255 tinham mais de sessenta anos de idade. Já em relação ao grau de instrução, 25% dos mais de seis mil brasileiros não sabiam ler e 31% sabiam ler, mas não tinham nenhum grau de ensino. Sobre a distribuição no mundo do trabalho o censo informou que 5.072 eram trabalhadores ativos, dos quais 2.253 tinham uma profissão e 2.763 distribuíam-se em ocupações como donas de casa (373), domésticas (1359), domésticas agrícolas (165), proprietários (226), entre outras. Havia ainda 56 desempregados, 211 aposentados e 433 estudantes. Destes últimos, somente 55 viviam na cidade de Lisboa e 33 na cidade do Porto. Assim como verificado no censo anterior, havia em 1960 centenas de brasileiros trabalhando na agricultura, vários outros como comerciantes e industriais, mais de duzentos profissionais liberais (médicos, engenheiros, enfermeiros, entre outros), um

bom número de religiosos e professores de ensino primário e secundário, além de quase novecentos empregados e operários especializados e não especializados que atuavam especialmente na construção civil e em obras públicas, na indústria de transformação, no comércio, em bancos e no setor de serviços em geral (INE, 1963).

Sobre o censo seguinte, realizado em 1970, infelizmente pouco há a ser apresentado, pois nesta década não foi publicado o resultado final do que seria 11º Recenseamento da População, mas apenas uma "estimativa a 20%". Os dados publicados nesta estimativa são gerais e não há números sobre a população imigrante. Segundo o Instituto Nacional de Estatísticas (1983, p. 14), "esta segunda etapa (a publicação de 100% dos dados) não decorreu como seria de esperar, por vários motivos de que se destaca a saída do INE de pessoal técnico envolvido no processo". O que teria levado à saída desses técnicos e quais teriam sido os outros motivos que interferiram para a não publicação dos dados como nos anos anteriores não foram objeto da pesquisa de campo por mim realizada em Portugal. De qualquer maneira, pode-se estimar pelos dados dos censos já apresentados e considerando os censos posteriores que o número oficial de brasileiros em Portugal na década de 1970 deve ter permanecido na casa das seis a sete mil pessoas e que a distribuição espacial, laboral e de gênero não tenham sofrido grandes mudanças em comparação com períodos anteriores. Considerando essa estimativa, o gráfico abaixo mostra a evolução da presença brasileira em Portugal, retomando os dados já apresentados acima referentes ao período de 1890 e 1970 e mostrando as oscilações entre um censo e outro.



Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas – Censos Populacionais: 1890-1970
O dado de 1970 refere-se a uma projeção feita por mim

Como podemos perceber, houve uma variação importante nos números dos censos realizados entre 1890 e 1970, sendo que as maiores oscilações ocorreram entre

1900 e 1940 com elevadas taxas de aumento e diminuição da população brasileira em Portugal. Uma das explicações para isso é a mudança na metodologia utilizada, como ocorreu, por exemplo, em 1920 quando não foram considerados brasileiros os filhos de pais portugueses, conforme aconteceu em 1911. Outras possíveis explicações são os impactos dos retornos de famílias com filhos nascidos no Brasil e de casais mistos (em que um dos retornados é brasileiro), além das interferências diretas das conjunturas econômicas e políticas (crises, guerras, mudanças na legislação) sobre as migrações.

De forma geral, pelos dados dos censos apresentados e considerando o número de portugueses no Brasil no mesmo período, pode-se dizer que a presença brasileira em Portugal foi pouco expressiva até a década de 1970. Além disso, é uma imigração distinta daquela que ocorrerá a partir do final dos anos oitenta, já que está fortemente relacionada ao processo de imigração portuguesa no Brasil e aos laços estabelecidos entre Brasil e Portugal ao longo de quatrocentos anos de história.

2.2.3 - Outras memórias sobre os anos 70 em Portugal

Conforme mostrei acima, a presença brasileira em Portugal até a década de 1970 não era muito expressiva. Nessa época, assim como ao longo de todo o século XX, as cidades portuguesas mais habitadas pelos brasileiros eram Lisboa e Porto, onde trabalhavam especialmente no setor de comércio e serviços.

Em Lisboa, além de instituições brasileiras como a Embaixada, o Consulado e o Banco do Brasil e empresas como Varig e Grupo Pão de Açúcar, os brasileiros ganhavam visibilidade por sua atuação em diversos outros espaços, com destaque para aqueles que exibiam o que muitos consideravam e consideram até hoje como nossa verdadeira “identidade nacional” e que caracterizavam e caracterizam a nossa brasilidade: o samba, o carnaval e a alegria.

Conforme lembra Duda Guennes, foram os estudantes brasileiros que criaram no início da década de 1970 a primeira escola de samba em Portugal, chamada “Vapores do Rego”. Nessa mesma década outra escola chamada D. Flor fazia sucesso nos carnavais de Cascais, enquanto um grupo de samba intitulado os “Macumbeiros do Samba”, formado por estudantes e profissionais liberais brasileiros, animava as noites em bares e outros espaços de Lisboa (ISTOÉ, 30.11.77).

Um dos bares bastante freqüentados por brasileiros e portugueses nesse período era o Bar Bip Bip, aberto por um brasileiro, comandante da empresa aérea TAP,

chamado Comandante Sobral, que, conforme Duda Guennes, introduziu a caipirinha em Portugal. Uma caipirinha que, segundo informava a Revista IstoÉ, em 1977, era feita com cana da Ilha da Madeira e custava 40 cruzeiros. Depois do Bip Bip muitos outros bares “brasileiros” surgiram, como o bar Bate Papo, administrado por um português, e o bar Tropicália, inaugurado em 1977 e que oferecia música brasileira ao vivo aos seus clientes. Outro bar, inaugurado um ano depois na região do bairro Alto, era o Bar e Restaurante Brasuca, de propriedade do brasileiro Enoir de Oliveira Luz, um dos exilados políticos do Regime Militar brasileiro.

Enoir de Oliveria Luz, com quem conversei em Lisboa em dezembro de 2007, chegou a Portugal em 1976 após ter passado pela Argentina e ter vivido três anos na Rússia. Nascido em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, em 1938, Enoir ou Seo Juca, como é conhecido até hoje em Portugal, era, desde os anos cinquenta uma liderança sindical importante. Além disso, a partir da década de sessenta teve uma participação ativa junto ao Partido Comunista Brasileiro, atuando tanto em nível estadual quanto nacional. Em 1972 em meio a perseguições do Regime Militar à lideranças de esquerda teve que sair às pressas do país deixando para trás seus dois filhos. “Foi às pressas. Às pressas e difícil. Difícil porque o meu pai tinha sido operado há pouco tempo antes e eu tinha que deixar meus dois filhos, um tinha cinco e o outro tinha sete”³⁹. O principal motivo para a saída repentina era a prisão recente de membros do Partido Comunista Brasileiro.

Porque tinham sido presos dois membros do Comitê Central, um deles foi assassinado, que era o Célio Guedes, e o outro que era o doutor Saad. E nas carteiras que eles tinham um deles tinha o meu nome, que era para viajar para o exterior. Com isso, o Partido me pediu que eu saísse o mais breve possível e eu tive que dois dias depois arrumar a mala e viajar. Aí eu fui para Buenos Aires e de Buenos Aires eu terminei parando na Rússia. Achei que ficava seis meses e voltava e estou no exterior até hoje⁴⁰.

O exílio de Enoir em Portugal a partir de 1976 não foi um caso isolado. Junto com ele vários outros brasileiros buscaram na antiga metrópole um lugar para viver enquanto o Brasil e outros países da América Latina viviam sob regimes ditatoriais. A “escolha” de Portugal por esses brasileiros ocorreu especialmente após os golpes de

³⁹ - LUZ, Enoir de Oliveira. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Lisboa, 11 dez. 2007. Gravação em MP3.

⁴⁰ - Idem.

estado no Uruguai e no Chile, em 1973, e na Argentina, em 1976. Outro fator que contribuiu para essa escolha foi a Revolução dos Cravos, conforme lembra abaixo Duda Guennes.

Eles chegaram depois de setenta e quatro. Chegaram depois da Revolução, a maioria vinda do Chile. Teve o golpe em setenta e três no Chile, os brasileiros que estavam no Chile tiveram que fugir, se dispersaram, mas quando houve a perspectiva revolucionária aqui em setenta e quatro eles vieram para cá e ficaram até setenta e nove quando houve a Anistia. Voltaram quase todos. Ficou duas ou três pessoas. O Juca montou um restaurante e ficou, o Oto que era médico ficou também e o resto retornou ao Brasil⁴¹.

Além de Seo Juca e Oto, que permaneceram em Portugal após a Anistia em 1979, exilaram-se em Portugal também outros brasileiros como os ex-governadores Miguel Arrais e Leonel Brizola, o ex-líder estudantil José Genoíno, o educador Paulo Freire e o ex-deputado do MDB Márcio Moreira Alves.

Outro exilado político foi o brasileiro Pedro Andrade que saiu do país em 1970 rumando inicialmente para a Bélgica e depois para Paris, onde juntou-se a um grupo de brasileiros lá exilados para editar um jornal brasileiro de oposição ao Regime Militar. Em 1976 foi indicado por seus companheiros para seguir a Lisboa, onde deveria editar o mesmo jornal e tentar enviá-lo ao Brasil. No início de 1977, participou junto a outros brasileiros exilados em Portugal, de um grande movimento de solidariedade a presos políticos do Regime Militar. As lembranças desse momento estão em um texto que Andrade escreveu, em maio de 1986, no jornal Diário Popular, de Lisboa.

Uma carta de protesto recolheu 40 mil assinaturas. Houve comícios com milhares de pessoas e mobilização de artistas e intelectuais. A Assembléia da República aprovou uma dura moção de protesto, por unanimidade, com votos da UDP até ao CDS, que classificava os actos do Governo brasileiro de “assassinatos”. Esta mobilização em Portugal levou a que nos outros países europeus também ocorressem importantes protestos. Como resultado, os presos não foram mortos e os desaparecidos também sobreviveram (DIÁRIO POPULAR, 05/05/1986).

Já no caso de Seo Juca, a ida a Portugal surgiu como uma alternativa à Rússia, à Venezuela e à Checoslováquia, para aonde tinha sido indicado pelo líder comunista Luis Carlos Prestes, conforme informou ele na entrevista que me concedeu em seu bar e

⁴¹ - GUENNES, Duda. Op. Cit.

restaurante que até hoje serve de ponto de encontro dos novos e antigos brasileiros em Lisboa.

Eu queria ir para a Venezuela. O Prestes queria que eu fosse para a Checoslováquia, para fazer meu trabalho sindical na Checoslováquia. E não quis, eu queria ir para a Venezuela, mas como não foi possível e apareceu a oportunidade para vim para Portugal e eu vim e aqui estou até hoje⁴².

Em Portugal Enoir continuou seu trabalho político como militante do Partido Comunista Brasileiro e junto ao Sindicato da Construção Civil daquele país. Além disso, também atuou ao lado de outros brasileiros de Portugal e principalmente da França, denunciando as prisões, torturas e desmandos da Ditadura Militar brasileira.

Aqui fiz o meu trabalho de solidariedade com o Brasil, denunciando as prisões, as torturas que aconteciam no Brasil, eu era o porta-voz. E aqui fiquei até setenta e nove como líder do Partido. Posteriormente, quando o Partido mudou de nome eu deixei o Partido. [...] No início sobrevivia da solidariedade dos amigos portugueses que eu conquistei. Depois fui trabalhar no sindicato. Eu trabalhei aqui dois anos no Sindicato da Construção Civil. Eu fui um dos editores do jornal O Andaimento. Porque com isso me permitia fazer o meu trabalho, além de trabalhar lá, e posteriormente quando começou a ficar difícil aí apareceu a oportunidade e eu vim ter o restaurante⁴³.

Em 1980, depois de oito anos, Enoir e sua esposa puderam finalmente reencontrar seus filhos. “Quando eu vi meus filhos... eu perdi a infância dos meus filhos”, relembra ele com tristeza. A partir de então a família toda passou a viver em Portugal, onde os filhos estudaram e casaram. Enoir, no entanto, manteve sempre uma grande saudade de seu país e de sua terra natal, Caxias do Sul, para onde volta de tempos em tempos para rever amigos e familiares.

Quando conversamos, em dezembro de 2007, Enoir tinha recentemente chegado de uma viagem ao Brasil e aproveitava para mostrar as fotos de sua cidade a seus clientes e amigos portugueses. Naquele momento, também me mostrou o documento que encaminhou ao governo brasileiro requisitando dados e documentos sobre ele existentes no SNI – Serviço Nacional de Informações, CGI – Comissão Geral de Investigação e CSN – Conselho de Segurança Nacional, todos ligados à Ditadura Militar brasileira. “Se conseguir isso aqui (apontando para documento) tem um aumento

⁴² - LUZ, Enoir de Oliveira. Op. Cit.

⁴³ - Idem.

na minha reforma (aposentadoria) e aí possivelmente vou terminar meus dias no Brasil”⁴⁴, sentenciou ele.

2.2.4 - O fenômeno Gabriela

Um ano antes de Enoir abrir seu restaurante em Lisboa, um verdadeiro fenômeno brasileiro conquistou os portugueses.

Em maio de 1977 estreou em Portugal a novela Gabriela, Cravo e Canela, transformando-se logo em um grande sucesso de audiência e disseminando o que ficou conhecido como “gabrielomania”.

Para Duda Guennes, o que aconteceu naquele momento foi algo “inexplicável”. “Foi a primeira novela brasileira. Que foi realmente um fenômeno, uma coisa inexplicável”⁴⁵.

Os impactos da exibição de Gabriela em Portugal também foram descritos em reportagem feita pela Revista IstoÉ, em novembro de 1977.

Mas o que aconteceu com Portugal? Há seis meses, até a semana passada, que todo dia, às 20h30, o país simplesmente parava – em frente à televisão. Todo mundo de olho grudado na Gabriela, Cravo e Canela. E os personagens da novela acabaram por tornar-se parte integrante do linguajar corrente: ser chamado de “Nacib”, “Coronel Ramiro” ou “Malvina” tem hoje significados muito precisos em Portugal. Mas, de que modo explicar esse fenômeno em um país tão politizado, recém-egresso de um convulsionado processo revolucionário? Uma coisa é certa: nestes últimos três anos, talvez nunca tenha havido tanto acordo entre as diversas forças políticas portuguesas a respeito de um determinado assunto. Da esquerda à direita, Gabriela é louvada, admirada e, também, foi cotidianamente assistida (ISTOÉ, 30/11/1977, p. 55-56).

Outro aspecto que a Revista IstoÉ chama a atenção é para a redescoberta e nova representação do Brasil feita pelos portugueses. “Nas águas da gabrielomania despontou todo um novo interesse pelo Brasil. Na literatura, no teatro, no cinema, na música, até na linguagem. Parece que Portugal descobriu o Brasil, pela segunda vez” (Ibid.).

Foi aproveitando essa “febre” que surgiram, especialmente em Lisboa, diversos espaços ligados à música brasileira, ao teatro, à cultura e à diversão em geral. Por outro lado, mesmo que não intencionalmente, a novela Gabriela, produzida pela Rede Globo,

⁴⁴ - Idem.

⁴⁵ - GUENNES, Duda. Op. Cit.

ao mesmo tempo em que gerou um interesse pelo Brasil e deu maior visibilidade aos brasileiros em Portugal, também pode ter contribuído para desfocar o olhar português das ações da Ditadura Militar brasileira, as quais tinham sido alvo de recentes denúncias e mobilizações dos brasileiros ali exilados, conforme mostrei acima.

Posteriormente à Gabriela várias outras novelas brasileiras foram exibidas pela Rádio e Televisão Portuguesa (RTP), sempre com grande sucesso de audiência. No entanto, a partir de 1982, a RTP iniciou a produção de suas próprias novelas, ambientadas em Portugal e com atores portugueses. Mesmo assim, ainda hoje as telenovelas brasileiras continuam sendo exibidas em horário nobre em Portugal, contribuindo para gerar redescobertas e manter estereótipos em relação ao Brasil e, em especial, ao homem e à mulher brasileira.

2.2.5 - A Imigração Brasileira nos anos 1980 e 1990

O perfil e o número de brasileiros em Portugal pouco se alteraram até o final dos anos oitenta. No entanto, a partir desse período, a presença brasileira nesse país se tornou cada vez mais significativa e, por vezes, também incômoda.

Em 1981, o número de brasileiros em Portugal era, segundo o Censo Populacional, de 7.343 pessoas (INE, 1983). Destes, 3.784, ou seja, mais de cinquenta por cento, tinham idade superior a 50 anos, o que indica que o perfil do emigrante brasileiro em Portugal pouco mudou em comparação às décadas anteriores⁴⁶.

Em novo levantamento feito pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras no final de 1986 o número oficial de brasileiros em Portugal era de 7.470, numa variação de menos de 2% em comparação com 1981. Desse total, 44% eram estudantes, 13% eram domésticas, 3% eram jogadores de futebol e o restante, em menor número, distribuía-se em ocupações como religiosos, funcionários públicos, artesãos e operários especializados, comerciantes, professores, empregados em escritórios, profissionais liberais e em outras atividades (EXPRESSO, 11/07/1987, p. 25R-27R).

⁴⁶ - Nesse censo, os dados sobre a população brasileira não são muito detalhados e recebem pouquíssimo destaque. Quando se refere aos dados sobre naturalidade, por exemplo, os brasileiros não são sequer referidos já que fazem parte do grupo "Outros países do mundo". O destaque maior nesse censo é para a população africana, em especial a de Angola e de Moçambique, e para os retornados da França e da Alemanha.

Um ano depois, em 1987, a estimativa era de que a população brasileira havia aumentado substancialmente, variando entre 12 e 20 mil pessoas, evidenciando que uma mudança significativa estava ocorrendo em relação aos brasileiros em Portugal.

A construção de Portugal como destino para os brasileiros ocorreu especialmente a partir da segunda metade da década de 1980 e teve grande colaboração da imprensa brasileira. Foi nessa época que notícias publicadas em jornais e revistas de grande circulação nacional destacavam as crises econômicas brasileiras como estímulo para saída e a recente entrada de Portugal na Comunidade Econômica Européia, em janeiro de 1986, como motivo de atração.

De acordo com o jornalista Duda Guennes, tudo começou por volta de 1986, depois que reportagens sobre Portugal foram publicadas pelo jornalista português José Júdice no jornal o Estadão.

Essa história é engraçada e eu até acompanhei mais ou menos de perto. Primeiro foi um jornalista português, o Júdice, que escrevia eventualmente para o jornal o Estadão e fez uma reportagem e saiu dizendo que os brasileiros estavam invadindo Portugal. E então o Estadão é um jornal de peso, e isso despertou a atenção da imprensa brasileira toda que então enviou enviados especiais, porque praticamente não havia correspondentes brasileiros em Portugal, porque Portugal tinha deixado de acontecer. E descobriram que realmente aqui em Portugal estava havendo uma grande evolução com aqueles dinheiros todos. E pronto, quando patenteia a perspectiva de trabalho foi aí que começou a surgir a primeira leva, que foi a partir de oitenta e seis que era normalmente gente ligada à criação: publicitários, *videomakers*, gente que veio aqui procurar trabalho. Depois veio a outra geração, já era mão de obra não qualificada que veio para as obras. [...] Houve também um núcleo, que chegou a ser de quatrocentos dentistas e aí já foi mais complicado⁴⁷.

Grande parte das notícias sobre Portugal foram publicadas na imprensa brasileira especialmente a partir de 1987, após o fracasso do Plano Cruzado. Uma delas teve grande impacto no Brasil e posteriormente também em Portugal, estimulando debates acalorados através da imprensa por cerca de três meses. Tal notícia, publicada pelo Jornal do Brasil, em 15 de novembro de 1987, tratava de uma sondagem feita em São Paulo e no Rio de Janeiro pela empresa Saldiva & Propaganda Associados, revelando o desejo de emigrar da classe média brasileira. A mesma sondagem também foi objeto de reportagem do jornal O Globo, do dia 20 de novembro.

⁴⁷ - GUENNES, Duda. Op. Cit.

As sondagens recentes da opinião pública revelam que uma boa percentagem de paulistas e cariocas da classe média está disposta a emigrar. E a preferência, entre os países de destino, seria Portugal, Itália, Canadá e Austrália. Na base da pesquisa estão, como é evidente, as incertezas e as indefinições do “momento político”, tanto quanto as dificuldades econômicas resultantes da incompetência dos governos em “pôr ordem na casa” (O GLOBO, 20/11/1987).

De acordo com a mesma notícia, escrita por Antonio Gomes da Costa, se até então o que predominou foi a migração de portugueses ao Brasil, agora era a vez de Portugal abrir as suas portas aos brasileiros.

[...] não nos surpreendeu que a maioria dos brasileiros consultados [...] tenha escolhido Portugal. Para além da boa fase que atravessa, da estabilidade política, da entrada na C.E.E e das oportunidades oferecidas, existem outros elementos, como a Língua, a História, a Cultura, os laços de amizade, etc. que pesam bastante na opção. Durante um século e meio o Brasil recebeu milhares de emigrantes portugueses: aqui viveram, trabalharam, constituíram família, fizeram futuro. Agora é a vez de Portugal abrir as suas portas aos brasileiros que quiserem fazer uma experiência europeia (Ibid.).

Na mesma linha da notícia publicada por O Globo, diversas outras notícias foram publicadas no Jornal do Brasil, no Estadão, na Revista Veja e em outros veículos de comunicação de grande circulação e audiência. Naquele mesmo ano, a TV Educativa do Rio de Janeiro destacava um “quase êxodo” de brasileiros para Portugal e uma equipe da TV Manchete, dirigida por Maurice Capovilla, percorreria Portugal para filmar o programa “Viagens às Terras de Portugal”, cujo foco era a história de Portugal, seu processo de expansão marítima e de modernização, passando por “lugares e o modo de ser, os intelectuais e artistas e finalmente a situação política actual” (O JORNAL, 31/12/1987). Esse programa foi posteriormente exibido no Brasil pela TV Manchete, em cinco capítulos.

Situação semelhante à ocorrida no Brasil aconteceu na imprensa portuguesa, que não demorou a repercutir a onda de notícias sobre Portugal publicadas do outro lado do Atlântico. No levantamento que fiz em jornais portugueses do período, uma das primeiras referências que encontrei sobre imigração brasileira em Portugal foi justamente uma longa reportagem publicada pelo jornalista José Júdice no jornal Expresso, de 11 de julho de 1987. Nessa reportagem, Júdice informava que essa “nova corrente migratória” era um dos resultados da inflação, da crise econômica enfrentada

pelo Brasil e das facilidades que os brasileiros encontravam na antiga metrópole, considerada por ele como “um paraíso de tranquilidade e prosperidade para os brasileiros”. “Nos últimos dois anos, a comunidade brasileira residente em Portugal aumentou significativamente, com particular destaque para médicos, arquitetos, técnicos e homens de negócios”, destacava Júdice (EXPRESSO, 11/07/1987). Posteriormente, várias outras notícias ganharam as páginas dos jornais portugueses, quase sempre como um foco distinto daquelas publicadas no Brasil.

Assim, enquanto de um lado do Atlântico os jornais falavam de um “êxodo de brasileiros” que ganhava visibilidade em manchetes como “Adeus Brasil” ou “Bye, Bye Brasil”, do outro falava-se de uma “Descoberta” e “Invasão”, porém agora não mais uma “invasão cultural” capitaneada pelas telenovelas, como se falava desde o final dos anos setenta, mas de uma “invasão de novos emigrantes”. No caso português, essas notícias misturavam-se a outras tratando do retorno de milhares de portugueses das ex-colônias, bem como da França, Alemanha e de outros países e à notícias sobre a grave crise econômica enfrentada pelo Brasil, causando a reação de trabalhadores e empresários.

Perplexidade é a palavra mais adequada para definir a reação dos brasileiros perante o caos em que a economia do país mergulhou nos últimos meses. Depois do aparente sucesso do Plano Cruzado, decretado em Fevereiro do ano passado, tornou-se ainda mais difícil perceber o que está a acontecer. As taxas de juro atingiram na semana passada 400 por cento, um nível nunca atingido nos tempos do cruzeiro. Voltou a agitar-se o espectro de uma inflação galopante, as bolsas de valores continuaram a cair e o dólar atingiu no mercado negro o dobro do seu preço oficial, os empresários ameaçam aumentar os seus preços à revelia do Governo e os trabalhadores começaram a cruzar os braços exigindo melhores salários. O Governo está paralisado e sem receber impostos. E, enfim, o caos (EXPRESSO, 24/01/1987, p. 14).

O Rio de Janeiro é hoje o epicentro de um sismo social que poderá vir a abalar, com repercussões ainda incalculáveis, todo o país. Os números demonstram que, desde o Plano Cruzado, os salários dos trabalhadores perderam 30 por cento do poder de compra, podendo chegar a 50 por cento nos próximos três meses. O salário mínimo congelado tornou-se o mais baixo, em termos reais, dos últimos 37 anos. [...] O governo não reagiu a tempo de salvar milhares de pequenas e médias empresas da falência e tornou-se comum o gesto de depositar em frente aos bancos credores, cereais, porcos, sapatos, roupas e outros

produtos, como forma de pagamento (EXPRESSO, 11/07/1987, p. 21-22R).

Portanto, a imagem do Brasil tanto na imprensa portuguesa quanto brasileira era negativa e vinculava-se ao mau momento econômico que o país atravessava após o final da Ditadura Militar, enquanto a imagem de Portugal, especialmente da parte da imprensa brasileira, era bastante positiva.

Um bom exemplo dessa dupla percepção sobre Brasil e Portugal é a carta escrita pelo advogado paulista M. F. Whitaker Salles a um amigo português retornado do Brasil. Nela, o advogado fala dos problemas brasileiros e saúda com entusiasmo a existência e os progressos da Comunidade Econômica Européia. A carta foi publicada pelo jornal português O Independente em 01 de dezembro de 1988:

Pelo que sabemos e ouvimos, pelo que nos contam e pelo que vemos, pelas imagens trazidas nos relatos dos amigos ou vindas dos canais de televisão, pelo visto de todas as maneiras enfim, o vosso retorno a Portugal – tão lamentado pelos que nos vimos privados de seu convívio – há três anos atrás, ou quatro já, perco as contas exatas no roldão do quotidiano, deu-lhes o privilégio de participar do magnífico regenerar-se europeu. Então! Que diferença, hein! Parece que o Velho Mundo é agora o mundo novo [...]. O Novo Mundo é que está velho e desanimado, daquela velhice triste, porque temporã, serôdia, sem que tivessem sido colhidos ainda frutos nem flores. Nossa juventude anseia por emigrar, pela primeira vez na nossa curta História, na direcção de liberdades e riquezas estrangeiras, reais ou míticas; a nossa força de trabalho conhece pela primeira vez o cansaço da desesperança e paralisa-se, atónita, face ao inútil e ao desperdício. [...] A velhice aqui é bem rápida: há menos de três anos – por exemplo – nasceu uma nova moeda, o Cruzado, que já senilizou-se, abandonado e ridicularizado. [...] O dinheiro desvaloriza-se pela metade, a cada mês. Alguns poucos ocupam-se em defender fortunas e ativos dessa inflação de mil por cento ao ano, arrancando cabelos na angústia de ver tudo reduzido a pó; o resto, que é todo o povo, ocupa-se em conseguir se alimentar até o final do mês. E consegue! [...] E uma riqueza que não se reparte, e o produto das grandiosas safras chega às mãos dos que a ajudam a amanho apenas em quantidades de estrita subsistência. O desperdício é espantoso, e a gatunagem só pode ser comparada à também prevalente irresponsabilidade na administração pública. Noutra terra, o estado a que chegámos já teria, e há muito tempo provocado um cataclisma social. [...] No exemplo do que acontece por aí está o futuro. Cuidem bem dêle (O INDEPENDENTE, 01/12/1988, p. 24).

Como se percebe, houve uma inversão na representação dos dois países. Agora, ao invés do Brasil, era a vez de Portugal ser representado como o “novo mundo” e como a “terra de futuro”, de “liberdades” e de “riquezas”, especialmente para a juventude. Foi dessa maneira que um país economicamente pobre e com mais de três milhões de conterrâneos no exterior foi transformando-se na terra prometida para os brasileiros (EXPRESSO, 28/03/1987, p. 02)⁴⁸.



Charge divulgada em Portugal sobre as notícias publicadas pela Revista Veja
Fonte: Jornal Público, 30/04/1993, p. 14.

2.2.6 - A visita de Mário Soares ao Brasil

Além da imprensa, outro fator que contribuiu para a divulgação da “nova” imagem de Portugal junto aos brasileiros foi a visita feita ao Brasil pelo presidente Mário Soares em 1987. Nessa visita Soares informava aos portugueses que estes tinham agora “uma pátria para se orgulhar” e que esta era uma “nova pátria”:

O Presidente empenhou-se também particularmente no contacto (e conquista...) com as comunidades portuguesas no Brasil, que constituem, segundo o próprio Soares, **“um potencial imenso por explorar”** no esforço de relacionamento entre os dois

⁴⁸ - Segundo essa reportagem, esses 3 milhões de emigrantes portugueses estavam assim distribuídos: 1.178 mil na América, 1.124 mil na Europa, 538 mil na África, 30 mil na Oceânia e 10 mil na Ásia. Em 1988, em outras reportagens, os jornais portugueses falavam de centenas de jovens açorianos que emigravam anualmente em direção aos Estados Unidos, Canadá e Bermudas.

países. Recebido com frieza em visitas anteriores pelos compatriotas – quase todos distantes da realidade actual do país -, Mário Soares veio desta vez dizer-lhes que tinha **“uma pátria para se orgulhar”** e que esta **“nova pátria”** era justamente resultado da democracia e também da descolonização (EXPRESSO, 04/04/1987, Grifos no original).

A visita de Soares ao Brasil ocorreu cerca de um ano após a entrada oficial de Portugal na Comunidade Económica Europeia e, ao reforçar os laços históricos existentes entre os dois países, serviu como mais um estímulo para o retorno de muitos portugueses, para a migração de vários brasileiros e para novos investimentos em Portugal.

Naquele momento, de olho na CEE e nas oportunidades que a parceria com o “país irmão” poderia render, muitos empresários brasileiros iniciavam ou ampliavam seus negócios naquele país. Isso aconteceu, por exemplo, com o Grupo Pão de Açúcar, O Boticário, Grupo Odebrecht (Bento Pedroso), Companhia Brasileira de Projetos e Obras (CBPO), Gradiente e outras empresas brasileiras. Um dos eventos que marcou essa aproximação foi a “I Expo Portugueses d’Além-Mar e seus Parceiros”, realizada em julho de 1986 nos pavilhões da Feira Internacional de Lisboa com a presença de empresas brasileiras como Itautec, Pão de Açúcar *Trading*, Arno, Gradiente, O Boticário e Brastemp. Segundo o jornal Expresso, nesse evento cerca de duzentos empresários brasileiros tentavam conquistar os mercados português e europeu, mostrando seus produtos. “Bebidas tropicais, artesanato, tapeçarias, artigos para equipar e decorar o lar, brinquedos, cerâmica, confecções e acessórios, cosméticos, perfumes, electrodomésticos, jóias, embalagens, livros, revistas, entre outras, fazem parte do extenso rol de artigos expostos”. Durante o evento houve ainda desfile de moda, comida típica brasileira e a exposição de 500 obras de 90 artistas brasileiros (EXPRESSO, 26/07/1986, p. 01).

Vale lembrar que o interesse em estreitar relações não se dava apenas do lado brasileiro, mas também no lado português, já que, segundo alguns analistas, Portugal teria a partir da entrada na CEE um papel estratégico nas relações entre a Europa, o Brasil e a África. Para isso, os portugueses precisavam ser europeus sem deixar de ser atlânticos (EXPRESSO, 30/05/1987, p. 64).

A entrada de Portugal na CEE representou para os portugueses, segundo o jornal Expresso (21/12/1985, p. 31), o “ano zero” ou “marco fundamental no início de uma nova era do nosso país, continental e europeia”.

2.2.7 - Brasuca: em busca do “boom” português

Wander da Silva Castro, ou Brasuca como é conhecido em Portugal, nasceu em Anicuns, Goiás em 1953. Filho de militar viveu toda a sua infância no campo. Em 1972, com dezenove anos, saiu de sua cidade natal para ir viver em Goiânia. De lá iria anos mais tarde para o Rio de Janeiro, onde concluiria o chamado “Científico” (Ensino Médio). Depois de concluído o “Científico”, a intenção de Brasuca era passar no vestibular para Engenharia Florestal e sair do país através de um intercâmbio estudantil. Sua expectativa era o Canadá como mostra o fragmento a seguir.

Na rua que eu morava a rapaziada da minha idade todos eles fizeram intercâmbio estudantil nos Estados Unidos, passavam lá dez meses, que era um tempo normal de um intercâmbio estudantil. Então me bateu na cabeça na época de tentar fazer Engenharia Florestal e passar com boa pontuação para ver se eu conseguia uma bolsa para o Canadá. Essa era a intenção. Porque o Canadá valoriza muito essa área, reflorestamento, e o Brasil não. Eu sabia que isso lá (no Brasil) não tinha futuro. A intenção era mesmo fazer para isso. Acabei de passar para uma universidade no segundo vestibular que eu fiz, a Universidade Rural do Rio. Eram quarenta e cinco quilômetros do Rio, antiga estrada Rio - São Paulo. Depois não tinha condições financeiras. Apesar da faculdade não ser paga, mas tinha minhas despesas pessoais. Um amigo meu também que fez, ele fez até intercâmbio com os Estados Unidos, ele também parou de estudar, não quis mais. E parou aí a coisa sabe. A escola parou aí⁴⁹.

Frustrado seu projeto inicial de seguir carreira como engenheiro florestal e ir para o Canadá, Brasuca abriu então, no início dos anos oitenta, uma pequena empresa na área de eletrônica. O negócio, porém, não deu certo e, em 1986, depois de receber um convite de um amigo de Goiás ele decidiu sair do Brasil pela primeira vez. Destino? Estados Unidos da América. Sonho? Seguir carreira na área musical. “Eu fui para morar mesmo. Porque eu queria mexer com música, porque eu também mexo com música. Eu queria ver se conseguia gravar lá um CD ou fazer uma coisa assim, uma banda ou qualquer coisa”⁵⁰.

Sua experiência nos Estados Unidos não durou muito tempo. Alguns meses depois da partida, já estava de volta ao Brasil. Entre os motivos do retorno estavam as

⁴⁹ - CASTRO, Wander da Silva. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, Portugal, 09 dez. 2007. Gravação em MP3.

⁵⁰ - Idem.

dificuldades para conseguir emprego e o aumento da pressão da Polícia de Imigração sobre os estrangeiros.

Mas as coisas nos Estados Unidos... em lugar nenhum não é como a gente imagina. Tive em Miami um tempo. Orlando e Miami. Depois me deparei com uma cidade assim um pouco... as pessoas assim correndo da polícia lá naquela época. O emprego estava difícil. Foi uma época ruim oitenta e seis⁵¹.

De volta ao Brasil e ao Rio de Janeiro, Brasuca decide fazer um curso de Guia de Turismo e começa a trabalhar nessa área, guiando excursões entre o Sudeste e Sul do Brasil. No entanto, a grave crise econômica que o país atravessava nesse período fazia com que o número de viagens diminuísse cada vez mais e levasse Brasuca a buscar alternativas para sobreviver. Nesse contexto, em 1987, apareceu uma oportunidade de migrar para Portugal e ele não teve dúvidas, decidiu partir.

Eu gostava do meu trabalho de guia, mas a empresa estava indo abaixo, como tudo no Brasil foi abaixo. A gente tinha muita saída para todos os lugares do Brasil. Quando eu comecei a trabalhar não tinha ônibus parado. E depois não tinha mais saídas. Muitos ônibus já estavam parados e tal. E eu estava vendo aquilo meio mal. E recebi esse convite para vir para cá e não hesitei, sabe, em vir para cá. Larguei aquilo e vim embora⁵².

O convite para migrar para Portugal foi feito por um casal de amigos que naquele ano, em meio às boas notícias vindas do além mar e das dificuldades enfrentadas no Brasil, decidiram retornar à Europa.

Era um português que vivia lá, que eu te falei. Uma família portuguesa que tinha uma pensão em Copacabana. A pensão era em Copacabana, mas eles moravam na Tijuca, eu morei sempre na Tijuca. E esse rapaz, José Moraes de Figueiredo, que mora ali em baixo no São João até hoje, casou com uma amiga minha e me convidou. Decidiram vim pra cá. [...] Porque as coisas no Brasil estavam mau e todo mundo estava vendo isso e eles decidiram vender aquela pensão e vir embora. Eles sempre tiveram aqui coisas, apartamentos e tinha aqui uma chácara e têm até hoje. Então eles me convidaram e eu vim. Eles vieram mais ou menos em junho, julho de oitenta e sete e eu vim em setembro⁵³.

⁵¹ - Idem.

⁵² - Idem

⁵³ - Idem

Segundo Brasuca, entre os principais motivos que haviam levado ele, seus amigos e outros brasileiros a sair do Brasil naquele momento, estava a frustração em relação ao que estava acontecendo no país após o fim da Ditadura Militar.

Porque a esperança do povo brasileiro era de que quando acabasse a Ditadura o país voltasse a ser um país decente. E foi o que não aconteceu. A Ditadura acabou e veio uma bandalha, abandonou o país, veio uma espécie de rédea solta: criminalidade, impunidade, roubalheira nos governos. [...] Para quem tinha olhos para ver as coisas ficou extremamente frustrado, é lógico. A maioria da massa do país não ficou assim muito contente, mas também não ficou descontente, porque não era politizada, as pessoas no Brasil não são politizadas, acabam por não compreender essas coisas. Mas havia muita gente que viu que isso foi propositado, foi uma virada. Eu costumo chamar isso o resultado da Ditadura. A Ditadura veio para aniquilar o país e quando os militares saíram ficou o resultado⁵⁴.

Para Brasuca, portanto, o que estava acontecendo no Brasil no final dos anos oitenta, inclusive o movimento de saída em direção ao exterior, era o “resultado da Ditadura”, uma espécie de passivo, pago pela população, deixado pelos militares após mais de vinte anos no poder. Esse passivo, somado à desesperança e frustração em relação ao país e as notícias vindas de Portugal e de outras partes do mundo, eram terreno fértil para que, especialmente aqueles com maiores condições financeiras, “que tinham olhos para ver as coisas” e redes de contatos estabelecidas, decidissem viver no exterior.

Porque é lógico que quem está vivendo num país como o Brasil, que estava vivendo naquela época num Brasil sem esperança, daquele jeito, ouve uma notícia dessa você, bom, acaba por pensar: ‘olha está ali um boom qualquer de esperança de melhoria, não só para mim, mas principalmente para o povo do país. E é muito claro que a gente, se tiver oportunidade, quer estar dentro de uma situação dessa⁵⁵.

Brasuca, portanto, era mais um brasileiro em busca do “boom” português e de olho no restante da Europa. Sua chegada, ocorreu num momento em que a demanda por trabalhadores imigrantes era uma realidade em diferentes localidades de Portugal. No Alentejo, por exemplo, o governador civil de Portalegre informava, já em 1988, que os

⁵⁴ - Idem

⁵⁵ - Idem.

24,2 milhões de contos que seriam investidos na sua região com o objetivo de “tentar corrigir os desequilíbrios regionais, com os olhos postos no Mercado Único de 1992”, poderiam não ser bem aproveitados “perante a possibilidade de não haver potencial humano para aproveitar as oportunidades que se abrem”. Entre os principais problemas de Portalegre estava o excessivo número de moradores com idade superior aos 60 anos de idade e o esvaziamento populacional provocado pelas migrações desde os anos 60, em função da “incapacidade da região para oferecer postos de trabalho atraentes” naquela época (EXPRESSO, 12/11/1988).

A chegada de Brasuca em Portugal ocorreu em setembro de 1987, tendo sido acolhido por seus amigos luso-brasileiros que haviam retornado do Brasil alguns meses antes e que viviam em São João da Caparica, há poucos quilômetros de Lisboa. Seu primeiro emprego foi em uma loja de conserto de geladeiras e máquinas de lavar. Durante o verão, trabalhava como músico em bares e outros estabelecimentos próximos ao mar.

A conversa com Brasuca ocorreu em dezembro de 2007 na cidade da Costa da Caparica em um bar de um português, velho amigo seu. Nos seus 20 anos longe do Brasil, as idas e vindas entre Portugal e outros países foram inúmeras. Já em 1989, dois anos após sua chegada em Portugal, seguiu para a Bélgica para trabalhar em um restaurante, depois para a Alemanha, a Inglaterra e a Dinamarca, num movimento que se tornaria cada vez mais freqüente para brasileiros, portugueses e demais imigrantes.

2.2.8 - Os Dentistas Brasileiros em Portugal

A partir do final dos anos oitenta, em meio a inúmeras notícias sobre a imigração brasileira para a antiga metrópole, um tema polêmico mobilizou a imprensa, autoridades e cidadãos portugueses e brasileiros: os dentistas brasileiros em Portugal.

Tal tema apareceu com destaque na imprensa portuguesa a partir de 1988 e rendeu inúmeras reportagens durante toda a década de noventa. Uma das primeiras notícias sobre o assunto foi publicada pelo jornal O Independente, em três de junho de 1988. Nessa reportagem, uma foto central mostrava um dentista e sua paciente em um consultório odontológico de Portugal e logo abaixo a expressão “**Dentistas brasileiros** sentem-se enganados” (O INDEPENDENTE, 03/06/1988, p. 12, grifos no original). O foco da reportagem, ao contrário das publicadas até então, era o retorno dos brasileiros

devido à frustração com Portugal. Entre os que estariam retornando, segundo O Independente, estava o dentista brasileiro Antonio Luciano Pinto de Abreu, 61 anos, em Portugal desde 1985.

Um dos principais problemas enfrentados por Antonio Luciano e outros dentistas brasileiros em Portugal era o não reconhecimento de sua habilitação pelos órgãos regulamentadores dessa profissão, o que os obrigava a atuar na clandestinidade, sendo muitas vezes subcontratados por outros dentistas, entre eles os próprios portugueses.

Além dos jogadores de futebol, os dentistas tornaram-se rapidamente conhecidos pela polêmica que causaram em relação ao reconhecimento dos seus cursos. No Brasil o curso de Odontologia tem a duração de quatro anos. Já em Portugal, o curso é de seis anos, e o profissional recebe o título de médico-dentista. Não possuindo a equivalência, os dentistas brasileiros partiram para trabalhar em regime de comissão, sujeitando-se a esquemas de exploração de alguns proprietários mal intencionados. Os brasileiros reclamam que estão a ser vítimas de boicote [...] (Ibid.).

Segundo dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, o número de dentistas brasileiros em Portugal não chegava a 75 até o final de 1986. Tratava-se, portanto, de um grupo extremamente reduzido, especialmente em um país cuja demanda naquele mesmo ano era de cerca de 3.800 dentistas e que há mais de 10 anos vinha tentando aumentar o número desses profissionais (CORREIO DA MANHÃ, 06/07/1986).

De acordo com reportagem publicada pelo jornal português Correio da Manhã de setembro de 1982, em função da grande demanda por esses profissionais, houve, entre 1976 e 1977, a tentativa de regularização da situação de odontologistas através de um curso rápido em que se inscreveram 1.200 dentistas, “dos quais 43 por cento tinha a quarta classe e só 10 por cento o sétimo ano do liceu” (CORREIO DA MANHÃ, 18/09/1982). Ainda assim, em 1980 o jornal A Tribuna informava que havia em Portugal apenas um dentista para cada dez mil habitantes, enquanto a recomendação da Organização Mundial de Saúde era um especialista para cada dois mil habitantes (A TRIBUNA, 23/05/1980). Apesar dessa realidade, a entrada de dentistas no mercado português nesse mesmo período era fiscalizada e muitas vezes condenada pela Ordem dos Médicos de Portugal (OMP), entidade que patrocinaria toda uma perseguição aos dentistas brasileiros em Portugal a partir de 1987 e que direta ou indiretamente também ajudaria a pô-los em evidência na imprensa daquele país. Conforme mostra a notícia

abaixo, as denúncias feitas pela OMP acabavam levando a fiscalizações e controles que extrapolavam os limites do exercício da profissão.

AS INSPECÇÕES das Finanças e do Trabalho, assim como a Polícia Judiciária e o Ministério Público, estão a investigar alegadas irregularidades sobre o exercício de clínica dentária em Portugal por cidadãos brasileiros [...]. As queixas que estarão na origem das investigações, e que são apresentadas por clínicos portugueses e outras entidades, vão desde “**a não homologação oficial do curso**” com o qual os brasileiros se apresentam para exercer a profissão até à alegada irregularidade da sua situação como cidadãos estrangeiros [...] (EXPRESSO, 07/10/1989, grifos no original).

Segundo a mesma reportagem, a secção de Medicina Dentária da Ordem dos Médicos de Portugal já havia ingressado naquele momento com processos contra dentistas brasileiros em vários tribunais do Norte do país.

Na opinião de Duda Guennes, o que predominou no caso dos dentistas brasileiros foi principalmente o “espírito corporativo”. Para Guennes, a causa do conflito “não era por serem brasileiros. Era por serem dentistas”⁵⁶. Prova disso, eram as denúncias que vinham sendo feitas nesse mesmo período pela Ordem dos Médicos contra a atuação de jovens médicos espanhóis em Portugal. Esse caso, porém, teve repercussões bem menores⁵⁷.

Já no caso dos dentistas brasileiros, a contra ofensiva aos ataques sofridos iniciou em 1987 e contou com o auxílio da imprensa brasileira. Em pouco tempo, conseguiriam sensibilizar também as autoridades dos dois países. A alegação brasileira era a de que o reconhecimento de seus títulos e a equivalência de diplomas estavam assegurados pelo acordo Cultural Brasil-Portugal, de 1966. Por outro lado, argumentavam que os dentistas brasileiros eram profissionais com experiência profissional comprovada e justificavam dizendo que a equivalência entre o título brasileiro e o português era extremamente dificultada em função das diferenças entre os currículos das universidades do Brasil e de Portugal. Segundo o jornal Correio da Manhã, dos cerca de 700 dentistas brasileiros que estavam trabalhando até 1991 em Portugal, pouco mais de 30 obtiveram a equivalência dos seus diplomas (CORREIO DA MANHÃ, 10/11/1991, p. 22). De acordo com este mesmo jornal, em função da repercussão desse problema no

⁵⁶ - GUENNES, Duda. Op. Cit.

⁵⁷ - Sobre o assunto ver Expresso (10/03/1990).

Brasil, era esperada para novembro de 1991 uma visita a Portugal de uma comissão de deputados brasileiros.

O tema é complexo e a sua repercussão no Brasil está a aumentar de dia para dia. Ainda este mês, provavelmente dia 17, uma delegação de deputados brasileiros virá a Portugal contactar as autoridades máximas do País, no intuito de solucionar os problemas mais graves enfrentados pelos seus compatriotas, cujas queixas já chegaram a Brasília (Ibid.).

Essa visita, segundo reportagem publicada pelo jornal Público, de novembro de 1991, marcava um dos momentos mais tensos nas relações entre os dois países, “unidos há dezenas de anos por vários acordos bilaterais”.

Dela poderá depender a regularização dos emigrantes ilegais brasileiros no nosso país e o estatuto futuro dos cidadãos portugueses que vivem no Brasil. [...] A movimentação recente de pessoas e grupos da comunidade brasileira em Portugal, vários casos “pouco diplomáticos” no tratamento de cidadãos brasileiros no nosso país e a agudização do problema das equivalências dos dentistas fizeram crescer, nas últimas semanas, os sintomas de “mal-estar” entre os dois países [...] (PÚBLICO, 02/11/1991, p. 20).

Como se vê, uma disputa claramente ligada ao corporativismo de uma categoria profissional gerou praticamente uma crise diplomática entre Brasil e Portugal no início dos anos noventa. Essa crise e “mal-estar entre os dois países”, mobilizou diversos profissionais da área⁵⁸, lideranças e autoridades brasileiras e portuguesas e só chegou a um desfecho em 1999, quando, segundo Machado (2000), as associações brasileira de odontologia e portuguesa de estomatologia, “pressionadas pelas respectivas diplomacias nacionais”, conseguiram chegar a um acordo que resolveu o problema destes dentistas, “além de forçar a escrita de um novo acordo cultural” que passou a contemplar as situações como as dos dentistas brasileiros, porém dificultou a vida de outros profissionais brasileiros que a partir de então ficariam “completamente dependentes das ordens portuguesas” e não tinham mais o amparo do antigo tratado cultural, que previa a obrigatoriedade da concessão de equivalência. Conforme Machado, o novo tratado previa que a concessão de equivalência de diplomas era uma responsabilidade das respectivas associações profissionais dos dois países. “Tendo conquistado seus

⁵⁸ - Em 1992 houve, inclusive, protestos de rua em Lisboa, realizados por estudantes portugueses das três escolas de Medicina Dentária do país. Nesses protestos não faltou “um forte toque de xenofobia”, como mostrou o jornal Público. “Os estudantes levavam cartazes com frases como “Fora aos Zeca Diabos”, “brasileiros só nas novelas” “oh ilegais vão para o Pantanal”. (PÚBLICO, 21/03/1992, p. 25).

objetivos, a associação portuguesa admitiu que os dentistas filiados à ABOP fossem integrados à ordem portuguesa, mediante um cronograma suave de cursos de adaptação dos currículos” (Ibid.). De acordo com Machado, a influência da ABOP - Associação Brasileira de Odontologia Secção Portugal, era tanta que conseguia sempre ser recebida diretamente pelos presidentes brasileiros Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. Por outro lado, os dentistas brasileiros exploraram muito bem a mídia dos dois países e fizeram com que seu caso fosse tratado como representativo da realidade brasileira em Portugal.

[...] as reportagens preconceituosas, que relacionavam os dentistas a estereótipos sobre o brasileiro malandro, espertalhão foram as que mais se destacaram, claro. Elas, por um lado, sensibilizaram a mídia brasileira que deu destaque ao preconceito da cobertura na mídia portuguesa e, por outro, rentabilizaram a posição dos dentistas, que podiam dizer que o seu caso era um caso de defesa da imagem do Brasil, contra os preconceitos, etc (Ibid.).

Foi em meio a esse conflito que novos brasileiros chegaram a Portugal a



Charge publicada pelo Jornal do Brasil com o título “Portugal, o inferno dos brasileiros”
Fonte: Jornal do Brasil, 31/07/1988



partir do início dos anos noventa, logo tendo sido incluídos ora entre os “invasores”, ora entre os “perseguidos”. Porém, grande parte dos que chegavam não eram dentistas e tampouco pertenciam à classe média brasileira.

2.2.9 - Os novos brasileiros em Portugal

A partir do início dos anos noventa surgiram as primeiras notícias de brasileiros sendo deportados do aeroporto da Portela, em Lisboa. Dentre esses brasileiros estavam

pessoas provenientes da região de Governador Valadares, em Minas Gerais, onde já existia há muitos anos instalada uma cultura de emigração, especialmente para os Estados Unidos, e também uma rede de atravessadores e engajadores de força de trabalho. Muitos dos barrados no aeroporto da Portela pretendiam entrar em Portugal como turistas mesmo com pouco dinheiro, traziam documentos falsos ou reconheciam que vinham somente para trabalhar.

Nesse momento, ocorriam dois fenômenos em Portugal. O primeiro relacionava-se à profissionalização da emigração brasileira para esse país com o aumento do número de emigrantes provenientes de determinadas regiões do Brasil. O segundo vinculava-se à implantação em Portugal de uma nova política migratória, que respondia às exigências da CEE - Comunidade Econômica Européia, e que era cada vez mais seletiva quanto aos novos imigrantes (BAGANHA, 2005). No fundo, tratavam-se de dois fenômenos que se correspondiam, pois a chegada de brasileiros com documentos falsos, o aumento de turistas-trabalhadores ou trabalhadores que se faziam passar por turistas e, posteriormente, a manutenção dos fluxos para Portugal utilizando outros aeroportos para a entrada, eram também respostas às mudanças na legislação portuguesa.

O fato é que Portugal, a exemplo da Espanha e outros países membros da CEE, por um lado, necessitava da força de trabalho imigrante para a construção das obras estruturais financiadas pelos fundos europeus e, por outro, precisava adaptar sua legislação sobre as migrações aos padrões jurídicos de Schengen, o que dificultava a entrada dos imigrantes requeridos. Como mostraram Baganha (2005) e Malheiros (2007), foram justamente a entrada oficial de Portugal na CEE em 1986, os investimentos e as grandes obras que se iniciaram a partir daí, alguns dos principais fatores que atraíram empresas e trabalhadores não apenas do Brasil, mas também de outros países, nomeadamente os imigrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), os quais também ampliaram sua presença em Portugal a partir de então. Tais atrativos, aliados aos vínculos históricos e culturais entre Brasil e Portugal, à exposição de Portugal como um “novo país” europeu na imprensa brasileira e a profissionalização dos fluxos migratórios, contribuíram para que a presença brasileira em Portugal se tornasse significativa na década de 1990, com uma concentração de trabalhadores imigrantes na região metropolitana de Lisboa.

O número oficial de brasileiros em Portugal em 1991, segundo o Censo Populacional, era de 13.508 pessoas (INE, 1991). No entanto, a grande cobertura que a emigração brasileira em Portugal teve na imprensa brasileira e portuguesa a partir do

final dos anos 1980 fez com que o fenômeno parecesse bem maior do que ele de fato era.

Da mesma forma, a ênfase dada a uma emigração da classe média brasileira acabou predominando, mesmo posteriormente quando o número de brasileiros empobrecidos não parava de aumentar. Colaboraram para isso o longo conflito envolvendo os dentistas brasileiros e portugueses, a chegada de inúmeros publicitários e profissionais liberais, a entrada de empresas brasileiras em Portugal. No caso dos dentistas, conforme mostrei anteriormente, não eram em número significativo em Portugal, no entanto, conseguiram se manter visíveis tanto na imprensa brasileira quanto portuguesa e se articular politicamente, fazendo com que uma disputa ligada ao corporativismo de uma categoria profissional se tornasse em um problema de Estado.

Assim, quando passaram a surgir notícias de deportações de brasileiros do aeroporto da Portela, no início dos anos 1990, a tonalidade das tintas que haviam pintado a emigração brasileira nos anos anteriores era a mesma, por mais que o que agora ocorria evidenciava a presença de brasileiros ligados a outros extratos sociais. Dentre os brasileiros que foram impedidos de entrar em Portugal nesse período estavam pessoas de Minas Gerais, algumas, inclusive, com documentos falsos, outras enviadas por atravessadores, evidenciando a profissionalização da emigração para esse país, que se tornava cada vez mais uma alternativa àqueles que não conseguiam entrar nos Estados Unidos, como mostrou a Revista Veja em fevereiro de 1993.

A idéia de cavar dólares em Portugal é recentíssima, não tem mais de três meses, mas “virou febre” [...]. Surgiu por causa da dificuldade para entrar nos Estados Unidos e pareceu uma excelente rota alternativa, já que a língua é a mesma e os dois países mantêm relações especiais. [...] Sem perspectivas de prosperar, pequenos grupos de mineiros e capixabas tomaram o rumo de Portugal atrás de trabalhos sujos, pesados e mal pagos. No ano passado, só de Mantenópolis, calcula a prefeitura, partiram 150 pessoas. De Itabirinha de Mantena foram 120. Muitos aproveitam Lisboa como caminho para tentar os Estados Unidos ou outros países europeus (VEJA, 10/02/1993, p. 30-31).

A profissionalização da emigração brasileira em Portugal se acentuou a partir de 1990. Em poucos anos, já estava montada uma estrutura que possibilitava a emigração de brasileiros de diferentes extratos sociais, especialmente oriundas de Minas Gerais, a esse e outros países europeus como Inglaterra e Itália.

Uma reportagem publicada pelo Jornal do Brasil, em novembro de 1991, informava que somente no ano anterior haviam deixado o Brasil 130 mil brasileiros. Ao mesmo tempo, divulgava que em média eram barrados por dia quatro brasileiros nos aeroportos da Inglaterra (JORNAL DO BRASIL, 03/11/1991). Naquele mesmo ano, os jornais portugueses anunciavam o desmantelamento pela polícia no Norte de Portugal de uma rede internacional de prostituição de mulheres brasileiras e colombianas e a migração de trabalhadores do Ceará para “estágios” de fachada em indústrias calçadistas da cidade portuguesa de São João da Madeira (PÚBLICO, 16/12/1991, p. 21).

Um ano depois, em abril de 1992, as imprensas brasileira e portuguesa destacavam a deportação do brasileiro Vanderlei Soares Domingues, que pretendia entrar em Portugal como turista e que teria admitido que sua intenção era permanecer naquele país para trabalhar. Naquele ano, além de Vanderlei, cerca de 300 brasileiros foram repatriados de Portugal (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 05/02/1993)⁵⁹. Desde 1991, segundo o Jornal do Brasil, já tinham sido devolvidos cerca de 600 brasileiros dos aeroportos de Lisboa e do Porto (JORNAL DO BRASIL, 04/02/1993)⁶⁰. Tal situação, levaria a uma nova crise diplomática entre Brasil e Portugal no início de 1993, com ameaça de represália pelo governo brasileiro.

Nessa crise, cujo motivador principal foram as inúmeras deportações de brasileiros, especialmente entre o final de 1992 e o início de 1993, influenciaram também outros fatores. O primeiro deles era a pressão permanente dos dentistas brasileiros sobre as autoridades do Brasil e sua atuação como “defensores dos interesses nacionais”, conforme mostrei anteriormente. O segundo era a entrada em vigor em Portugal, em janeiro de 1993, da nova lei de imigração, mais restritiva e seletiva. O terceiro era a visibilidade que as deportações tiveram na imprensa dos dois países. O quarto era a pressão que vinha sendo exercida desde 1992, inclusive com protestos de rua e denúncias feitas à imprensa e aos governos português e brasileiro, por instituições de defesa dos imigrantes como a Casa do Brasil em Lisboa. E o quinto e o não menos importante, era o incômodo sentido pela elite brasileira, que se recusava a ser tratada como “terceira classe” nos aeroportos de Portugal e outros países europeus.

⁵⁹ - Nesse mesmo ano, cerca de 721 brasileiros teriam sido barrados na Inglaterra, segundo a mesma reportagem.

⁶⁰ - Na mesma reportagem o jornal informava que somente as empresas aéreas TAP e VARIG contabilizaram cerca de 500 deportações entre 1990 e 1993.

Nesse contexto, pouca atenção foi dada ao fato de os brasileiros que chegavam não se enquadrarem no padrão migratório até então vigente. Ou seja, não eram dentistas, nem jogadores de futebol, nem publicitários, nem técnicos e muito menos da classe média, mas sim pedreiros, carpinteiros, ex-agricultores, com baixa escolaridade e baixa renda.

Somado a esse movimento de chegada de brasileiros empobrecidos em Portugal nos primeiros anos da década de 1990, estava o fato de os ventos europeus e os efeitos da integração à Comunidade Econômica Européia serem cada vez mais sentidos pelos portugueses, fazendo com que crescesse o número daqueles que apoiavam um maior rigor no controle das fronteiras nacionais, apesar de ter-se consciência da importância dos emigrantes para a execução de obras financiadas pelos fundos da CEE.

Desses diferentes momentos e conjunturas, o que foi tornando-se cada vez mais visível foi que a chegada de brasileiros a Portugal e à Europa não deixaria de crescer. Se em 1980 os brasileiros em Portugal eram pouco mais de 7 mil, 25 anos depois já havia quem falasse em 250 mil (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 26/05/2006), por mais que o número oficial fosse de 65 mil (SEF, 2006). Nesses últimos 25 anos, a emigração brasileira em Portugal se profissionalizou, se proletarizou e sofreu uma “progressiva desqualificação”⁶¹, ainda que o perfil dos imigrantes brasileiros, se comparado aos africanos ou mesmo aos portugueses, contemple grande número de trabalhadores com elevada escolaridade, qualificação profissional e renda.

Dados dos Censos de 1991 e 2001, recolhidos por Peixoto e Figueiredo (2007), mostram que 76% dos brasileiros recenseados em 1991 tinha até o Ensino Médio e que entre estes estavam 35% que tinham até o Ensino Fundamental. Em 2001, 84% tinham até o Ensino Médio e destes 32% tinham até o Ensino Fundamental. Já em relação às ocupações, os dados do Censo de 1991 mostram que cerca de 40% dos brasileiros estavam empregados em setores que não exigiam necessariamente força de trabalho especializada (trabalho doméstico, comércio e serviços, construção civil e agricultura), enquanto o mesmo percentual estava em profissões intelectuais e científicas e profissões técnicas. Já em 2001 o primeiro grupo representava mais de 60% dos brasileiros, enquanto o segundo diminuiu para 20%. Pelo Censo de 2001 também fica evidente uma maior presença dos brasileiros no sector secundário, com predominância para a construção civil, o comércio e restauração. A presença dos brasileiros nesse setor,

⁶¹ - Malheiros (2007), mostra, com base em dados dos Censos do INE, que houve uma diminuição dos trabalhadores altamente qualificados e dos grandes empresários brasileiros entre 1991 e 2001.

segundo Peixoto e Figueiredo, sempre existiu, mas foi adquirindo maior importância com o tempo.

Os empregos no sector do comércio e da restauração estiveram sempre presentes ao longo das últimas décadas entre esta população. Sabe-se que, para além de um maior enviesamento a favor da mão-de-obra feminina, esta actividade atrai também muitos jovens. A expansão recente dos fluxos neste sector foi acompanhada pela maior entrada noutras actividades, como a construção civil e a limpeza doméstica, antes reservadas a outros imigrantes. Esta expansão do emprego no segmento secundário foi a principal responsável pelo grande aumento recente da imigração. Grande parte dos Brasileiros chegados a Portugal, nos últimos anos, teve como destino ocupações deste tipo. A expansão da economia informal reforçou este fluxo. A desregulamentação dos sectores torna estas actividades mais desinteressantes para os cidadãos nacionais e mais atractivas para os imigrantes (PEIXOTO e FIGUEIREDO, 2007, p. 106).

As conclusões acima confirmam o que as pesquisas de campo na Costa da Caparica apontaram. Pelas entrevistas e informações recolhidas e pelo que apresentei acima, penso que o conceito “Segunda Vaga”, utilizado por diferentes autores para marcar a passagem de uma imigração mais qualificada para uma imigração menos qualificada, não reflete o processo migratório ocorrido em Portugal desde o final dos anos 1980. Isto porque o uso desse conceito contribui para a manutenção da imagem da imigração brasileira como uma imigração predominantemente de elite ou de classe média, desconsiderando que a proletarização da imigração brasileira ocorreu paulatinamente e paralelamente ao aumento do número de brasileiros no país, ou seja, desde o final dos anos 1980. Isto não significa que deva ser minimizado o fato de ter havido um grande salto no número de brasileiros em Portugal a partir do final dos anos 1990. O que argumento é que esse salto só ocorreu porque as bases para tal já estavam criadas e isso aconteceu ao longo de vários anos.

Vale lembrar que os brasileiros que chegavam a Portugal nos anos oitenta eram, sobretudo, pessoas em idade ativa provenientes de diferentes grupos, compostos por descendentes ou familiares de portugueses retornados do Brasil, trabalhadores especializados, estudantes, profissionais liberais e trabalhadores em geral pertencentes não só à classe média, mas também a outros extratos da sociedade brasileira. Porém, ainda predominava uma imigração individual. Essa realidade mudaria a partir da segunda metade dessa década e, no início dos anos noventa, passaria a predominar processos de migrações coletivas, familiares e profissionalizadas.

Desde então, a entrada de emigrantes de diferentes países em Portugal não deixou de crescer, levando o governo português, pressionado internamente e pela União Europeia, a adotar novas leis de imigração. Essas leis, em especial, a nova Lei de Imigração, de 1992, que entrou em vigor em janeiro de 1993, e o aumento da xenofobia em relação aos imigrantes das ex-colônias portuguesas, colocaram em cheque e em crise as relações bilaterais estabelecidas ao longo do século XX entre Portugal e Brasil, fazendo inclusive com que fosse questionado o Tratado Bilateral de Igualdade de Direitos que havia sido firmado pelos dois países em 1972⁶².

2.3 APONTAMENTOS GERAIS SOBRE A PRESENÇA BRASILEIRA EM PORTUGAL

Os dados e informações apresentados neste capítulo mostram que a presença brasileira em Portugal, mesmo ocorrendo desde o século XVI, só se tornou numericamente significativa e ganhou visibilidade a partir do final da década de 1980. Por outro lado, tal presença não se constituiu num movimento isolado das migrações que ocorriam naquele mesmo momento no Brasil e em diversos outros países.

Entre as causas da imigração brasileira para Portugal estão a entrada desse país na Comunidade Econômica Europeia, em 1986, a grande cobertura da imprensa brasileira sobre a “nova” realidade portuguesa, as crises econômicas no Brasil do final dos anos 1980 e início dos anos 1990 e a estruturação gradativa de redes e conexões entre Brasil e Portugal.

Conforme mostrei ao longo desse capítulo, até por volta dos anos 1980, os brasileiros em Portugal formavam um grupo em que predominavam os fortes vínculos com a imigração portuguesa no Brasil. Além disso, espalhavam-se pelo país, com grande presença em Lisboa, Porto e em toda a região Norte, onde trabalhavam na agricultura, na indústria, no comércio e em outros setores. Depois desse período, houve uma maior concentração de brasileiros em Lisboa e região metropolitana e alterou-se gradativamente o perfil sócio-econômico e laboral desses imigrantes. O ano que marcou

⁶² - Para mais informações sobre a mudança na Lei de Imigrantes em Portugal e a crise diplomática com o Brasil a partir do final dos anos 80 ver: FELDMAN-BIANCO (2001).

Apesar da crise diplomática do final da década de 1980 e início da década de 1990, Brasil e Portugal têm estabelecido, desde o final do período colonial, relações diplomáticas distintas das que ocorrem com outros países. Dentre os acordos recentes que confirmam a manutenção do tratamento diferenciado entre esses dois países está o chamado Acordo Lula, assinado em 2003, que permite a regularização de brasileiros que chegaram a Portugal antes de 11 de julho de 2003.

essa mudança foi 1987. Nesse ano, iniciaram as polêmicas na imprensa de Portugal e do Brasil sobre a “invasão” e “êxodo” de brasileiros, capitaneadas pelos conflitos corporativos entre os dentistas dos dois países. O resultado foi um longo processo de atritos em que passaram a misturar-se distintas situações e temas: interesses econômicos, migrações laborais, crise dos dentistas, deportações, mudanças na lei de imigração, estruturação de redes internacionais de imigração e as relações histórico-culturais entre Brasil e Portugal. Somado a tudo isso, estava o fato de Portugal ter recebido, após os anos 70, milhares de retornados e continuar sendo um país de emigrantes, mesmo que com fluxos menores e direcionados principalmente para a Europa e Estados Unidos.

A maior presença brasileira em Portugal a partir dos anos 1980, apesar de ser uma novidade por caracterizar uma inversão dos fluxos tradicionais da população mundial, não era o resultado de um processo de deslocamento populacional distinto daquele que ganhou força no século XIX em meio às inúmeras transformações no campo e na cidade. Ou seja, essa presença marcou apenas a nova configuração e roupagem de uma velha estrutura, mais modernizada e globalizada. Nesse processo, o “movimento internacional de trabalho”⁶³ permaneceu constante, com fluxos temporários ora em uma, ora em outra direção, acompanhando os movimentos de transformação da “moderna economia-mundo” (WALLERSTEIN, 1998). Assim, quando a pobreza atingiu o Norte de Portugal, as estruturas migratórias aí já estavam montadas e o Brasil iniciava o seu desenvolvimento do campo e posteriormente das cidades, milhares de portugueses lançaram-se rumo à antiga colônia. Quando a Europa do pós-guerra precisava ser reconstruída, portugueses e outros imigrantes foram requisitados a contribuir com sua força de trabalho. Posteriormente, em meio a novos investimentos, feitos com fundos europeus, e à grave crise pós-militar na América Latina e pós-colonial na África, Portugal transformou-se na terra da prosperidade para brasileiros e outros imigrantes.

Tanto as migrações de portugueses para o Brasil quanto as de brasileiros para Portugal usaram-se dos mesmos “aparatos”: políticas de incentivo e forte propaganda de estímulo à saída, nos locais de origem e de destino, presença de atravessadores, estruturação de negócios em torno das partidas, chegadas e retornos, envios de remessas, necessidade de afirmação do sucesso pelos emigrantes, clandestinidade,

⁶³ - Esse termo foi utilizado por Baganha (1998) para caracterizar as migrações com forte aspecto econômico.

exploração do trabalho, busca de concretização de um projeto individual e familiar. A diferença é que hoje as possibilidades e a agilidade dos deslocamentos e informações são muito maiores, assim como são muito mais instantâneas as comunicações entre fronteiras. Além disso, o contexto atual, mesmo com a abertura e o fechamento de fronteiras, permite múltiplos destinos aos imigrantes, o que antes também ocorria, mas com menor frequência.

Nesse processo, como mostrarei no próximo capítulo, no caso dos brasileiros da Costa da Caparica, os sujeitos envolvidos constroem estratégias distintas de sobrevivência, dependendo do momento e do espaço onde se encontram, mesmo que, enquanto indivíduos formem parte de uma estrutura maior, na qual estão em jogo múltiplos sonhos, projetos de vida e interesses.

CAPÍTULO 3

OS BRASILEIROS DA COSTA DA CAPARICA



Panorâmica da Costa da Caparica - Portugal

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Costa_da_Caparica

A Costa da Caparica é uma pequena freguesia portuguesa que, em 2004, foi elevada a categoria de cidade. Pertence ao Concelho de Almada e localiza-se às margens do oceano Atlântico e a cerca de 20 quilômetros de Lisboa. Em 2001, sua população oficial era de 11.708 habitantes (INE, 2001) e o forte de sua economia era o turismo e a pesca. Dentre seus moradores estão antigas famílias de pescadores, famílias de portugueses que permanecem no local apenas aos finais de semana e na temporada de verão e grupos de imigrantes de distintas nacionalidades, dentre eles brasileiros, que constituem o grupo mais numeroso.

A presença brasileira na Costa da Caparica não é antiga, por mais que se saiba que pelo menos desde o século XIX havia brasileiros residindo no Concelho de Almada. É uma presença que vincula-se diretamente ao aumento do número de brasileiros em Portugal a partir do final da década de 1980 e à inversão da mobilidade populacional que durante séculos levou milhares de portugueses para o Brasil.

A chegada de brasileiros à Costa da Caparica e a diversas cidades portuguesas desde o final dos anos 1980 marcou o início de uma nova etapa da emigração brasileira para Portugal, etapa esta caracterizada pela presença cada vez maior de emigrantes empobrecidos e provenientes de regiões brasileiras que a partir de então ficariam conhecidas pela “exportação de trabalhadores” (SASSEN, 2002) para o mercado mundial de mão de obra. Esses novos imigrantes chegavam a Portugal seguindo os rastros deixados por centenas de outros brasileiros que haviam desembarcado nesse país há muito tempo ou de conterrâneos chegados recentemente. No caso da Costa da Caparica, a chegada foi ocorrendo paulatinamente após 1987.

A partir desse período, os brasileiros recém chegados seriam recepcionados por seus conterrâneos, encontrariam facilidades para se deslocar para Lisboa e outras localidades próximas onde havia trabalho, poderiam alugar casas e apartamentos com maior facilidade, dividindo-os com outras pessoas, viveriam “provisoriamente” longe do Brasil. Foi assim que pedreiros, carpinteiros, agricultores, caminhoneiros, empregadas domésticas, pequenos empresários, faxineiras, bancários e tantos outros foram aos poucos transformando a Costa da Caparica, onde até então predominavam pescadores, imigrantes africanos e turistas, também em uma terra de brasileiros. Usando da estrutura e das redes já montadas, o grande afluxo para o local ocorreu na segunda metade dos anos 1990 e continuou até por volta do início dos anos 2000, quando encerraram-se as grandes obras em Portugal.

O número de brasileiros na Costa da Caparica na atualidade é incerto, porém existem estimativas que apontam para cerca de cinco a sete mil (EXPRESSO, 05/08/2006) e outras que chegam a projetar uma população de 10 mil imigrantes brasileiros⁶⁴. A maior parte deles é da região de Governador Valadares, em Minas Gerais, havendo também núcleos importantes de pessoas dos estados de Goiás, Espírito Santo e Paraná. São homens e mulheres predominantemente jovens. Uma parte trabalha na própria Costa, especialmente na temporada de verão, entre os meses de junho e setembro, quando a cidade fica lotada de turistas. São atendentes de bares e restaurantes, vendedores ambulantes, jardineiros, cabeleireiros, faxineiras, pintores e tantos outros que se distribuem pelos estabelecimentos, casas, ruas e pela orla marítima. Já um outro grupo trabalha em Lisboa e em outros lugares próximos. Nesse caso, predominam os trabalhadores da construção civil, muitos deles empregados por outros brasileiros que

⁶⁴ - Esse último número faz parte da projeção feita por um dos antigos imigrantes entrevistados.

moram na própria Costa. Tais brasileiros são geralmente imigrantes há mais tempo no local e com maiores contatos em diferentes cidades portuguesas. Estes usam de suas redes de relações para formar pequenas “empresas étnicas” que atuam quase sempre como subempreiteiras de empresas maiores. Há ainda um terceiro grupo de brasileiros desempregados que vive de pequenos biscates ou “bicos”, ou seja, que trabalham onde e em que houver possibilidade. Este último, é um grupo que tem crescido em função das transformações recentes ocorridas no mundo do trabalho em Portugal.

A Costa da Caparica foi o principal local das pesquisas de campo que realizei em Portugal entre os meses de agosto e dezembro de 2007, durante o estágio de Doutorado Sanduíche na Universidade de Coimbra. Na Costa realizei entrevistas com brasileiros e portugueses e observei o cotidiano da vida local. Dos relatos obtidos e das observações feitas, chamaram minha atenção as mudanças que vinham ocorrendo com a população da Costa, a importante presença brasileira no local, os conflitos derivados dessa presença e o sentimento existentes entre os brasileiros de que já não valia mais a pena permanecer ali.

Grande parte de meus entrevistados chegaram à Costa da Caparica a partir do final da década de 1990 e durante as conversas que tivemos recordavam com saudade dos “bons tempos”, não muito distantes, em que a praça central da Costa ficava lotada de veículos para o transporte de trabalhadores para as obras e em que “era possível escolher o patrão”. Em 2008, porém, tudo parecia ter mudado.

O objetivo desse capítulo é entender a história dos brasileiros da Costa da Caparica, mostrando quais as principais mudanças ocorridas nas últimas duas décadas com esse coletivo de imigrantes. Além disso, busco identificar, por meio de um levantamento qualitativo, como se configuram os espaços de moradia, de trabalho, de lazer e de sociabilidade dos imigrantes brasileiros naquela cidade.

3.1. COSTA DA CAPARICA: UMA TERRA DE PARTIDAS, DE CHEGADAS E DE BRASILEIROS

Historicamente a Costa da Caparica viveu da pesca e da agricultura, predominando até o final do século XIX o cultivo da vinha e de cereais. Nessa época, o ataque da “filoxera”⁶⁵ levaria os agricultores locais a abandonar o cultivo da vinha e iniciar a produção de hortaliças para abastecer o mercado de Lisboa e região, conforme

⁶⁵ - Praga que dizimou boa parte dos vinhedos da Europa no final do século XIX.

histórico da cidade elaborado pela Junta da Freguesia da Costa da Caparica (2003, p. 10-17).

Desde o início do século XX, a Costa serviu como um local onde as elites de Lisboa passavam suas férias e os finais de semana em balneários e em suas casas de campo. A partir de 1925, foi considerada oficialmente como estância de Turismo, “tendo-se construído então vários balneários” que eram explorados pelos proprietários, os quais “punham barracas e toldos na praia, alugados pelos poucos veraneantes que nessa altura vinham para a praia” (Ibid.).

Essa realidade pouco mudaria até a década de 1970, conforme me informou Vitor Santos, um antigo morador local, em entrevista que me concedeu na Costa da Caparica em outubro de 2007.

Olha, em sessenta pouca mudança havia, era a vida de pescadores aqui, havia pessoas a trabalhar na construção civil. A força aqui da terra era a pesca. Em mil novecentos e sessenta e nove fui para o Ultramar, portanto, fui para Angola, para a guerra. Voltei cá em setenta e dois. Quando cá cheguei isso já estava um bocado mudado. Já havia prédios, esse prédio que está aqui amarelo foi o primeiro prédio que foi feito cá. Quando saí não havia nada disso. Quando cheguei já estava um monstro daqueles e já estavam os outros a construírem também⁶⁶.

Apesar do processo de urbanização ocorrido a partir dos anos 1970, a vida dos moradores da Costa da Caparica naquele período era bastante difícil, obrigando muitos a buscar a sobrevivência em outras cidades portuguesas como Lisboa e em países como França e Alemanha.

A vida nessa altura não era muito famosa. Ainda havia muitas dificuldades para muitas famílias. [...] Saiu muita gente daqui porque as condições eram muito poucas, os ordenados eram muito baixos, apesar da vida ser baixa também. As pessoas, como em todo lado, procuram sempre o melhor. Porque era uma vida um bocadinho melhor. Então havia muito imigrante, para a França, principalmente, e Alemanha e até para outros países. Mas talvez mais para a França e a Alemanha⁶⁷.

Por outro lado, as dificuldades enfrentadas fizeram com que famílias empobrecidas da Costa ocupassem, após o 25 de Abril, as casas de veraneio abandonadas pelas elites de Lisboa.

⁶⁶ - SANTOS, Vitor. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Lisboa, 08 out. 2007. Gravação em MP3.

⁶⁷ - Idem.

A volta de mil novecentos e setenta tínhamos aquelas famílias mais ricas que tinham cá casa na Costa, que vinham de Lisboa pra cá passar as férias. As famílias traziam criadas. [...] Isso era uma terra no verão que vivia bem porque havia muita gente a veraneiar. É claro que alguns ficaram depois por cá a morar o ano todo. Como tinham duas casas, uma em Lisboa e outra aqui ou em outro sítio qualquer e aqui na Costa, umas vezes estavam cá, outras vezes estavam em Lisboa. Mas isso depois do 25 de Abril foi se alterando. Houve a revolta do 25 de Abril e muitas pessoas que tinham casa aqui na Costa e as pessoas que eram mais pobres começavam a ficar com as casas que estavam aí vazias e a ficar com elas. Viviam em barracas e havia casas boas que estavam fechadas durante vários anos e as pessoas começaram a se apropriar dessas casas⁶⁸.

Entre as famílias empobrecidas, estavam muitos retornados da África e de outros países, conforme me informou o padre Antonio Pires em entrevista concedida na Costa da Caparica, também em outubro de 2007.

Havia um núcleo que agora já não existe, havia um núcleo muito forte de africanos. Sobretudo de Angola, Guiné e Moçambique. Eram pessoas retornadas. Tinham vindo para aqui depois da independência de Angola, de Moçambique e da Guiné. [...] Essas pessoas acabaram, ao não encontrar alojamento, a fabricar o seu próprio alojamento, ou seja, as suas barracas, nas matas que circundavam a Vila da Costa da Caparica⁶⁹.

Esse contexto mudaria significativamente a partir da década de 1990, quando inicia um movimento para tornar a Costa da Caparica um espaço de turismo internacional. Segundo reportagem publicada pelo jornal Expresso, a Costa da Caparica vinha firmando-se nos últimos anos da década de 1980 como um dos maiores centros de veraneio de Portugal. No entanto, para que a Costa se consolidasse como um destino turístico atrativo, eram necessárias algumas adaptações, entre elas a “reabilitação” da zona, o que implicava, segundo a presidente da Câmara Municipal de Almada, a demolição de inúmeras habitações em precárias condições. Com isso, seria necessário construir “550 fogos destinados aos desalojados”:

A presidente da Câmara (de Almada) volta a insistir na reabilitação da zona como elemento “**imprescindível ao desenvolvimento social e turístico da região**”. Uma reabilitação que passa “**forçosamente**” pela demolição das construções clandestinas que ainda desfiguram grande parte do areal da Caparica. O processo de demolições foi desencadeado

⁶⁸ - Idem.

⁶⁹ - PIRES, António. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Lisboa, 08 out. 2007. Gravação em MP3.

pela CMA em 1987, em colaboração com a Secretaria de Estado do Ambiente, com a Direcção Geral da Marinha e com a Direcção Geral de Portos. As demolições ocorreram primeiramente na Praia da Rainha, estendendo-se depois às Praias do Rei e da Fonte da Telha. Mais recentemente, incidiram na Frente Urbana da Costa, nas dunas frente ao Campo da Bola. Para Emília de Sousa, estas acções assumem uma **“importância extrema”**, visto estarem em causa **“não só os interesses da região turística da Costa da Caparica mas o interesse público nacional”** (EXPRESSO, 15/07/1989, p.07, grifos no original)

A “reabilitação” da Costa, iniciada no final dos anos oitenta, ainda estava para ser concluída em 2007. Ao longo dos anos noventa, foram investidos no local vários milhões de euros, provenientes dos fundos europeus. A previsão é que até 2011, quando as obras serão concluídas, sejam investidos 215 milhões. Trata-se, segundo publicação da Câmara Municipal de Almada (2007), de “uma das maiores intervenções de requalificação urbana a realizar em Portugal, depois da Expo’98”. Nesse processo, coube ao poder público local, com o apoio da comunidade e de empresários, deslocar para outras localidades várias famílias que viviam nas áreas próximas ao mar.

Com as intervenções feitas nos últimos anos, a Costa da Caparica parece caminhar para a consolidação do que ocorreu em outras cidades do litoral português e de diversos países: o predomínio da lógica turística e da especulação imobiliária, com o gradativo afastamento do mar dos antigos moradores locais e das famílias mais pobres. Essa lógica, ao mesmo tempo em que gera uma reorganização do espaço, acaba também estimulando a criação de empregos em setores como a construção civil, a hotelaria, bares e restaurantes e os serviços em geral, onde predominam cada vez mais trabalhadores imigrantes.

Foi, portanto, nesse processo de mudança do perfil econômico da comunidade, com a decadência da atividade pesqueira e agrícola e a priorização e consolidação da atividade turística, que novos imigrantes chegaram à Costa da Caparica a partir do início dos anos 90. Entre estes imigrantes estavam os brasileiros.

Um dos fatores que interferiram para a escolha dos brasileiros por esse local foi, na opinião do padre António Pires, o fato de haver habitações disponíveis e baratas, especialmente nos períodos de baixa temporada para a atividade turística.

O facto de haver segunda habitação. O fato de a Costa da Caparica ser uma zona de veraneio, e saem da Costa da Caparica de segunda à sexta-feira, por isso de classe média. Segundas habitações compradas numa altura em que o país está num

grande desenvolvimento econômico. Compradas com empréstimo ao banco. Fez com que fosse quase único no país uma zona com grande disponibilidade de casas para alugar. O mercado de aluguer não existe praticamente em Portugal, mas existe na Costa da Caparica. Porque na Costa da Caparica há segundas habitações vazias durante todo o inverno. Por isso o que a maior parte das pessoas fez? Aproveitou para alugar as casas. Dispunha as casas em que mês? Mês de outubro, novembro, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho, julho. As pessoas iam-se embora, vinha a época balneária, e as pessoas alugavam a preços mais caros, julho, agosto e setembro. É aquilo que, penso eu, faz com que os brasileiros venham para a Costa, é a existência e a possibilidade de alugar casa. Como há esse conhecimento? Através das agências de aluguer. Através de uma agência de aluguer. 'Eu tenho aqui uma segunda habitação'... não tenho, mas se tivesse para alugar casa, vou a uma agência e lá digo 'olha, eu tenho uma casa qualquer'. E a partir daí permite o fluxo⁷⁰.



Centro da Costa da Caparica na temporada de verão 2007

Foto: Adriano Larentes da Silva

Os primeiros contatos de padre António com brasileiros na Costa da Caparica aconteceram por volta de 1994, quando começou a ser procurado em função das

⁷⁰ - PIRES, António. Op. cit.

inúmeras dificuldades que muitos vinham enfrentando, entre elas o não recebimento de salário.

O contacto com a comunidade brasileira acontece pelo pedido de ajuda que alguns cidadãos brasileiros vêm fazer a Igreja. E isso é, como já havia lhe dito anteriormente, é um processo repentino que de um ano para o outro era realidade. O que era de mil novecentos e noventa e quatro deixou de ser em mil novecentos e noventa e cinco. Há uma mudança muito grande. Qual é o contacto da Igreja com eles? Aparecem gente a pedir ajuda porque não lhe pagam os ordenados, porque estão cheios de fome, porque não conseguiam pagar o aluguer e por isso foram postos na rua. Esse foi o primeiro contacto⁷¹.

Apesar de o contato com padre António ter ocorrido só em meados dos anos noventa, a chegada dos brasileiros à Costa da Caparica já ocorria desde o final dos anos oitenta. Um dos primeiros a chegar nesse local foi Wander da Silva Castro, o Brasuca, que, depois de morar três meses em São João da Caparica, desembarcou na Costa em dezembro de 1987. Nessa época, segundo Brasuca, já havia, pelo menos, dois brasileiros morando na Costa. Um deles era bastante conhecido por ser músico e por cantar os sucessos de Roberto Carlos. Seu nome? José Americano.

Nessa época era bom para a música e eu comecei a tocar em alguns bares aqui. [...] Já havia um músico aqui que era o José Americano, conhecido como José Americano. O José Americano ele só cantava Roberto Carlos (risos) e fazia uma espécie de uma mixagem das músicas de Roberto Carlos e não chegava a terminar nenhuma delas. Era uma seqüência, parecido com um CD gravado. Mas era um *keyboard* que ele tinha, um teclado. E cantava muito mal por sinal. Não tinha mais nada e o pessoal aqui gostava⁷².

O outro brasileiro que vivia na Costa em 1987 era Osvaldo, que, de acordo com Brasuca, se dizia jogador de futebol e estava voltando ao Brasil. “Tinha um rapaz que chamava Osvaldo que disse que tinha vindo para cá para jogar futebol. Ficou doente, não tinha cura. Quando eu cheguei aqui ele estava indo embora para o Brasil. Tinha ido morrer em casa certamente”⁷³.

Após José Americano e Osvaldo, novos brasileiros chegariam a Costa da Caparica em 1990. Nesse período, de acordo com Brasuca, começaram a desembarcar brasileiros residentes no Canadá. “Foi em noventa, já estava quase chegando o fim do

⁷¹ - Idem.

⁷² - CASTRO, Wander da Silva. Op. Cit.

⁷³ - Idem.

ano e, no entanto, começou a chegar um pessoal do Canadá para cá, uns brasileiros que estavam no Canadá”. Segundo ele, eram majoritariamente brasileiros que anos antes haviam emigrado de Minas Gerais, no Sudeste do Brasil, para o Canadá e dali partiram para Portugal na expectativa de legalizarem no consulado canadense em Portugal sua situação como imigrantes no Canadá.

Deram um papel para eles que eles chamavam de *back law*, que era uma lei de permissão para pedir legalização nos consulados do Canadá fora do Canadá, podia ser em qualquer país. Uns vieram para cá, uns foram para o México. E eu conheci esse pessoal que veio para cá⁷⁴.

De acordo com Brasuca, a chegada desses brasileiros continuou a acontecer durante quase um ano, entre 1990 e 1991. “Passou ao longo de mais ou menos uns nove meses, dez meses, chegando pessoas. Por volta do final de 1990 até o início de 1991 estava chegando gente aí do Canadá”. Desses brasileiros, a grande maioria teria retornado para o Canadá enquanto “alguns ficaram por aí, não voltaram” e, possivelmente criaram as condições para a chegada de novos brasileiros à Costa da Caparica nos anos seguintes, quando o número de brasileiros em Portugal cresceu rapidamente.

Depois que esse povo foi embora para o Canadá outra vez, mais ou menos um ano depois começou a chegar os imigrantes, os brasileiros que hoje vivem aqui. Mais ou menos noventa e dois co-me-çoou a aparecer assim, bem de vagar, a chegada desses brasileiros. [...] Aquilo que você me perguntou sobre a notícia sobre quem é que divulgou isso aqui eu acho que foi o povo que veio do Canadá para cá é que comunicaram alguns amigos e familiares no Brasil que tinham vindo aqui e que tinham conhecido isso aqui e que, se era difícil ir para o Canadá, porque é que não vinham para cá? Eu acho que pode ter sido isso. Porque foi muito esquisito ter chegado aos ouvidos dos brasileiros lá no Brasil que essa cidade aqui existia, sem ninguém ter falado.⁷⁵

Estruturavam-se assim as redes que permitiriam que o fluxo de brasileiros na Costa da Caparica e em Portugal ganhassem força e que possibilitavam a chegada, a partir do início dos anos 1990, de grupos vinculados a extratos sociais menos favorecidos economicamente da sociedade brasileira. Estes, pertenciam, portanto, aos mesmos grupos que começariam a ser barrados no aeroporto da Portela a partir de 1991

⁷⁴ - Idem.

⁷⁵ - Idem.

e que procurariam padre António e a Igreja Católica para pedir auxílio, a partir de 1994. Desse momento em diante, as conexões Brasil-Portugal já não seriam as mesmas. Além disso, se intensificariam as conexões Costa da Caparica-Brasil e, em especial, as conexões Costa da Caparica-Governador Valadares.

3.2 - OS LUGARES BRASILEIROS NA COSTA DA CAPARICA

Em se tratando de brasileiros, a Costa da Caparica é um espaço bastante plural. Nela, vivem brasileiros e brasileiras de diferentes idades, grupos étnicos, lugares de nascimento e histórias de vida e de trabalho.

O trabalho de campo que realizei neste local, revelou a dinâmica de um espaço que foi aos poucos sendo apropriado e transformado pelos brasileiros e que se difundiu como um dos principais territórios de imigração brasileira em Portugal. O número de brasileiros e de pontos de encontro étnicos ali existentes mostram a importância da Costa em relação à outras localidades de imigração brasileira na Península Ibérica. Destes pontos de encontro ou lugares brasileiros, destacam-se os bares, as igrejas, as lojas de remessas e a praça central.

3.2.1 - Os bares

Em 2007 os brasileiros se encontravam em, pelo menos, seis “bares de brasileiros” existentes na Costa da Caparica. Em um deles, conhecido como Bar do Seo Zé, localizado na área central da Costa, o maior público era de mineiros. Seu dono era José Rodrigues Neto, um ex-bancário de Governador Valadares que migrou para Portugal no final da década de 1990. Além de Seo Zé, trabalhavam no bar sua esposa, sua filha, seu genro e uma sobrinha.

A presença de brasileiros nesse bar era diária e aumentava substancialmente aos finais de semana, quando chegavam os brasileiros que vinham da Espanha, dos quais tratarei mais adiante, e quando os pais levavam seus filhos para o almoço ou lanche e para a socialização com os demais conterrâneos. Ali os pratos preparados pela família do Seo Zé tinham como base a comida mineira, para lanche se poderia pedir coxinhas, pão de queijo e sanduíches brasileiros e as bebidas servidas eram uma mescla entre marcas brasileiras e portuguesas. As músicas ouvidas eram brasileiras e as conversas à mesa misturavam assuntos como trabalho, família, a situação dos brasileiros em

Portugal e os projetos de migração para a Espanha e de retorno ao Brasil. Em bares como este também se pode rever os conhecidos e relaxar ao final do dia, saber sobre as últimas novidades em relação às oportunidades de trabalho e às prisões e deportações de brasileiros, além ser um espaço de solidariedade com os brasileiros que passavam por sérias dificuldades⁷⁶. Aos recém-chegados esse era ainda um lugar para buscar quartos para alugar e pessoas para dividir casas e apartamentos. Foi ali, por exemplo, que o brasileiro Alzinei me ofereceu um quarto para alugar por 300 euros, a partir de outubro, quando sua esposa voltaria ao Brasil. Por outro lado, este e os demais bares da Costa são lugares onde estão presentes símbolos importantes para os brasileiros, como a bandeira do Brasil, o mapa de seu estado, imagens de santos e de Nossa Senhora Aparecida, distintivos do clube esportivo do coração, fotos e outros elementos que dão a estes locais uma identidade própria.



Bar do Seo Zé – ponto de encontro dos brasileiros no centro da Costa da Caparica - 2007
Foto: Adriano Larentes da Silva

⁷⁶ - Em outubro de 2007, por exemplo, acompanhei uma campanha, realizada por um grupo de brasileiros, destinada à arrecadação de dinheiro para o envio ao Brasil do corpo de um jovem de 23 anos que havia falecido em Portugal. Esse jovem era de Governador Valadares – MG, era casado, pai de um bebê de um mês, trabalhava na construção civil e estava em Portugal há quatro meses. A causa da morte não foi informada. A intenção da família era arrecadar 10 mil euros para o traslado.

O bar do Seo Zé, assim como qualquer bar, é também um lugar de filosofar e de realizar debates acalorados sobre temas polêmicos. Em um dos dias que estive nesse local, acompanhei, enquanto almoçava, uma conversa entre quatro brasileiros, dois homens e duas mulheres, todos de Minas Gerais. O assunto era o atendimento no Consulado do Brasil em Lisboa e as novas exigências e prazos para requerer a documentação. Um deles havia estado no consulado no dia anterior requerendo a renovação do passaporte. O prazo inicial era de 15 dias para ser retirado, mas, segundo ele, graças a sua malandragem e esperteza, conseguiu que ficasse pronto em dois dias. Já o outro brasileiro continuava como indocumentado em Portugal. “Eu sou turista”, brincou ele com seus amigos. Em seguida, o assunto passou a ser a impossibilidade de uma nova eleição do presidente Lula. Para um dos brasileiros, se o povo quisesse haveria de ser possível. “Na democracia não é o povo quem manda?”, perguntou. “A democracia vai até onde começa o direito do outro”, respondeu o amigo. E o debate seguiu sobre a diferença entre democracia e burocracia. “Burocracia é aquilo que existe lá no Consulado”, explicou um deles. “Você sabe de onde vem a burocracia?”, perguntou o outro aos demais e, sem deixar margem para respostas, explicou: “O burocrata, no início, era uma pessoa que resolvia os problemas do povo, era um consultor popular. Mas com o tempo muita gente começou a procurá-lo e ele já não deu conta de atender a todos”⁷⁷. Estava aí, segundo ele, a raiz histórica do que tanto incomoda os imigrantes nos dias atuais: a burocracia⁷⁸.

O bar do Seo Zé, portanto, era, em 2007, um dos muitos pontos de encontro dos brasileiros da Costa da Caparica. Os que freqüentavam esse espaço não chegavam a formar uma comunidade de brasileiros, mas apenas micro-comunidades originadas de famílias expandidas, de amizades construídas, de afinidades e sentimentos partilhados, de “pequenas redes”, parecidas com as que também existiam no Porto, conforme mostrou MACHADO (2003). Foi no bar do Seo Zé que conheci boa parte dos brasileiros que entrevistei na Costa da Caparica.

⁷⁷ - Essa versão explicativa do termo burocrata pode estar relacionada à figura do “coronel-burocrata”, que atuava com representante dos coronéis e de seus interesses políticos em distintas localidades brasileiras no início do século XX. Para mais informações sobre o assunto consultar: AXT, Günter. **O Poder Judiciário na sociedade coronelista gaúcha (1889-1930)**. Disponível em: <http://www.tjrs.jus.br/institu/memorial/artigojustica.php>.

⁷⁸ - Para muitos brasileiros a burocracia e as dificuldades para serem atendidos no Consulado do Brasil em Lisboa estavam entre os principais problemas enfrentados pelos brasileiros em Portugal em 2007. Além das longas filas que precisavam enfrentar, os brasileiros reclamavam ainda das altas taxas cobradas e do mal atendimento recebido. Tudo isso, além de gerar insatisfação, abria espaço para a atuação de aproveitadores, que iam desde vendedores de lugar na fila do consulado até advogados que prestavam serviços jurídicos a imigrantes.

3.2.2 - As Igrejas

Um dos aspectos característicos dos processos migratórios é a instalação de igrejas e espaços de oração nos locais em que os imigrantes se instalam. Nesse início de século, a presença delas no meio de comunidades imigrantes é marcante. Entre os brasileiros, as que mais se expandem são as igrejas evangélicas.

Essa situação, no caso da Costa da Caparica, é bastante visível e chega a causar atritos entre “nativos” e “estrangeiros” à medida que as novas religiões opõem-se à religiosidade predominante, um catolicismo de matriz conservadora, reascende velhos estereótipos sobre os brasileiros em Portugal e deixa suas marcas no território. Tais atritos materializam-se em episódios como o que presenciei na praça central dessa cidade, em 22 de setembro de 2007. Naquela ocasião, um sábado à noite, circulava pela área central observando o movimento de turistas, vendedores ambulantes e moradores locais, quando o som de música ao vivo me chamou a atenção. Tratava-se de um culto evangélico realizado ao ar livre bem no coração da cidade, no ponto de maior circulação de pessoas: a praça principal da Costa. No local, uma guitarra, duas caixas de som, uma delas com uma fitinha verde e amarela, um microfone e três brasileiros, que se revezavam entre músicas e intervenções ao microfone. Em uma dessas intervenções, um deles, o pastor, anunciava que se tratava de um encontro promovido pela Igreja Missionária Assembléia de Deus Proverá que, conforme cartazes espalhados pela Costa nos dias anteriores, seria inaugurada no dia 24 de setembro. Segundo o mesmo pastor, dirigindo-se aos “irmãos portugueses”, os membros dessa igreja amavam Portugal e por isso estavam ali. Seus objetivos nesse país não eram “nem de ouro, nem de prata”, mas sim “conseguir novos adeptos para Jesus”. Enquanto o pastor brasileiro fazia a sua pregação, inúmeras pessoas passavam pelo local, entre elas portugueses, que, com gestos e palavras, se mostravam desapontados com tal iniciativa. Apesar disso, o culto prosseguiu, com o pastor contando sua história de envolvimento com drogas. Segundo ele, como pedreiro, profissão da qual tinha orgulho porque fora Deus quem lhe havia dado, chegava a ganhar mais de 1.500 reais por mês no Brasil, consumindo tudo com maconha e cocaína. Na época, com 27 anos, decidiu então migrar para Portugal, onde além de consumidor passou a ser vendedor de drogas.

Nesse meio tempo, enquanto foi dando detalhes de sua história, chegou a polícia local, solicitando que fosse diminuído o volume do som e apresentada a autorização para estar ali. A chegada da polícia, ao que tudo indica, ocorreu após ter sido acionada

por algum morador da cidade. Enquanto a autorização era mostrada e o volume diminuído por um dos três membros da igreja, o pastor seguia com seu relato, agora com o caso de uma cura milagrosa, dessa vez envolvendo a própria esposa. Desse culto participavam cerca de 20 brasileiros, com palmas, glórias e aleluias. Depois de um longo tempo, a polícia deixou o local sob o olhar atento de inúmeros curiosos que se aglutinaram em torno da praça. Imediatamente, o pastor e demais membros da igreja comemoraram com grande emoção, se abraçando e beijando, mostrando entusiasmo pela vitória conseguida: podiam permanecer ali, pois tinham autorização para tal.

De certa forma, o ato de estar realizando um culto evangélico, durante a temporada de verão, em plena praça pública e de isto estar sendo feito por imigrantes brasileiros soava aos portugueses como um afronto, que se misturava à presença de lugares de prostituição brasileira na cidade e a episódios passados ligados às comemorações da Copa do Mundo de Futebol de 2002 e a desfiles de carnaval, realizados posteriormente. Nestes dois últimos episódios, segundo alguns relatos, houve grandes confusões na cidade promovidas por brasileiros, a polícia de choque teve que ser chamada e muitos comerciantes locais foram obrigados a fechar as portas mais cedo. Já para os brasileiros, um culto em praça pública representava um ato de coragem, de desafio e merecedor de comemoração, pois fazia lembrar os enfrentamentos dos primeiros cristãos e servia de desforra às humilhações sofridas pelos brasileiros imigrantes em Portugal. Além do mais, fazer isso em uma cidade onde havia uma animosidade declarada entre portugueses e brasileiros há vários anos, como era o caso da Costa da Caparica, significava lembrar que os imigrantes também eram parte da cidade e que os espaços públicos desta não eram de uso exclusivo dos antigos moradores locais e suas famílias. Era, portanto, uma clara demarcação de território e uma tentativa de conquistar novos espaços.

A presença de igrejas evangélicas e de conflitos advindos dessa presença não era algo novo em Portugal, conforme mostrou Machado (2003) em sua tese de doutorado. Uma dessas igrejas, a Igreja Universal do Reino de Deus, se instalou no país no final da década de 1980 e dali se expandiu mais tarde para toda a Europa. Desde esse período, segundo Machado, a presença da Igreja Universal passou a ser associada a diversos estereótipos construídos sobre os brasileiros, em especial o da malandragem, do “trambique” e do ganho fácil e retratada pela imprensa portuguesa como parte da “invasão brasileira” nesse país, capitaneada também pela prostituição, pelo conflito envolvendo os dentistas e pelas telenovelas.

Se para os portugueses a presença de igrejas evangélicas como Universal e Assembléia de Deus representava a degradação de muitas localidades, para os brasileiros as igrejas representavam a constituição de espaços de sociabilidade, de resolução de problemas e de busca de otimismo e força para realizar seus projetos migratórios. Segundo Martes (1999, p. 131-134), uma das características de muitas igrejas evangélicas entre os imigrantes é desenvolver “um discurso e uma prática religiosa de exortação ao trabalho e incentivo à ascensão socioeconômica”. Isso ocorre, de acordo com ela, principalmente com as igrejas pentecostais que adotam a “teologia da prosperidade”. Estas igrejas encontram terreno fértil para o seu trabalho em espaços de imigração, pois constroem a idéia de que “na igreja todos podem melhorar de vida” e que isto depende do esforço individual de cada membro. Nestas igrejas, muitos problemas relacionados à imigração, moradia e trabalho são tratados como problemas pessoais que devem ser resolvidos com a ajuda do pastor e de outros membros. Trata-se, segundo ela, de um discurso diferente do construído pela Igreja Católica, especialmente por setores influenciados pela Teologia da Libertação, que buscam conscientizar os brasileiros de sua condição de imigrante.

Este trabalho, no caso dos brasileiros da Costa da Caparica, é feito por padre António e outros membros da Igreja Católica, incluindo alguns brasileiros. No entanto, conforme me informou ele na entrevista concedida em outubro de 2007, este é um trabalho difícil, porque “em cada esquina” há “um concorrente” e nem todas as igrejas se preocupam genuinamente com os imigrantes. Na Costa da Caparica, estão presentes, além da Igreja Católica, igrejas evangélicas como Assembléia de Deus, Universal e Deus é Amor.

3.2.3 - Na loja de remessas

Além das igrejas e bares, outro espaço em que a presença brasileira é bastante visível na Costa da Caparica são as lojas de envio de dinheiro. Uma das lojas de remessas instaladas no centro da Costa é a *MoneyExpress* que, além de enviar dinheiro, também dispõe de cabines telefônicas para que os brasileiros falem com seus parentes no Brasil. Em Portugal, a propaganda da *MoneyExpress* em 2007 era de que o dinheiro enviado estaria legalmente no Brasil em três horas. Segundo me informaram vários brasileiros, o envio de dinheiro era feito mensalmente ao Brasil e a quantidade variava conforme os rendimentos recebidos.

Na *MoneyExpress*, localizada no centro da Costa, conheci Moisés, em outubro de 2007, enquanto mandava dinheiro para sua ex-esposa no Brasil. No dia em que nos conhecemos ele enviou 350 euros e colocou mais 20 euros em sua poupança. Homem simples, de fala mansa, Moisés é mais um mineiro de Governador Valadares em Portugal. Quando nos encontramos, tinha acabado de chegar da Espanha, onde estava trabalhando na construção civil. Veio passar o final de semana em casa, mas voltaria na segunda seguinte bem cedo para trabalhar no país vizinho. Retornava a Portugal somente a cada 15 dias, pois aproveitava alguns sábados e domingos para ampliar seus rendimentos. Segundo me informou, estava em Portugal há sete anos e já se preparava para pegar a dupla cidadania. Para Moisés, a escolha desse país se deu depois de uma tentativa frustrada de entrar nos Estados Unidos. Pagou 20 mil dólares pela documentação a um vizinho, primo de sua esposa. No entanto, quando chegou em solo estadunidense foi barrado por portar documentos falsos. Para não ser preso e ter que pagar uma pesada multa, acabou denunciando aqueles que lhe venderam os documentos. A partir daí passou de vítima a fugitivo, escondendo-se na casa dos seus pais, trancando-se na própria casa e, finalmente, emigrando para Portugal. À época de sua primeira tentativa de imigração estava desempregado, após trabalhar 20 anos em uma fábrica de papel higiênico. Ao emigrar para Portugal, como turista, deixou para trás a esposa e três filhos. Estabeleceu-se na Costa da Caparica e arrumou emprego na construção civil com o mesmo patrão português que tem até hoje.

Moisés já foi ao Brasil várias vezes, porém, atualmente, parece ter pouca motivação para voltar, já que separou-se da esposa e dois dos três filhos estão em Portugal. O fim do casamento, segundo ele, ocorreu após a tentativa frustrada de entrar nos Estados Unidos e por ter denunciado os parentes de sua esposa. Conta que depois de mais de um ano morando em Portugal voltou ao Brasil e sentiu sua esposa diferente, tendo a partir daí só piorado a situação. Diz gostar muito dela, mas afirma com tristeza que, após 30 anos de casado, já não há mais o que fazer. Mesmo assim, continua mandando dinheiro para o Brasil. A conversa com Moisés não foi gravada, pois, segundo combinamos, isso aconteceria no dia seguinte, o que não ocorreu já que ele não compareceu ao local indicado e posteriormente não consegui mais contato, possivelmente por estar trabalhando na Espanha.

Além de Moisés, outra pessoa que conheci na loja de remessas *MoneyExpress* foi Adriana, uma brasileira de Castro Alves, na Bahia, que, quando conversamos em

setembro de 2007, já estava na Costa da Caparica há oito anos⁷⁹. Com um filho de cinco anos e mais três irmãos em Portugal, Adriana disse estar cansada de viver longe do Brasil e que voltaria em breve para sua terra natal. “Fui para o Brasil em fevereiro e vi que lá as pessoas estão felizes. Afinal, não é a felicidade que importa?”, me perguntou ela em tom de justificativa⁸⁰. Sobre o seu trabalho como atendente na *MoneyExpress* informou que muitos brasileiros usam o local diariamente para falar com seus familiares no Brasil. “Falam alto, gritam, brigam”. Assim é o dia a dia das chamadas para a terra natal, segundo Adriana. Sobre o envio de dinheiro, disse que é feito todos os dias. São valores que variam de 20 euros até 12 mil euros, dependendo do potencial de cada cliente. Os envios são feitos principalmente para Minas Gerais e Espírito Santo. Os dias de maior movimento são às sextas-feiras e aos sábados.

Nos últimos anos, o número de remessas diminuiu, segundo me informou Leandro, outro brasileiro com quem conversei, em outubro de 2007, na *MoneyExpress*. Segundo ele, “há certo tempo atrás enviavam bastante. Hoje em dia caiu muito, porque a moeda está muito baixa”. Apesar disso, os brasileiros continuam mandando dinheiro, com a diferença de que agora as remessas são menores e servem principalmente para pagar dívidas. “Não mandam dinheiro para estar lá no banco, para quando voltarem fazer alguma coisa ou para comprar alguma coisa. Mais é para pagar dívida”, informou ele⁸¹. Dos frequentadores da *MoneyExpress* da Costa da Caparica, 99% são brasileiros, segundo Leandro, e apenas uma minoria são portugueses, os quais geralmente têm negócios no Brasil.

Apesar da grande presença e circulação de brasileiros, as lojas de remessas, como a citada acima, são lugares de passagem e de conexão de redes que ligam o Brasil, Portugal e Espanha, e pouco contribuem para a interação entre os brasileiros que moram na Costa da Caparica. São, na verdade, um grande negócio e um dos setores que estimulam a saudade e a manutenção dos vínculos dos imigrantes com o Brasil como forma de potencializar as remessas e, principalmente, os lucros. Além da *MoneyExpress* há na cidade também outras lojas de remessas, além de bancos, os correios e outros canais não oficiais de envio de dinheiro.

⁷⁹ - A conversa com Adriana não foi gravada. As informações repassadas foram transcritas do caderno de campo.

⁸⁰ - Adriana voltou ao Brasil em novembro de 2007.

⁸¹ - LEANDRO. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, Portugal, 13 out. 2007. Gravação em MP3.

3.2.4 - Os locais de moradia

Além dos bares, igrejas, lojas de envio de dinheiro e a praça central, as marcas da imigração brasileira estavam, em 2007, por todos os lados da Costa da Caparica, desde cartazes convocando para um baile funk “do Rio” até as bandeiras do Brasil expostas em sacadas, janelas e paredes externas de casas e apartamentos habitados por brasileiros.

Tais bandeiras pareciam delimitar territórios, já que em outras casas estavam expostas bandeiras de Portugal. A foto abaixo foi tirada de uma das várias “casas de brasileiros” existentes na Costa da Caparica.



Foto de “casa de brasileiro” na Costa da Caparica – 2007
Fonte: Adriano Larentes da Silva

Assim como ocorre com imigrantes brasileiros em outras cidades portuguesas, o local de moradia dos brasileiros na Costa da Caparica não está localizado em áreas distintas de onde vivem os portugueses. Moram, portanto, em casas e apartamentos distribuídos pela área central. Nesse sentido, a chegada de brasileiros à Costa da Caparica a partir da década de 1990 significou o aquecimento do mercado imobiliário local e a habitação de residências que até então permaneciam fechadas durante os períodos de baixa temporada de verão.

Dos brasileiros entrevistados na Costa da Caparica, a grande maioria pagava aluguel e só um pequeno grupo, composto por imigrantes há mais tempo no país, tinha imóvel próprio.

Em geral, as casas e apartamentos são habitados por brasileiros de distintas famílias e locais de origem, os quais se agrupam conforme a disponibilidade de espaço e a conveniência. A definição do número e o perfil dos membros de cada uma dessas moradias dependem também das redes de contato. A tendência é de os brasileiros se reunirem com amigos e parentes e estes, à medida que chegam novos brasileiros com quem têm contato, abrigá-los provisoriamente em suas casas. Assim, pode ocorrer que em um apartamento de dois quartos residam até mais de 10 pessoas, já que espaços como lavanderia, sala e cozinha acabam também servindo como local para dormir. Esta realidade ocorreu, no caso da Costa da Caparica, principalmente entre 1999 e 2002, quando, segundo José Rodrigues Neto, o Seo Zé, ocorreu “uma corrida de imigração” nesse local. Ele próprio, logo que chegou à Costa dividiu um apartamento de dois quartos com outras 10 pessoas, o que fazia com que quando um dos moradores levantasse de seu colchão tinha que cuidar para não pisar na cabeça dos outros. Além dos quartos, eram ocupados para dormir a varanda, a cozinha, o corredor e até o banheiro. “Tinha uma varandazinha na janela, ali dormiam mais duas (pessoas), e um corredorzinho que dava acesso à cozinha, casa de banho e aos quartos, ali dormiam mais um monte”⁸².

O fato de muitas pessoas viverem em espaços pequenos leva a inúmeros conflitos, motivados por questões que vão desde a partilha do alimento e dos gastos da casa até a presença de convidados externos no local. Apesar disso, essa é uma forma encontrada pela grande maioria dos brasileiros para economizar dinheiro e superar as dificuldades iniciais de sociabilidade. É ainda, a maneira como as redes se expandem, permitindo que muitos encontrem trabalho e se movimentem com maior desenvoltura no estrangeiro. Para imigrantes casados e com família, a tendência é que consigam, com o tempo, alugar casas e apartamentos que lhes permitam viver em espaços mais reservados, nos quais não é necessário partilhar o imóvel com pessoas externas ao núcleo familiar. Mesmo assim, os membros da família que vivem sob o mesmo teto podem incluir, além dos pais e filhos, tios, cunhados, avós, primos, genros e noras.

Nos últimos anos, outra características em relação à moradia na Costa da Caparica é o aluguel de quartos e apartamentos para moradia apenas aos finais de semana e durante os períodos de desemprego. Isto ocorria com os brasileiros que trabalhavam na Espanha, mas continuavam com imóveis alugados em Portugal. Essa

⁸² - NETO, José Rodrigues. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, Portugal, 08 out. 2007. Gravação em MP3.

realidade, no entanto, não impedia que, em 2007, a Costa continuasse sendo uma espécie de cidade-dormitório para muitos brasileiros que trabalhavam em cidades da grande Lisboa.

Apesar de muitos trabalharem em localidades distantes e até fora de Portugal, a movimentação de trabalhadores no centro da Costa começava bem cedo, por volta das seis horas da manhã, quando os pontos de ônibus ficavam lotados e os brasileiros, com as suas mochilas nas costas, começavam a chegar. A partir desse mesmo horário também passavam a chegar os veículos das construtoras e de firmas de limpeza, as “carrinhas”, como chamam os portugueses, para apanhar os trabalhadores que já estavam à espera próximo à praça central.

3.2.5 - Na praça central

Como já dizia Castro Alves no século XIX, “a praça é do povo, como o céu é do condor” (MAESTRI, 1997). Ela é o espaço da liberdade, da expressão popular, do amor, da reivindicação, do encontro dos grupos, mas também da solidão em meio à multidão. De forma geral, é o lugar da diversidade, do pluralismo e da diferença.

A praça, no caso da Costa da Caparica, é o coração da cidade, o ponto de partida e o ponto de chegada. É nela e ao seu redor que estão o mercado público, o calçadão, os bares e lanchonetes, as bancas de revistas, as lojas de jogos, de apostas e de internet e vários outros estabelecimentos públicos e privados. Para os brasileiros, é onde estão os telefones públicos que permitem a comunicação com o Brasil, os contatos para conseguir um trabalho ou um “bico”, as ofertas de quartos e imóveis para alugar, as novidades sobre os que chegaram e os que partiram. Há alguns anos atrás esse também era o lugar onde portugueses e outros empregadores ofertavam empregos e contratavam a força de trabalho que necessitavam.

Na praça da Costa, conheci vários brasileiros, os quais andavam pelo local aos finais de semana com suas melhores roupas ou se reuniam ao final do trabalho para conversar. Foi nesse local que gravei entrevistas com Brasuca, Silvio e Iva e que conversei, informalmente, com Ermenegildo, Paulinho e Naum⁸³. O contato com este último ocorreu em setembro de 2007, durante minha primeira visita à Costa, quando

⁸³ - As conversas foram transcritas parcialmente para o caderno de campo. As informações a seguir sobre Ermenegildo, Paulinho e Naum tem como referência essas anotações.

sentei propositalmente em um dos bancos centrais da praça para ler o jornal “Notícias de Almada”.

Do banco onde eu estava, avistava brasileiros, homens que conversavam animadamente e que um deles vestia uma camisa do Cruzeiro Esporte Clube, de Minas Gerais. Pouco depois, segui até eles e, para puxar conversa, pedi informações sobre um lugar para almoçar na cidade. Foi então que conheci Naum e descobri que era de Governador Valadares e que já estava há 12 anos na Costa da Caparica. No entanto, não viveu todo esse tempo apenas na Costa. Segundo me informou, havia voltado recentemente da Itália, onde tinha ido trabalhar com um brasileiro. A experiência não havia sido boa, apesar de ter recebido pelo trabalho prestado. Perguntei-lhe então sobre emprego e ele, sem demonstrar muito otimismo, me disse que estava difícil, pois, já tinha se ido os bons tempo da Costa da Caparica, quando havia filas de “carrinhas” em busca de trabalhadores e um grande número de emigrantes para trabalhar. Agora, no entanto, “a coisa” estava bem diferente e ele não descartava a hipótese de voltar ao Brasil. “Lá a gente não comia, não bebia, não vivia?”, me perguntou ele com ar de desapontamento.

Quando conversamos Naum disse estar trabalhando nas obras do metrô de Lisboa, porém havia decidido tirar, por conta própria, dois dias de folga. “Depois eu digo que estava mal”, brincou ele. Enquanto conversávamos chegou Paulinho, outro mineiro de Governador Valadares, trabalhador da construção civil, e o assunto voltou a ser a dificuldade de trabalho. A alternativa apresentada por ambos para fazer frente a essa situação era jogar na loteria. Quem sabe não teriam sorte? Naum, por exemplo, havia jogado e estava na torcida. “Para mim 100 mil euros estava bom”, exclamou. Provoquei-os dizendo que uma boa forma de ganhar dinheiro era investir em imóveis em Governador Valadares, com o que ambos concordaram. Paulinho disse que havia visto uma propaganda na TV Record Internacional sobre um condomínio com lotes e casas à venda em Valadares. Naum comentou que agora estão contratando pedreiros de fora para as obras na cidade de Governador Valadares. Isso, segundo ambos, por causa das emigrações. Assim, conforme Paulinho e Naum, Valadares voltava a ser uma terra de oportunidades, enquanto a Costa deixava de ser um lugar promissor.

Outro brasileiro que conheci na praça da Costa da Caparica, na segunda visita que fiz a esta cidade, foi Ermenegildo, também de Governador Valadares. Este brasileiro, estava na Costa há apenas três meses. Chegou ao local após duas tentativas frustradas de entrar nos Estados Unidos. A primeira foi em 1989, quando foi preso e

deportado depois de atravessar a fronteira via México. A segunda foi em 2005, após ter penhorado a casa por meio de um contrato feito em cartório que previa que chegando em solo estadunidense a casa passaria para as mãos de uma atravessadora, cujo esposo era um ex-policia que residia nos Estados Unidos. Assim como em 1989, também foi pela fronteira do México, sendo novamente preso, humilhado e mandado de volta ao Brasil. No entanto, conseguiu recuperar a casa depois de muita luta.

Em Portugal, Ermenegildo trabalhava como pintor na construção civil, recebendo 35 euros por dia num trabalho de segunda à sexta-feira. Durante a conversa que tivemos disse estar arrependido de ter migrado para à Europa, pois o que ganhava não compensava a distância da esposa e filhos que ficaram no Brasil. No entanto, ainda sonhava com a “América”, onde, segundo ele, vivem muitos conterrâneos seus que hoje “estão super bem”.

Como se percebe pelos depoimentos acima, na praça da Costa da Caparica reúnem-se novos e antigos imigrantes brasileiros, os quais encontram-se para partilhar suas experiências e projetar o futuro. Ao lado deles, idosos portugueses lêem jornais, conversam sobre assuntos diversos e debatem sobre temas polêmicos. Três mulheres africanas chegam com um carrinho de mão para buscar água potável, que não chega até os barracos onde moram, mesmo que estes estejam instalados ao lado de uma coluna de prédios da área central. Por elas, passam vendedores ambulantes com traços indígenas, senhoras com suas sacolas de feira, turistas com um ar de animação, casais empurrando carrinhos de bebê. Enquanto isso, ao telefone, um brasileiro conta as novidades de Portugal a seus parentes no Brasil e fala dos progressos obtidos na nova terra. Todos esses personagens dão vida à praça central da Costa.

Efetivamente, “a praça é do povo!”, mesmo que muitos não queiram e que outros, sorrateiramente, busquem criar mecanismos para que determinados grupos tenham mais poder sobre esse espaço. No caso dos brasileiros, a praça central era, em 2007, juntamente com os bares, o principal local de encontro, lazer, socialização e visibilidade na Costa da Caparica.

3.3 - A “COMUNIDADE” BRASILEIRA E AS RELAÇÕES DE ALTERIDADE

Falar em comunidade brasileira, no caso da Costa da Caparica, é algo bastante arriscado. Um dos indicativos dessa dificuldade é a forma como o conjunto dos

imigrantes do Brasil são representados pelos próprios brasileiros que vivem nessa cidade.

Na conversa que tivemos em 2007, além do cotidiano da loja de remessas, a brasileira Adriana fez questão de salientar que na Costa da Caparica há dois grupos de brasileiros e que o grupo predominante, o dos “outros”, é o que causa os maiores problemas à imagem dos brasileiros no local. “O que há de pior no Brasil está aqui na Caparica”, informou. “Bebem muito, falam alto e não respeitam o país onde estão”.

Segundo ela, grande parte desses brasileiros está indocumentada e vive em até 15 pessoas em uma mesma casa. Por outro lado, como a Costa é um lugar em que há prostituição brasileira, ocorre com frequência que as mulheres que vivem no local e não trabalham no ramo são também consideradas como “mulheres fáceis”. Outras dificuldades na opinião de Adriana são o acesso aos serviços de saúde e preconceito em relação aos brasileiros. Logo que chegou houve, inclusive, um episódio de uma loja que se negou a lhe vender um celular “só porque era brasileira”.

A reclamação sobre o preconceito e a referência aos distintos grupos de brasileiros presentes na Costa da Caparica foram feitas também por outros brasileiros e por portugueses com quem conversei. Para Daniel, natural de Goiânia e em Portugal desde 2003, “os portugueses não gostam dos brasileiros. São muito discriminados”. Isto ocorre, segundo ele “porque uns fazem porcaria. Sabe, porcaria tem em todo o lado. Então por causa de um ou de outro todos são julgados, principalmente as mulheres”⁸⁴. Nesse processo de relações de alteridade entre portugueses/brasileiros e brasileiros/brasileiros, expressões como “eles (os brasileiros) não gostam de trabalhar”, “há muita prostituição por aqui”, “eles (os portugueses) não querem saber desse povo”, “tem muitos brasileiros que são sem educação”, “eles não querem respeitar mais ninguém” foram ouvidas durante o trabalho de campo. Referências sobre o mesmo assunto foram utilizadas em Lisboa e Cascais. Em Lisboa, um dos locais foi a fila do Consulado Brasileiro, onde um grupo de brasileiros comentava sobre o “zé povinho” e os “imigrantes analfabetos” que estavam espalhados por várias cidades portuguesas, prejudicando, segundo o grupo, a imagem dos brasileiros no país.

A existência de percepções como as apresentadas anteriormente também foi observada entre os brasileiros nos Estados Unidos por meio de estudos feitos em Boston por Martes (1999) e em Nova York por Margolis (1994) e Bom Meihy (2004). Segundo

⁸⁴ - DANIEL. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, Portugal, 14 out. 2007. Gravação em MP3.

Margolis (2003), nestas duas cidades a linguagem “nós” versus “eles” era usada pelos brasileiros imigrantes para depreciar uns aos outros, sendo que os “outros” brasileiros eram vistos como “mal educados”, “ignorantes” e “caipiras”. Estas percepções mútuas entre os brasileiros, que também observei no trabalho de campo na Espanha, são relacionadas por Margolis (2003) à ausência de um *ethos* comunitário entre as populações brasileiras imigrantes.

A ausência de um “espírito comunitário”, apontada por Margolis e outros autores que estudaram a presença brasileira nos Estados Unidos, também foi sentida no caso da Costa da Caparica. Nesse último local, não se pode falar da existência de uma comunidade brasileira em sentido mais amplo, mas apenas de grupos de imigrantes que formam pequenas comunidades, as quais não necessariamente estão alicerçadas no território físico, mas têm como base relações de parentesco, amizade, religiosidade e sentimentos mútuos. A inexistência de uma comunidade “de verdade”, na opinião de José Rodrigues Neto, o Seo Zé, entrevistado na Costa da Caparica em outubro de 2007, está associada a falta de organização dos brasileiros. “Porque quando se fala em comunidade se fala em organização. Assim eu entendo. E isso eu acho que não existe cá. Existe uma miscigenação, existe um agrupamento, mas creio que não se pode falar em comunidade quando não há organização”⁸⁵. De acordo com ele, a falta de organização está relacionada à ausência de um órgão ou entidade de organização, o que faz com que prevaleça o individualismo. “É cada qual para si e Deus para mim e mais nada”, salientou. A mesma opinião sobre o assunto tem Brasuca, que acha que os brasileiros são bastante conformados e pouco organizados também no Brasil. “Todos os imigrantes, quando passa de certo número, eles se organizam e começam a criar força política dentro do país. O brasileiro não é assim”, salientou na entrevista realizada em dezembro de 2007. “É cada um para si e você fala ‘você tem direito tal, você pode ir ali’. ‘Não, está bom demais, está muito bom, está muito bom assim’. Assim é lá dentro e é aqui fora. É por isso que o país lá não funciona e nem a comunidade fora do Brasil funciona também”⁸⁶.

De forma geral, a ausência de organização e a representação feita pelos brasileiros de seus próprios conterrâneos acabam contribuindo para a não criação de um contra-discurso e estratégias de enfrentamento no jogo de alteridades envolvendo brasileiros e portugueses. Ao invés disso, ocorre o que Norbert Elias (2000) identificou

⁸⁵ - NETO, José Rodrigues. Op. Cit.

⁸⁶ - CASTRO. Wander da Silva. Op. Cit.

em seu trabalho sobre Winston Parva⁸⁷, ou seja, os “*outsiders*”, nesse caso os brasileiros, acabam incorporando o discurso dos “*estabelecidos*”, os portugueses, e reforçando os preconceitos criados por esses últimos.

Segundo Elias, em Winston Parva, ao mesmo tempo em que os “*estabelecidos*”, utilizando-se das falhas de um grupo minoritário, depreciavam os “*outsiders*” como um todo por meio de “*mexericos*”, visando impedi-los os de participar da vida comunitária, eles também censuravam os estrangeiros por essa não participação. Por outro lado, “as expressões de censura e desdém segredadas ou abertamente proferidas” exerciam um poder sobre as pessoas “de fora”, “por mais dignas e ordeiras que fossem em sua conduta”. “Elas se sentiam envergonhadas quando alguém se referia ao grupo a que pertenciam por um termo depreciativo, ou quando eram acusadas, direta ou indiretamente, de maus feitos e falhas que, na verdade, só eram encontrados em seu grupo na “*minoría dos piores*”” (ELIAS, 2000, p. 131). Entre os aspectos apontados pelo autor para a dificuldade de contraposição ao discurso da inferioridade dos “*outsiders*” estava a falta de uma grande rede de famílias, de comitês e associações locais e prédios adequados que servissem de ponto de encontro a estes últimos.

A realidade de Winston Parva guarda, portanto, muitas semelhanças com a realidade de brasileiros e outros imigrantes na Costa da Caparica e em demais localidades portuguesas. No caso dos brasileiros, no entanto, uma das diferenças importantes é que o local de residência não é distinto do local onde moram os portugueses. Mesmo assim, tal como em Winston Parva, o processo de depreciação já vêm ocorrendo há vários anos.

O processo de depreciação dos brasileiros em Portugal, conforme se percebe pelos jornais pesquisados, pelas entrevistas realizadas e por autores que estudaram a presença brasileira nesse país, ocorre, pelo menos, desde a década de 1980 e misturou os diferentes conflitos que existiram desde então aos conceitos e preconceitos existentes anteriormente. No caso da Costa da Caparica, a grande presença brasileira a partir da década de 1990 e sua não integração à comunidade local, contribuíram para que os conflitos aflorassem e os conceitos e preconceitos já existentes fossem retomados e reforçados.

Portanto, a grande visibilidade dos brasileiros em bares, na praça, por meio das igrejas, de comemorações, como as ocorridas durante os jogos da Copa do Mundo de

⁸⁷ - Nome fictício atribuído por Elias à cidade/localidade inglesa que estudou.

Futebol, de desfiles carnavalescos e de outras atividades, só contribuiu para acirrar ainda mais os ânimos entre portugueses e brasileiros e também entre brasileiros e brasileiros, revelando a Costa da Caparica como uma cidade dividida. Por outro lado, mesmo com a variedade de lugares brasileiros existentes no local, havia, em 2007, uma grande dificuldade de definir o conjunto de brasileiros aí residentes como uma comunidade.

3.4 - SILVIO E IVA: DOIS MINEIROS NA COSTA DA CAPARICA

Silvio nasceu em Governador Valadares em Minas Gerais, em 1969 e Iva em Belo Horizonte, em 1971. Os dois cresceram em Valadares, porém, só se conheceram na Costa da Caparica, em agosto de 2001.

Silvio e Iva vivem hoje na Costa da Caparica – Portugal
A foto foi enviada por e-mail pelo casal em 2008



Silvio começou a trabalhar cedo, com oito anos de idade, fazendo limpeza numa mercearia. Depois disso, trabalhou fazendo entregas, de vendedor de loja, de ajudante de pedreiro, de policial militar e de pintor. Da sua infância, recorda as brincadeiras, a liberdade que tinha, mas também as dificuldades que sua mãe enfrentava, especialmente após a morte do seu pai, para sustentar a ele e mais cinco irmãos. Uma das marcas que carrega desse tempo é a fome, conforme me contou na conversa que tivemos na Costa da Caparica, em novembro de 2007.

Um pão... tanto é que hoje todo mundo gosta de pão e eu já detesto pão. É porque quando eu via a minha mãe lavar roupas para os outros e dividir três pães para os seis irmãos para mim aquilo... eu era uma criança que tinha que ser faminto. As vezes eu via uma briga por causa de meio pão e para mim aquilo... eu comecei a detestar na minha vida. Não tinha como dialogar com outras pessoas por causa disso. Então eu detestava pão, comecei a detestar. Até hoje eu não como pão⁸⁸.

⁸⁸ - ABRANTES, Sílvio Caldeira. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Costa da Caparica, 02 nov. 2007. Gravação em MP3.

Bem diferente da infância de Silvio foi a infância de Iva. Segundo ela, seus pais sempre lhe deram tudo, viabilizando, inclusive, seus estudos até o terceiro ano do curso técnico em contabilidade. “Porque o meu pai tinha condições. A gente ganhava coisas da melhor qualidade de presentes. O meu pai trabalhava e ganhava bem. Ele deu uma infância para a gente muito boa. Às vezes o Sílvio me conta a história dele, não posso me queixar”⁸⁹.

No Brasil, Iva casou-se e teve quatro filhos, o mesmo acontecendo com Silvio que teve dois filhos. Ela, rompeu seu casamento anos mais tarde, enquanto ele separou-se após emigrar para Portugal. No caso de Iva, o fim do casamento a obrigou a trabalhar em diferentes empregos para sustentar sua família. Essa dupla jornada, somada ao convite feito por sua mãe, que já vivia desde 1999 na Costa da Caparica, foram dois dos motivos que a levaram a sair do país.

Eu saí do Brasil porque eu trabalhava muito. Trabalhava num posto de gasolina de frentista e trabalhava de limpeza em lojas. Dois empregos. E juntando tudo não dava. Chegava ao final do mês e não dava para eu comprar as coisas para meus filhos e manter nós lá. Era mesmo, mesmo o básico. Aí eu falei: ‘a minha vida não pode ficar assim. Eu não tenho casa, o que eu estou ganhando é mal, mal para comer. Eu tenho que dar uma decisão na minha vida.’ E foi quando minha mãe me chamou para vir para cá⁹⁰.

A chegada de Iva em Portugal ocorreu em agosto de 2001. Para trás, ficaram os quatro filhos. “Quando eu saí o mais novo estava com dois, a outra estava com três, para quatro, tinha uma de cinco e uma de nove anos. Deixei eles lá”. Dois deles ficaram com sua irmã e os outros dois com a ex-sogra. Viver longe dos filhos era para ela uma das principais dificuldades de se viver longe de casa.

Foi duro. Foi duro. Deixar eles lá foi difícil. Mas era... é tipo aquilo, você está perto e ver teus filhos precisando das coisas, com necessidades, você sofria. Eu falei ‘é melhor eu sofrer saindo e poder dar as coisas a eles do que sofrer vendo eles passando necessidade. Porque o que eu ganhava mal dava para comer⁹¹.

⁸⁹ - IVA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, 02 nov. 2007. Gravação em MP3.

⁹⁰ - ABRANTES, Sílvio Caldeira. Op. Cit.

⁹¹ - IVA. Op.cit.

O afastamento dos filhos, ao contrário do previsto inicialmente, durou vários anos. Em 2007, época da entrevista, dois deles ainda continuavam no Brasil. “Meu menino está com dez, vai fazer dez agora em dezembro, minha filha vai fazer doze. Quando eu deixei ele ia fazer três anos”. Dos sete anos longe do Brasil, a única vez que Iva conseguiu voltar foi em 2005. No seu retorno, segundo ela, sentiu-se pela primeira vez uma “estranha” diante dos próprios filhos. Apesar disso, procurou aproveitar ao máximo o pouco tempo que dispunha para passar com eles.

Eu queria aproveitar os poucos dias que eu estava ali, trazer lembranças boas. Não lembranças ‘ah, que eu fiz isso para o meu filho, que eu bati, que eu briguei’. ‘Mãe, eu quero isso’, eu dava, ‘mãe eu quero aquilo’. Eu sei que é errado, mas era uma forma de eu passar aquilo que eu sentia. Mas em termos de chegar, ter aquela aproximação de mãe e filho, eu com os meus filhos não é assim. Eu sei que eles são os meus filhos, eles sabem que eu sou a mãe deles, mas não é aquela coisa, aquele carinho, aquele de pai, mãe, mãe e filhos. Não tem aquilo. Eu me acho estranha quando eu estou na frente deles. Mas eu tive que optar por duas coisas. Apesar que hoje eu vejo que o que eu tentei fazer achando que estava fazendo certo e eu vi que não é totalmente certo. Mas foi uma opção que eu tive. Eu tinha duas opções: ou ficava e passava necessidade ou dava de tudo mas não dava a minha presença para eles⁹².

O processo migratório de Iva, mesmo tendo sido motivado pela busca de melhores condições para si e para seus filhos, fez com que ela questionasse sua própria condição de mãe. Na entrevista concedida, percebi que esse era um assunto bastante difícil e dolorido para ela.

Olha, para ser bem sincera contigo, se eu fosse voltar atrás eu não tinha vindo para cá. Porque é assim, é o que eu comentei até com a minha mãe. Eu fui mãe e não fui mãe. Eu acho. Porque eu me preocupo mais com o bem-estar, com bens, do que estar presente. E eu fui uma pessoa que tive quatro filhos, mas não tive presença na vida deles. Eu dava de tudo, mas estar ali, igual eu falo, levar na escola, fazer uma matrícula, acordar eles, dar banho, fazer comida, fazer as coisas, eu nunca fiz isso para os meus filhos. Porque eu sempre tive que trabalhar fora. Eu tive que pagar os outros para fazer isso por mim. Tanto que essa minha mais velha ela é até um pouco assim revoltada. Ela falou ‘mãe, eu preferia não ter nada e ter tido a senhora perto de mim’. Quando eu larguei ela, ela estava com nove anos. Eu peguei ela de volta com quinze anos. Quer dizer, eu fui mãe e não fui mãe. Se fosse para eu voltar atrás eu acho que eu teria feito diferente.

⁹² - Idem

Mesmo que a gente passasse necessidade, mas eu estava ali presente. E eu nunca estive presente na vida dos meus filhos. Assim, eu tive presente: não deixava faltar nada, comprava roupa, para comer, do bom e do melhor, isso eu sempre dei para os meus filhos. Mas minha presença de mãe [...] ⁹³.

Iva, assim como milhares de mães e pais imigrantes, mantém contatos freqüentes com seus filhos, por telefone e pela internet. Para muitos, essa é a única maneira de sentir-se um pouco mais perto das pessoas mais queridas e, especialmente para mulheres, é uma maneira de participar da educação e da vida cotidiana dos filhos. Nesses casos, uma das estratégias utilizadas é manter sempre acessa nos filhos a esperança de que o retorno ou o reencontro acontecerá em breve, por mais que saiba que isso poderá demorar vários anos.

Na Costa da Caparica, há toda uma rede de “locutórios” e lojas de internet voltados especificamente aos imigrantes. Estes espaços são bastante procurados também pelos brasileiros, em especial aos finais de semana, quando falam com a família e com amigos no Brasil. Há ainda inúmeros imigrantes que possuem seus próprios computadores ou que adquirem cartões telefônicos que permitem chamadas ao Brasil com baixo custo. Muitas vezes, isso acontece nas próprias lojas de envio de dinheiro, já que muitas delas estimulam os contatos com vistas a manter ou ampliar as remessas.

No caso de Iva, os contatos telefônicos e pela internet e o envio de dinheiro ao Brasil ocorrem regularmente. Ao longo dos sete anos em que está em Portugal, as remessas feitas visaram a manutenção dos filhos no Brasil e, por vezes, garantiram também a manutenção de diversas outras pessoas da família. O total dessas remessas, segundo Iva, daria para comprar pelo menos duas casas na cidade de Governador Valadares. Apesar disso, ela continua perseguindo um dos sonhos que a motivou a sair do Brasil: a compra da casa própria.

Do período em que está em Portugal Iva já trabalhou em diversos lugares como engomadeira e principalmente, como faxineira autônoma. Nesse tempo, construiu sua rede de contatos, que lhe permite ter até hoje seus pontos fixos de faxina. Além disso, já ajudou a recomendar várias amigas brasileiras que também atuam nessa área. Segundo ela, essa recomendação, diferente do que ocorre nos Estados Unidos, é feita gratuitamente, ao menos “por enquanto”.

⁹³ - Idem.

Porque eu já arranjei também vários trabalhos, mais é pelo diálogo mesmo. ‘Olha, estou precisando um trabalho’. ‘Pode deixar que eu vou olhar para você’. Eu fiquei sabendo que a senhora está precisando de uma pessoa para trabalhar e tenho uma amiga que está precisando de trabalho. ‘Ah, então trás ela aqui’. É assim que a gente faz aqui. A gente não é igual nos Estados Unidos não. Por enquanto (risos). Por enquanto. Do jeito que está difícil, daqui uns dias [...]’⁹⁴.

3.5 - O TRABALHO NA CONSTRUÇÃO CIVIL EM PORTUGAL

Silvio trabalha na construção civil desde que chegou à Costa da Caparica, em 1999. Para ele, a ocupação exercida em Portugal não difere muito daquela que exercia no Brasil antes da partida.

No seu caso, o trabalho na construção civil iniciou cedo e permitiu que, em pouco tempo, fosse patrão em várias obras no Brasil. Esse trabalho também permitiu que construísse sua casa em Governador Valadares e que levasse uma vida relativamente tranqüila no Brasil até receber o convite de um primo para migrar para Portugal. Um dos fatores que influenciou na decisão de emigrar foi a possibilidade de ter, em Portugal, seu próprio negócio no ramo da construção civil.

O meu primo veio em noventa e oito. Quando foi em noventa e nove ele ligando sempre, sempre. Eu falei ‘não vou, a minha vida aqui está boa’. E ele me fez vir para cá através da minha ex-mulher. ‘Vem para cá, porque aqui você abre uma firma e o dólar aqui é igual.’ Então para que eu ia procurar... porque eu já tive muitos amigos meus que convidaram para ir para os Estados Unidos. Eles sabendo o que eu fazia no Brasil, que eles já sabiam que eu era um profissional. Mas nunca me passou pela cabeça ir para os Estados Unidos e nem sair do meu Brasil. Porque eu amo o meu Brasil. O meu Brasil estava dando para eu viver e ficar tranqüilo. Agora, de tanto eles perturbar eu acabei vindo. O meu intuito era de abrir uma firma em Portugal. Cheguei aqui foi um desprezo total. Aí aonde começou a bem dizer, como diz o outro, começou a desgraça da minha vida. Gastei muito dinheiro para tentar abrir uma firma aqui e não consegui’⁹⁵.

A entrada de Silvio em Portugal ocorreu via aeroporto de Madri, na Espanha, como turista.

⁹⁴ - Idem.

⁹⁵ - ABRANTES, Silvio Caldeira. Op.cit.

Vim como turista. Não vim como empresário. Porque como o significado das coisas que ele disse para mim, ‘vem, aqui é fácil, você abre uma firma’, e eu vim. Tipo um pássaro que está voando para o outro lado. E faz um ninho e fica. Só que isso aí arruinou a minha vida. Eu vim, depois de ter passado tudo para um amigo meu⁹⁶.

Um dos maiores “desprezos” de Silvio ocorreu logo depois de desembarcar em Portugal, quando chegou a “casa” do seu primo.

Vou te contar logo quando da minha chegada aqui em Portugal. Cheguei no aeroporto. Fiquei a espera duas horas e meia. Meu primo chegou e me levou para casa. Só que não era bem dizer uma casa, era um contentor. E nesse contentor habitavam treze pessoas. Contentor é aquilo que carrega nos navios. Aquela lata de sardinha quadrada. Tinha treze pessoas morando dentro de um contentor. E tinha um outro senhor que morava com ele e me viu crescer. E no dia que eu cheguei, porque eu não comi a comida do avião... beber eu bebi, mas comer eu não comia, e eu cheguei faminto. Mas eu estava com dinheiro no bolso. Meu primo falou, ‘vamos lá em casa que a gente chega lá e a gente prepara alguma coisa para a gente comer’. ‘Tá ok’. Quando cheguei me negaram um prato de comida. Mas não era comida dos treze não, era só a comida do meu primo. Que eram comidas enlatadas, era arroz, feijão, tinha até quiabo enlatado e aquelas coisas todas. Ele falou, aqui ninguém cozinha, ninguém vai gastar o gás. Me negaram um prato de comida. Foi aonde que deu vontade de fazer uma merda com o meu primo. De passar ele para o outro mundo. Simplificando, matar ele. Que eu até cheguei a enforcar ele, dar porrada e tudo. Eu falei ‘olha, eu quero ir embora amanhã. Você me arruma um telefone, eu vou ligar já para o pessoal e vou-me embora amanhã.’ ‘Não, calma, calma.’ Pronto. E falei ‘olha, se você não me levar onde tem gente morando... aqui eu não fico’. Essa noite eu nem dormi⁹⁷.

A casa-contentor ou, segundo Silvio, a “lata de sardinha”, onde ele deveria ficar hospedado era em Sacavém, próximo ao aeroporto da Portela, numa área que servia de depósito de material para canalizações. Nesse local, cujo patrão era um angolano, habitavam diversos imigrantes que trabalhavam na construção civil e obras públicas na região de Lisboa.

Aquilo tudo lá era assim. Era um depósito. Era um depósito de uma firma de canalizações de rede pública. Lá estava cheio de tubos e aqueles contentores. Cada contentor tinha quinze pessoas, às vezes tinha dez. E nesse contentor onde eu fui parar tinha treze. Nesses contentores tinha angolanos, ucranianos e

⁹⁶ - Idem.

⁹⁷ - Idem.

brasileiros. Português lá não tinha. E o patrão era angolano também. E aquilo... eu vi outro mundo. Poxa, sair de uma casa que eu podia ficar à vontade para vir para esse país. Eu fui e perguntei ao meu primo: ‘ah, isso aqui que é vida? Você arruinou a minha vida. Eu vou voltar’. Foi aonde que se passou tudo. A minha vida inteira passou na minha cabeça. Eu lutar desde cedo para cair numa lata de sardinha. E para mim aquilo foi a gota d’água⁹⁸.

Diante da reação de Silvio, a saída encontrada por seu primo foi encaminhá-lo à Costa da Caparica, mesmo sem nenhum contato prévio com outros brasileiros. Para sua felicidade, logo que chegou à praça da Costa foi recepcionado por um velho amigo de infância. Foi nesse momento que Silvio percebeu que não havia muita alternativa a não ser ficar e fazer sua vida novamente. Até porque, o amigo para quem havia passado suas obras e contatos no Brasil também havia lhe decepcionado.

O que ele (primo) me disse: ‘eu vou te levar para a Costa da Caparica. Lá tem muitos brasileiros.’ E quando eu cheguei aqui a primeira pessoa que eu vi foi um amigo de infância, o Patrício. Ele aplaudiu. E justamente aqui aonde a gente está conversando agora. Na Costa, na praça. Ele aplaudiu e tal, me pegou no colo, me jogou e tal. ‘Vamos para casa, vamos para casa’. Eu não tinha nem tomado banho desde quando eu tinha chegado de viagem. Cheguei na casa dele, me deixou hospedado, tomei banho como um ser humano, almocei, jantei, aí fui explicar para ele. Até ele se passou. ‘Silvio, a sua vida garantida no Brasil e você veio pisar aqui. Você para mim é maluco’. E eu comecei a pensar naquilo. Mas como eu já tinha ligado para o Cesário e ele já tinha me descartado daquela hipótese de voltar, aí eu senti que eu deveria ficar e fazer minha vida novamente⁹⁹.

Apesar da decepção inicial, não demorou muito e Silvio já estava trabalhando como ajudante na construção civil e, depois de seis meses, já começaria a tocar obras como autônomo. Após os primeiros trabalhos realizados e os primeiros meses em Portugal, Silvio começou então a ampliar sua rede de contatos, o que lhe permitiu conseguir novas obras e até contratar outros brasileiros para lhe ajudar. Grande parte deles eram imigrantes recém-chegados, indocumentados, mas com disposição trabalhar e de juntar dinheiro. Nesse momento, segundo Silvio, havia bastante trabalho e não se via fiscalizações do Serviço de Imigração em obras, como passou a ocorrer a partir de 2003.

⁹⁸ - Idem.

⁹⁹ - Idem.

E depois dessas duas vivendas começaram a aparecer pequenos e grandes trabalhos. E aquilo eu fazia. Comecei a pôr gente para trabalhar. Porque quando o pessoal chega aqui, os brasileiros chegam aqui, eles querem saber de trabalho, eles não querem saber de conversa. Eles querem trabalhar e juntar a graninha deles e depois ir embora. E tinha muitos. Naquela época não tinha nada dessa tal de Imigração, ‘ah, tem visto, tem isso?’ Na época que eu cheguei não existia Imigração. Esse negócio de ir em obras, prender pessoas, não existia isso. Isso começou foi em 2003, mais ou menos, a prender as pessoas¹⁰⁰.

A construção civil foi, desde o final dos anos oitenta, um dos setores que mais envolveram trabalhadores imigrantes em Portugal. A demanda por esses trabalhadores iniciou principalmente após a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, quando inúmeras obras estruturais começaram a ser financiadas pelos fundos europeus. Entre essas obras, estavam o Metrô de Lisboa que, depois de dezesseis anos de paralisação, voltava a ser ampliado em 1988. A partir de então, as obras de ampliação continuaram a ser realizadas até os dias atuais, seja para viabilizar novas linhas, trechos ou estações¹⁰¹. Para a execução dessas obras, as empresas que venceram as concorrências, entre elas o Grupo Odebrecht, tiveram que contratar centenas de trabalhadores ou, em muitos casos, pequenas empresas, as quais empregavam inúmeros imigrantes africanos e latino-americanos.

Outras obras de grande magnitude, realizadas a partir da década de 1990, foram a construção da ponte Vasco da Gama, a construção da travessia ferroviária sobre a ponte 25 de Abril, a construção de novas auto-estradas e do Metrô do Porto e, a maior delas, a construção dos pavilhões e demais estruturas da Exposição Internacional de Lisboa - Expo’98 e a reabilitação de todo o seu entorno. Esta última obra, iniciou entre 1994 e 1995 e mobilizou, até a sua conclusão, milhares de trabalhadores. A definição em relação a realização desse evento ocorreu no final da década de 1980 e fazia parte da programação que estava sendo organizada pela Comissão Nacional dos Descobrimentos, com vistas a celebração dos 500 anos da viagem de Vasco da Gama às Índias e de Pedro Álvares Cabral ao Brasil (EXPRESSO, 11/11/1989, p. 20A). A Expo’98 foi aberta ao público em 22 de maio e encerrou em 30 de setembro de 1998¹⁰².

¹⁰⁰ - Idem.

¹⁰¹ - Para mais informações sobre a ampliação do Metrô de Lisboa ver: Metropolitano de Lisboa (2008).

¹⁰² - Mais informações sobre esse evento estão disponíveis em: www.parquedasnacoes.pt/pt/expo98

Posteriormente, uma das últimas grandes obras, foi a construção e reforma de estádios e de outras estruturas com vistas à realização em Portugal da Euro Copa de 2004. Todas essas obras permitiram a expansão do setor da construção civil em Portugal e atraíram milhares de trabalhadores imigrantes, especialmente, durante a década de 1990. Nesse período, conforme mostraram Baganha, Góis e Marques (2000), o crescimento da construção civil ocorria em toda a Comunidade Européia, o que permitiu a expansão das empresas portuguesas desse setor e de emigrantes portugueses para outros países comunitários e a manutenção dos fluxos de emigração dos países africanos em direção a Portugal. Inseridas num novo e competitivo cenário, as empresas portuguesas do setor reduziram seus quadros de pessoal, passando a adotar uma política de repasse de grande parte das obras à subempreiteiras, as quais muitas vezes repassavam parte do serviço contratado a outras subempreiteiras e estas subcontratavam trabalhadores pagando-lhes por dia de trabalho. Essa prática predomina até os dias atuais em Portugal, segundo me informou Silvio na entrevista que me concedeu. Às vezes, segundo ele, chega a existir até cinco intermediários entre a empresa que contratou a obra e aquela responsável pela sua execução. “Olha, às vezes corre aí até cinco intermediários. Às vezes têm dois, três, mas correm obras que têm até cinco. Cada um querendo se alimentar um pouco. Eu já fiz obras aqui que já teve cinco”. No final, os que menos ganham pelo serviço são os que de fato executam: os imigrantes. “Aqui se eu pegar uma obra aqui hoje eu passo para você, você passa para o terceiro, o terceiro passa para o quarto e tal até chegar nos imigrantes. E os imigrantes é que passam a raiva todinha daquilo”. Segundo Silvio, os que executam o serviço são os “pardaizinhos”, mas quem fica com o lucro são os “águias”.

Às vezes dá um pouco de problema, é porque cada um quer comer um pouco da comida. Mas o mais em baixo é o que menos come. Então uma empresa fatura, depois vem lá a outra abaixo daquela fatura um pouco também, até chegar nos pequenos. Mas só que os pequenos somos nós, os brasileiros. E aquilo dá duro. Trabalha e ganha aquilo achando que está bem. Só que não sabendo que aquele dinheiro que ele está fazendo aquilo tudo está na mão do maior, que foi o primeiro que pegou. [...] O dinheiro que era para o pardalzinho fica lá com o melro, com o grande, pássaro grande, ou com a águia, que está visando tudo de cima. Então é uma coisa que aqui em Portugal acontece demais¹⁰³.

¹⁰³ - ABRANTES, Silvio Caldeira. Op. Cit.

A dinâmica descrita acima, estimulou, na década de 1990, segundo Baganha, Góis e Marques (2000. p. 04-05), a expansão das pequenas empresas e do mercado informal de mão-de-obra em Portugal, onde atuavam trabalhadores nacionais e, principalmente, trabalhadores imigrantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e de países do leste europeu, “recém chegados ao mercado internacional de mão-de-obra”. As principais características dos trabalhadores do setor nesse período eram, conforme esses autores: “peso elevado de mão-de-obra masculina, jovem, em alguns casos ilegal, clandestina ou sem contrato”, “mais de metade dos trabalhadores com uma qualificação nula ou incipiente (qualificação quer escolar quer profissionalizante)”, “elevada precariedade de emprego” e elevado índice de rotatividade, “remunerações inferiores à média nacional” e “elevada sinistralidade, motivada por deficientes condições de segurança no trabalho” (Ibid., p. 07-08). Em 1999, ano da chegada de Silvio e outros brasileiros a Portugal, estavam empregados no setor da construção civil e obras públicas desse país mais de 540 mil pessoas (Ibid., p. 15).

Além dos imigrantes africanos e do leste europeu, o cotidiano do setor da construção civil em Portugal é bastante conhecido também pelos imigrantes brasileiros que vivem atualmente na Costa da Caparica e em outras localidades portuguesas. Até porque, grande parte desses imigrantes, predominantemente os homens, independente da escolaridade e do que faziam no Brasil, já trabalhou algum dia nesse setor. Ao lado do serviço de faxina e limpeza, este é, na pior das hipóteses, o espaço que garante a sobrevivência principalmente aos recém chegados. Nele, atuaram Silvio, Brasuca, o ex-bancário José Rodrigues Neto, os ex-agricultores Onofre e Sebastião, os jovens Leandro, Jorge e Daniel e tantos outros brasileiros com quem conversei em 2007 na Costa da Caparica.

3.6 - AS CONEXÕES COSTA DA CAPARICA-ESPANHA

Los cayucos llegan ahora de Portugal. Com esta manchete, o jornal *La Vanguardia* informava, em Outubro de 2006, a chegada à Espanha de milhares de imigrantes que estavam em Portugal. Estes imigrantes, segundo o *La Vanguardia*, fugiam da crise econômica portuguesa e procuravam novas oportunidades no país vizinho, contando para isso com o auxílio de intermediários que angariavam grupos de trabalhadores para os levar até a Espanha.

Prácticamente la mitad de la numerosa colonia ucraniana, compuesta por unas 60.000 personas, se ha marchado ya. También una parte de los cien mil brasileños, que representan una quinta parte de los inmigrantes en Portugal, y miles de los africanos que llegaron de las ex colonias. En su horizonte inmediato está España, donde esperan encontrar el trabajo que ahora escasea en Portugal. Y mejores sueldos. (LA VANGUARDIA, 15/10/06)

Tratava-se, de acordo com o mesmo jornal, de uma característica nova das migrações interfronteiras, pois, se até então o que ocorria era uma emigração de portugueses para a Espanha, agora o que se percebia era um deslocamento de ucranianos, brasileiros e africanos que haviam chegado em Portugal especialmente entre o início da década de noventa e o princípio dos anos dois mil.

A notícia acima referida, publicada na edição dominical do jornal *La Vanguardia*, circulou não só na Espanha, mas também em Portugal, graças à reprodução feita pelo Alto Comissariado Português para a Imigração (ACIME). Ainda em 2006 e ao longo de 2007 novas notícias sobre o mesmo assunto ganharam as páginas tanto de jornais portugueses quanto espanhóis, numa evidência de que o fenômeno do deslocamento de Portugal para a Espanha continuava com bastante força.

Foi em meio a esse contexto que cheguei à cidade da Costa da Caparica, em setembro de 2007, para o trabalho de campo junto a brasileiros trabalhadores ali residentes. Mesmo sem saber previamente da existência do que mais tarde denominaria A Rota Espanhola, não demorou para que o assunto viesse à tona à medida que freqüentava bares, restaurantes, casas de envio de dinheiro ou simplesmente sentava junto a rodas de brasileiros que reuniam-se na praça central da cidade. Foi a partir de então que, prestando atenção às conversas e ouvindo os relatos dos imigrantes, percebi que se tratava de um fenômeno de grande magnitude, apesar de relativamente novo naquele local. Como se originou e estruturou a Rota Espanhola? Quem eram os sujeitos envolvidos nesse processo? Que impactos as migrações para a Espanha tinham nas trajetórias dos brasileiros trabalhadores da construção civil? Quais as conseqüências dessas saídas para a imigração brasileira em Portugal e na Espanha? Perguntas estas que surgiram no decorrer da pesquisa e para as quais busquei respostas.

A imigração de brasileiros para a Espanha, seja do Brasil ou de Portugal era pouco expressiva até o final da década de 1990, conforme mostrarei no próximo

capítulo. No entanto, desde o final dos anos 1990 o número de brasileiros que emigram para Espanha não para de crescer.

Dos 6.708 brasileiros em 1998 passaram para 18.305 em 2001 e para 73.704 em 2006, isto sem contar os trabalhadores indocumentados e os que transitam entre Portugal e Espanha¹⁰⁴. As maiores entradas ocorreram a partir de 2001 e os principais destinos foram Madrid, Barcelona e Andaluzia. Diferentemente de Portugal, o crescimento econômico espanhol continuava alto até recentemente, acima da média europeia, o que gerava oportunidades de empregos e atraía cada vez mais grupos de emigrantes. Se compararmos os números oficiais dos dois países entre 2004 e 2006 veremos que enquanto em Portugal a população estrangeira diminuiu cerca de 10%, na Espanha cresceu mais de 36% e que os brasileiros acompanharam esta tendência, porém com um menor decréscimo do que a média portuguesa e um crescimento bastante superior à média nacional espanhola.

País	População Estrangeira			População Brasileira		
	2004	2006	%	2004	2006	%
Portugal	447.155	409.185	-9%	66.907	65.463	-2%
Espanña	3.034.326	4.144.166	36%	37.448	73.704	97%

Fonte: Dados por mim organizados a partir das estatísticas publicadas pelo Instituto Nacional de Estatística e Serviço de Estrangeiros e Fronteira de Portugal e Instituto Nacional de Estatística da Espanha.

Estes números mostram que a população brasileira na Espanha quase dobrou em dois anos. Além disso, se compararmos os dados de 1998 e 2006 teremos uma taxa de crescimento superior a 1000% e se recuarmos a 1991 nos depararemos com um aumento de quase 2500%, o que indica que a Espanha é, na atualidade, o país europeu de grande atração de brasileiros e que uma emigração profissionalizada está ali também instalada. Por outro lado, os números mostram que os brasileiros mantêm-se em Portugal e que não acompanharam a tendência de saída em massa verificada, por exemplo, com o grupo de emigrantes do leste europeu. São dados que confirmam o conjunto de informações recolhidas na pesquisa de campo na cidade da Costa da Caparica. Ambos, dados oficiais e minhas pesquisas de campo, nos dão algumas pistas para pensarmos a emigração brasileira nos dois países.

¹⁰⁴ - Os dados são do Instituto Nacional de Estatísticas da Espanha e correspondem ao Padrão Municipal de 1998, Censo Populacional de 2001 e Padrão Municipal de 2006, respectivamente.

Das pesquisas de campo, o que se extrai é que as chegadas de brasileiros em Portugal, apesar de não deixarem de acontecer, diminuíram. Já as saídas são cada vez mais constantes e os destinos se ampliaram. “Em 2001, por exemplo, ainda era uma época boa de trabalho e dali pra cá veio fracassando os trabalhos, veio fracassando e está até hoje. Para mim está muito mais pior”, informou Seo Onofre, um ex-agricultor que hoje vive em Portugal como trabalhador da construção civil¹⁰⁵. “Muitos que a gente conhece estão na França, estão na Espanha, estão em Barcelona...na Áustria. [...] Eles estão procurando trabalho em outro lugar”, salientou o casal Iva e Sílvio em entrevista concedida em novembro de 2007.

Mesmo que haja também quem faça referência a saídas para países como os Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Alemanha e diversos outros, é sobre a Espanha que mais falam os brasileiros da Costa da Caparica, ou por terem vivido a experiência da migração, terem ouvido falar ou por desejarem emigrar para lá. Nos relatos que obtive na Costa da Caparica é comum associarem a Espanha a uma espécie de novo Eldorado do emprego. Na Espanha, conforme me explicou Seo Onofre com a experiência de quem já esteve do outro lado da fronteira durante alguns meses, há “serviço a revelia” e muitos brasileiros.

Porque na Espanha você chega lá hoje e tem serviço a revelia (muitas ofertas de trabalho). Mesmo que os espanhóis não dão trabalho, mas há muitas firmas portuguesas lá que têm trabalho a revelia. E têm muitos brasileiros já a tocar serviço na Espanha, muito mesmo. Abriram firma aqui e hoje estão lá a tocar trabalho¹⁰⁶.

Um dos principais atrativos, na opinião de Leandro, outro brasileiro que já trabalhou na construção civil na Espanha, é o nível salarial mais elevado. “Hoje a gente vê muitos brasileiros indo para a Espanha. [...] Em Espanha a gente ganha mais. Pode trabalhar o mesmo tanto ou até mais, mas ganha bem mais”¹⁰⁷. Já para Jorge, além dos altos salários, outro diferencial dos espanhóis é o tratamento que os brasileiros recebem.

É uma coisa que você trabalha no meio de pessoas assim cultas. Trabalha no meio dos espanhóis você não escuta gritaria. Os espanhóis sabem conversar. Eles tratam você totalmente diferente. Eles te perguntam as coisas. Gostam de falar a língua

¹⁰⁵ - ONOFRE. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, Portugal, 07 out. 2007. Gravação em MP3.

¹⁰⁶ - Idem

¹⁰⁷ - LEANDRO. Op. cit.

da gente, aprender a falar a língua do brasileiro. E eles respeitam os brasileiros¹⁰⁸.

A imagem construída da Espanha entre os brasileiros, como se vê, é bastante positiva, por mais que circulem também notícias sobre a exploração do trabalho, os riscos da travessia, os ordenados não pagos, as promessas não cumpridas, como mostra Daniel em seu depoimento. “Isso aí é coisa de doido. A maioria sai e não recebe. Isso aí você tem que conhecer bastante a firma que você vai. Eu conheço várias pessoas que vão e não recebem. O cara oferece bastante dinheiro e chega lá te solta lá e você se vira. Então para fora eu não vou”¹⁰⁹. Portanto, boas ou más, as notícias sobre a Espanha são recebidas pelos brasileiros, estimulando-os ou não à partida.

Os deslocamentos de Portugal para a Espanha são basicamente de dois tipos. Há os que vão para a Espanha com a intenção de lá residir e os que vão apenas para trabalhar e que mantêm sua residência em Portugal. Acontece, porém, que, como ocorre com as migrações em geral, nem sempre os que vão para residir ficam e os que vão apenas para trabalhar voltam. Em geral experiencia-se primeiro para ver se de fato vale a pena trocar Portugal pela Espanha.

Para arrumar o emprego na construção civil no país vizinho os brasileiros da Costa da Caparica contam com o auxílio de amigos e parentes que já estão naquele país ou que conhecem alguém que lá esteja.

Há ainda muitos que vão através das próprias firmas portuguesas em que trabalham, as quais são subempreiteiras que contratam serviços do outro lado da fronteira. Há também uma rede de intermediários ou engajadores que estimulam a ida com ofertas de trabalho em obras em diferentes partes do país. Esses intermediários muitas vezes aproveitam-se para ficar com boa parte dos salários dos imigrantes (até 50% segundo o jornal LA VANGUARDIA, 2006), uma vez que muitos imigrantes não possuem documentos legais para permanecer naquele país. Os contratos nem sempre existem, nem em Portugal e muito menos na Espanha, e os salários são pagos por hora trabalhada. Assim, para receber um bom ordenado e compensar o deslocamento, os brasileiros fazem em geral longas jornadas de trabalho em turnos em que sobra pouco tempo para descanso e lazer.

Cartaz afixado em supermercado da Costa da Caparica
Foto: Adriano Larentes da Silva



¹⁰⁸ - JORGE. Op.cit.

¹⁰⁹ - DANIEL. Op. cit.

Para muitos, a única “folga” é ao final de quinze ou trinta dias, quando retornam para suas casas na Costa da Caparica. O depoimento de Jorge, que na época da entrevista havia recém retornado da Espanha, mostra um pouco dessa realidade.

Na Espanha era assim de domingo a domingo, de domingo a domingo, lá não pára. E teve uma época assim que eu ficava até meio bobo. Porque trabalhando demais não tirava o tempo. Porque na Espanha é assim, é uma hora a mais que aqui. São cinco horas de diferença com o Brasil. Então pegava no trabalho de oito às oito todo o dia e tinha vez que era de oito às nove. E era de domingo a domingo esse horário. Aí teve uma época que parecia que eu estava ficando meio fora de mim. Parecia que não estava em mim. Estava assim meio fora do comum¹¹⁰.

Para o padre António Pires, da igreja católica da Costa da Caparica, ainda sabemos muito pouco sobre as conseqüências da abertura dessa nova rota brasileira para a Espanha.

Agora interessa perceber que conseqüência isso vai ter. Quer dizer, porque se as pessoas vão da Costa para a Espanha todas as semanas, em que condições é que circulam? Que descanso é que têm? Agora, estamos a falar de pessoas. Estamos a falar de pessoas que estão na construção civil. Como é que esse fluxo funciona? Alguém lhe dá atenção? Ninguém lhe dá atenção? E quando começar a aparecer desastres com as carrinhas, como a gente vai ouvindo nos jornais? Como é que é, as pessoas pagam pena? Como funcionam os seguros? Eu queria entender como é que isso funciona. Evidentemente que eu percebo a lógica do imigrante. Não tem trabalho aqui, tem trabalho em Cádiz, vai para Cádiz, tem trabalho em Madrid, vai para Madrid. [...] Sai daqui domingo à noite e começa a trabalhar segunda-feira de manhã. Acaba de trabalhar sexta-feira ao fim do dia para chegar cá sábado. Nós não estamos a falar de uma pessoa nem de duas, nem de três. Estamos a falar de dezenas, de centenas. Basta ir a fronteira, ver aqui na nossa fronteira as chegadas das carrinhas às tantas horas. Às quatro da manhã, às cinco da manhã, às seis da manhã¹¹¹.

Segundo o padre António Pires, a diminuição da procura de auxílio, como ocorria antes quando havia “uma grande multidão pedindo ajuda” em função do desemprego, dos salários não pagos ou de outras necessidades foi uma das conseqüências da saída de brasileiros da Costa da Caparica para a Espanha. Os que o procuram agora são, segundo o padre António, sobretudo pessoas que acabam de chegar. Estas pessoas, após reconhecerem o terreno português e ampliarem sua rede de

¹¹⁰ - JORGE. Op.cit.

¹¹¹ - PIRES, Antonio. Op. cit.

contatos se transformarão também em potenciais emigrantes para a Espanha e outros países. Nesse sentido, a Espanha é uma nova “válvula de escape” para os brasileiros em Portugal, em especial para aqueles que já estão no país há mais tempo, já trabalham na construção civil e mantêm relações com conterrâneos, portugueses ou outros imigrantes que transitam entre os dois lados da fronteira.

Nesse movimento transfronteiriço, muitos dos que migrarão para a Espanha manterão o Brasil e suas cidades de origem como referência, já que lá estão seus familiares, sua história, seus investimentos e seus projetos de retorno, terão a Costa da Caparica como o local que lhes acolheu em Portugal e onde estão sua residência atual, sua igreja, seus espaços de lazer, seus amigos, seus familiares (em alguns casos), sua “comunidade” fora do Brasil e suas obrigações enquanto imigrantes. É dali também que continuarão a enviar dinheiro e se comunicar com o Brasil regularmente. Porém, é na Espanha que trabalharão a maior parte dos seus dias, deslocando-se para casa de tempos em tempos para uma estada de um ou dois dias.

Ao se deslocar para a Espanha, os brasileiros ampliarão sua área de atuação profissional, mas não deixarão de morar e vincular-se, enquanto imigrantes, a Portugal. Trata-se, para uns, de um deslocamento que envolve riscos e reaviva o medo de serem repatriados, e, para outros, de uma mobilidade para um novo local de trabalho, ou seja, uma situação um tanto familiar para quem atua na construção civil. Quando concluírem as obras no país vizinho diversos desses brasileiros retornarão a Portugal, onde permanecerão desempregados até que consigam um novo trabalho em um dos dois países. Para o novo emprego e deslocamento acionarão novamente suas redes de contato em Portugal, no Brasil e na Espanha. É através dessas redes que se consegue, além do emprego, a moradia provisória e o transporte para a Espanha. É também através delas que têm se estruturado a migração brasileira para Portugal e para a Espanha na contemporaneidade.

Portanto, trata-se de uma imigração entre três mundos, que envolve geralmente brasileiros empobrecidos, com baixa escolaridade e provenientes de regiões onde existe uma cultura da emigração estabelecida há muitos anos. Da mesma forma, estamos falando de um deslocamento transnacional de força de trabalho e de um alargamento da configuração do mundo do trabalho entre os imigrantes brasileiros nesse início de século.

Os dados e informações acima apresentados sobre os brasileiros em Portugal e na Espanha confirmam que estes imigrantes, assim como outros grupos, não têm se

conformado com a migração para um único local. Ao contrário, aproveitam-se das redes já estruturadas e das transformações contemporâneas nos transportes e comunicações, que encurtam cada vez mais as distâncias, para movimentar-se para inúmeros lugares e com maior agilidade. Sentem na pele o que significa ser trabalhador desterritorializado e são concretamente parte do que Octávio Ianni (2002) chamou de *força de trabalho de caráter global*, composta por trabalhadores ativos e de reserva que movimentam-se acompanhando os fluxos do capital internacional. Para essa movimentação, analisam as conjunturas existentes no país de origem, no país para o qual emigraram e do país para onde pretendem partir. Comparam a paridade entre as moedas, os salários, o tipo de trabalho. Medem os riscos da travessia, buscam a opinião de familiares e amigos, analisam as vantagens e desvantagem da partida. No caso da Europa, podem movimentar-se com certa facilidade, especialmente se estiverem documentados. Já os imigrantes indocumentados usarão as redes de amigos e parentes, se transformarão novamente em “turistas” ou recorrerão a atravessadores e falsificadores de documentos para ir de um país ao outro. Nesse contexto, o retorno ao país de origem vai sendo ainda mais adiado e, quando ocorrer, poderá não ser definitivo, como já acontecia antes, pois agora o fracasso, nem sempre admitido, será superado com a re-emigração para outro destino. Afinal, o leque de opções é muito maior e, dependendo da região do Brasil onde se vive, sempre haverá um conterrâneo no exterior a contatar.

Para Duda Guennes, esse cenário de grande mobilidade é algo novo. “Antigamente não existia esse papo de dar o salto. Agora o brasileiro com quem você conversa já está pensando não em voltar, mas muita gente está indo para a Irlanda, para a Espanha...”¹¹². “Dar o salto”, ou seja, re-emigrar, já é, portanto, parte do projeto migratório de muitos brasileiros, incluindo aí muitos dos que escolheram Portugal como primeira opção.

No caso dos brasileiros da Costa da Caparica, a re-emigração pode não significar um deslocamento total, mas apenas parcial, para o trabalho, como mostrei acima. Estes brasileiros fazem parte de um contingente de imigrantes para os quais não é preciso deixar de morar em Portugal para trabalhar em outro país europeu. Usando algumas alternativas de transporte à sua disposição podem voltar para casa de tempos em tempos sem perder muitos dias de trabalho e gastar muito dinheiro. Para os que decidem pela Espanha, há transportes especiais de ida e volta, com os patrões, e que saem da própria

¹¹² - GUENNES, Duda. Op. cit.

Costa da Caparica. Os brasileiros da Costa vão assim ajudando a engrossar a fileira daqueles que, cada vez mais, têm escolhido a Espanha para trabalhar¹¹³. Nesse processo de saída para o país vizinho seguem os rastros dos próprios portugueses, que há muito fazem essa travessia, e, em alguns casos, também as suas redes de emigração. Além disso, nos últimos anos, os brasileiros parecem ter aproveitado a antiguidade da presença nesse país, as redes aí construídas, as relações diplomáticas privilegiadas e as afinidades entre Brasil e Portugal para converter este último país em uma espécie de base de apoio que permite o trânsito a outros países europeus.

É em Portugal que estão possivelmente as entidades brasileiras mais duradouras, que dão visibilidade e permitem aos imigrantes serem ouvidos e representados. Há nesse país, por exemplo, uma representação do Partido dos Trabalhadores, que tem contribuído e feito o debate político com os brasileiros em Portugal desde os anos oitenta. Há a Casa do Brasil em Lisboa, que tem atuado junto aos brasileiros, sido ouvida e se manifestado sobre temas brasileiros e portugueses desde o início dos anos noventa. Há uma série de pequenos estabelecimentos, bares, restaurantes típicos, pontos de acesso à Internet e ligações telefônicas, lojas com produtos brasileiros e também grandes empresas, algumas já desde os anos setenta. Para os trabalhadores imigrantes há ainda uma rede de casas de envio de dinheiro para o Brasil, instaladas em locais onde estes residem e circulam frequentemente, bancos brasileiros que possuem agências nas cidades de origem e destino e inúmeros outros negócios ligados à imigração. O envio de dinheiro para o Brasil, por exemplo, ocorre regularmente, conforme mostrei anteriormente. É ele que mantém aquecido o mercado imobiliário, a construção civil e que garante a manutenção de muitas famílias e cidades brasileiras, e dos próprios fluxos migratórios. Tudo isso mostra que os imigrantes brasileiros em Portugal mantêm vínculos e relações próximas com o Brasil e com as comunidades onde nasceram e também permite que uma parte deles tenha um envolvimento regular em atividades transnacionais.

No entanto, é um trânsito que não envolve apenas Brasil e Portugal, mas no caso aqui apresentado, também a Espanha e que ocorre num ritmo e intensidade bastante fortes, com tendência a manter-se assim enquanto a economia portuguesa estiver com baixo crescimento ou que a Espanha continue gerando oportunidades de empregos na construção civil e outros setores.

¹¹³ - A maior parte dos brasileiros da Costa da Caparica que vai para a Espanha é homem, trabalhador da construção civil. Porém, as mulheres são a maioria do contingente oficial de brasileiros na Espanha.

O fato de existir esse trânsito entre fronteiras ou entre três países, não significa, porém, que estejam sendo derrubados os muros que dividem os diferentes mundos, já que em Portugal, na Espanha ou em qualquer outro lugar onde estiverem, os emigrantes levarão consigo as marcas da nação, as quais, como mostrou Flores (1999, p. 795), não são apenas simbólicas, mas se explicitam nos seus corpos e também na dura realidade cotidiana.

CAPÍTULO 4

ESPAANHÓIS NO BRASIL – BRASILEIROS NA ESPANHA

Trajatórias de Migração e Trabalho entre os Séculos XIX e XXI

Motril. Final do século XIX. Em meio à crise provocada pelo ataque da filoxera e às boas notícias vindas do Novo Mundo, homens e mulheres deixam suas pequenas comunidades, encravadas na Costa do Mediterrâneo, e seguem rumo à América.

Antequera. Início do século XXI. Polícia aumenta o cerco contra imigrantes indocumentados, apesar da importância destes para o desenvolvimento da agricultura e de toda a economia local. O alvo são marroquinos, romenos e brasileiros.

Motril e Antequera são cidades do sul da Espanha. Apesar dos cerca de 160 quilômetros que as separam, têm muitas histórias em comum, em especial, quando o assunto é migração internacional. A primeira pertence à província de Granada e a segunda à província de Málaga. Ambas fazem parte da Andaluzia, um território que durante séculos foi marcado por inúmeras partidas e chegadas.

Em Motril conheci Alfredo, Ana, Angeles e outros espanhóis. Em Antequera conheci Eliana, Toninho, Joyce e outros brasileiros. Nos dois locais, ouvi histórias, visitei espaços e pude perceber como vivem e se relacionam brasileiros, espanhóis e demais migrantes. Minhas visitas a estas e outras cidades espanholas ocorreram entre janeiro e abril de 2008, durante o estágio de doutorado sanduíche realizado na Universidade de Cádiz, Espanha.

Minha estada na Espanha, assim como já havia ocorrido em Portugal, revelaria o quanto novas e antigas migrações estão relacionadas entre si e permitiria conhecer de perto o cotidiano de dezenas de brasileiros que vivem atualmente na Península Ibérica.

É sobre as histórias ouvidas e o trabalho de campo realizado na Espanha que trata o presente capítulo, que está dividido em duas partes. Na primeira, apresento a emigração espanhola ao Brasil e a outros países da América. Na segunda, mostro a presença brasileira na Espanha.

4.1 - ESPANHÓIS NA AMÉRICA

Minha primeira visita a Motril, Granada, ocorreu no dia 11 de abril de 2008 e fez parte de um conjunto de visitas realizadas a algumas cidades espanholas em busca de informações sobre a história dos brasileiros na Espanha. Antes de chegar a Motril, já havia passado por Barcelona, Madri, Sevilha, Toledo, Granada, Cádiz, Algeciras e Antequera. De todas estas cidades, Motril foi a que mais permitiu sentir de perto a história viva dos mais de cem anos, entre partidas e chegadas, que marcaram e marcam as relações entre Espanha e Brasil.

Em Motril conheci Alfredo Ortega Tovar, um jovem espanhol dedicado à preservação da história e da memória de sua cidade e, em especial, de seu pequeno *pueblo* chamado La Garnatilla (A Pequena Granada).

Por meio de Alfredo conheci Angeles Martin Roldan, uma espanhola também de Garnatilla, que me contou que quando era menina costumava escrever cartas para a sua avó. Essas cartas eram enviadas para uma tia-avó de Angeles que vivia em uma cidade de São Paulo, Brasil, cujo nome ela não lembra. Recorda, porém, que os contatos de sua avó com o Brasil, por meio de cartas, eram frequentes e geralmente as correspondências iam e vinham acompanhadas de pequenos objetos: sementes de plantas brasileiras e espanholas, pedaços de tecidos para mostrar a última moda em cada país, entre tantas outras pequenas lembranças. Assim, havia sempre uma grande expectativa em relação à chegada de novas cartas, pois além das notícias sobre a família que vinham de São Paulo, os que ficaram no pequeno povoado recebiam também outras novidades¹¹⁴.

O encontro com Angeles ocorreu no centro de Motril. Depois disso, voltamos a nos encontrar na pequena Garnatilla, num jantar organizado por Alfredo e pela Associação de Vizinhos daquela localidade. Naquele dia, os moradores locais foram mobilizados para recepcionar descendentes da família Hidalgo vindos de San Juan, Argentina. Os Hidalgo haviam emigrado para a Argentina no final do século XIX. Mais de 100 anos depois, um dos netos dos que partiram voltava à terra natal dos seus antepassados. A recepção aos visitantes ocorreu na sede da Associação de Vizinhos São Cecílio, um espaço de convívio coletivo e de rememoração do passado, localizado no centro do povoado. Muito do que há neste espaço, em especial uma bela coleção de

¹¹⁴ - As informações repassadas por Angeles, Alfredo, Ana e outras pessoas com as quais conversei em Motril foram anotadas em meu caderno de campo.

fotos antigas, é fruto de um trabalho de vários anos realizado por Alfredo, hoje talvez o principal guardião da memória de sua comunidade. Graças ao seu trabalho, foi possível o encontro dos Hidalgo da Argentina com membros da família que, em 2008, viviam em Motril, Salobrenha e localidades próximas de La Garnatilla. Aos Hidalgo juntaram-se à noite outros moradores para um jantar comunitário e para rever as fotos das diferentes famílias que dali haviam partido para a Argentina e para o Brasil. Após o jantar, foi entregue aos Hidalgo da Argentina a certidão de nascimento dos seus avós e uma placa de agradecimento pela visita. Além das lembranças recebidas e das gravações em vídeo do encontro familiar, estes levaram também para a Argentina uma pequena pedra, recolhida na propriedade aonde viveram seus avós no século XIX. Para os Hidalgo, o passado estava mais presente do que nunca, agora ressignificado.

Durante o jantar, conheci Ana, uma garnadilha cuja mãe mudou-se com o marido e a irmã para Sorocaba, São Paulo, entre o final do século XIX e início do século XX. Anos mais tarde o marido de sua mãe morreu de pneumonia no Brasil e ela voltou a seu *pueblo*. Ali, casou-se novamente e teve dois filhos, Ana e seu irmão. Ana sempre viveu na pequena Garnadilla. Hoje é viúva. Já sua tia morreu no Brasil.

A história de Ana, contada informalmente durante o jantar foi ouvida em meio a diversas outras histórias contadas naquela noite pelos Hidalgo e pelos moradores locais. No centro de todas elas, as alegrias e tristezas de uma comunidade emigrante.



Panorâmica de La Garnatilla – Espanha - 2008
Foto: Adriano Larentes da Silva

La Garnatilla é um pequeno povoado localizado há poucos quilômetros do centro de Motril e do mar Mediterrâneo. Nesse local, de terreno acidentado e pedregoso, viviam, em 2008, cerca de 100 moradores. Entre eles Alfredo e seus familiares. Segundo Alfredo, La Garnatilla é um antigo pueblo árabe que no século XV foi reconquistado pelos cristãos. Os que ali viviam trabalhavam na terra e no cuidado de animais. Um dos cultivos até o início do século XX era a vinha. Outra fonte de alimentação e renda eram as amêndoas, que até hoje existem na comunidade e caracterizam a gastronomia da região.

De La Garnatilla saíram, especialmente depois do final do século XIX, várias famílias em direção a San Juan e outras localidades da Argentina e ao estado de São Paulo, no Brasil. Nos anos de 1960 e 1970 muitos migraram também para países europeus como Alemanha e França. Da primeira migração, participaram os avós de Alfredo, que rumaram para a Argentina, e da última o seu pai, que esteve na França entre o final dos anos 60 e início dos anos 70. Nessa época, conforme me informou o pai de Alfredo em conversa que tivemos na visita que fiz a sua residência em Ganartilla, um emigrante espanhol na França ganhava em um dia o que levaria um mês para ganhar em sua terra natal.

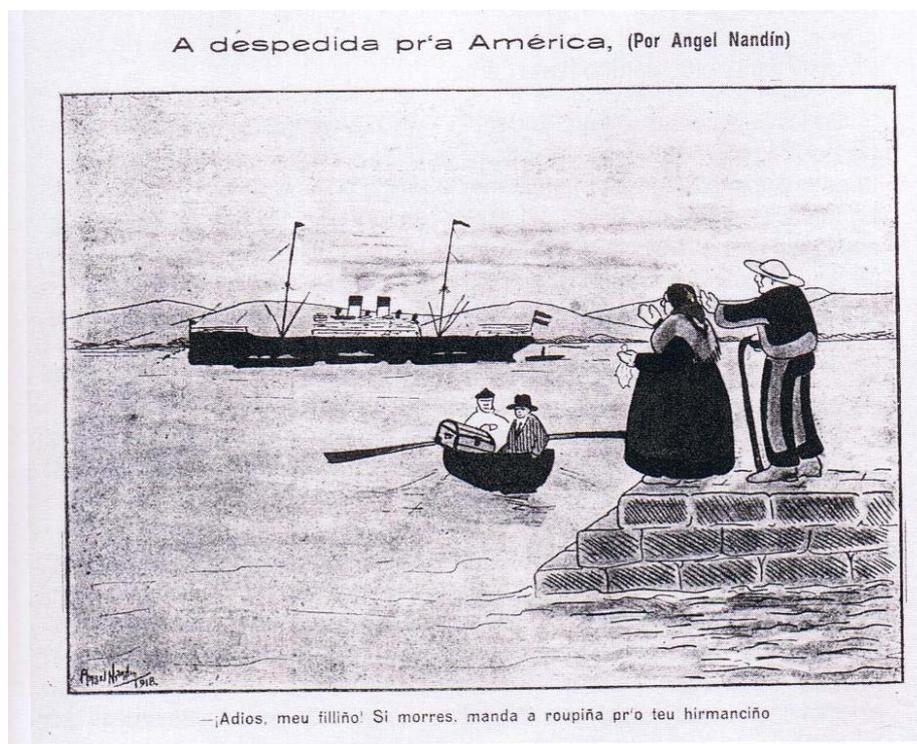
A saída de migrantes espanhóis em direção à América e posteriormente rumo à Europa foi bastante significativa até o final do século XX e mobilizou moradores de La Garnatilla, de Motril e de diversos outros *pueblos* e cidades da Espanha. Dentre as regiões de maiores saídas, estão as Canárias, as Astúrias, a Catalunha, a Andaluzia e, principalmente, a Galícia. De acordo com Vázquez González (Apud CONTRERAS-PÉREZ, 2000, p. 39), entre 1880 e 1930 de cada 100 emigrantes que saíram da Espanha, 50 eram desta última região.

Conforme mostrou Silvar (1996), dos galegos que seguiram à América, grande parte migrou principalmente para as cidades, dedicando-se ao trabalho autônomo e aos pequenos negócios. Segundo esse mesmo autor, a participação galega nos séculos XVI e XVII no processo de conquista e colonização da América foi escassa, se comparada a outras regiões espanholas. No entanto, a partir do século XVIII a emigração galega começou a ganhar importância à medida que as terras, que em grande parte pertenciam à Igreja, começaram a ser subdivididas, estimulando o aparecimento de uma fidalguia rural exploradora dos pequenos proprietários. Somado aos altos impostos pagos pelos camponeses, interferiram também a decadência da atividade pesqueira, a falta de trabalho, as crises alimentícias de 1709-1710, 1737-1738, 1746-1747 e 1768-1769, o

serviço militar obrigatório e as políticas de incentivo à colonização de possessões espanholas na América do Sul. Assim, informa Silvar, no final do século XVIII, a emigração já havia se convertido num dos traços estruturais da economia e da sociedade galega. Os principais países escolhidos a partir de então foram a Argentina, Cuba e o Brasil. Nestes locais, o termo galego logo seria usado para designar não apenas aqueles imigrantes provenientes da Galícia, mas também de toda a Espanha e até de outros países. A descrição dos Galegos como “bons caminantes” foi feita por Afonso Castelão Rodriguez, em 1971.

Os galegos sabemos arranjar os papéis e pedir uma passagem de terceira; sabemos tomar a estrada com a jaqueta no ombro ou empurrando a roda de afiar; sabemos abrir fronteiras fechadas e pedir trabalho em todas as línguas; sabemos enfim, o quanto deve saber um bom caminhante, ainda que a viagem seja a primeira de nossa vida (RODRIGUEZ Apud BAUS, 1992, p.221, tradução nossa).

Outra representação da emigração galega foi feita por Angel Nandín, no jornal *Vida Galega*, de 10 de dezembro de 1918. Na charge intitulada *A Despedida para a América*, os pais se despedem do filho dando-lhe antes uma recomendação que evidenciava as dificuldades vividas pelos que ficavam.



Fonte: BAUS, 1992, p. 173.

Além da Galícia, o processo migratório em direção à América envolveu também espanhóis de distintas regiões da Andaluzia. De acordo com Pérez Murillo (2000), na Andaluzia Ocidental predominaram as saídas em direção à América durante os três primeiros séculos coloniais. Neste caso, o principal canal de acesso era o rio Guadalquivir, com protagonismo das cidades Sevilha (séculos XVI e XVII) e Cádiz (século XVIII).

Já na Andaluzia Oriental, na costa do Mediterrâneo, predominou uma emigração tardia, entre o final do século XIX e o começo do século XX. Foi, portanto, dessa sub-região da Espanha que saiu grande parte dos andaluzes que rumaram para a América a partir desse período.

Fazem parte da Andaluzia Oriental as províncias de Almería, Málaga e Granada que, no final do século XIX, perderam milhares de trabalhadores rurais em função dos inúmeros períodos de secas, geradoras de crises agrícolas, e, principalmente, devido à crise motivada pelo ataque da filoxera aos vinhedos. No caso específico de Granada, houve nesta mesma época, segundo Pérez Murrilo, a crise do setor açucareiro, o declínio da indústria da seda na capital, uma grande epidemia de cólera que levou à morte 10 mil pessoas em 1885, além de terremotos contínuos.

O ataque da filoxera aos vinhedos ocorreu pela primeira vez na Europa em 1863 e durante mais de 15 anos devastou os campos franceses, italianos, portugueses, espanhóis e de diversos outros países. Na Península Ibérica e na Andaluzia, conforme Pérez Murillo (2000), a praga dizimou inicialmente os vinhedos da província de Málaga, logo chegando a Cádiz e aos pequenos povoados de Granada, como Motril e La Garnatilla.

De acordo com Pérez Murillo (2000, p. 41), em função das características geográficas da Andaluzia Oriental predominava nessa região um regime minifundista. Com o ataque da filoxera aos vinhedos, os pequenos camponeses não tiveram apoio do Estado e dos poderes públicos locais e seguiram pagando pesados impostos. Por isso, se viram obrigados a recorrer a usurários para empréstimos que posteriormente não conseguiam saldar. Tal realidade conduziu ao embargo pelo Banco da Espanha nas províncias de Málaga e Granada de 800 mil pequenas propriedades afetadas pela filoxera e devedoras de contribuições. Segundo Pérez Murillo, a consequência direta disso foi a emigração massiva para o Brasil e ao Rio da Prata dos pequenos agricultores, os quais fugiam ao fisco e aos usurários embarcando nos portos de Cádiz e de Málaga. No primeiro porto, inclusive, organizou-se uma verdadeira máfia que vendia

passaportes, cartas de chamada e contratos de trabalho falsos aos emigrantes. Outro porto por onde saíram os andaluzes, na grande maioria clandestinamente, foi o porto de Gibraltar, localizado em terras inglesas. Este porto, de acordo com Pérez Murillo, foi a plataforma de todo o tipo de emigração clandestina.

Em Gibraltar faziam escalas vapores franceses e italianos dedicados ao transporte de emigrantes à América do Sul. Também operavam no dito porto várias agências de emigração sob proteção britânica como as de “Juan Carrera e Filhos”, e “Lucas Imossi e Filho”. Os emigrantes chegavam a Algeciras e ali obtinham (“compravam”) antes de chegar a Gibraltar um certificado de boa conduta expedido por um prefeito de bairro, que não os conhecia, e desde Algeciras embarcavam para Gibraltar e eram transportados diretamente a barcos italianos em dias pontuais. Outros emigrantes chegavam diretamente a Gibraltar e ali viveriam em condições subhumanas até ter a sorte de embarcar (PÉREZ MURILLO, 2000, p. 46, tradução nossa).

Como mostrou Francisco Contreras-Pérez (2000), em estudo que realizou sobre a Andaluzia, os portos de Gibraltar, Cádiz, Málaga e Almería funcionaram como “focos de difusão da idéia de emigrar” e não apenas como lugares de passagem e embarque de passageiros para o exterior. Segundo ele, com base nesses e outros portos as agências de emigração extendiam suas redes até o território circundante, “penetrando inclusive nos rincões mais distantes do interior”. Por outro lado, os portos eram também o ponto pelo qual entrava a informação através das redes sociais interpessoais.



Porto de Vigo – Espanha – início do século XX
Fonte: Baus (1992, p.181)

Ainda conforme Contreras-Pérez, a partir do final do século XIX, aproveitando-se das passagens subsidiadas oferecidas pelos governos americanos e a situação geográfico-jurídica de Gibraltar, surgiram nesta colônia britânica agências de emigração que tinham uma extensa rede de *ganchos*. Os *ganchos* eram agentes comissionados pelas agências e pelas companhias de navegação para o recrutamento de emigrantes em todo o território espanhol. A atuação dos *ganchos*, das agências e das empresas de navegação foram grandes estimuladores da emigração espanhola, favorecendo inclusive a difusão da emigração clandestina para a América, notadamente para a Argentina e para o Brasil.

Como mostrou Carlos Llorca Baus (1992), no livro *Os Barcos da Emigração*, as províncias da Andaluzia Oriental, Múrcia, Sul de Castela e Extremadura eram os principais pontos de proselitismo dos *ganchos*, os quais atuavam com total impunidade. Segundo ele, uma vez conduzidos “de forma rocambolesca” a Gibraltar, os emigrantes eram submetidos a diversas “provas de atitude” em um local chamado “o coral”. Tendo superado essas provas anunciava-se o atraso do navio e os emigrantes tinham que voltar a cidade de La Línea para a espera do mesmo (BAUS, 1992, p. 181). Ali, assim como ocorreu em Málaga, Cádiz e outras localidades, já havia hospedagens “arranjadas” pelos *ganchos* nas quais estes potenciais emigrantes ficavam semanas e até meses aguardando a chegada da embarcação, consumindo muitas vezes suas parcas economias.

Esse negócio, associado ao aumento do número de emigrantes, fez crescer rapidamente os lucros de donos de hospedagens, *ganchos*, agências e companhias de navegações. Além disso, somado ao avanço da ciência e da técnica, permitiu a modernização desse último setor, tanto na Espanha quanto em toda a Europa. Segundo Baus, no final do século XIX “o vapor havia triunfado definitivamente sobre a vela” e as companhias de navegação aumentavam cada vez mais o tamanho e o conforto das embarcações e acirravam a concorrência entre si.

Daí passar a segunda fase, a progressão no tamanho e capacidade dos navios a vapor, levaria pouco tempo. A terceira, já em começos do nosso século seria a corrida por conseguir o gigantismo dos navios para aumentar a carga e o transporte de emigrantes (BAUS, 1992, p. 23, tradução nossa)¹¹⁵.

Com barcos mais modernos e mais ágeis diminuía significativamente o tempo e os custos da travessia em direção ao Novo Mundo, o que facilitava novas migrações. A

¹¹⁵ - Na versão original aparece a expressão “no había más que una palada”, aqui traduzida como “levaria pouco tempo”.

propaganda abaixo, do início do século XX, mostra alguns dos atrativos oferecidos pelas companhias e pelas agências de navegação para conquistar novos passageiros.



ANTONIO CONDE HIJOS VIGO

COMPañIA CHARGEURS REUNIS
LINEA DEL BRASIL Y LA PLATA

Para Rio Janeiro, Santos, Montevideo y Buenos Aires saldrán:

El 26 de Febrero el magnífico vapor
Ceylan

El 5 de Marzo el magnífico vapor
Amiral Jaureguiberry

El 26 de Marzo el magnífico vapor
Ouessant

El 2 de Abril el magnífico vapor
Amiral Rigault

Los vapores tipo **Amiral** solo tomarán pasajeros de **tercera clase** al precio de **125 pesetas**. Los demás los tomarán de **primera y tercera**, a los siguientes precios:
Primera clase a Rio Janeiro y Santos, 850 francos en camarotes de **una litera**, y 650 de **tres literas**.
Primera clase a Montevideo y Buenos Aires 850 francos y 675 respectivamente.
Tercera clase, 135 pesetas a Montevideo y Buenos Aires y 130 idem a Rio y Santos.
Las salidas serán **matemáticamente exactas**, a las **once de la mañana** de los días aquí anunciados. No podrán embarcar, por consiguiente, los pasajeros que no se presenten en esta Agencia con **48 horas de anticipación**.

Estos vapores, de reciente construcción, son la última palabra de la ingeniería naval. El trato espléndido, tanto en 1.ª como en 3.ª clase. Pídanse prospectos y libretos.

CARLOS SOLA

COMPañIA ARROTEGUI

Para la Habana, Matanzas, Santiago de Cuba y Cienfuegos saldrá el 3 de Marzo el vapor **Castaño**

Propaganda de uma agência de navegação espanhola do início do século XX
Fonte: Baus (1992, p. 184)

As migrações espanholas do final do século XIX e início do século XX foram desencadeadas por diferentes fatores e logo se constituíram em um negócio extremamente vantajoso para as companhias de navegação, para determinados comerciantes e agenciadores de emigrantes e até para o próprio Estado espanhol, que passou a contar com os recursos enviados pelos emigrantes do exterior para equilibrar sua balança de pagamentos. O envio de remessas, além de garantir a subsistência de milhares de famílias e movimentar setores da economia espanhola, também esteve associado durante muito tempo a um personagem que foi central ao longo dos mais de 400 anos da emigração espanhola à América: o *indiano*.

4.1.1 - A América e o retorno dos *indianos*

A emigração espanhola rumo ao Novo Mundo iniciou-se com a chegada de Cristóvão Colombo às Antilhas no século XV. Conforme mostrou Seixas (1999), a partir desse período são bastante conhecidos os chamados *indianos* ou *americanos* que

retornavam da América carregados de histórias e produtos exóticos, construíam casas e estimulavam novas partidas.

Já nessa época os retornados da América, ainda que um tipo social muito minoritário, começaram a fazer-se presentes na vida social espanhola, tanto os fracassados como, sobretudo, os paradigmáticos enriquecidos ou “exitosos”, e seu impacto nas comunidades locais de partida – através de seu exemplo, ostentação e investimentos – apresentava já em meados do século XVI a opção da aventura americana como uma via para conseguir ascensão social e riquezas (SEIXAS, 1999, p. 06, tradução nossa).

A representação dos *indianos* a partir do século XVI foi feita inicialmente pela literatura popular e pelo teatro e, séculos mais tarde, pela iconografia e pela imprensa. De acordo com Seixas (1999), sua caracterização, geralmente como tipo teatral, consistia em um personagem rodeado de criados, vestido com trajes ostentosos, jóias vistosas, objetos de ouro e metais preciosos, levando consigo um papagaio ou um macaco. Por outro lado, a figura do *indiano* estava muito fortemente relacionada às remessas e aos investimentos feitos pelos espanhóis que emigravam para o Novo Mundo. Em muitas localidades foram eles os responsáveis pela construção de escolas e pelo auxílio financeiro a asilos e hospitais. Em outras compravam terras, envolviam-se em práticas bancárias e creditícias e estimulavam o desenvolvimento do comércio e da indústria.

Um conjunto de representações sobre os *indianos* ganhou força com a grande onda migratória de espanhóis para a América após a segunda metade do século XIX. É neste período, segundo Seixas, que estes tornam-se cada vez mais visíveis em diferentes regiões da Espanha e que vários estereótipos relacionados ao “indiano” são reativados com o auxílio da imprensa. Entre essas regiões estavam a Galícia, a costa cantábrica e a Catalunha.

Nas Astúrias, segundo Erice (1999, p. 40-41), termos como *indiano*, *americano* e *cubanos* eram utilizados para invocar os emigrantes triunfadores ou aqueles que eram vistos como tal. Já para os “fracassados” reservavam-se expressões como “americanos do pote”, “americanos da maleta na água”, entre outras de sentido pejorativo e vinculadas ao fracasso. De acordo com esse autor, os retornados às Astúrias aumentaram a partir de meados do século XIX, no mesmo período em que crescia também o número de saídas que, por essa época, variavam entre 280 e 325 mil pessoas.

Na cidade de Córdoba, na Andaluzia, conserva-se até hoje a fachada do que era conhecida desde o século XV como a Casa do Indiano. Na foto abaixo, tirada em visita que fiz a esta cidade em 2008, percebe-se a imponência da edificação, restaurada no século XX. Nela, teria residido Juan Cosme Paniagua, que viveu durante vários anos na América e depois retornou a Cordoba. Nos anos 1970 seu interior foi demolido para a construção de apartamentos, restando apenas a fachada em estilo gótico-mouro, hoje um dos pontos turísticos desta cidade.



Casa do *Indiano* construída no século XV em Córdoba – Espanha
Foto: Adriano Larentes da Silva

A figura do *indiano* ou do *americano*, portanto, fez parte do cotidiano de muitas localidades espanholas e tinha os mesmos atributos dos chamados *brasileiros de torna-viagem* que, conforme mostrei em capítulo anterior, povoaram as áreas urbanas e rurais de Portugal. Personagens homônimos existiram muito provavelmente também na Itália, na Alemanha, na Grécia e em outros países de forte emigração nos séculos XIX e XX.

4.1.2 - Espanhóis no Brasil

Os espanhóis chegaram ao Brasil antes mesmo que os portugueses. Em 1499, os navegadores castelhanos Vicente Yañes de Pinzón e Diego de Lepe percorreram a costa brasileira e o rio Amazonas (GUIMARÃES e VAINFAS, 2000, p. 105).

Posteriormente, outros espanhóis participaram junto com os portugueses da grande aventura do descobrimento.

De acordo com Guimarães e Vainfas (2000), a presença espanhola no Brasil Colonial teve uma importância bem maior do que aquela que historicamente se atribuiu. Nesse período, predominou, sobretudo, uma presença castelhana, com uma maior concentração demográfica no Extremo Sul do Brasil. Nessa região, conforme mostrou Flores (2004), as disputas entre portugueses e espanhóis pela posse do território ocorreu até o final do século XVIII.

Apesar de os espanhóis já estarem presentes no Brasil desde os tempos coloniais, o número de emigrantes dessa nacionalidade em nosso país só se tornou significativo após a década de 1880. Ao todo, emigraram para o Brasil cerca de 700 mil espanhóis (IBGE, 2000), sendo a grande maioria deles galegos. O grande influxo destes imigrantes deu-se entre 1880 e 1930 e a entrada ocorreu principalmente pelos portos de Santos e do Rio de Janeiro.

As cidades de maior presença espanhola no Brasil foram Santos, Rio de Janeiro e Salvador. Nesta última, de acordo com Guimarães e Vainfas (2000), o movimento de entrada foi bem peculiar, uma vez que os espanhóis que para lá se dirigiam não participavam de programas de imigração. “Chegavam com emprego garantido, chamados por patrícios e parentes ali estabelecidos, proprietários bem-sucedidos de pequenos estabelecimentos comerciais, bares e hotéis” (Ibid, p. 113). No Rio de Janeiro, os espanhóis se fixaram principalmente nas áreas centrais da cidade e próximos a zona portuária. O mesmo ocorreu na cidade de Santos, onde uma numerosa colônia espanhola vivia numa região que ficou conhecida como a “Barcelona Brasileira”. Esta última área foi, inclusive, um dos espaços de atuação político-sindical de muitos imigrantes espanhóis, os quais participaram ativamente das lutas políticas do movimento operário no Brasil do início do século XX. Para além dos que se fixaram nas cidades, muitos deles disputando com ex-escravos e outros imigrantes os postos de trabalho menos qualificados, um grande número de espanhóis se dirigiu às áreas rurais do interior do estado de São Paulo.

Um dos grandes propulsores da emigração espanhola foram as subvenções oferecidas pelo governo de São Paulo como forma de atrair trabalhadores imigrantes às lavouras de café do interior do estado. Tais subvenções foram utilizadas pelos atravessadores espanhóis e pelos recrutadores brasileiros, estes últimos contratados pelos fazendeiros, como “iscas” para estimular a emigração espanhola ao Brasil. Por

outro lado, serviram a muitos emigrantes espanhóis como um meio mais fácil e barato de chegar ao destino realmente preferido: a Argentina. Isto ocorreu especialmente após 1890, quando a Argentina deixou de subvencionar as passagens aos imigrantes.

Como mostraram Contreras-Pérez (2000) e Pérez Murillo (2000; 2003), o subvencionamento de passagens atraiu grande número de andaluzes ao Brasil a partir do final do século XIX. Segundo Cotreras-Pérez (2000), quase todas as províncias andaluzas enviaram emigrantes ao Brasil, mas o recrutamento dos agentes de emigração comissionados pelo Estado de São Paulo realizou-se principalmente em Málaga e Granada. Além disso, boa parte desses emigrantes saiu da Espanha clandestinamente pelo porto de Gibraltar.

Para Pérez Murillo (2003), muitos andaluzes que emigraram para trabalhar nos cafezais de São Paulo sonhavam em sair da miséria minifundista de suas comunidades de origem. Enquanto uma parte desses imigrantes conseguiu ascender socialmente ou pelo menos viver um pouco melhor do que na Espanha, outro grupo acabou vivendo em condições piores do que as deixadas para trás na Espanha e, por isso, sonhava em reunir economias para voltar aos seus povoados de origem.

Grande parte dos andaluzes e outros espanhóis que emigraram para o Brasil a partir de 1880 eram, segundo Martínez (2000), camponeses, a maioria analfabetos e “os mais pobres entre os mais pobres”, os quais até esse período haviam se dirigido ao norte da África, o “único lugar acessível a suas economias”. Foram estes emigrantes, segundo ela, que depois aceitaram a oferta do estado de São Paulo e avançaram em direção a cidades como Ribeirão Preto e São José do Rio Preto.

Dentre os espanhóis que seguiram para a região mencionada acima estavam os familiares de Mariano Gomes Rodrigues, um brasileiro que voltou à terra dos seus antepassados no final da década de 1990, quase 90 anos depois que estes desembarcaram no Brasil. A história contada por Mariano, em março de 2008, em Madri, mostra os detalhes da chegada de seus familiares ao distrito de Mangaratu, Nova Granada, no Noroeste paulista. O primeiro a chegar foi o tio de seu pai, Rosendo Galan, no início de 1912. Foi ele, segundo Mariano, o fundador da pequena cidade.

Ele foi com filho, como fazem hoje os brasileiros que vêm para a Espanha. Foi com uma filha, que é minha tia Fortina que foi a minha madrinha, e com um filho maior. E aqui na Espanha ficaram, eles eram em oito, mais cinco filhos. Eles ficaram em Uchoa, porque a estrada de ferro que levava de São Paulo a São José do Rio Preto estava parada nessa região construindo. E ele trabalhou pondo as madeiras para os trilhos. Depois daí ele foi

para a lavoura do café como faziam todas as espanholadas. Teve boas colheitas, o café demora três a quatro anos para dar uma boa colheita, ajuntou dinheiro e disse que para Noroeste as terras eram baratas e foi lá e comprou cem alqueires de terra¹¹⁶.

Depois de trabalhar por oito anos no Brasil, Rosendo Galan consegue “fazer a fortuna” necessária para retornar, em 1920, ao seu pequeno povoado, chamado Torecillas de los Angeles, situado na província de Cáceres, região da Extremadura, na fronteira entre Andaluzia e Portugal. No entanto, Rosendo não voltou para ficar, mas sim para buscar o restante de seus familiares que permaneceram na Espanha. Afinal, ele havia prosperado e era agora mais um dos novos fazendeiros do café do Noroeste paulista.

Aí ele voltou em vinte. Ele ficou todo esse tempo lá fazendo, podemos chamar, na época uma fortuna. Então veio para buscar o restante da família. E falou assim “quem quer ir eu dou lá o documento, o parecer, que eu necessito de pessoas para trabalhar na lavoura do café”. Então foram os cunhados, os filhos dos cunhados dele. Da família Galan praticamente ficou a Rosenda, que era a filha maior do meu tio Rosendo e ela já estava casada. Hoje ainda vive o neto da Rosenda em Torecillas¹¹⁷.

Entre os que foram para o Brasil em 1920 estava o pai de Mariano, que nessa época tinha dezoito anos de idade e estava trabalhando na França desde os dezesseis. Segundo Mariano, ir para a França e depois para o Brasil era a possibilidade que seu pai tinha de fugir da vida rústica de pastor de cabras no pequeno povoado (e provavelmente também do serviço militar obrigatório). Nesse tempo, Torecillas tinha cerca 1200 moradores. Destes, muitos partiram para o Brasil em companhia de Rosendo Galan, em um navio que, de acordo com Mariano, saiu do Porto de Gibraltar e levou um mês para chegar ao Porto de Santos, em São Paulo. Dali partiram de trem a São José do Rio Preto e depois, em carroças, até a propriedade de Galan no interior de Nova Granada. O depoimento abaixo mostra em detalhes essas diferentes etapas desde a Espanha até o destino final, as relações dos espanhóis com os “nativos”, as primeiras safras e decepções com o “El Dorado” e o cotidiano desse grupo de espanhóis no Brasil. Trata-se de uma síntese feita por Mariano das diferentes histórias que ouviu no seio familiar desde a sua infância e daquelas que recolheu depois, inclusive na Espanha.

¹¹⁶ - RODRIGUES, Mariano. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Madri, 13 mar. 2008. Gravação em MP3.

¹¹⁷ - Idem.

Torrecillas nessa época tinha umas mil e duzentas pessoas contam os que estão vivos, os maiores, de mais de oitenta anos. Então eles chamaram, mandaram a carta e ele (o pai) veio da França e embarcaram todas juntas para o mesmo navio muitas famílias da mesma cidade. Por Gibraltar. Eles contam que do dia que saíram daqui até chegar lá trinta dias demoraram. Chegou no Brasil, teve que passar pela Imigração, trouxeram eles até São Paulo e em São Paulo puseram eles no trem e chegou em Rio Preto. De São Paulo a São José do Rio Preto quatrocentos e vinte, quatrocentos e cinqüenta quilômetros mais ou menos. Desembarcam na estação de Rio Preto, porque ali era a última parada do trem. E aí já não tinha mais estrada e era a selva. Picadas, aquelas trilhas e matas de todos os lados. E aí tinha, como hoje tem o táxi na estação, tinha carroças, carroceiros lá. E as famílias cada uma alugava umas carroças e punham as mulheres e as crianças. E os homens a pé. Chegaram em Nova Granada. Saíram de manhazinha e chegaram o sol estava entrando. E havia que passar uma espécie de lamaçal. E as primeiras carroças, atolou tudo, os burros e as carroças. Tiveram que ficar em Nova Granada, porque eles iam para o distrito. E nessa noite eles levavam jamón, numas caixas levavam umas peças de jamón ibérico. Então eles comeram isso. Nova Granada estava iniciando. Tinha uma padaria, tinha a igreja e tinha os bares. E aí compraram pão e comeram jamón com pão. Essa é a história que eles contam. No outro dia já de manhã cedo arrancaram com as carroças com outros animais lá e tinha ainda por diante doze quilômetros. E aí chegaram então na cidadezinha. Então para aqueles que estavam lá, que faziam sete, oito anos que não se viam, foi uma emoção muito forte. Era dia de São João Batista e eles eram muito religiosos e já tinham a reza do santo e coisas assim. Sabe aqueles enfeites religiosos que eles costumam fazer? Até hoje fazem a festa de São João lá na cidadezinha. Ficaram todos juntos. Era uma casa de fazendeiros, de varandas, sabe. Até que eles construíram uma casa de pau a pique. De coqueiro e coberta de telha já. Não era o sape e nem a palmeira. Passavam barro nas paredes e tudo. E aí eles já foram cada um se acomodando nessas casas que eles foram fazendo. E as palmeiras eram derrubadas já da propriedade do meu tio. E o meu tio disse assim 'agora cada um escolhe uma gleba para plantar café'. E então tinha que derrubar a mata, pá, pá, pá, e eles não tinham o costume. Era muito inseto lá na mata, mosquitos quando vinha chegando à tarde. Conta o meu pai que ele aprendeu a fumar porque os nativos, os brasileiros que já eram nativos, fumavam e diziam que era para espantar os mosquitos. Então ele já com dezoito anos ele já começou a fumar. Mas depois ele parou. E derrubaram toodo aquele matagal numa baixada que é uma beleza de terreno, um terreno muito bom, e plantam o café. E tem muitas torras, muitas árvores e vai cortando e vai devagar cortando e vai limpando e no ano seguinte plantou arroz. E veio aquele arroz

estupendo. E todos falavam ‘vai dar duzentos sacos, duzentos sacos de arroz’. Então tinha que comprar a saca para ensacar o arroz a trinta quilômetros de distância. E a minha mãe e o meu pai contavam que ele foi num burro muito... chama-se burro trotão. Não é de passo, é poc, poc, poc. Foi de madrugada e voltou à noite com as duzentas sacas de cada lado, amarradas no burro. Chegou e desceu do animal e estava com febre de tanto socar o fígado, de tanto bater o dia inteiro, porque era sessenta quilômetros nesse animal. Isso eles contavam. Quando foi a colheita, o arroz está soltando os cachos, levantou o tempo, levantou o tempo e começou a dar sol, sol e o arroz foi dando cachos brancos e aquilo que era duzentos sacos saiu por cinquenta sacos. E como eles têm o costume aqui de aproveitar bem o trigo eles tiveram a pachorra de cortar tudo, bater e abanar. Porque os brasileiros falaram ‘aqui nós nem mexe’. Mas os espanhóis cortaram tudo. E foi a desilusão deles com o eldorado. Vem a seca e perde tudo. Mas o café ficou e aí aquilo tudo foi cafezal, tudo envolta. Os agrimensores cortavam glebas de dez alqueires e o meu tio, como ele era vamos dizer latifundiário, os demais eram todas glebas... por quê? Como ele tinha bastante filhos esses cem alqueires foram divididos e ficaram glebas todas iguais mais ou menos às demais. Mas era geralmente menos de vinte alqueires, glebas de menos de vinte alqueires. Então eram cortadas para ter água e ficava uma sequência de casas. E foi fazendo as casas e foi fazendo as colônias e se falava o que? Pois, o idioma espanhol¹¹⁸.

No Brasil o pai de Mariano, que não era alfabetizado, aprendeu algumas noções básicas do português e da matemática e conheceu a que veio a ser sua esposa, esta também descendente de espanhóis, de Salamanca.

Ele aprendeu a rezar, a religião, o que a mãe ensinou, mas ir na escola não porque ele tinha que cuidar das cabras. Chegou no Brasil e o núcleo falava só espanhol. Então era difícil eles aprender português. Então tinha um senhor espanhol que já fazia muitos anos que estava lá e dava classes de português e contas, fazer contas. Assim ele contava para nós. Fazer matemática. E aí ele se casou e teve onze filhos. Morreram três. Nós somos vivos seis homens e cinco mulheres¹¹⁹.

Os tios de Mariano, a exemplo do seu pai, também formaram famílias numerosas e casaram com descendentes de espanhóis. Alguns ficaram na região de Nova Granada, enquanto outros seguiram cerca de 200 quilômetros a Oeste para Santa Fé do Sul, onde continuaram no trabalho com o café. Todos eles, como lembra Mariano, mantiveram os hábitos e costumes espanhóis, como as comidas, as festas e a língua,

¹¹⁸ - Idem.

¹¹⁹ - Idem.

mesmo após a ascensão de Getúlio Vargas ao poder em 1930 e a adoção de sua política nacionalista. Das famílias que partiram em 1920 apenas uma retornou a Torrecillas e vive até hoje nessa localidade.

Desde que chegou à Espanha como imigrante, em 1999, Mariano já visitou o que ele chama de “*mi pueblo*” três vezes, tendo sido recepcionado por novos e antigos moradores. Nessas oportunidades, contatou com vários parentes e moradores e ouviu de muitas histórias de familiares que partiram de Torrecillas. Alguns, inclusive, buscavam informações e notícias de gente que havia saído há mais de cinquenta anos e que nunca mais se soube do paradeiro, se fracassaram ou se tiveram sucesso no destino escolhido.

Além de Mariano, encontrei na Espanha outros descendentes de espanhóis que emigraram para o Brasil. Entre eles Marli, cujos pais também eram de Torrecillas e rumaram para Ingás, a cerca de quinze quilômetros de Nova Granada. Outra brasileira descendente de espanhóis com quem conversei foi Eunice, cuja mãe, Antonia, saiu de Almería, na Andaluzia Oriental, em 1906, com apenas nove anos de idade. O destino também parece ter sido os cafezais do interior de São Paulo, pois o casamento dos pais de Eunice ocorreu em Regente Feijó, no Sudoeste paulista. Dali rumaram anos mais tarde com a família para Londrina, no Norte do Paraná, acompanhando a expansão das áreas produtoras do café. Em Londrina, o pai, que havia nascido no Brasil mas também era filho de espanhóis, abriu uma mercearia. Já a mãe trabalhava em casa e cuidava dos filhos.

A viagem de mãe de Eunice de Almería até o Brasil durou cerca de dois meses, em uma travessia na qual, segundo contava sua mãe, morreram vários imigrantes no navio e seus corpos foram jogados ao mar. Entre os motivos da emigração estavam a miséria e a fome vividas naqueles anos na Espanha. “Porque naquela época era muito pobre aqui a Espanha. Guerra e essas coisas. A minha mãe falava muito no negócio de guerra. Muita fome na época que a minha mãe foi. Porque há muitos anos aqui tinha... assim ela contava alguma coisa”, relatou Eunice na conversa que tivemos, em março de 2008, na cidade de Antequera, província de Málaga, Andaluzia. Eunice e seus filhos João e Alessandra desembarcaram na Espanha cerca de 100 anos depois que sua mãe partiu para o Brasil.

A emigração espanhola em direção ao Brasil manteve-se com força até 1930, reduzindo-se entre 1930 e 1949 e voltando a aumentar entre as décadas de 1950 e 1970. Entre os motivos da redução das partidas de espanhóis ao Brasil após a década de 1930, estavam a crise financeira internacional, cujos efeitos atingiram diretamente a atividade

cafeeira brasileira, o clima de insegurança gerado pela Guerra Civil Espanhola e pela Segunda Guerra Mundial, e a política nacionalista e restritiva à entrada de estrangeiros adotada pelo governo de Getúlio Vargas. Por outro lado, a partir do final dos anos 1940, com o processo de industrialização e urbanização do Brasil e com uma nova política de imigração em vigor, muda o perfil do emigrante espanhol que escolhe esse país.

De acordo com Martínez (2000), os que migram a partir desse momento são majoritariamente homens sozinhos, com maior capacitação laboral e especialização técnica e com níveis de escolaridade bastante distintos de seus predecessores. Agora, ao invés dos cafezais, a maior necessidade de força de trabalho estava nos setores automobilístico, metal-mecânico, elétrico, de comunicações, transporte e moveleiro. Tudo isso, foi incentivado pela política econômica desenvolvimentista dos anos 1950 que fazia do Brasil um terreno fértil tanto para investimento de capitais internacionais quanto para uma imigração especializada. Além disso, segundo Martínez, muitos espanhóis que se dirigiram ao Brasil após esse período foram subvencionados pelo Comitê Intergovernamental para as Migrações Européias (CIME), instituição, criada em Genebra em 1951, que tinha como objetivo encaminhar à emigração cerca de dois milhões de europeus, a maior parte para a Austrália e América Latina. Na América do Sul, os destinos escolhidos foram o Brasil, a Argentina e a Venezuela. Caberia ao CIME arcar com os custos da viagem e com os gastos dos primeiros tempos de alojamento dos emigrantes. Aos que emigravam ao Brasil, conforme Martínez, davam-lhes uma pequena quantidade de dinheiro até que obtivessem emprego e, para aqueles que não se adaptavam na Hospedaria dos Imigrantes em São Paulo, eram encaminhados para uma pensão situada também no bairro do Brás. Essa política de incentivo se manteve até a década de 1970 e esteve associada a outras ações e políticas de Estado, como o tratado firmado entre Brasil e Espanha em 1960 e o convênio relativo à seguridade social dos imigrantes, em 1969. De todas as formas, tais iniciativas não foram suficientes para a manutenção dos fluxos migratórios de espanhóis ao Brasil, já que a partir da década de 1960 a Europa tornava-se cada vez mais atrativa, transformando-se no novo “El dorado” para esses emigrantes.

Entre os que participaram da última grande onda de emigração ao Brasil, nas décadas de 1950 e 1960, estava a família de António Hernandez, de Barcelona. O primeiro a migrar dessa família foi o pai de António, que por volta de 1950 seguiu para São Bernardo do Campo, São Paulo. Segundo me informou António, na entrevista que me concedeu em Barcelona, em fevereiro de 2008, seu pai tinha vários ofícios. Era

marceneiro, afinador de piano, desenhista, cartazista e lidava “com algumas coisas de produção química, com perfumes, sabão, coisas de perfumaria”. Apesar de possuir esses conhecimentos especializados e ser um trabalhador urbano, a autorização recebida da Imigração brasileira era para emigrar para o trabalho no campo. Nesse caso, porém, aconteceu o que já era prática comum entre os espanhóis desde o final do século XIX: a permanência na cidade.

Foi para São Paulo e aí foi para São Bernardo do Campo, que era o pólo de indústria de móveis no Brasil. A maioria da indústria brasileira de móveis estava radicada em São Bernardo do Campo. E logo ele foi para São Bernardo do Campo e não trabalhou nunca na lavoura. Quer dizer que a Imigração quando dava os papéis era para ir trabalhar na lavoura, em campo, agricultura e tal, e ele foi para São Bernardo do Campo e encontrou trabalho logo em uma fábrica de móveis¹²⁰.

Após cerca de um ano da saída de seu pai da Espanha, António e sua mãe também emigraram para o Brasil. A viagem durou 13 dias, com escalas em Dacar e no Rio de Janeiro. O destino final foi o porto de Santos. No navio, havia, segundo ele, muitos italianos, alguns turcos e portugueses e vários espanhóis. Na época que partiu, António tinha apenas cinco anos de idade. Na sua lembrança, a passagem de um país ao outro significava sair de um mundo em preto e branco, triste, para entrar num mundo “exuberante” e colorido.

A minha explicação sempre foi como passar de um filme branco e preto para um filme a cores. O Brasil para mim foi exuberante. Primeiramente pela abundância de todo o tipo de comida que existia lá. E aqui estava o racionamento de frutas. E também o clima, a luz. Eu também quando eu saí aqui da Espanha, pelo que eu vejo nas fotografias, mais ou menos era no fim do inverno daqui. Então você sai do inverno daqui e você chega no verão de lá então na minha retina o que ficou é de um país triste e escuro para passar a um país calido e com muita luz. E eu morava dentro de Barcelona mesmo, era urbanita como dizem aqui, e passei para São Bernardo do Campo que não era uma cidade grande naquela época. E fomos morar numa casa e não num apartamento como aqui que a gente morava em apartamento. Fomos morar em casa com quintal e com vegetação ao redor. Árvores!¹²¹.

¹²⁰ - HERNANDEZ, Antonio. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Barcelona, 16 fev. 2008. Gravação em MP3.

¹²¹ - Idem.

A experiência de António e sua família no Brasil durou aproximadamente doze anos. Nesse tempo, o pai, após um período como marceneiro, dedicou-se, ao lado da esposa, ao trabalho como feirante e vendedor de bijuterias e armarinhos em São Paulo. Em outubro de 1962 a família decidiu retornar a Barcelona. Das poucas economias que conseguiram fazer, parte se perdeu em função da desvalorização do cruzeiro em relação à moeda espanhola, como recorda António.

Bem, a minha família foi a típica família que emigra para lá, como os que vêm aqui, os brasileiros que emigram, que é para arrumar uma situação econômica, fazer uma poupança e voltar para o país e se estabelecer. Que é a idéia da maioria dos imigrantes. O que aconteceu. Bagagem econômica pouco ou nenhuma, para dizer a verdade. Porque, para que você tenha uma idéia, quando nós chegamos no Brasil uma peseta custava cinquenta centavos de cruzeiro naquela época e na volta, isso foi em doze anos e pancada, uma peseta custava sessenta e cinco cruzeiros. Para você ver o tamanho da inflação. Os meus pais não investiram nada lá. Foi só o trabalho e poupança e guardar no banco ou na caixa de poupança. Claro, o dinheiro foi se desvalorizando¹²².

De volta à Espanha os Hernandez continuaram seu trabalho no ramo de bijuterias. No caso de António, ficou profundamente marcado pela experiência vivida em terras brasileiras e, nos anos 1970, ajudou a estruturar, em Barcelona, a Sociedade Amigos do Brasil. Foi nesse local, em meio a diversos brasileiros recém-chegados e a espanhóis retornados da América e da Europa, que conversamos em fevereiro de 2008.

4.1.3 - As novas fronteiras da emigração espanhola

A exemplo do que ocorreu com portugueses e italianos, a partir da década de 1960 os espanhóis se voltam para a Europa e passam a emigrar em grande número em direção à França, Alemanha, Bélgica e outros países.

De acordo com Cervelló (1998, p. 296-297), entre 1959 e 1969, se instalaram nos países acima cerca de 600 mil espanhóis, atraídos pelo *boom* industrial ali existente. Internamente, este também foi um período de forte êxodo rural e migrações em direção às zonas industriais espanholas como Barcelona.

Como me disse o espanhol Jose Sánchez Gámez, em entrevista concedida, em abril de 2008, na cidade de Antequera, província de Málaga, a migração interna para

¹²² - Idem.

Barcelona já havia iniciado no final dos anos 1920 com a construção do metrô daquela cidade e se acelerou com a forte expansão industrial após os anos 1950. De acordo com ele, “começou de Múrcia a ir gente e depois de toda a Andaluzia e Extremadura e de muitos lugares da Espanha. Mas de Andaluzia foi o coletivo mais forte”¹²³. Por isso, não é difícil ainda hoje encontrar gente que fale que esteve na Catalunha, “que esteve em tal lugar, enfim, te nomeiam uma série de povoados que eles conhecem”. Além da Catalunha, outros destinos foram o País Basco e as Astúrias. No País Basco, “foi fundamentalmente pela indústria”, enquanto nas Astúrias foi em função da mineração e da siderurgia. Segundo José, tanto na Catalunha quanto no País Basco os migrantes foram recebidos com desprezo e identificados com nomes depreciativos como *charnegos* e *cipayos*, “que é algo assim como servos” ou cidadãos de terceira classe.

O movimento de saída de andaluzes em direção a distintas regiões espanholas ocorreu paralelamente às migrações para o Norte da Europa, a partir dos anos 60. Nesse período, conforme Jose Sánchez Gaméz, “muitíssima gente de toda a Espanha, mas particularmente de Andaluzia, Extremadura, Múrcia” partiu sobretudo para a Alemanha, para o trabalho em obras públicas e na indústria, causando o esvaziamento populacional em muitas localidades espanholas. Um dos exemplos foram os pequenos povoados de Fuente Piedra, Humilladero, Mollina e Alameda, na serra Malaguenha, onde um levantamento, feito por José Gámez, nos anos 60, mostrou que houve uma diminuição de 30 a 50% da população local. “Apesar que a natalidade ainda era alta, em questão de cinco ou seis anos diminuiu a população em 30 a 50 %. De forma que concretamente Fuente Piedra passou em três anos de 3.100 habitantes a 1.900”, lembrou ele, logo complementado “Não houve epidemias, nem enfermidades, nem nada. Somente por causa da emigração”¹²⁴.

Segundo Maria Dolores Pérez Murillo, os que migraram para a Europa a partir do final dos anos 50 foram aqueles que não puderam emigrar para a América em décadas anteriores em função dos poucos recursos financeiros que possuíam. “Porque à América emigra o pequeno proprietário, o que tem algo para vender. À Europa vai migrar gente muito pobre, o diarista, o que não tem nada, o que não pode emigrar à América”, me informou ela em entrevista concedida em Sevilha, em março de 2008¹²⁵.

¹²³ - GÁMEZ, Jose Sánchez. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, 09 abr. 2008.

¹²⁴ - Idem.

¹²⁵ - PÉREZ MURILLO, Maria Dolores. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Sevilha, 01 mar. 2008.

Maria Dolores, hoje uma das principais estudiosas da emigração na Espanha, viveu desde muito pequena o drama da emigração, ouvindo histórias e acompanhando as idas e vindas de parentes e amigos de La Garnatilla, Motril e outras localidades da Andaluzia à Argentina, ao Brasil e à Europa. Uma de suas primeiras lembranças é de quando tinha entre quatro e cinco anos e ouviu falar da Holanda, um território bem menos familiar que Buenos Aires, na Argentina, e que parecia a ela e a seus familiares como “o fim do mundo”.

Eu me lembro de, com quatro ou cinco anos, um vizinho meu que emigrou à Holanda. Pepito. [...] Este rapaz foi um drama da emigração. Eu recordo que estava na cama com quatro a cinco anos, com muita gripe e tal, e minha avó dizia: ‘se vai à Holanda. Pepito se vai à Holanda. Um vizinho da casa em frente se vai à Holanda’. Holanda nos parecia o fim do mundo enquanto Buenos Aires não. Ou seja, América é algo próximo, já Holanda é algo terrível. [...] Pepi se foi à Holanda em 59 ou 60 e morreu aí. Porque uma grua, trabalhava na construção, e caiu uma coisa e lhe arrebentou. Tardou a chegar o corpo de Pepito uns 10 dias a Motril. E quando chegou foi todo uma dor popular¹²⁶.

Se a experiência da emigração europeia parecia inicialmente uma aventura bem mais arriscada do que as viagens à América, não demorou muito para que as redes se estruturassem e a Europa ficasse bem mais próxima e familiar a andaluzes e milhares de outros espanhóis. De Motril e da costa mediterrânica partiram, segundo Maria Dolores, inúmeros trabalhadores, do campo e da cidade, a maioria indocumentados ou com papéis comprados. Na Alemanha, os homens se empregavam na indústria e na construção civil. Na França, na vindima e na colheita da beterraba. Já as mulheres, trabalhavam no serviço doméstico como criadas em Paris. Na Holanda, na Bélgica e outros destinos os espanhóis ocupam diferentes espaços no mercado laboral, constroem suas igrejas e escolas, formam associações.

Nos 60 começa a haver uma emigração à Alemanha, à França, à Holanda. A maioria foram sem papéis. Oitenta por cento é imigração indocumentada ou sem papéis oficiais, ou compram os papéis. O mesmo que os que emigravam às Américas: compram os papéis. Aqui há algumas políticas de governos, na Alemanha e tal, de contratos de trabalho. Mas a maioria não. As pessoas se vão e já aí, quem sabe, há uma pessoa contratada, que é conterrâneo, e funcionam já as redes de paisanagem. Te vão contratar rápido na Europa que se está reconstruindo, na Europa

¹²⁶ - Idem.

da Pós-Guerra. Nos 50 e nos 60 é massivo, mas nem todo mundo vai com papéis. As pessoas vão porque existe um parente, um paisano que está aí¹²⁷.

Conforme escreveu Ramón Tamames em 1962, as fortes emigrações dos anos 50 e 60 eram o resultado dos baixos salários agrícolas, do desemprego, do “problemático quadro de distribuição da propriedade” e das duras condições enfrentadas especialmente pelos pequenos proprietários agrícolas. Em muitas regiões, as populações locais não tinham acesso a serviços mínimos como luz elétrica e água, o que contribuía para que muitos decidissem partir. Nesse momento, segundo Tamames (1962), a Espanha tinha duas realidades distintas. De um lado, o desenvolvimento industrial e o crescimento das cidades e, de outro, o despovoamento do interior e as grandes migrações internas e para a Europa.

Para José Sánchez Gámez, a perda de população através da emigração, que inicialmente foi tratada como um problema a ser enfrentado pela ditadura espanhola, pois prejudicava a imagem construída de um país grande e próspero, tornando públicas as falhas do regime, logo foi vista como estratégica para o desenvolvimento econômico do país e para evitar convulsões sociais. De acordo com ele, o governo espanhol não demorou a entender que “era bom que se fossem as pessoas, para o desenvolvimento industrial, para livrar-se de problemas sociais e etc”, já que isso significava “ingressos de divisas do estrangeiro à Espanha e, portanto, o crescimento da capacidade de consumo em função do dinheiro que vinha do estrangeiro”¹²⁸.

Assim, continuava, após a década de 50, a mesma lógica existente desde a saída dos primeiros emigrantes à América. Essa realidade mudou somente após a década de 1990, quando, paralelo às saídas e aos retornos de espanhóis, chegam à Espanha milhares de emigrantes da África e da América Latina. A partir desse período, com a entrada da Espanha na Comunidade Econômica Européia, a chegada de recursos dos fundos europeus e o grande crescimento econômico do país, muitos espanhóis, especialmente os mais jovens, passam a esquecer-se de seu passado como um povo emigrante e a rechaçar os recém-chegados. Entre os recém-chegados à “nova Espanha” dos anos 90 estavam os brasileiros, conforme veremos abaixo.

¹²⁷ - Idem.

¹²⁸ - GÁMEZ, Jose Sánchez. Op. Cit.

4.2 - INVERTENDO A ROTA: BRASILEIROS NA ESPANHA

Em março de 2008, deportações de brasileiros do aeroporto de Barajas, em Madri, mobilizaram a imprensa brasileira e espanhola. Em poucos dias, dezenas de notícias ganharam os jornais impressos, televisivos e falados, quase sempre com um tom de dramaticidade, informando que algo “novo” estava acontecendo.

Assim como já havia acontecido em Portugal e outros países, desde o início dos anos 1990, os vários episódios ocorridos e relatados levaram o governo brasileiro a adotar medidas de “reciprocidade” através de um rígido controle, feito pela Polícia Federal, em alguns aeroportos brasileiros.

Tais acontecimentos, contribuíram para evidenciar o que para muitos, inclusive para as máfias de falsificadores de documentos e atravessadores de imigrantes, já não era novidade: os brasileiros haviam “descoberto” e estavam “invadindo” a Espanha.

No momento da minha chegada à Espanha, em janeiro de 2008, o número oficial de brasileiros naquele país já era superior a 110 mil pessoas (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 2008). Desse total, 25 mil viviam na Catalunha, 23 mil em Madri, 11 mil na Andaluzia, 11 mil na comunidade Valenciana, 10 mil e 500 na Galícia e o restante se distribuía por outras comunidades autônomas espanholas. Das províncias, as que tinham mais brasileiros eram Barcelona, Valência, Málaga e Alicante. Cerca de 60% dos brasileiros no país eram mulheres. Naquele momento, o total de imigrantes na Espanha já superava os 5 milhões, com predomínio de marroquinos, equatorianos, romenos e colombianos.

Como apontei no final do capítulo anterior, a presença brasileira na Espanha era pouco significativa até o início dos anos 2000. Em 1991, o censo populacional espanhol contabilizou apenas 2.844 brasileiros vivendo no país (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1991). Dez anos depois, estes somavam 18.305 (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 2001) e, em menos de cinco anos, já passavam dos 70 mil (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 2006). Ou seja, em poucos anos havia ocorrido uma chegada massiva de imigrantes brasileiros à Espanha.

Em que condições essa chegada massiva de imigrantes brasileiros ocorreu? Quais os antecedentes dessas migrações? Quem eram os novos brasileiros que estavam desembarcando ou tentando desembarcar em Madri e outras cidades espanholas, especialmente após o início dos anos 2000?

As respostas a estas e outras perguntas busquei em diferentes cidades espanholas, de janeiro a maio de 2008, através de levantamentos bibliográficos, pesquisas em jornais e de campo e por meio de várias entrevistas com brasileiros, espanhóis e tantas outras pessoas com quem conversei. Uma das conclusões foi de que o sentido da rota tradicional de imigração entre a Espanha e o Brasil havia se invertido a partir da década de 1990. Além disso, o perfil do imigrante brasileiro na Espanha também havia se alterado desde então.

4.2.1 - Os brasileiros na Espanha entre 1900 e 1990

No final do século XIX, enquanto inúmeros espanhóis deixavam suas localidades para seguir rumo ao Brasil, o número de brasileiros na Espanha não chegava a 200.

De acordo com o Censo Populacional, realizado pelo Instituto de Estatísticas da Espanha – INE, em 1900, viviam na Espanha neste ano apenas 193 brasileiros: 105 homens e 88 mulheres. Destes, 42 viviam em Girona, 37 em Barcelona, 30 nas Ilhas Canárias, 14 em Madri e 11 em Málaga (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1902).

Em 1910 o censo populacional contabilizou 246 brasileiros: 116 homens e 130 mulheres. Desse total, 66 viviam nas Ilhas Canárias, 46 em Pontevedra, 37 em Cádiz, 30 em Madri, 19 em Barcelona, 10 em Málaga e somente 5 em Girona (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1913). Tanto o censo de 1910, quanto o de 1900, não dão maiores detalhes sobre o perfil dos imigrantes brasileiros.

No censo de 1920, porém, já aparecem algumas informações adicionais sobre os brasileiros na Espanha, entre elas as principais ocupações. Dos 488 brasileiros recenseados, 37 dedicavam-se ao comércio, 32 atuavam em “Indústrias várias”, 24 na agricultura, 22 eram profissionais liberais, 17 trabalhavam na indústria têxtil e 16 eram religiosos. A grande maioria, 183, eram “membros da família” e 70 “População Escolar”. Destes brasileiros, 174 viviam em Barcelona e 20 em Madri. Os imigrantes brasileiros em Barcelona dividiam-se entre a indústria, profissões liberais e o comércio. Já em Madri, atuavam principalmente na Administração. Esse censo, no entanto, não informa as demais localidades habitadas pelos brasileiros (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1922).

Pelo censo seguinte, de 1930, havia 265 brasileiros na Espanha, a grande maioria em Barcelona (160) e Madri (36) e em províncias como Sevilha (15) e Las Palmas (9). O censo informa que os solteiros eram em maior número e que a idade predominante era de 20 a 39 anos. Do total, 101 mulheres dedicavam-se ao trabalho doméstico, 38 homens eram “jornaleiros”, 22 atuavam no comércio e 20 eram profissionais liberais (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1932).

Em 1940 o número de imigrantes nesse país com nacionalidade brasileira volta a aumentar, conforme dados do INE, chegando a 695. Destes, 349 homens e 346 mulheres, 397 eram solteiros, 265 casados e 33 viúvos, 175 tinham entre 20 e 29 anos e 141 entre 30 e 39 anos. Menos da metade dos brasileiros estavam ocupados, distribuindo-se por setores como a Indústria (50%), a Agricultura (21%), o Comércio (9%) e em Profissões Liberais (15%). Entre as províncias habitadas estavam Pontevedra (22%), Barcelona (21%), Cádiz (10%), Orense (7%) e Madri (6%). O Censo de 1940 também mostrou o aumento da população nascida no Brasil e que vivia na Espanha. Nesse caso, o número subiu para 3.220 brasileiros. Destes, 631 viviam em Pontevedra, 370 em Orense, 369 em Barcelona, 190 em Málaga, 178 em Almería e 164 em Madri (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1942).

No Censo de 1950, o número de brasileiros na Espanha quase dobra em relação a década anterior, chegando a 1.310. Agora, o maior grupo era de casados, daqueles que tinham entre 35 e 44 anos e dos que estavam ocupados em “Serviços oficiais públicos e pessoais”, além da Indústria e da Agricultura. Das 765 mulheres recenseadas, 90% não tiveram acesso aos estudos. 93% dos homens encontravam-se na mesma situação. As principais cidades habitadas eram as mesmas do censo anterior (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1952).

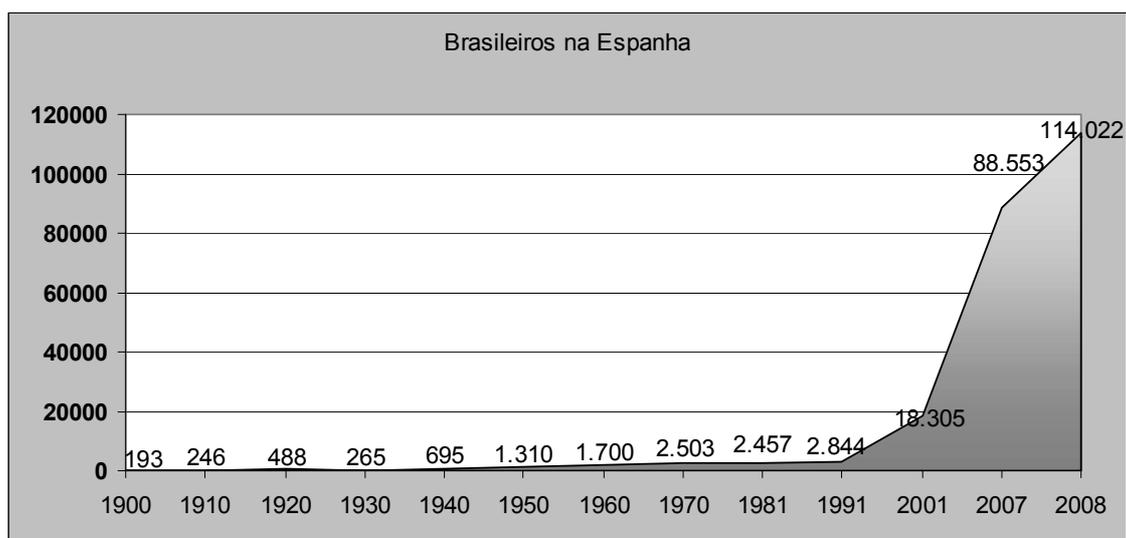
Em relação ao Censo de 1960, não foram localizados os dados relativos a população brasileira na Espanha, mesmo após longas buscas na internet, em bibliotecas e na própria sede do INE, em Cádiz. Nesse último local, foram consultados, inclusive, os microfilmes deste censo e confirmada a não existência destes dados pelos próprios técnicos do Instituto. Os únicos números encontrados relativos a esta década são provenientes dos levantamentos anuais feitos pelo INE. Nesse caso, porém, não há dados que indiquem a presença total de brasileiros no país. Porém, com base nesses números e nos dados do censo de 1950 e 1970, é possível estimar que a população brasileira, em 1960, era de aproximadamente 1.700 pessoas.

Dez anos depois, em 1970, foi feito novo levantamento pelo INE, desta vez indicando haver 2.503 brasileiros residindo na Espanha. Destes, 1405 eram mulheres. Não foram, no entanto, encontradas outras informações sobre estes imigrantes (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1972). Isso também ocorre no censo seguinte, de 1981, quando havia 2.457 brasileiros na Espanha. Neste último censo, os brasileiros foram incluídos no grupo “Outros Países”, possivelmente porque numericamente eram um grupo pouco representativo no conjunto de uma imigração de mais de 234 mil pessoas (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1985).

Diferente dos três últimos levantamentos, o Censo de 1991, voltou a apresentar algumas informações adicionais sobre a população brasileira na Espanha, apesar de, em alguns casos, enquadrá-la no genérico grupo dos “Outros países da América do Sul”. Neste censo, o número de brasileiros cresceu cerca de 16% em relação a 1981, chegando a 2.844. Desse total, 63% eram mulheres. A idade predominante era de 25 a 39 anos. Quanto ao grau de instrução, 65% da população com mais de 10 anos tinha entre o Ensino Fundamental e Médio Completo, 12% não freqüentaram a escola e 23% estavam freqüentando o Ensino Superior. O censo, no entanto, não informa as ocupações e as províncias de maior presença de brasileiros (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 1991).

De forma geral, os dados obtidos através de pesquisa nos diferentes Censos Populacionais apresentados acima, mostram um baixo o número de brasileiros na Espanha, em especial, entre os anos de 1900 e 1940. Além disso, é importante ressaltar que durante 90 anos os brasileiros espalharam-se pelo país, concentrando-se em províncias como Barcelona e Pontevedra e, em número bem menor, na capital, Madri. É bastante provável que os poucos brasileiros que viviam na Espanha até o final da década de 1980 estivessem vinculados direta ou indiretamente a espanhóis e seus descendentes do Brasil. Corroboram com esta hipótese, os autos índices de brasileiros sem instrução, apontados no Censo de 1950 e o grande número de nascidos no Brasil, pesquisados pelo Censo de 1940, que residiam em províncias de forte emigração espanhola, como Pontevedra e Orense (na Galícia), Málaga e Almería (na Andaluzia Oriental) e Barcelona.

O gráfico abaixo mostra a síntese dos dados até aqui apresentados, mostrando que uma mudança significativa só começou a ocorrer no início dos anos 2000.



Fonte: Censos populacionais e Padrões Municipais – Instituto Nacional de Estatística da Espanha – 1900-2008

Além dos censos populacionais, outras fontes de informações utilizadas para identificar a presença dos brasileiros na Espanha, no período anterior à década de 1990, foram as entrevistas realizadas com brasileiros e espanhóis. Nesse caso, foram ouvidos três informantes, um em Barcelona e dois em Madri, que relataram sobre a presença brasileira nestas duas cidades espanholas a partir da década de 1960.

O primeiro deles foi António Hernandez que, como já citado anteriormente, voltou juntamente com os seus pais à Espanha em 1962, após permanecer 12 anos no Brasil. Como explicou-me António, na conversa que tivemos em fevereiro de 2008, seu retorno à Espanha ocorreu em um momento de prosperidade econômica daquele país. Em 1962, de acordo com ele, ainda estava em vigor o regime ditatorial de Franco, que, nessa época, “deixou a organização econômica para os tecnocratas da *Opus Dei* que conseguiram estabilizar o país economicamente”. Era, “um país que não tinha problemas sociais, porque havia um sindicato vertical que impedia qualquer movimento social de greves” e a polícia “era dura”. “Então era um bom mercado para estabelecer indústrias estrangeiras. Aí foi quando as indústrias automobilísticas e de outros produtos se estabeleceram aqui na Espanha”, me explicou ele. Nessa época, havia pouquíssimos brasileiros vivendo em Barcelona, de acordo António, uns ligados ao Consulado Brasileiro, outros com fortes vínculos com espanhóis retornados do Brasil.

Só tinha o Consulado. Quer dizer, brasileiros aqui em Barcelona que nós fomos nos conhecendo assim eram mais bem de matrimônios mistos ou filhos de espanhóis que também fugiam da situação... naquela época era mais a política, do primeiro movimento da Ditadura Militar no Brasil. Mas logicamente

vinha para cá os que eram descendentes de espanhóis ou estavam casados com um brasileiro ou com uma brasileira. Então tinham os filhos lá e vinham para cá¹²⁹.

Foram estes brasileiros e espanhóis citados por António que, em 1974, fundaram a Associação Amigos do Brasil, em Barcelona, com o objetivo de manter os vínculos com as tradições, a língua e a cultura da terra de origem ou de acolhida, no caso dos espanhóis.

Fomos nos conhecendo, fomos nos organizando e aí fazíamos umas festinhas e tal. Até que no ano setenta e quatro um espanhol casado com uma gaúcha, ele já faleceu, junto com um grupinho, decidiram fazer uma associação. Não ficar fazendo essas coisinhas assim. ‘Não, vamos fazer uma associação, com os estatutos e legalizamos ela e assim temos um projeto’. Um projeto para conseguir aproximar mais o Brasil. Porque era difícil encontrar, já digo, o idioma só tinha o Consulado. O Consulado a partir do ano sessenta e nove, por aí, começou a fazer cursos de português dentro do próprio Consulado¹³⁰.

A Associação Amigos do Brasil foi inicialmente formada por casais mistos “ou alguém que tinha morado no Brasil, algum espanhol que tinha emigrado para o Brasil, que tinha se relacionado com o Brasil e que tinha mudado para cá (Barcelona)”. Num primeiro momento a Associação não tinha sede própria. “Alugávamos um lugar ou púnhamos em contato com algum espaço para fazer o carnaval, fazer as festas da Independência”. Segundo António, desde sua inauguração, a Associação mantém a tradição de realizar “festas lúdicas” e outras três festas nacionais. “As nacionais são o Descobrimento, a Independência e a República. Junto com o Descobrimento a gente faz o Tiradentes e junto com a Independência o Dia da Bandeira. E as lúdicas são o Natal, com Papai Noel e dando os presentes aos garotos e aos adultos. Tem o Fim do Ano, mas é uma festa internacional. O Carnaval e a Festa Junina”. Quando conversamos, em 2008, António e outros membros da Associação já preparavam o cenário e as atividades comemorativas dos 508 anos do Descobrimento do Brasil.

A foto abaixo mostra brasileiros e espanhóis reunidos, em 7 de Setembro de 1978, em Barcelona, para comemorar o dia da Independência do Brasil.

¹²⁹ - HERNANDEZ, António. Op. cit.

¹³⁰ - Idem.



Membros da Associação Amigos do Brasil reunidos em 7 de Setembro de 1978

Fonte: <http://www.amigosdobrasilbarcelona.org/es/index.html>

De acordo com António, Barcelona não foi um ponto de afluência de exilados políticos brasileiros e nem um ponto de ativismo político destes últimos. A própria Associação, segundo ele, evitava se envolver em política, primeiro em função da vigilância da Ditadura Espanhola e depois para evitar conflito entre seus membros. Sua principal função era manter viva a memória do Brasil e ser um ponto de encontro para as famílias retornadas do Brasil que viviam em Barcelona.

Um dos grupos vinculados à Associação e em atuação desde os anos 70 é a *Escola de Samba Saudosos do Brasil*, responsável pela animação de diversos carnavais em diferentes localidades espanholas e até de outros países vizinhos, como a França.



Carnaval Brasileiro em Barcelona – 1978

Fonte: <http://www.amigosdobrasilbarcelona.org/es/index.html>

Assim como em Barcelona, a presença brasileira era pouco significativa também em Madri, de acordo com Cecília e Cristiane, duas brasileiras com quem conversei, em março de 2008. O encontro com Cristiane ocorreu na Fundação Cultural Hispano Brasileira, onde ela trabalha, e com Cecília na Casa do Brasil em Madri. Este último espaço iniciou suas atividades nos anos 1960, após a visita à Espanha do presidente brasileiro Jucelino Kubitschek, “que ao receber os estudantes de seu país que ampliavam em Madri seus estudos, apreciou a necessidade de tal iniciativa cultural”. A construção da Casa do Brasil ou do então chamado Colégio Maior do Brasil foi também uma das conseqüências da assinatura do Acordo Cultural entre os dois países em 1960. Sua finalidade é ser um lugar de acolhida de estudantes e pesquisadores brasileiros que realizam seus estudos na Espanha. Atualmente é vinculada à Universidade Complutense de Madri¹³¹.

Tanto a conversa com Cecília quanto com Cristiane não foi gravada, a pedido das mesmas, mas, como ambas me informaram, chegaram a Madri em 1967 e 1984, respectivamente. Cecília migrou para acompanhar seu esposo, um espanhol que no

¹³¹ As informações sobre a Casa do Brasil Madri foram retiradas de: <http://www.casado brasil.org/Historia.html>. Acesso em jan. 2009.

Brasil havia trabalhado no Instituto de Cultura Hispânica. Fora este instituto que recebera em Madri, em setembro de 1976, a visita do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre para uma conferência sobre a perspectiva dos estudos sociais no Brasil (EL PAÍS, 24/09/1976). Já Cristiane, na época com 23 anos, saiu de Curitiba, no Paraná, rumo à Espanha para uma temporada de oito meses de estudos na área de Economia Internacional. Porém, no novo país conheceu seu futuro esposo, um brasileiro estudante de Engenharia Civil, casaram-se e resolveram ficar. “Casamos e fomos ficando, ficando. E não sei por quanto tempo vou ficar, até porque já tenho meus filhos aqui”, relatou ela.

De acordo com Cristiane e Cecília, os poucos brasileiros que conheceram na Espanha eram pessoas de classe média, vinculados principalmente à embaixada e ao Consulado brasileiros, à Casa do Brasil, ao Banco do Brasil, ao Banespa e ao Banco Real. O Banco do Brasil iniciou suas atividades na Espanha em janeiro de 1973, com uma oficina de representação em Madri, oficina que em 1980 foi transformada em agência. Mais tarde, abriu agências em Valência e Barcelona¹³². Outro grupo que existia em Madri, segundo Cristiane, eram os estudantes que nos anos 1980 chegaram até a formar uma associação que “não deu muito certo”.

Somada aos bancos, à embaixada e ao consulado, havia também em Madri, de acordo com Cecília, “uma pequena casa de comida brasileira”, localizada na rua Modesto La Fuente. Muito provavelmente, este local a que se refere Cecília era o restaurante *Los Galetos de Tijuca* que, de acordo com o jornal El País (15/05/2008), foi montado no final dos anos 1970 por um grupo de amigos e deveria ser “a imagem e semelhança de outro” com o mesmo nome que existia e ainda existe até hoje no Rio de Janeiro. Anos mais tarde, conforme Cristiane, abriu outro bar perto da Estação Callo, no centro de Madri, chamado *Bar Oba Oba*, também aberto até hoje. De acordo com Cristiane e Cecília, para matar a saudade das comidas brasileiras, além desse bar e do restaurante, outra alternativa era pedir a parentes que enviassem coisas do Brasil, como feijão e outros produtos. “Meu pai uma vez mandou uma mala de coisas”, lembrou Cecília. “Hoje em dia você encontra tudo, mas naquela época... nem farinha, nem feijoadá”, comentou Cristiane.

Além da gastronomia, outra forma de matar a saudade do Brasil era assistir a shows de artistas brasileiros que, de tempos em tempos, desembarcavam em Madri, ou

¹³² - As informações sobre o Banco do Brasil foram enviadas, por correio eletrônico, por Fernando de Rosa, diretor geral do BB Espanha, a quem agradeço. Segundo ele, das três agências, hoje encontra-se aberta apenas a agência de Madri.

ver as telenovelas brasileiras, exibidas pela Televisão Espanhola a partir de 1982¹³³. Visando diminuir a distância entre os dois países, havia ainda quem buscasse transplantar para a Espanha tradições brasileiras como o Carnaval, como ocorreu no início dos anos 1980, “na época de Felipe González”, quando, segundo Cecília, ocorreu até um desfile de carnaval. “Saiu muita gente. Na frente tinha seis baianas e aquilo chamava a atenção. A maioria era espanhol”, lembra ela.

Apesar destas iniciativas, a presença brasileira na Espanha ainda era bastante reduzida entre as décadas de 1960 e 1990. Para Cecília, um dos motivos de não haver tanta imigração brasileira nos anos 60 e 70 era a Ditadura Militar, tanto na Espanha quanto no Brasil. No entanto, segundo ela, “quando houve a democracia já entrou mais gente”, mas não necessariamente com o objetivo somente de trabalhar, como aconteceu posteriormente. Na opinião de Cristiane, o número reduzido de brasileiros se devia ao fato de a Espanha não ser atraente para os brasileiros na época. “Eram poucos que vinham. Iam para Londres, Paris, que eram muito mais atraentes do que a Espanha”. Conforme ela, nos anos 80 era possível reconhecer os brasileiros na rua devido ao uso da calça jeans e tênis, não muito comuns entre os espanhóis.

O perfil dos brasileiros em Madri, descrito por Cristiane e Cecília, pode ser confirmado também por uma notícia divulgada, em 14 abril de 1984, pelo jornal El País, tratando da visita de três dias a Madri do então presidente brasileiro João Batista Figueiredo. Durante essa visita Figueiredo foi recepcionado na sede da Embaixada do Brasil por cerca de 100 brasileiros que viviam na capital espanhola. Essa recepção, no entanto, teria sido boicotada pelos estudantes brasileiros na Espanha, os quais já vinham protestando a favor de eleições diretas no Brasil desde o dia 12, quando Figueiredo chegou ao país. De acordo com o jornal, a comunidade brasileira em Madri naquele momento era composta principalmente por homens de negócios, banqueiros e estudantes (EL PAÍS, 14/04/1984).

Como se pode perceber pelas informações anteriores, os brasileiros na Espanha até a década de 1990 constituíam um coletivo bem distinto daquele que escolheria esse país para viver e trabalhar após esse período. Nesse caso, tanto Cecília e António, que já vivem há mais de 40 anos na Espanha, quanto Cristiane, que mora nesse país há quase 25 anos, acompanharam parte do cotidiano dos brasileiros em Madri e Barcelona antes e depois da década de 1990 e viram o número e o perfil de brasileiros nesse país crescer

¹³³ - A primeira telenovela brasileira a ser exibida na Espanha foi Malú, Mulher.

rapidamente após essa década. Foi a partir da década de 1990 que houve uma proletarização da imigração brasileira na Espanha.

4.2.2 - Brasileiros na Espanha: anos 1990 e 2000

Claudette desembarcou na Espanha em 1992, em meio às comemorações e reflexões sobre os 500 anos da chegada dos espanhóis à América, em 1492, e ao debate sobre o papel dos imigrantes na sociedade espanhola e europeia.

Ela nasceu no Recife, mas cresceu em São Paulo, onde estudou Psicologia e Administração de Empresas em duas das mais importantes universidades do país. Antes de sair do Brasil, teve seu próprio consultório de atendimento psicológico e trabalhou em várias multinacionais como Coca-Cola, Pepsi, Caterpillar, Wattson e Grenberger. Através dessas empresas, morou nos Estados Unidos e no Canadá. Casou-se com um canadense e teve quatro filhos.

Quando saiu em direção à Espanha tinha 40 anos. O único contato prévio que possuía neste país era um rapaz, que a orientou e lhe enviou documentos informando seus direitos como imigrante e os canais que deveria buscar ao chegar à nova terra. Na bagagem levava uma mala de livros, uma de roupas e 20 mil dólares, como reserva para os primeiros tempos.

Apesar de toda a sua experiência, elevado nível de instrução e condições financeiras, Claudette enfrentou os mesmos problemas de milhares de outros emigrantes de países latino-americanos que chegaram à Espanha naquele momento. Assim como ocorreu desde o final dos anos 1980 com várias mulheres dominicanas e posteriormente com equatorianas, colombianas, peruanas e bolivianas, seu primeiro trabalho foi de empregada doméstica, conforme me revelou em entrevista concedida, em fevereiro de 2008, na cidade de Barcelona, Espanha.

O trabalho que eu fazia não tinha nada a ver com os meus estudos e nem tinha nada a ver com o meu trabalho habitual em meu país e nos outros países em que trabalhei. Aqui eu trabalhei de doméstica. Comecei trabalhando em uma casa, no que eles chamam doncela, que nada mais é do que a empregada que serve, que limpa e que passa¹³⁴.

¹³⁴ - CLAUDETTE. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Barcelona, 18 fev. 2008. Gravação em MP3.

A primeira cidade em que morou foi Zaragoza, na comunidade autônoma de Aragão. Já o emprego inicial de “doncela” foi arranjado por freiras com as quais morou durante os primeiros tempos. Segundo Claudette, estas freiras arranjavam trabalho para imigrantes e trabalhadoras nacionais não só na Espanha, mas também em outros países europeus.

Elas conseguiam um trabalho para um pessoal com certo nível para a casa de gente rica. Em Zaragoza e aqui em Barcelona também. As monjas elas conseguem esse tipo de trabalho para toda a Europa. Através delas eu consegui trabalho também em Paris, consegui trabalho na Inglaterra, consegui trabalho em França, em Áustria. Elas diziam, “olha eu tenho uma pessoa ali que fala inglês ou fala espanhol e você vai trabalhar ali”. E eu ia e trabalhava ali. Então aqui foi por elas que eu consegui esse trabalho. E a dona da casa desde o início sabia que tinha que fazer a minha documentação, me facilitar a documentação. E assim foi. Antes de eu completar os três meses de turista eu já tinha dado entrada na documentação e dois meses depois eu recebi o direito, ou seja, o permiso de trabalho e residência¹³⁵.

Claudette chegou à Espanha no mesmo ano em que ocorria em todo o país um processo de regularização de imigrantes indocumentados, que estavam trabalhando, que demonstrassem estar inseridos ou que desejassem enraizar-se no país. Ao todo, de acordo com o jornal *El Mundo* (25/02/2006), em 1991 e 1992, foram regularizados 108.321 estrangeiros. Esta foi a primeira grande regularização após a entrada oficial da Espanha na Comunidade Económica Europeia, em janeiro de 1986. Desde aquele momento, o país vinha uniformizando procedimentos e adaptando sua legislação e normas internas aos novos padrões de circulação de pessoas, praticados na Europa.

A entrada dos “novos bárbaros”, em terras da “velha dama Europa”, como escreveu o bispo Alberto Iniesta, em 1988, no jornal *El País*, era um assunto que preocupava as autoridades de quase todos os países europeus. Esta preocupação, no caso Espanhol, parece ter tido seu início mais fortemente a partir do final da década de 1980 quando o número oficial de imigrantes no país chegou a mais de 500 mil. Em 1992, ano da chegada de Claudette a Zaragoza, o jornalista Charo Nogueira, em reportagem publicada no jornal *El País*, informava:

Pepe já não vai à Alemanha. Mohamed vem à Espanha. Esta já não é uma terra de emigrantes, ainda que quatro de cada 100 espanhóis – 1.688.524 – sigam residindo fora. Em contrapartida, a imigração sobe como a espuma - 525.000 residentes

¹³⁵ - Idem.

estrangeiros. A partir do ano que vem, o Governo regulará a chegada de trabalhadores extra comunitários mediante cotas. Sindicatos e partidos apóiam um certo controle e clamam pela integração (EL PAÍS, 02/03/1992).

No caso acima, Pepe era sinônimo de emigrantes espanhóis, enquanto Mohamed representava os milhares imigrantes do Norte da África que desembarcavam na Espanha todos os anos, retornando a um território de onde um dia seus antepassados foram expulsos. Ao lado de Mohamed estavam os imigrantes de países sul-americanos como Argentina, Colômbia, Chile, Equador e Uruguai chamados por muitos de *Sudacas*, além de diversos outros latino-americanos que, a partir da década de 1990, ampliaram a marcha rumo à Espanha.

Neste contexto, os brasileiros permaneceram como um grupo reduzido na Espanha, mesmo esse país sendo cada vez mais um importante ponto de passagem aos que desejavam viver e trabalhar em Portugal. A utilização dos aeroportos espanhóis para a entrada em Portugal ocorreu especialmente após o ano de 1993, quando aumentou o cerco em Lisboa contra imigrantes indocumentados e muitos brasileiros foram deportados do Aeroporto da Portela, conforme mostrei no capítulo 2. Os episódios ocorridos desde então e, principalmente, a criação de estruturas e redes migratórias entre Brasil e Portugal, permitiram que os brasileiros expandissem posteriormente sua presença na Espanha.

O levantamento que fiz, em notícias publicadas entre 1976 e 1996 pelo jornal El País, mostra que até 1996 a imigração brasileira era um assunto pouco presente na imprensa espanhola. As duas únicas referências feitas pelo jornal nesse período foram em 1984, quando tratou da visita do presidente brasileiro João Figueiredo a Madri, conforme mostrei anteriormente, e em 1995, quando recebeu destaque um brasileiro que vivia em Valência. Este brasileiro acusava a empresa Telefônica de exigir de imigrantes o pagamento de taxas que não cobrava de clientes nacionais. Segundo a reportagem, ele era casado com uma espanhola de Valência e desejava fazer um contrato para a instalação de uma linha telefônica (EL PAÍS, 18/02/1995). Já sobre o Brasil, as notícias que aparecem geralmente estão associadas a fatos do mundo político e econômico. A maior parte delas refere-se a episódios ocorridos na década de 1980, como o fim da Ditadura Militar, o Plano Cruzado, as greves de trabalhadores, a promulgação da nova Constituição Brasileira e a morte de Chico Mendes. Após a década de 1990 há também

muitas notícias sobre a área esportiva, em especial sobre o futebol e a presença de jogadores brasileiros em clubes espanhóis.

No entanto, quando o assunto é imigração brasileira na Espanha, umas das primeiras referências aparece em 1998 no jornal El País em uma reportagem sobre as deportações ocorridas no ano anterior no aeroporto de Barajas, em Madri. De acordo com essa reportagem, os brasileiros, juntamente com equatorianos, dominicanos e chilenos, representavam 25% dos 3.286 imigrantes impedidos de entrar no país em 1997 (EL PAÍS, 21/03/1998). No mesmo ano, o jornal noticiava também o desmantelamento de uma rede de prostituição, envolvendo mulheres brasileiras, nas províncias de Toledo, Ávila e Salamanca. O mesmo ocorreu em 1999, quando a polícia espanhola prendeu em Oviedo e Madri uma rede de imigração ilegal com mais de 50 mulheres brasileiras, colombianas e argentinas. Para atrair essas mulheres à Espanha, os traficantes lhes prometiam empregos como garçonetes e relações públicas.

A partir desse período, novas notícias sobre redes de prostituição e aliciamento de imigrantes e sobre deportações de imigrantes brasileiros da Espanha passaram a ser mais frequentes em toda a imprensa espanhola, numa clara evidência de que já havia sido montada nesse país a estrutura que possibilitaria a entrada massiva de brasileiros na Espanha, em substituição às “migrações individuais” do início da década de 1990. Contribuíram para isso as restrições à imigração, impostas pelos Estados Unidos após os atentados de 11 de Setembro de 2001 e o baixo crescimento econômico de países de forte imigração brasileira como Portugal¹³⁶. Nesse tempo, a Espanha seguia gerando empregos e oportunidades em setores de grande concentração de imigrantes, como são os casos da construção civil e o setor de Serviços.

4.2.3 - Os brasileiros em Madri, Barcelona, Sevilha e Cádiz

Oi...Pai e Mãe espero que quando estiverem lendo esta carta que minhas palavras aqueçam seus corações. (...) Estamos felizes e orgulhosos por vocês; eu também estou, não importa o tempo que vocês demorarem, lembrem-se de que vocês nos ajudaram a cuidar um do outro e é isso que estamos fazendo. (...) Pai e Mãe, que o Senhor abençoe vocês sempre. Que ele derrame bênçãos

¹³⁶ - Além do 11 de Setembro de 2001, que resultou no endurecimento na concessão de vistos e estimulou a intensificação dos sistemas de vigilância e controle nas fronteiras dos Estados Unidos, outros fatores que contribuíram para o redimensionamento dos fluxos migratórios para a Península Ibérica, após os anos 2000, foram a exigência pelo México de visto aos brasileiros e a adoção da deportação automática a partir 2005. Para mais informações ver Assis (2008).

sobre vocês. Eu to mandando duas fotos pra vocês guardarem.
De sua filha Neguinha... Janeiro de 2008.

No dia 13 de março de 2008 fui convidado para um jantar no apartamento de Mariano, Marli, Francisco e Mariana, todos brasileiros residentes em Pinar del Rey, em Madri. O convite partiu de Mariano após nos conhecermos no dia anterior na Associação Hispano-Brasileira de Apoio a Imigrantes.

Naquela noite, antes do jantar, Mariana me mostrou com lágrimas nos olhos e cheia de emoção as várias cartas e fotos que havia recebido dos filhos que deixou em Ribeirão Preto, interior do estado de São Paulo. Entre as cartas, a que selecionou para que eu copiasse foi a escrita por Neguinha, de 16 anos, em janeiro de 2008. Na conversa que tive com ela e o seu esposo Francisco, Mariana me contou sua história em tom pausado, possivelmente influenciada pela necessidade de se comunicar diariamente em espanhol.

Para esse casal, a experiência migratória começou bem cedo, ainda quando viviam no Nordeste do país. Aos nove anos, Mariana saiu de casa para ir trabalhar como babá e doméstica em uma casa de família em Teresina, Piauí. Já Francisco começou a trabalhar aos 10 anos de idade no campo e dali saiu anos mais tarde em direção à cidade de Timon, na divisa entre Maranhão e Piauí. Em 1989, ambos, levando consigo seus dois filhos, migraram do Nordeste para Ribeirão Preto, São Paulo, após receberem um convite de um familiar. O emprego que esperava por Francisco era na construção civil. Nessa época, ele tinha 26 anos e ela 21.

Mariana e Francisco viveriam em Ribeirão por 18 anos, até que em julho de 2007 tentaram, pela primeira vez, sair do país. Nessa época, ambos estavam desempregados e passavam por uma situação financeira difícil. “Fazia uns três ou quatro anos que eu não estava registrado”, me contou ele¹³⁷. Além disso, não era a primeira vez que cogitavam sair do Brasil, pois já tinham recebido convites anteriores para ir para os Estados Unidos. Esses convites só não foram aceitos porque envolvia atravessadores e documentação ilegal.

O destino escolhido foi Madri, na Espanha e a entrada seria por Lisboa, Portugal. No entanto, acabaram barrados no aeroporto da Portela ao tentar entrar como turistas e, no mesmo dia, foram deportados ao Brasil. Acabaram-se assim todas as economias do casal, fazendo com que o desejo de sair do país se transformasse em

¹³⁷ - FRANCISCO. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Madri, 13 mar. 2008. Gravação em MP3.

necessidade. “Eu pensei “meu Deus, eu gastei tudo o que eu tinha. E agora? Vai piorar a situação se eu ficar aqui. As dívidas vêm chegando e temos que estar em dia. E eu estou tentando ir pela melhora dos meus filhos e então eu vou à luta, eu vou batalhar””, disse Mariana¹³⁸. “Eu falei pra ela “nós já gastamos o que nós tínhamos tentando ir, agora nós vamos ter que ir para ver se nós conseguimos recuperar””, completou Francisco.

A solução encontrada foi recorrer a uma agência de viagens que financiasse as passagens e que tivesse uma rota alternativa para entrar na Espanha. Foi assim que chegaram a uma agência de Maringá, no Norte do Paraná, onde os bilhetes aéreos para Madri, via Milão, na Itália, foram adquiridos. Dessa vez, já mais experientes em viagens internacionais, conseguiram atravessar as fronteiras européias. A chegada ocorreu em setembro de 2007. Em Madri lhes aguardava um familiar de conhecidos seus de Ribeirão Preto que só tinham visto pela internet.

A gente sempre tinha uma vontade de melhorar de vida e dar o melhor para os filhos. E começamos a entrar em contato com uma pessoa que morava aqui. Ele deu o apoio para a gente e a gente comprou as passagens e viemos. Foi assim, não conhecia nem a pessoa. Só conhecia uns parentes dele que moravam em Ribeirão¹³⁹.

Iniciava-se assim a primeira experiência de ambos fora do país. Em Madri, Mariana começou a trabalhar como faxineira e também cuidava de idosos e crianças e Francisco conseguiu trabalho na construção civil. Quando conversamos, em março de 2008, continuavam com visto de turista no país.

Antes de conversar com Mariana e Francisco, eu já havia ouvido a história de Mariano Rodrigues, um médico veterinário de Nova Granada, São Paulo, que hoje trabalha como porteiro ou *concierge*, como ele prefere se identificar, em um condomínio de Madri. Mariano, que é filho de espanhóis, como mostrei anteriormente, chegou à Espanha em 1999, após ter trabalhado em um laboratório de uma empresa multinacional, em empresas de assistência técnica a agricultores, como garçom e depois de emigrar para Buenos Aires, na Argentina. Esta primeira migração ocorreu na década de 1990 e acabou frustrada em função de denúncias de sindicatos daquele país sobre a “invasão” brasileira no mercado de trabalho local. Depois disso, Mariano, em companhia de outros brasileiros e de um imigrante romeno, ainda tentou embarcar de

¹³⁸ - MARIANA. Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva. Madri, 13 mar. 2008. Gravação em MP3.

¹³⁹ - FRANCISCO. Op. cit.

Buenos Aires para os Estados Unidos em um *container*, usado para o transporte de cargas em navios, mas acabou desistindo da viagem ao chegar no Porto de Santos, São Paulo. Foi nesse momento que ele resolveu fazer uso de sua condição de descendente de espanhóis.

Eu estava com quarenta, passava de quarenta anos. E mesmo trabalhando de garçom eu não tinha contrato. Fazia à paga. E eu falei ‘como que eu vou chegar na minha velhice sem fazer contrato?’ Então isso me doía muito, porque ninguém contratava. O Automóvel Clube (local onde trabalhava) ficou enrolando um ano. Diziam que contratavam eu e o Benê, o outro garçom, ‘não vocês podem ficar que agora tem a eleição e então esperem que vai entrar um novo e tal’ e fomos assim e não contratou nós lá. Então isso me dava uma desilusão terrível. Eu falei assim ‘Eu vou cair fora’. E aí tomei a atitude de vir para a Espanha. [...] Vim sem o endereço de ninguém. O endereço que eu tinha era de encontrar uma igreja e perguntar de Cáritas. O cônsul me deu bastante informações a respeito de ‘olha, você tem nacionalidade, você tem todos os direitos de um espanhol e todos os deveres de um espanhol’¹⁴⁰.

Ao chegar à terra de seus antepassados Mariano descobriu que era um “retornado”, que tinha direito a tirar seus documentos como espanhol e que podia recorrer ao auxílio desemprego. Em pouco tempo também arranjou trabalho como garçom no restaurante brasileiro *Los Galletos de Tijuca*. Porém, três meses depois, não conseguindo ficar longe da família, retornou ao Brasil, onde permaneceu até o ano 2000, quando decidiu então voltar “em definitivo” à Espanha.

Além de Mariano, Francisco e Mariana, conheci e conversei com outros brasileiros que haviam chegado a Madri depois do ano 2000. Entre eles estava Marli, que é do interior de São Paulo, Flávio, de Pontal do Paraná, e Fabiana, que é natural do Recife. Estes dois últimos entrevistados são membros da AHBAl, uma entidade fundada, em 2007, em Madri, para prestar auxílio, esclarecimentos e defender os direitos dos imigrantes brasileiros. Sua sede fica no mesmo espaço utilizado pela Associação de Mulheres Dominicanas na Espanha.

Nas cidades de Barcelona, Sevilha e Cádiz conversei também com espanhóis e outros imigrantes brasileiros. Em Barcelona entrevistei Luciana, em Sevilha, Marcelo, Oda e Marli e, em Cádiz, Regina, Jesus, Márcia e Rafael. No Brasil, esses entrevistados viviam no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rondônia.

¹⁴⁰ - RODRIGUES, Mariano. Op. cit.

Luciana é filha de português que foi para o Brasil em meados do século XX e que casou-se com uma brasileira. Tem 30 anos e é natural da cidade do Rio de Janeiro. Antes de sair trabalhava na Telemar, empresa de telefonia, e estava cursando Medicina Veterinária. Quando conversamos, em fevereiro de 2008, fazia graduação em Turismo e trabalhava como garçõnete no setor de Hotelaria em Barcelona. Antes disso, tinha trabalhado como telefonista, garçõnete, atendente de cafeteria e viveu durante dois meses, ao lado de imigrantes espanhóis, na Inglaterra como camareira e recepcionista de hotel. Junto com Claudette, já mencionada anteriormente, Luciana participava como representante sindical em seu local de trabalho, da Federação do Comércio, Hotelaria e Turismo da Espanha, entidade vinculada a Comisiones Obreira. É casada com um brasileiro. Ambos mudaram para a Espanha em 2002, fugindo da violência do Rio de Janeiro e buscando novas possibilidades de trabalho naquele país¹⁴¹.

Barcelona é hoje um dos principais pólos de atração de brasileiros, tanto para realizar seus estudos quanto para trabalhar em setores como construção civil, turismo, hotelaria e serviços em geral. Aos poucos, os milhares de brasileiros que vivem nessa cidade vão se organizando cada vez mais, seja através de sindicatos, como são os casos de Luciana e Claudette, em instituições como a Sociedade Amigos do Brasil, presidida pelo brasileiro Gengiskan, Associação dos Pesquisadores Brasileiros em Barcelona, presidida por Paulo, Associação Brasil-Catalunha, que tem a frente o brasileiro Flávio, entre outros espaços como o Núcleo do Partido dos Trabalhadores de Barcelona e o Comitê de Apoio ao Movimento dos Sem-Terra (MST). Por todas essas instituições e o trabalho que tem sido feito, Barcelona é, possivelmente hoje, a cidade onde os brasileiros estejam mais bem organizados na Espanha. A situação atual é distinta da verificada no início dos anos 2000, momento em que, segundo Cavalcanti (2004a) este ainda era um coletivo invisibilizado e pouco organizado nesta cidade espanhola.

Diferente dos brasileiros que vivem em Barcelona é a situação dos brasileiros que vivem em Sevilha e em Cádiz, na Andaluzia, onde os brasileiros não chegam a constituir um coletivo expressivo. Em Sevilha havia, em 2008, 1.874 brasileiros empadronados em toda a província, os quais se distribuíam especialmente pelo setor de Serviços. Já na província de Cádiz os brasileiros, nesse mesmo ano, eram pouco mais de 1.000 (INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA, 2008). Entre eles estava Regina, uma paulistana de 46 anos que chegou em Cádiz, capital, em fevereiro de 2001 em

¹⁴¹ - LUCIANA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Barcelona, 19 fev. 2008. Gravação em MP3.

companhia do esposo, Jesús, um gaditano que retornava à sua terra natal após permanecer por cerca de dez anos no Brasil. Em Cádiz, Regina coordenava, em 2008, o Centro de Acolhida de Imigrantes (CEAIN), realizando um trabalho voltado às escolas e a integração dos imigrantes¹⁴².

Há poucos quilômetros de Cádiz, capital, na pequena cidade de Medina Sidônia, vivia o jovem casal brasileiro Márcia, 26 anos e Rafael, 28 anos. Ele chegou à Espanha em fevereiro de 2004, três anos após ter sido deportado ao tentar entrar na Inglaterra. O sonho da “emigração de ouro”, segundo ele, estava presente desde os seus 17 anos, quando a sua mãe lhe mostrou um jornal dizendo que na Europa estava faltando mão de obra. Três anos depois da chegada de Rafael foi a vez de Márcia desembarcar na Espanha. Tanto ela quanto o esposo estavam desempregados antes de sair da cidade do Rio de Janeiro, onde moravam. No momento em que conversamos, em fevereiro de 2008, Rafael estava trabalhando em um restaurante em Medina Sidônia e Márcia, depois de um ano desempregada, havia acabado de conseguir um emprego em um restaurante de Cádiz¹⁴³.

Cerca de um mês após conhecer Márcia, Rafael, Regina e Jesús, em Cádiz, mantive contato com brasileiros residentes na cidade de Sevilha, gravando entrevistas com três deles: Oda, Marli e Marcelo. Oda, na verdade, nasceu em Caracas, na Venezuela, em 1977, mas, aos cinco anos de idade, foi com a mãe para o Rio de Janeiro, e, por isso, se considera brasileira. Quando nos conhecemos estava em Sevilha há 10 anos e trabalhava como garçoneiro em um restaurante local¹⁴⁴. Marli tem 43 anos, é natural de Porto Firme, Minas Gerais, mas quando saiu do Brasil estava em Porto Velho, Rondônia. Está em Sevilha desde 2002 e trabalha atualmente como psicóloga¹⁴⁵. Já Marcelo, nasceu em Marília, interior de São Paulo, em 1981. Sua mãe é italiana e emigrou para o Brasil ainda jovem em companhia dos pais para trabalhar nas fazendas de café da região de São José do Rio Preto. A entrada de Marcelo na Europa ocorreu por Amsterdã, na Holanda. Seu destino final era Lisboa, em Portugal, onde já lhe aguardava um “representante brasileiro” indicado pela agência de viagens de Curitiba na qual comprou a passagem aérea. Este “representante” lhe cobrou 150 euros para levá-lo até

¹⁴² - JESÚS e REGINA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Cádiz, 09 fev. 2008. Gravação em MP3.

¹⁴³ - MÁRCIA e RAFAEL. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Cádiz, 12 fev. 2008. Gravação em MP3.

¹⁴⁴ - ODA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Sevilha, 05 mar. 2008. Gravação em MP3.

¹⁴⁵ - MARLI. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Sevilha, 20 mar. 2008. Gravação em MP3.

uma pensão na área central, onde mais 130 euros deveriam ser pagos pelo aluguel mensal de um quarto a ser dividido com outras três pessoas. Tal pensão, segundo Marcelo, era uma espécie de “hotel de imigrantes”, administrado por um português, e estava ligada às “máfias da imigração” que atuavam naquele país e no Brasil. Em Lisboa, Marcelo permaneceu até setembro de 2006, quando conheceu seu atual companheiro, e decidiu mudar para Sevilha. Quando conversamos, em março de 2008, estava afastado por problemas de saúde do restaurante onde trabalhava como cozinheiro¹⁴⁶.



Interior de bar brasileiro em Sevilha – no centro bandeira do Brasil e imagem de N.S. Aparecida
Foto: Maria Dolores Pérez Murillo – abril de 2008

Em todas as histórias ouvidas em diferentes cidades espanholas foi possível perceber que a escolha da Espanha pelos brasileiros ocorreu principalmente após o ano 2000, envolveu contatos prévios no Brasil e no país de acolhida, agências de viagem e a busca de rotas alternativas como Lisboa, Milão e Amsterdã. Cerca de metade dos entrevistados citados acima eram descendentes de europeus e buscavam na terra dos seus antepassados novas oportunidades de vida e de trabalho. Nas maiores cidades, como Madri e Barcelona estavam mais organizados e viviam em comunidades com grande número de conterrâneos. Já em outras como Sevilha, Cádiz e Medina Sidônia

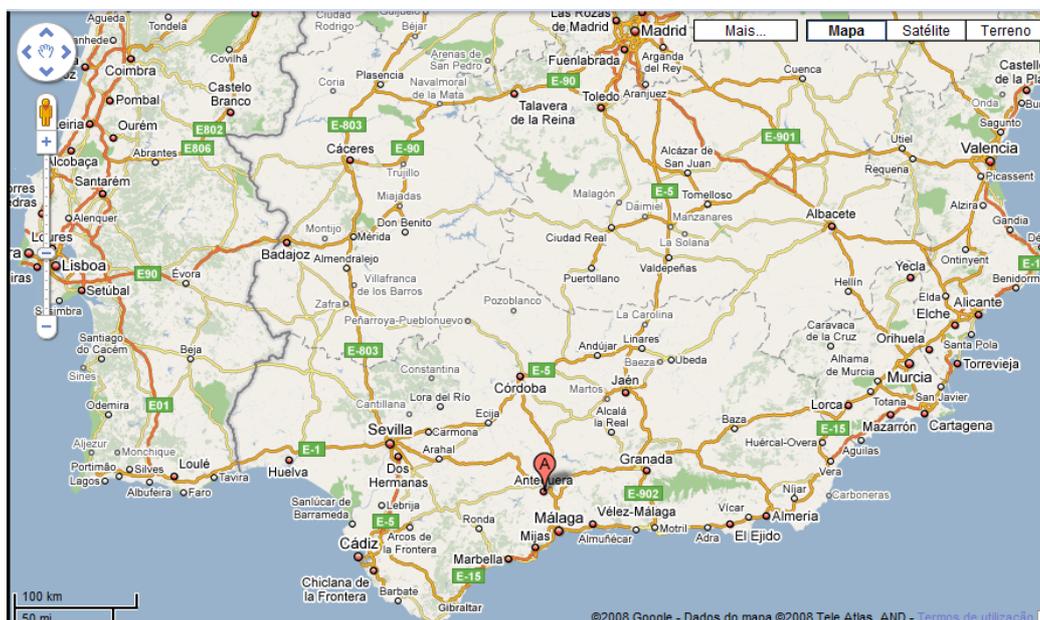
¹⁴⁶ - MARCELO. Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva. Sevilha, 06 mar. 2008. Gravação em MP3.

formavam um grupo pequeno e disperso. Economicamente, uma parte vinha de uma infância pobre no Brasil, enquanto outra era de famílias de classe média ou com boas condições financeiras.

Paralelo ao trabalho de campo que desenvolvi nas cidades acima, busquei mais informações sobre o cotidiano dos brasileiros na Espanha em uma pequena cidade da Província de Málaga, chamada Antequera.

CAPÍTULO 5

OS BRASILEIROS DE ANTEQUERA



Fonte: maps.google.com.br

Antequera é uma cidade de cerca de 45 mil habitantes, localizada na Província de Málaga, Andaluzia, distante 53 quilômetros do mar Mediterrâneo e cerca de 500 quilômetros de Madri. Proporcionalmente ao tamanho de sua população, era, em 2008, uma das cidades de maior concentração de brasileiros na Espanha e onde eles talvez estivessem mais visíveis. Em abril de 2008, moravam nessa cidade mais de 1000 brasileiros, entre empadronados (814 pessoas) e indocumentados (cerca de 30% do total oficialmente conhecido)¹⁴⁷.

Minha chegada a Antequera não foi previamente planejada antes de sair do Brasil, até porque desconhecia a existência dessa cidade e o fato de aí residir um significativo número de brasileiros. Essa informação só obtive em março de 2008, após visitar a Junta da Andaluzia e a ONG *Málaga Acoge*, ambas na cidade de Málaga. Neste último local, fui orientado a procurar Haydeé Bossio e a ONG *Antequera Acoge*, pois, segundo as últimas notícias, os brasileiros eram o maior grupo de imigrantes em Antequera. Prontamente, fiz contato, por telefone, com Haydeé e combinamos um encontro em sua residência para o dia 08 de março de 2008.

¹⁴⁷ - O número oficial de brasileiros empadronados foi fornecido pelo Ayuntamiento de Antequera.

No dia e horário combinados cheguei a Antequera, sendo recebido por Haydeé e seu esposo, Emílio, ambos de Córdoba, Argentina. Segundo me contou Haydeé, seu trabalho na ONG *Antequera Acoge* iniciou em 2003, dois anos depois de ter migrado com esposo e filho para Antequera. Desde então, tem presenciado a difícil situação de imigrantes de várias nacionalidades que, com medo de serem presos pela polícia, evitam sair às ruas. De acordo com Haydeé, os que mais enfrentavam problemas nos últimos anos eram os romenos, marroquinos, colombianos e, principalmente, os brasileiros, possivelmente por serem o grupo mais numeroso de imigrantes na cidade. Além disso, a tendência era a situação se agravar ainda mais já que todas as semanas chegavam novos imigrantes.

O que havia em Antequera que a tornava tão atrativa aos brasileiros? Quem eram os brasileiros que viviam nesta cidade? Quais as diferenças entre os brasileiros de uma pequena cidade como Antequera e os brasileiros que viviam em grandes centros espanhóis como Madri e Barcelona?

Estas e outras perguntas surgiram após a conversa com Haydeé, me estimulando a encontrar as respostas. Assim, decidi que a partir daquele momento, apesar de continuar meu trabalho de campo em outras cidades espanholas, centraria minhas investigações em Antequera.

O primeiro contato com brasileiros nessa cidade se deu já na casa de Haydeé, onde conheci Elzeni, de Novo São Joaquim, Mato Grosso, agendando com ela uma conversa para aquele mesmo dia em sua residência. Horas mais tarde, conheci um grupo de brasileiros que se reuniam na Igreja da Trindade para um encontro carismático. Ali, pude falar sobre o trabalho que pretendia desenvolver na cidade e marcar entrevistas com Ilvani, Dorvalina, Alessandra e Odair. Também foi o momento em que, por intermédio de Haydeé, conheci padre António, que me colocou à disposição, para permanências futuras, um alojamento da Igreja da Trindade destinado a imigrantes.

No dia seguinte, logo pela manhã, iniciei a exploração dos espaços da cidade em busca de possíveis territórios brasileiros. Não demorou muito e veio a primeira descoberta: um bar brasileiro. Ali, o idioma oficial era o português, as músicas que tocavam eram as sertanejas do Brasil e a comida e as bebidas à disposição dos clientes eram tipicamente verde amarelas: feijão, arroz, coxinha de frango, cachaça, guaraná Antártica, entre outras. Os donos desse bar eram os brasileiros Everton e Marisa que antes de emigrarem para a Espanha moravam em Florianópolis e Belo Horizonte, respectivamente. Já entre os clientes, conheci Joyce, Adão, Milene, Márcia e Jaqueline,

todos do estado do Mato Grosso. No Brasil, tanto Joyce quanto Adão, haviam participado de muitas ocupações organizadas pelo MST, enfrentando situações difíceis, com risco de morte por pistoleiros contratados pelos fazendeiros. Para ambos, era uma luta tão dura quanto a luta que vinham travando enquanto imigrantes. A história detalhada desse casal gravei na segunda viagem que fiz a Antequera e mostrarei ainda neste capítulo.

Ainda no bar, outra brasileira que me contou parcialmente sua história foi Milene. Segundo me disse, havia deixado o Brasil há pouco tempo. Para trás ficaram filhos e netos, dos quais sentia muita saudade. Há cerca de um mês vinha sofrendo de insônia e sentindo-se culpada pela morte de sua mãe que, de acordo com ela, morreu de desgosto devido à sua partida. Porém, sua viagem ocorreu justamente para conseguir recursos para ajudá-la. Enquanto conversava com Milene, outra brasileira muito jovem começava a chorar. Era Jaqueline que, segundo me contou, também havia deixado sua mãe no Brasil e temia por sua saúde, já que tinha que fazer regularmente hemodiálise. Enquanto conversava com Jaqueline chegou Márcia e o assunto passou a ser as prisões e humilhações sofridas por elas e outros brasileiros e brasileiras em Antequera. Instantes depois chegou Dener, namorado de Milene e várias outras histórias foram contadas. Tanto Milene quanto Joyce trabalhavam no cuidado de idosos com alzheimer e o tempo que estavam no bar era para aproveitar as poucas horas de folga que lhes eram concedidas, já que tinham que se dedicar quase que exclusivamente ao trabalho. Esse foi, inclusive, um dos motivos pelos quais não consegui gravar entrevista com Milene, conforme gostaria.

Depois desse contato com brasileiros e brasileiras no bar, gravei entrevistas com Alessandra, João, Eunice, Dorvalina e Vanderlei. No dia anterior já havia ouvido as histórias de Elzeni, seu esposo Waltemi, os filhos Paulo e Ana e a nora Rúbia. Aos poucos fui montando o quebra-cabeça da história dos brasileiros na cidade de Antequera.

Ao todo, nos meses de março e abril de 2008, foram feitas três visitas a esta cidade, as quais me permitiram entrar em contato com mais de 50 brasileiros e brasileiras, gravando 25 entrevistas e ouvindo informalmente outros 10 imigrantes da mesma nacionalidade. Além disso, realizei um rápido levantamento em jornais, livros e outras publicações sobre a cidade de Antequera e acessei aos dados gerais dos padrões municipais realizados entre 1996 e 2008. Esse conjunto de documentos e informações

contribuiu para entender o cotidiano e o contexto da chegada dos brasileiros na cidade de Antequera a partir do final da década de 1990.

5.1 - ANTEQUERA: TERRA DE EMIGRAÇÃO E IMIGRAÇÃO



Panorâmica do centro de Antequera
Foto: Adriano Larentes da Silva – março de 2008

Conforme artigo que escrevi em abril de 2008 ainda enquanto realizava meu trabalho de campo em Antequera, um clima de tensão e apreensão tomava conta dos brasileiros e outros imigrantes residentes nessa cidade (SILVA, 2008c). De um lado, estava a polícia de imigração que, em meio às eleições nacionais e regionais, buscava evitar a expansão do número de imigrantes indocumentados na cidade e em toda a Espanha. De outro, os patrões e as inúmeras famílias locais que necessitavam da força de trabalho estrangeira na agricultura, nas indústrias, para a limpeza das casas e o cuidado de idosos. Em meio a estes estavam os imigrantes, documentados e indocumentados que viam em Antequera um espaço que lhes permitiria melhorar de vida. Esse clima de perseguição e as histórias de necessidade e utopia estavam presentes em uma terra de forte emigração.

Conforme mostrou Barranco (1987), entre o final do século XVIII e o início do século XX, vários momentos de redução demográfica e de miséria atingiram a cidade de

Antequera. Em 1804 uma epidemia de febre amarela levou à morte centenas de moradores locais. Na década de 1830, a cidade sofreu com a escassez de produtos agrícolas em função das más colheitas. Nessa mesma década, a cólera avançou sobre o campo e a cidade. Posteriormente, entre 1855 e 1890, novas epidemias e ciclos de crise agrária atingiram a população local, em especial os mais pobres. Segundo Barranco, entre 1833 e 1936, em Antequera e região predominavam o latifúndio e o “arcaísmo” dos grandes proprietários, aos quais interessava o imobilismo tecnológico e a conformação agrária vigente. Durante esse período, a produção local estava baseada no cultivo do trigo, na colheita da azeitona, na produção do azeite de oliva e na indústria têxtil.

Como apontaram Moreno, Tegeiro e Vargas (1994), entre o início do século XX e a década de 1950 a comarca de Antequera não sofreu o mesmo processo de abandono do campo verificado no restante da Andaluzia Mediterrânica. No entanto, a partir desse período, apresentou um forte processo de êxodo rural e emigração, seguindo a tendência andaluza e de outras localidades espanholas. Segundo estes autores, o período entre 1951 e 1981 se caracterizou pela regressão demográfica em toda a comarca e os que saíram foram especialmente os mais jovens. Os destinos escolhidos foram Barcelona, Baleares, França, Alemanha e até a América do Sul.

Conforme me contou o espanhol José Sánchez Gamez, a intensidade das saídas após a década de 1950 era tal que chegou a haver em Antequera um episódio de desqualificação dos que partiam. Este episódio ocorreu na década de 1960 e inseriu-se no contexto de resistência às partidas por parte dos grandes proprietários locais, preocupados com a elevação dos salários.

Quando os empresários agrícolas ou como chamam aqui ‘os senhoritos’, proprietários, viram que as pessoas se iam e que isso significava um aumento no valor dos salários, pois, fizeram todas as resistências que puderam para impedir as autorizações de saída. E houve uma tentativa que podia custar muito caro porque as pessoas se rebelaram contra aqueles, que foi uma espécie de manifestação em um pequeno caminho aonde iam alguns letreiros alusivos aos que iam ao estrangeiro, com cornos colocados como adornos trágicos do caminhãozinho, dando a entender, descaradamente, que se iam os maridos as mulheres lhes iam por os cornos. Isto provocou uma certa revolta no povo e tiveram que retirarse do meio rapidamente porque era

demasiado provocativo. Isso é algo que contam os mais velhos daqui, porque deu muito o que fazer¹⁴⁸.

Segundo Gamez, o movimento de saída perdurou até o final da década de 1980. Com o dinheiro da emigração e com os auxílios oficiais para o retorno, muitos antequeranos retornados abriram seus negócios, compraram propriedades, e reformaram suas casas.

Em todos os povoados há pequenos negócios, sobretudo bares, que são de emigrantes retornados que conseguiram acumular um pequeno capital, compraram uma casa ou sua casa pequena que deixaram a reconstruíram, a revalorizaram e colocaram um pequeno negócio, sobretudo bares. Em todos os povos existiram durante tempos bares de emigrantes, bares de alemães. [...] Houve um programa, já com a democracia, que se lhes facilitava uma certa ajuda enquanto se situavam ou não. Empréstimos sem juros e alguma compensação econômica caso não houvessem encontrado o trabalho adequado aqui. Esse programa ainda está em vigor¹⁴⁹.

Apesar de sua história de emigração e das dificuldades sentidas por inúmeras famílias locais, novos e antigos moradores de Antequera parecem ter se esquecido de seu passado recente, como ressalta Jose Sánchez Gámez, hoje um dos ativistas em defesa dos imigrantes na Espanha e colaborador da ONG *Antequera Acoge*.

Esta claro que as pessoas se esquecem com facilidade. E dizem besteiras como ‘os espanhóis fomos sempre com papéis’. Mentira. Já te dizia antes fora dessa conversação que na Alemanha chegou um momento em que havia cerca de 500 mil espanhóis trabalhando sem papéis. Porque haviam muitas possibilidades de trabalhar ocultos na Alemanha. Enfim, os mesmos imigrantes que iam de temporários à vindima ou a beterraba na França iam com um contrato por 20 ou 25 dias com um determinado patrão, mas logo continuavam por pequenas propriedades por outros 15, 20 ou 30 dias mais, já, digamos, de uma maneira irregular, de uma maneira ilegal. Portanto não é sempre que os que vêm, vem irregularmente e nós sempre fomos regularmente. Não é certo. É verdade que os espanhóis facilmente se esquecem quanto e como foram à América, como foram à Europa, como foram à Austrália, inclusive houve uma época em que iam à Austrália para cortar árvores, e as penalidades e as irregularidades que tiveram que suportar. E se esqueçam e não acabam entendendo que haja outra gente que

¹⁴⁸ - GÁMEZ, Jose Sánchez. Op. cit. Situação semelhante de reação dos grandes proprietários de terra à emigração ocorreu na Itália do final do século XIX, conforme mostrou Machado, Paulo (1999, p.51).

¹⁴⁹ - GÁMEZ, Jose Sánchez. Op. cit.

por outras circunstâncias querem vir à Espanha porque o horizonte o tem muito fechado em seu país¹⁵⁰.

Como pode se perceber pelo depoimento acima, quando se trata de fazer frente e diferenciar-se dos recém-chegados, vale até reinventar a história local, justificando que as saídas para outras cidades e para o exterior ocorriam sempre legalmente, mesmo quando a realidade vivida pela maioria foi bem diferente. Trata-se, portanto, de uma mescla entre releitura do passado e uma espécie de amnésia coletiva.

O esquecimento, no caso acima, parece ser apenas parcial e ocorrer em situações nas quais interessam aos moradores locais. Assim como há aqueles que fazem todos os esforços para ajudar os *outsiders*, inclusive buscando regularizar seus papéis ou escondendo em suas próprias casas, há outros que só os vêem como força de trabalho a ser explorada, fazendo questão de marcar as diferenças destes em relação a eles, os agora *estabelecidos*. Quando há interesse e necessidade, brasileiros, romenos e marroquinos são bem vindos, inclusive os indocumentados, que custam mais barato. Durante as colheitas, como é o caso da azeitona, ao invés de serem um problema, os forasteiros de todas as nacionalidades são a solução. Já para os idosos, muitos ex-emigrantes, os “de fora” são as vezes a última alternativa diante do abandono por parte da família. Durante a Semana Santa, quando todas as tradições religiosas da cidade se renovam, são os imigrantes que ajudam a carregar os santos, mesmo sendo evangélicos, muçulmanos ou ciganos, outrora rechaçados¹⁵¹.

Em janeiro de 2000, quando a imigração na cidade ainda era reduzida, o jornal *Sol de Anquetera* informava que um dos pedidos do prefeito da cidade aos Reis Magos naquele ano havia sido a “Antequera dos sessenta mil”. Segundo a notícia, a preocupação das autoridades locais era com o crescimento vegetativo da cidade devido ao baixo número de filhos por casais. Assim, era preciso estimular a atração de novos habitantes para a cidade através da oferta de trabalho fixo, aumento do número de residências a preço acessível a novos casais, entre outras iniciativas. Os primeiros a serem atraídos deveriam ser os emigrados e depois outras pessoas, que poderiam encontrar na cidade o que não tinham em outros lugares (EL SOL DE ANTEQUERA, 15/01/2000, p. 04).

¹⁵⁰ - Idem.

¹⁵¹ - Diferente de localidades espanholas como Sevilha, onde há muitos voluntários à *costaleros* ou carregadores de santos, em Antequera a contratação de imigrantes para desenvolver essa tarefa tem sido recorrente nos últimos anos. Segundo brasileiros entrevistados, o trabalho de *costalero* ou carregador de santo rendia, em 2008, cerca de 50 euros por dia durante a semana santa de Antequera.

O desejo de crescimento urbano, as constantes demandas por trabalhadores na época da colheita da azeitona, da *haba*¹⁵² e outros produtos agrícolas, a necessidade de mão de obra para o trabalho doméstico e para o cuidado de idosos e crianças, além da expansão do setor da construção civil na cidade e região após os anos 2000, serviram como fortes atrativos à chegada de novos moradores a Antequera nos últimos oito anos. Assim, brasileiros e outros imigrantes vêm contribuindo para que o pedido feito pelo prefeito municipal aos Reis Magos em 2000 vá aos poucos se tornando realidade. No entanto, é bem provável que os Reis Magos tenham tido muitas dúvidas desde então, em função de novos pedidos, feitos no sentido inverso, isto é, que a cidade não seja “invadida” por imigrantes.

5.2 - A HISTÓRIA DOS BRASILEIROS EM ANTEQUERA

Antonio Zanetti ou Toninho, como é mais conhecido, foi um dos primeiros brasileiros a chegar na cidade de Antequera, em 1999. Migrou de São Vicente, São Paulo, cinco meses após sua esposa ter embarcado para a Espanha. Naquele momento, tanto ele quanto sua esposa retornavam à terra dos seus antepassados.

No caso de Toninho, os avós paternos eram de Treviso, na Itália, e emigraram para o Brasil em 1902. “Eles desembarcaram no Porto de Santos e foram trabalhar com a família Matarazzo”, informou¹⁵³. Já o pai de sua esposa nasceu em Málaga, mas viveu durante sua infância e juventude na cidade de Antequera. Foi ferroviário. Por volta de 1973, em meio ao um forte processo de saídas da região, emigrou para Porto Alegre, no sul do Brasil, onde casou-se com uma brasileira de Uruguaiana e teve dois filhos. Mais tarde migrou para São Paulo e posteriormente retornou a Antequera.

Quando Toninho saiu do Brasil estava trabalhando em uma loja de autopeças. Sua situação financeira era difícil e, aproveitando-se do fato de sua esposa ser descendente de espanhol, resolveu deixar sua cidade, conforme relatou-me na conversa que tivemos em abril de 2008 na cidade de Antequera.

Passando o tempo eu me casei e tive dois filhos e a situação foi ficando ruim. O salário era naquela época de quatrocentos reais. Então eu pagava um aluguel e não tinha condições. Me senti sem condições de manter minha família. Então minha esposa por ser filha de espanhol, ela tinha nacionalidade espanhola, e a

¹⁵² Grão que se assemelha ao feijão brasileiro.

¹⁵³ - ZANETTI, Antonio. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 10 abr. 2008. Gravação em MP3.

Espanha considera o cidadão como espanhol. E a pessoa que é casada tem o direito de morar e residir no país. Foi quando no ano de 99 eu imigrei para cá e aqui me estabeleci e estou aqui até hoje¹⁵⁴.

Em Antequera, Toninho e esposa trabalharam desde sua chegada em um restaurante da cidade. Nesse restaurante, ele permaneceu como garçom até o final de 2008, quando, segundo me informou em uma rápida conversa via *Skype* no mês de dezembro, decidiu voltar, sozinho, a São Vicente-São Paulo, em função das dificuldades que vinha enfrentando em Antequera.

Diferente da realidade atual, em que, segundo Toninho, “o desemprego está afetando e tá todo mundo indo embora” e que as exigências aumentaram para os imigrantes, os primeiros tempos nessa cidade eram bastante promissores para os brasileiros.

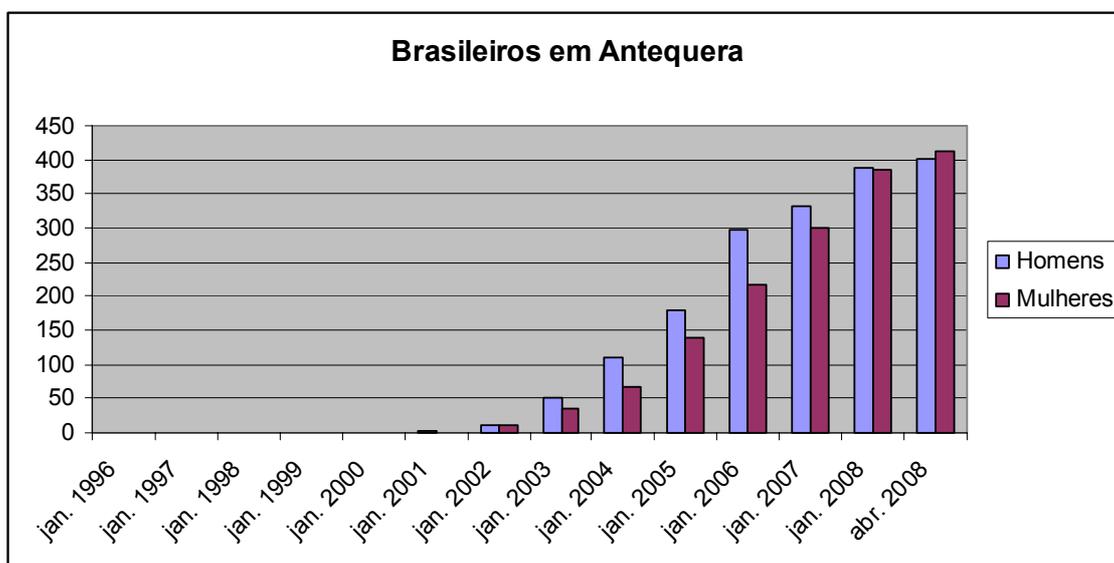
Era muito mais fácil do que agora. Tinha muito emprego. Não exigiam tanto a documentação. Eu ajudei muita gente. Ajudei no sentido que eu tenho muito conhecimento e as pessoas que tinham uma fazenda, um trabalho rural e um trabalho comercial, muita gente me perguntava ‘oh, vem cá, você conhece alguém que pode trabalhar para mim, que pode vir fazer um bico, para carpir ou para limpar meu campo’. Eu ajudei nesse sentido. Mas aí a coisa foi passando os anos e foi complicando porque foi vindo muita gente e então a lei começou também a mudar. Eles exigiam muito. Já começaram também com documentação. Então os comerciantes já começaram a parar de dar trabalho ao imigrante sem documento¹⁵⁵.

Em 1999, quando Toninho e sua esposa desembarcaram em Antequera, só havia, segundo ele, apenas um brasileiro morando nesta cidade. “Olha, eu não conhecia ninguém. Eu escutei falar que havia um. A primeira conta no meu banco foi no banco *Unicaja* e eles falaram para mim ‘ah, tem um brasileiro aqui’. Mas eu não cheguei a conhecê-lo. Não sei se era legalizado ou não”. Esse brasileiro a que se referiam os funcionários do banco *Unicaja* era, provavelmente, o mesmo, único, que aparece no Padrão Municipal de Antequera do dia 1 de janeiro de 1998 (AYUNTAMIENTO DE ANTEQUERA, 2008). Tratava-se de um homem que havia feito seu registro em 1997 e que permaneceu como o único empadronado na cidade até 31 de dezembro de 2000. Em 1 de janeiro de 2001, o novo Padrão Municipal informava que no ano anterior mais uma

¹⁵⁴ - Idem.

¹⁵⁵ - Idem.

mulher e um homem haviam feito o registro, subindo para 3 o número de brasileiros na cidade. Os dados de janeiro de 2002, mostram que no ano anterior chegaram à cidade outros 18 brasileiros, totalizando 21, 11 homens e 10 mulheres. Desde então, o número de brasileiros em Antequera não parou de subir. Em janeiro de 2003 já eram 85, em 2004, 178, em 2005, 319, em 2006, 513, em 2007, 633, em janeiro de 2008, 776, e, em abril de 2008, 814 brasileiros (AYUNTAMIENTO DE ANTEQUERA, 2008). O gráfico abaixo mostra a evolução da presença brasileira nesta cidade, indicando um predomínio inicial de homens e a evolução da imigração feminina a partir de 2007.



Fonte: Padrão Municipal de Antequera – *Resumo numérico por nacionalidade – 1996-2008*
Gráfico produzido pelo autor

O aumento mais significativo do número de brasileiros a partir de 2002, apontado pelo Padrão Municipal, foi confirmado por Toninho e outros entrevistados. De acordo com Toninho, os brasileiros que começaram a tornar-se visíveis a partir desse ano e de 2003 eram majoritariamente do estado do Mato Grosso.

Foi no ano dois mil e dois, dois mil e três. Foi uma coisa assim muito... eu como sou de São Paulo eu não vi muita gente de São Paulo. Imigrou muita gente do Mato Grosso. Os primeiros que eu vi que se estabilizaram no ano de dois mil e dois, dois mil e três eram do Mato Grosso¹⁵⁶.

Entre os motivos da chegada de vários brasileiros a Antequera naquele momento estavam, segundo Toninho, o grande crescimento do setor da construção civil na Costa de Málaga, identificado por ele como “a febre da obra”.

¹⁵⁶ - Idem.

Olha, no ano dois mil começou a obra. Começou uma febre, a febre da obra na Costa de Málaga. Eram muitas construções e então faltava mão de obra. E sabe como é o brasileiro, ele sempre fala ‘olha, fulano, vem para cá, que aqui há trabalho’. E atrás dele vem três ou quatro mais. E assim foi aumentando¹⁵⁷.

Em Antequera, um primeiro grupo a chegar, bastante numeroso para a época, era composto por brasileiros que até então viviam em Vigo, na Galícia. Estes brasileiros, de acordo com Toninho, vinham em busca dos melhores salários pagos no setor da construção civil. “Em Vigo, pelo que eu ouvi dizer, lá tinha muito trabalho na obra, na construção civil. E aqui se pagava melhor. Então a maioria do pessoal veio para cá para trabalhar na construção civil”¹⁵⁸.

Dentre os recém-chegados de Vigo, estavam a irmã, os primos e outros parentes de Maria Rodrigues Soares e de João Barbosa Soares Neto, com quem conversei em abril de 2008, em Antequera. O contato com esse casal, ocorreu após uma primeira conversa com João na sede da ONG *Antequera Acoge*, onde este brasileiro buscava um trabalho mais leve, pois vinha sentindo dores nas costas em função de muitos anos de trabalho na construção civil. Antes de gravar a entrevista, fui convidado por João para um almoço em sua residência e para acompanhá-lo ao hospital local, onde seu filho Jonas tinha uma consulta marcada. No trajeto, João, 48 anos, natural de Ecoporanga, Espírito Santo, foi me contando informalmente sua história e dando sua impressão sobre os diferentes espaços da cidade. No Brasil, havia morado em Ecoporanga, Belo Horizonte e Formosa do Oeste. Segundo João, em 1975 seu pai decidiu sair deste último município do Paraná e seguir para o estado de Rondônia, “um estado novo naquela época e que chamava a atenção”¹⁵⁹. Ali João conheceu Maria, sua esposa, e ambos migraram juntos para Cuiabá, no Mato Grosso, onde moraram de 1981 até 2002. Enquanto aguardávamos seu filho ser atendido, gratuitamente, em um grande e moderno hospital de Antequera, João me falou também do atendimento de saúde, da educação e do trabalho na cidade. À tarde retornamos à sua casa, onde após a chegada de Maria, conversamos acompanhados por um bom chimarrão, feito com erva mate brasileira.

¹⁵⁷ - Idem.

¹⁵⁸ - Idem.

¹⁵⁹ - SOARES NETO, João B. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 09 mar. 2008. Gravação em MP3.



João e Maria em sua residência em Antequera – Espanha
Foto: Adriano Larentes da Silva – abril de 2008

Segundo Maria, 52 anos, natural de Cruzeiro do Sul, Paraná, os primeiros 16 adultos a chegarem em Antequera, provenientes de Vigo, “eram tudo do Paraná, Santa Catarina e Araputanga, que é minha irmã. Não vieram todos de um lugar só”¹⁶⁰. Do Paraná eram da região de Maringá. De Santa Catarina eram de Balneário Camboriu e Florianópolis. “Era um grupo grande. Era o meu primo com os três filhos já todos casados. Outro primo... seis famílias. E a Débora que é como família, sete famílias. [...] Eles se encontraram aqui todos. Inclusive eles moraram num piso (apartamento), todas essas famílias”¹⁶¹.

A irmã de Maria morava na cidade de Araputanga, Mato Grosso e foi para o Paraná. Como tinha um primo na Espanha ela resolveu emigrar, em 2000, para esse país. Foi inicialmente para as Ilhas Canárias, depois a Vigo e dali para Antequera, onde já tinha outros parentes. Ao lado de outros brasileiros chegou nessa última cidade em 2001. “Moraram em Vigo também. Depois vieram aqui para Antequera, para Málaga. Nós somos bastante aqui. Nós somos quase cinquenta pessoas, entre sobrinhos e primos. Uns quarenta e oito, por aí, da família”, explicou Maria. Dos primeiros que chegaram a Antequera em 2001, só restava morando nessa cidade, em 2008, apenas uma família,

¹⁶⁰ - SOARES, Maria Rodrigues. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, 09 abr. 2008. Gravação em MP3.

¹⁶¹ - Idem.

segundo Maria. “Desse povo só um que tem. O resto mudaram tudinho para Málaga, Vélez Málaga”.

Os recém-chegados de Vigo eram, de acordo com João e Maria, todos evangélicos de uma mesma religião e, por isso, não demoraram a instalar em Antequera um espaço para que pudessem professar sua fé. Assim, segundo Maria, logo alugaram “um salãozinho” e fizeram “tipo uma igreja”¹⁶². “E aí congregamos. Na época só quase com esses que estavam aqui, começou com eles. Depois foi chegando mais brasileiros crentes também. E foram chegando. Agora nós já estamos mais ou menos em uns cem aqui em Antequera”¹⁶³.

A chegada desse grupo de Vigo parece ter causado um primeiro impacto na cidade, como percebi pelo depoimento do espanhol Jose Sánchez Gámez, pelo fato de concentrarem-se num único local, não serem católicos, falarem outra língua, possuírem outros costumes e terem transportado para Antequera sua pequena comunidade. A partir desses brasileiros, segundo ele, foram chegando vários outros, tendo tido um grande afluxo após 2003. O maior impacto, no entanto, foi sentido em 2005, quando houve um processo de regularização extraordinária em todo o país. “Quando vimos de verdade, o golpe forte, foi em 2005, que o governo decretou uma regularização extraordinária, de forma que aceitavam as pessoas que justificavam seis meses de permanência na Espanha e que tinham um contrato de trabalho”¹⁶⁴, explicou-me José.

Entre os brasileiros que chegaram em Antequera seguindo os rastros deixados pelos “brasileiros de Vigo” estavam João, Maria e Gabriel. Os dois primeiros desembarcaram na cidade em 2002, vindos da cidade de Cuiabá, no Mato Grosso. Antes de partir João trabalhava de camelô, vendedor ambulante e autônomo. “Empregado nunca”. A única vez que teve carteira assinada foi quando era jovem e, depois, só foi trabalhar com contrato na Espanha. A decisão da saída ocorreu, segundo Maria, pela situação difícil em que se encontravam e por perceber que as migrações internas já não valiam mais a pena.

Ficamos vinte e um anos aí (em Cuiabá) e viemos para a Espanha. A gente queria mudar, mas já não tinha condições. No Brasil eu via que não tinha condições. Se eu mudasse para qualquer outro estado ia dar na mesma. Então eu pensei, ‘nós temos que sair para fora do Brasil’. E a minha irmã morava aqui já fazia quase dois anos. Aí nós viemos. Pedi para ela para a

¹⁶² - À pedido de Maria, o nome da Igreja não será divulgado.

¹⁶³ - SOARES, Maria Rodrigues. Op. Cit.

¹⁶⁴ - GÁMEZ, Jose Sánchez. Op. Cit.

gente vir. Foi com dificuldades. A gente vendeu todos os móveis, vendeu tudo. O João tinha apenas uma moto. E vendemos a moto, vendemos os móveis. E ela emprestou um dinheiro para nós. E nós viemos para cá no ano de dois mil e dois¹⁶⁵.

Como se percebe pelo depoimento acima, além de vender o pouco que possuíam, João e Maria contaram com o apoio financeiro da irmã de Maria que, nessa época, já morava em Antequera. Assim que chegaram, Maria dedicou-se à faxina e João trabalhou na colheita da pêra, da *haba*, da azeitona e posteriormente na construção civil. Nesses primeiros tempos, de acordo com Maria, “eram só as mulheres que trabalhavam quase”. Isso acontecia, segundo ela, porque havia mais trabalho na cidade para as mulheres do que para os homens, o que obrigava a uma inversão dos papéis historicamente construídos para homens e mulheres. “Então os homens ficaram em casa limpando casa, fazendo comida, cuidando de crianças. Os homens eram os faxineiros. E até hoje. Se os homens não arrumam trabalho, a mulher arruma, o homem fica em casa no serviço de casa”¹⁶⁶. Segundo Maria, houve épocas em que chegou a ter até três empregos: um de manhã, outro à tarde e à noite e um complementar aos finais de semana.

Além dessa presença estratégica das mulheres no mercado de trabalho local, outro fator destacado por João e Maria em relação aos primeiros tempos que chegaram foi o fato de existirem pouquíssimos brasileiros em Antequera e de boa parte dos recém-chegados de Vigo não possuírem papéis.

Tinha alguns (brasileiros), mas que foram chegando naquela temporada (2002). Naquela época quando eu cheguei exatamente era muito pouquinhos os que tinham por aqui. A gente não conhecia. Eram poucos. E os que tinham chegado naqueles dias não tinham documentos. Esses que vieram de Vigo, todos menos um eram documentados¹⁶⁷.

Assim como João e Maria, outro que chegou em Antequera em 2002 foi Gabriel, vindo de Mandaguari, no Norte do Paraná. Gabriel, que também tinha ligações com o grupo que chegou a Antequera em 2001, saiu de Mandaguari em 1999 a convite de um amigo brasileiro que, apesar de morar em Vigo, trabalhava na construção civil no Norte de Portugal, na fronteira com a Espanha. Depois de três meses, ao acabar as obras em

¹⁶⁵ - SOARES, Maria Rodrigues. Op. cit.

¹⁶⁶ - Idem.

¹⁶⁷ - SOARES NETO, João B. Op. cit.

Portugal, indocumentado e considerando que “estava meio complicada a coisa” resolveu voltar ao Brasil, arrependendo-se logo em seguida. Em 2002, decidiu então partir novamente, dessa vez com destino a Portugal. “Aí pensei ‘não vou para Vigo não, vou para Portugal’”, me relatou ele na entrevista que realizamos em abril de 2008 na ONG *Antequera Acoge*¹⁶⁸. Outra vez, os planos que havia feito de comprar uma casa e um carro pareciam muito distantes e Gabriel decidiu então contatar novamente com seus amigos de Vigo, que nesse momento já haviam migrado para Antequera. “Não estavam mais em Vigo, estavam em Antequera. Vim para Antequera, fiquei um tempo e engrenei certinho aqui e graças a Deus estou bem até hoje”. Segundo Gabriel, sua chegada em Antequera ocorreu três a quatro meses depois de seus amigos de Vigo. Logo quando chegou havia, de acordo com ele, “pouquinha gente” e muitos imigrantes eram contratados mesmo indocumentados. Posteriormente houve “um derrame de brasileirada” nessa cidade e as coisas começaram a mudar. Além disso, naquela época não havia tanta pressão da polícia de imigração e os brasileiros não precisavam viver escondidos em seus apartamentos como hoje.

Nossa, mudou muito. Tinha pouquinha gente. Você chegava e conseguia trabalho facinho, tranqüilo. Sem papel você trabalhava a mesma coisa do que se tivesse papel. Hoje em dia não, não se trabalha mais sem documentação. Com documentação está difícil trabalhar. O pessoal sofre muito. A polícia está batendo muito nos imigrantes sem papel e complicando muito. Tem gente aí que vive escondido nos pisos por aí, sem liberdade nenhuma de estar na rua. Mudou. Encheu demais. Foi um derrame de brasileirada aqui. Aí você nota que o Brasil está ruim, porque todo mundo chega falando ‘é, está ruim, está mal a coisa e tal’. E cada vez chegam mais pessoas. De vez em quando mandam um pouco de gente embora, aí vem outros.¹⁶⁹

Desde que chegou, Gabriel trabalhou boa parte do seu tempo em obras, quase sempre em localidades fora de Antequera. Apesar disso, manteve sua residência na cidade. Em momentos de pouco trabalho dedicou-se à colheita da azeitona, a exemplo do que fez João e que fizeram e continuam fazendo outros brasileiros. Hoje já perto outra vez de sua esposa e com uma filha nascida em Antequera, Gabriel revela que não pensa mais em voltar ao Brasil.

¹⁶⁸ - GABRIEL. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 10 abr. 2008. Gravação em MP3.

¹⁶⁹ - Idem.

Os relatos de Gabriel, João, Maria e Toninho, mostram, portanto, que os brasileiros começaram a chegar em Antequera no final dos anos 1990, mas que só se tornaram um coletivo significativo de imigrantes após 2001, especialmente depois da chegada conjunta de um grupo de brasileiros que até então viviam na cidade de Vigo. Além disso, revelam também uma presença importante de brasileiros oriundos do Norte do Paraná, de Rondônia, de Santa Catarina e do estado do Mato Grosso. Desse último estado, notadamente da região de Araputanga e Quatro Marcos, migraram boa parte dos que chegaram a Antequera a partir do início dos anos 2000.

5.3 - JOYCE E ADÃO: EM BUSCA DA TERRA PROMETIDA

Por mais que você tenta sair do Brasil, seja para qual lado você escolher, qual país for, acho que o que vive lá, o que você pode viver lá, não pode ser comparado em momento algum com a vida fora do país. Isso inclui tudo: emocional, material, tudo. Rico ninguém volta. Ninguém volta para o Brasil rico. Pode ser aonde for. Você controla a situação. Se você não tem um sitio você consegue comprar um sitio. Hoje aqui na Espanha você não faz isso mais. Nos Estados Unidos muita gente conseguiu. Quem não tinha conseguiu. Mas a cada ano que está passando está ficando mais difícil. E agora se você sai do Brasil com a intenção de conseguir casa boa, terra...acabou o tempo¹⁷⁰.

No dia 20 de março de 2008, na minha segunda visita a cidade, marquei uma entrevista coletiva com Joyce, Adão e Dener no apartamento em que moravam no centro de Antequera. Naquele dia, chovia na cidade e, por isso, nem Adão, nem Dener puderam trabalhar no campo. Já Joyce, aproveitou seu intervalo destinado ao descanso no trabalho para conversarmos. Além deles, Márcia, sobrinha de Joyce e que residia no mesmo apartamento, também participou posteriormente da entrevista.

À época da conversa, Joyce tinha 35 anos, Adão 27 anos, Dener 40 anos e Márcia 26 anos. Márcia nasceu em Cuiabá, Mato Grosso, e sua ida à Espanha ocorreu a convite de sua tia e de uma irmã que já estavam vivendo em Antequera. Quando conversamos, ela tinha acabado de voltar de Málaga, onde tinha sido presa pela polícia de imigração, teve o passaporte retido e havia recebido carta de expulsão da Espanha em função de não ter autorização para viver e trabalhar no país.

¹⁷⁰ - Adão. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 20 mar. 2008. Gravação em MP3.

Joyce, por sua vez, nasceu em Araputanga, Mato Grosso, e viveu toda a sua infância na área rural daquele município. Os pais eram de Goiás e, há cerca de 40 anos, haviam migrado em busca das promessas de terra boa e barata no estado vizinho.

Adão nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, enquanto seu pai trabalhava como pedreiro naquela cidade para a empresa Andrade Gutierrez. Onze meses após seu nascimento, seus pais retornaram à cidade de Jauru, no Mato Grosso, onde estava o restante da família e onde permaneceram por cerca de nove anos. Dalí migraram para Conquista do Oeste, também no Mato Grosso, município onde, segundo Adão, “acabou de se formar homem”.

Já Dener é filho de alagoanos, mas nasceu em Foz do Iguaçu, no Paraná, de onde saiu aos sete anos de idade juntamente com sua família para Cacoal, em Rondônia. Na época (1975), segundo ele, “estava abrindo Rondônia ainda” e muita gente migrou para lá. “Cacoal era uma vila pequena, uma vila só na beira da BR”. A viagem em direção ao Norte do país foi, de acordo com Dener, uma grande aventura que durou vários dias. Naquele momento, Rondônia representava para os pais de Dener e inúmeras famílias do Sul e de outras regiões do Brasil a possibilidade de materializarem o sonho de riqueza e de prosperidade.

Na região que nós morávamos ali muita gente falava muito de Rondônia, falavam que lá tinha terra barata. Outros já falavam um pouquinho mal, falavam que tinha muita maleita, que eles falavam, que é malária, e não adiantava o meu pai ir que ele ia enterrar todos ali com a doença. E o meu pai foi muito corajoso. Ele comprou uma camioneta, colocou todo mundo na camioneta e cobriu com uma lona e fomos embora, todo mundo¹⁷¹.

Em Cacoal, Dener passou toda a sua infância, casou-se, teve dois filhos e trabalhou em uma laminadora e em um frigorífico, até que decidiu montar seu próprio negócio no ramo de marmitas. Tal investimento acabou não tendo o resultado esperado e, depois de um ano, em outubro de 2005, ele decidiu então emigrar para a Espanha, após receber o convite de amigos de sua cidade que estavam morando em Antequera. Chegando ao seu destino na Espanha, ficou um tempo desempregado até que conseguiu trabalho na construção civil. Posteriormente ficou mais três meses desempregado até trabalhar na colheita da *haba* e conseguir o emprego atual de cuidador de cabras. Quando conversamos, fazia mais de um ano que havia rompido o seu matrimônio.

¹⁷¹ - DENER. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 20 mar. 2008. Gravação em MP3.

Naquele momento, também tinha decidido voltar ao Brasil. Entre os motivos para o retorno estavam a falta de trabalho e o modo como os espanhóis tratavam os imigrantes na Espanha. “Porque nós aqui somos muito judiados pelos espanhóis. Por parte de humilhação. Eles aproveitam que a gente é imigrante e querem, no trabalho principalmente, querem falar alto com a gente. Muitas vezes a gente não admite e chega a ponto de desavença entre patrão e funcionário”. Para Dener, o tom de voz empregado e o tratamento dispensado aos imigrantes pode até ser um costume de muitos espanhóis, mas é algo extremamente difícil de aceitar por parte dos brasileiros.

Quando eles falavam alto comigo eu mandava eles abaixar a voz. Baixava a voz, mas levantava a voz para mim de novo. Como levantavam entre eles também. É normal para eles. Eles toleram só que eu não tolero. Então isso fez com que eu me afastasse um pouco dali. Eu acho que eu não me dou aqui na Espanha por causa disso. Porque o estilo deles tratar os outros, os funcionários, é diferente do Brasil. E isso fez com que eu me afastasse. E vou de cabeça alta para o Brasil. Vou viver minha vida no Brasil. Eu acho que lá por mais que você recebe um salário defasado é o melhor lugar para viver a vida. E aqui você não vive. Aqui você só trabalha e se estressa muito¹⁷².

Da Espanha Dener levaria para o Brasil um pouco de dinheiro que conseguiu economizar para montar seu pequeno negócio em Rondônia, o conhecimento e a experiência adquiridos.

Então eu acho que por mais que você não conseguiu nada aqui vale a pena a gente vim e ter uma coisa a mais na vida da gente que a gente conhece. Uma história a mais, quando você tiver os seus netos. Você vai contar para eles ‘olha, eu tive na Europa, rodei por lá tudo, trabalhei lá’. Então é uma coisa que a gente adquire mais na vida, é um conhecimento a mais que talvez muita gente não tem essa chance de conhecer¹⁷³.

Se para Dener o retorno já estava agendado, o mesmo não ocorria com Joyce e Adão, apesar de ser este também o desejo de ambos. Para Joyce, a volta só ocorreria após materializar um sonho há muito perseguido: uma terra para morar e garantir a subsistência.

A busca de materialização desse sonho começou ainda no Brasil quando Joyce e Adão entraram em um acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. De família humilde, ambos começaram ainda muito jovens a trabalhar para

¹⁷² - Idem.

¹⁷³ - Idem.

ajudar no sustento da casa. No caso de Joyce, seu primeiro trabalho fora foi aos oito anos de idade, limpando casas, cozinhando, passando, “fazendo de tudo”. Aos catorze anos migrou para Cuiabá para trabalhar em um restaurante e de lá depois foi para Uberlândia, Minas Gerais, voltando mais tarde para Araputanga para junto de sua mãe e irmãos. Já Adão trabalhou desde os dez anos de idade na lavoura ajudando o seu pai. Com catorze anos arranhou seu primeiro emprego como puxador de leite, permanecendo no mesmo até os 19 anos de idade. Por volta dos anos 2000 Adão e Joyce se conheceram e decidiram entrar para o acampamento do MST.

Isso foi uma idéia dela, porque na época eu nem sabia como se passava por isso, para poder pegar a terra. E decidimos sair da Conquista e ‘vamos embora, vamos entrar no acampamento’. E aí no primeiro dia fomos embora. Cheguei à noite e ela já esperava por mim, que ela tinha ido na frente. E quando o dia amanheceu eu achei meio estranho aquele monte de barracos e folhas para lá e para cá, muita coisera. Eu não tinha costume com aquilo, eu nunca tinha visto. E morava bem perto, dá duzentos e setenta quilômetros de distância entre Conquista e Araputanga. E eu não conhecia. Aí fui conhecer. E pela família dela morar em Araputanga a gente entrou no acampamento. Ficou de escolher entre acampamento e frigorífico. A irmã dela tinha arrumado serviço no frigorífico para mim. E aí decidimos optar somente pelo acampamento, para não ficar um marido para cá e mulher para lá. E ficamos nesse acampamento três anos e sete meses¹⁷⁴.

Segundo Joyce, a motivação para entrar no acampamento e lutar pela terra vinha do sonho que sempre teve de ter um pedaço de terra. Ao falar sobre isso, Joyce não conteve a emoção e com lágrimas nos olhos e voz embaraçada contou sobre os três anos em que esteve na luta. “Eu sempre gostei do campo e o sonho era ter um pedacinho de terra pelo menos para poder trabalhar, comer, tirar dali coisas naturais, boas para você comer. A minha loucura é ter um lugar para eu plantar e sobreviver. Sonhei muito com isso”¹⁷⁵.

O primeiro acampamento em que ficaram situava-se entre Pontes de Lacerda e Cáceres, no Mato Grosso. De lá, mudaram ocupando novas áreas de terra de tempos em tempos.

Era na BR. Ali nós ficamos um tempo e mudamos para outra fazenda. Chamava Sílvia Rodriguez o acampamento. De lá fomos em Cáceres numa fazenda da Grendene. Da Grendene

¹⁷⁴ - ADÃO. Op. cit.

¹⁷⁵ - JOYCE. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 20 mar. 2008. Gravação em MP3.

fomos despejados e ficamos no Incra um tempo bom também e voltamos para Cáceres outra vez, para a mesma fazenda da Grendene. Fomos despejados de novo e fomos para a beira da BR lá na ponte de Cáceres. Dali saímos e entramos noutra fazenda que tinha entre Cáceres e Pontes de Lacerda também. De lá prepararam essa marcha para Brasília e fui para marcha. Quando voltei da marcha já tínhamos sido despejados outra vez. E esse tempo todo durou mais ou menos três anos e sete meses¹⁷⁶.

As dificuldades sentidas também foram relatadas por Adão, que lembra com tristeza que depois de muita luta e de ter conseguido a terra que tanto desejavam, se viram de mãos amarradas em função de não conseguirem permanecer na terra conquistada. Daquela experiência restam hoje apenas as lembranças.

Foi uma época de sofrimento. Porque, acha, com certeza tem sim o sofrimento. É chuva na estrada, é dormir em cima de branqueara toda a noite. E a todo o momento perigo, carro, caminhão na estrada. Então é uma vida de atenção totalmente, de atenção a todo o momento. E um vacilo que você der em qualquer lugar você está sujeito a sofrer um acidente. Uma cobra te pica. Sei lá. É como se fosse uma aventura mirando um futuro invisível. Então para muitos continua. Eu acho isso hoje, apesar de ter passado pela terra, ter colocado meu nome numa terra, num papel, num documento no Incra, é aonde eu digo para você que não tenho nada. Só resta a lembrança desse sofrimento que nós passamos. Tanto meu quanto da minha esposa. Isso sem contar os filhos também, não é. Porque quantas vezes tirando guarda de noite ou outra hora não era dia de guarda mas vinha a chuva e arrancava a lona do barraco. Ela segurava num canto da lona e eu segura no outro. E os meninos deitados no colchão assim no meio e vento para lá e para cá e nós segurando ali. Quer dizer, numa tentativa de proteger as crianças. Mas nós... por ser maior a obrigação nossa era proteger. Então o suporte que nós podíamos dar para eles enquanto nós estamos numa situação mais crítica no acampamento nós demos. E sofreu tanto os novos quanto sofreram os velhos, não tem separação¹⁷⁷.

Para Joyce, uma das lembranças mais marcantes desse tempo foram os 16 dias de marcha realizados em maio de 2005, entre Goiânia e Brasília. Esta marcha chamou a atenção de toda a imprensa brasileira pela sua organização e logística e por ser uma das primeiras grandes manifestações públicas dos movimentos sociais brasileiros após a vitória de Lula em 2002. Ao todo, participaram desse momento de luta pela Reforma

¹⁷⁶ - Idem.

¹⁷⁷ - ADÃO. Op. cit.

Agrária cerca de 15 mil trabalhadores rurais sem terra de todo o país. Entre eles, estavam Joyce e Adão.

E na marcha aprendi muito. Tinha mãe com criança. Eu não tive a coragem de levar os meus filhos, mas tinha mãe com criança pequena. Morreu uma criança de desidratação. Quinze mil pessoas ali batalhando, sofrendo. Um senhor de noventa e um anos puxando a fila da marcha com quinze mil pessoas. E esse senhor velhinho na frente, o mais velho na frente abrindo porteira para os outros todos. Morreu uma senhora picada de cobra. É coisa que marcou muito sabe. É coisa que não dá para esquecer. Vai ficar sempre, sempre na minha lembrança. E sofrer, batalhar e no fundo não conseguir o que a gente realmente quer. Mas o meu sonho maior era chegar aonde nós chegamos, só que chegamos de mãos e pés amarrados¹⁷⁸.

Mesmo tendo conseguido a terra, Adão e Joyce estavam de “mãos e pés amarrados” devido ao antigo proprietário da terra já ter acessado aos recursos do governo federal. Além disso, tiveram que pegar dinheiro emprestado para pagar as benfeitorias feitas. Com o objetivo de quitar as dívidas contraídas e visando “colocar a cabeça no lugar” devido a conflitos familiares, Joyce decide então sair do Brasil.

Depois de muito sofrimento conseguimos esse pedaço de terra. Só que infelizmente os recursos que o governo dá para quem é assentado para a Reforma Agrária, pelo outro proprietário já ter pego nós não pegávamos mais e por ele dever também não, era por dois motivos. Agora se ele pagasse nós teríamos condições de ter acesso a esse benefício. Mas como ele disse que não pagava, nós também não tínhamos condições de pagar. Depois de três anos e sete meses no acampamento como que ia pagar? Se para pagar a benfeitoria do lote que foi pago nós pegamos dinheiro emprestado para inteirar e pagar. Então se tornou uma coisa impossível. E assim a vida continuou. Depois ocasionou que ela, para nós conseguir pagar esse negócio, precisou sair de lá e veio para aqui para a Espanha. Só que as dificuldades continuaram e até hoje continuam, estão aí¹⁷⁹.

A chegada de Joyce em Antequera aconteceu em setembro de 2006, depois de receber o convite de uma amiga que já morava nesta cidade. Seu primeiro trabalho foi na colheita da azeitona e de empregada doméstica. Mais tarde assumiu um posto de trabalho também na cafeteria dos mesmos patrões, realizando uma jornada de trabalho muitas vezes superior a 16 horas por dia.

¹⁷⁸ - JOYCE. Op. cit.

¹⁷⁹ - ADÃO. Op.cit.

Eu cheguei numa semana e na outra eu comecei na azeitona, trabalhando na azeitona. Aí chegava da azeitona e ia para a casa do mesmo dono da finca aonde eu trabalhava, para limpar. Que é essa patroa que eu estava falando que me deu muito apoio. E dali ela conseguiu para eu limpar as casas das filhas dela também, que são quatro. Aí já me passou para a cafeteria. Então eu chegava da azeitona as cinco e meia, seis horas, já parava na casa deles e já limpava ali, passava na minha casa e tomava banho e ia para a cafeteria com ela. Chegava em casa dez, onze, doze da noite para descansar e sair seis horas para a azeitona¹⁸⁰.

Depois de um ano e seis meses que Joyce estava na Espanha foi a vez de Adão, após vender a terra que haviam conquistado, emigrar também. Quando conversamos, em março de 2008, fazia poucas semanas que ele havia chegado. Um de seus primeiros trabalhos foi em uma propriedade da área rural de Antequera. Para Adão, uma das dificuldades iniciais foi a falta de trabalho e a adaptação aos costumes locais.

Então decidimos juntos passar o lote para outra pessoa e com o dinheirinho que estava sobrando pegar e vim para cá na tentativa de conseguir comprar não do mesmo tamanho mas um pedaço de terra. Porque tanto eu quanto ela nós gostamos muito de terra, porque fomos criados na roça. Agora, a realidade que é passada aqui depois que você chega é bem diferente do que se anda comentando no Brasil. Muita gente vem iludida para aqui. Para aqui e tantos outros lugares que muitos brasileiros buscam melhorar a situação. Eu creio que não seja nada boa. Ao primeiro momento, eu mesmo quando cheguei... é totalmente diferente. Você tem que aprender muitas coisas, incluindo falar diferente. Os costumes não são os mesmos. Você tem que adaptar totalmente num regime diferenciado. Agora o que buscamos é trabalhar, porque ninguém veio a passeio. A grande dificuldade aqui é conseguir o trabalho. E você trabalhando você consegue até pensar em comprar alguma coisa no Brasil para poder voltar numa situação melhor do que quando você saiu. Só que é bastante difícil, bastante difícil¹⁸¹.

Para Joyce é bem mais difícil emigrar do que lutar pela terra. Segundo ela, a maior dificuldade é ficar longe dos filhos e da família. Assim como Adão, acredita que muitos vêm iludidos e que a realidade que encontram no país de destino é bem diferente do que esperavam.

Emigrar é mais difícil porque está longe de todos e de tudo. E dos seus costumes, tudo. Porque você estando lá sempre está junto com a família, sempre está do lado e tem sempre um apoio, um abraço. E eu já tenho um ano e sete meses sem ver os

¹⁸⁰ - JOYCE. Op.cit.

¹⁸¹ - ADÃO. Op.cit.

meus filhos. Sem poder dar um abraço, sem poder sentir a presença deles, isso é muito difícil. Então aqui para a gente não é fácil. Mas às vezes a gente vem com a ilusão, ilusão de você conseguir alguma coisa. Quando estava lá que outros falavam que aqui estava difícil eu que estava lá não acreditava. Eu só fui acreditar depois que eu cheguei aqui. E assim acontece com muita gente. Então pensa ‘não, está falando porque não querem que eu vou’. Aí quando chega é que vai ver que as coisas não eram como a gente pensava realmente. Se tivesse lá estaria melhor? Estaria melhor. Mas se voltar também vai perder tudo o que apostou para vim. Então tem que ficar um tempo para ver se consegue pelo menos recuperar o que perdeu¹⁸².

Joyce e Adão, portanto, continuam em busca da terra prometida e lutando por uma vida melhor. Como eles, milhares de outros brasileiros seguem sonhando com, pelo menos, um pedaço de chão para viver e tirar seu sustento. Para os que ficaram no Brasil, esse sonho muitas vezes acaba em morte, resultado de inúmeros confrontos entre camponeses sem terra, pistoleiros contratados por fazendeiros e a própria polícia. Para outros, a saída encontrada é a emigração, que ocorre muitas vezes aos mesmos países de grande concentração de riquezas e que no presente ou no passado contribuíram para a manutenção da miséria de milhões de seres humanos.

Em Araputanga, cidade natal de Joyce e outros brasileiros que hoje vivem em Antequera, volta-se a ouvir depois de décadas uma expressão muito usada durante o Regime Militar Brasileiro “o último que sair apague a luz”. De lá, filhos e netos de migrantes que um dia buscaram a prosperidade nessa cidade, hoje migram rumo a diferentes partes do mundo.

Eu falei para minha irmã que lá só está ficando ela e o prefeito. Que até a minha mãe já mudou. Ela, o prefeito e o padre. A hora que ela for sair para eles disputar entre os três, o último que sair apaga a luz da cidade. Porque está todo mundo para fora já. Estados Unidos, Espanha, Japão, para todo o lado. Então o último que sair apaga a luz, porque vai acabar a cidade (risos). Mas de verdade, Araputanga está vazia. Aqui em Antequera você anda e só vê brasileiros e setenta por cento é de Araputanga. Os outros trinta é dividido entre o Brasil¹⁸³.

¹⁸² - JOYCE. Op.cit.

¹⁸³ - Idem.

5.4 - ELIANA: DO SONHO AMERICANO À REALIDADE ESPANHOLA

Eliana e o esposo Tiago entraram na Espanha em 2004, após transpor via Suíça as fronteiras européias. Quando desembarcaram no aeroporto de Málaga, Eliana não conteve a emoção. Teve vontade de se ajoelhar ali mesmo em agradecimento por ter conseguido entrar na Espanha. Imediatamente ligou aos familiares que no Brasil aguardavam ansiosos e apreensivos pelas novidades. Naquele momento, todos choraram e vibraram juntos.

A emoção e a apreensão de Eliana e seus familiares tinham um forte motivo. Antes de entrar na Espanha em 2004 ela passou cerca de quatro anos tentando, sem sucesso, sair do Brasil. Sua primeira tentativa ocorreu em 1999, após receber o convite de um primo que havia decidido ir de Figueirópolis do Oeste, Mato Grosso, para os Estados Unidos. Até então, Eliana nunca havia considerado a possibilidade de emigrar, conforme me informou em entrevista realizada em março de 2008 em sua residência na cidade de Antequera. Para ela, sair do Brasil era apenas um privilégio de ricos e milionários.

Antes eu nunca pensava em sair do Brasil. Nem imaginava que eu podia fazer isso. Na minha cabeça nunca pensava nisso. Achava que eram só os milionários, os ricos do Brasil que iam. E um dia, até eu tinha minha mãe, que eu perdi minha mãe em noventa e nove, a gente estava limpando a frente de casa e um primo meu do Mato Grosso ele ligou falando que ele ia tentar o visto para os Estados Unidos e se eu queria ir também com ele, que ele iria para os Estados Unidos, que tinha muita gente do Brasil indo. [...] Eu fiquei toda contente. Falei ‘nossa, será que eu posso também tentar ir? Será que eu posso conseguir?’. Porque eu trabalhava muito. Eu estudava à noite e trabalhava em dois serviços. Porque no Brasil se a gente quiser ter alguma coisa assim a gente tem que trabalhar muito. E eu trabalhava muito e as pessoas falavam para mim ‘ah, você tem que aproveitar e ir embora, porque você trabalha muito, trabalha tanto aqui e não ganha quase nada. Eu trabalhava de sábado, de domingo, de feriado, ixi trabalhava de garçõnete, trabalhava numa clínica durante a semana e de garçõnete no final de semana. E sofria muito. Trabalhava muito e não ganhava nada. Sabe, sempre economizando para ver se comprava o meu carrinho. Sempre economizando. Aquele sonho, aquela coisa¹⁸⁴.

¹⁸⁴ - ELIANA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 18 mar. 2008. Gravação em MP3.

A partir do convite recebido do primo pelo qual tinha muito apreço e admiração, Eliana começou a se mobilizar para tentar viajar também aos Estados Unidos, seguindo os mesmos passos do primo para conseguir a documentação. Foi a Cuiabá, no Mato Grosso, e com a ajuda do atravessador que “colocou” seu primo na “América” também arranjou os papéis necessários para que nada saísse errado perante o Consulado dos Estados Unidos. Em pouco tempo, foi chamada para uma entrevista na sede do Consulado, em Brasília, e depois de um dia tenso, de inúmeras perguntas e interrogatórios, teve seu visto de entrada nos Estados Unidos negado, pois, segundo ela, os funcionários do Consulado perceberam que as informações prestadas e parte dos documentos entregues não eram verdadeiros. Com isso, só restava a ela retornar à sua cidade, São José do Rio Preto, e tentar começar tudo de novo.

Eu peguei e fui embora chorando, chorando, até chegar em Rio Preto. Chegou em Rio Preto eu tinha gastado um dinheiro que eu não podia gastar. Mas fazer o que? Peguei, tive que buscar um trabalho, começar a trabalhar outra vez. Porque as coisas não estavam fáceis e eu sem a minha mãe. Nossa! Aí meu primo estava com o visto dele e falou ‘ai, vamos tentar de novo, vamos tentar uma coisa, vamos tentar outra’ e eu falei, ‘ai, não’. Ele falou ‘Bom vê se você vai com os coiotes então’¹⁸⁵.

Como o plano inicial não deu certo Eliana tentou, depois de um tempo, o “Plano B” sugerido pelo primo, ou seja, a entrada nos Estados Unidos via México. Antes disso, porém, faria ainda uma tentativa de entrar na Inglaterra em companhia de dois primos. A viagem ocorreu no início de 2003 e o destino escolhido era Londres. A propaganda dessa cidade havia sido feita por uma prima que já estava morando naquele local e, de acordo com Eliana, “estava ganhando muito dinheiro”. A intenção de Eliana era ir para a Inglaterra e juntar dinheiro para ir para os Estados Unidos.

Eu peguei e conversei com os meus primos e eles falaram assim ‘ah, Eliana, eu não vou para os Estados Unidos. Se você quiser vamos nós três para Londres. É mais seguro’. Aí eu tinha um carro novo e vendi para pagar um curso de inglês. Para ficar mais fácil para a gente entrar. Os meus primos também, um vendeu uma moto, outro juntou um dinheirinho, o outro fez, nossa, um monte de empréstimo, e a gente veio para Londres. Eu falei ‘eu vou para Londres, fico ali uns dois anos, consigo dinheiro, não sei, de uma forma ou de outra depois eu vou para os Estados Unidos. Eu vou ali porque eu estou muito ruim aqui no Brasil.’ Aí peguei e fui. Trabalhava numa loja de

¹⁸⁵ - Idem.

conveniência e trabalhava numa clínica. Deixei o trabalho e fui¹⁸⁶.

Ao contrário dos dois primos, Eliana não conseguiu passar nas barreiras aeroportuárias inglesas, mesmo tendo feito um novo passaporte, o curso de inglês, ter cartão de crédito e dinheiro suficiente. Foi levada a uma sala e interrogada por três vezes até ser enviada de volta ao Brasil, no mesmo dia, juntamente com outros brasileiros. Era, segundo ela, mais uma derrota e mais dinheiro perdido.

Voltamos. Eu voltei chorando de novo. Outra derrota que eu tive. Mais dinheiro perdido. Aí eu já tinha perdido o meu carro, tinha pagado as coisas muito caras, a passagem e tudo, já tinha pouco dinheiro de novo que eu tinha juntado. Aí fui trabalhar outra vez na loja de conveniência, na clínica já não trabalhava mais¹⁸⁷.

Apesar da segunda tentativa sem sucesso, cerca de três meses após retornar da Inglaterra, Eliana resolveu aceitar uma nova proposta feita por um tio e um primo de Mato Grosso para emigrar para os Estados Unidos via México. Para Eliana, a entrada em solo estadunidense era um sonho que vinha perseguindo desde a primeira tentativa em 1999. Desde então, tudo o que fazia estava voltado a isso, as músicas que ouvia eram daquele país, os assuntos que tratava diziam respeito aos Estados Unidos. Enfim, seu mundo era os Estados Unidos, onde, segundo ela acreditava, até o sol nascia diferente. Esse desejo de estar nesse país aumentava ainda mais à medida que o primo que estava lá telefonava.

Antes não, mas depois que o meu primo foi aí era aquele fogo, aquele fogo mesmo. Porque ele me ligava ‘olha aqui está muito bom, nossa, se você vê, eu estou comprando isso, estou comprando aquilo e mandava as fotos sabe. E eu via aquilo e ficava encantada. E eu via aquelas cidades, aqueles carros lindos que ele comprava, aquelas coisas todas e eu ficava encantada. Eu falava, ‘ah, não, eu tenho que ir para aí’. E ele me chamava ‘não, aqui, olha só, nós vamos passear e vamos fazer isso, a minha vida aqui é assim, mudou totalmente.’ Aí eu ficava mais louca ainda. Ah, ir para Disney, que sempre foi meu sonho e ele estava morando ali pertinho, sabe¹⁸⁸.

Foi em função desse grande desejo de entrar nos Estados Unidos que Eliana resolveu emigrar via fronteira do México. Assim, novamente, recorreu à ajuda de seu

186 - Idem.

187 - Idem.

188 - Idem.

cunhado para conseguir o dinheiro a ser pago ao coioite, sete mil reais, e das passagens aéreas até Cidade do México.

Estava trabalhando, trabalhei acho que uns três meses, e meus primos do Mato Grosso, primos desse um que está nos Estados Unidos, o pai desse que está nos Estados Unidos e um amigo, em três, eles vieram para a minha cidade e ‘ah, nós vamos, vamos, vamos pelo México’. Aí eu falei ‘chegou a minha hora então, eu vou com vocês.’[...] Aí arrumei, o meu cunhado, o marido da minha irmã, sempre me ajudava, coitado, com dinheiro, me ajudava no que ele podia. Peguei e fui. Conseguimos as coisas tudo e tal e fomos. Nós fomos assim mais assim particular, porque o meu primo que estava lá ele arrumava a pessoa mais assim para atravessar nós. Porque tem gente que sai do Brasil com tudo preparado e se é deportada a pessoa pode ir de novo. Só que paga muito mais caro¹⁸⁹.

Na Cidade do México já aguardava o coioite contratado que buscou Eliana e os três outros brasileiros no hotel e os pôs em uma carreta que os conduziu até a cidade de Laredo, na fronteira com os Estados Unidos. Ali deveriam ir para um hotel aguardar a chegada do novo coioite contratado pelo primo para fazer a travessia.

Ele ficou de ir um dia e não foi e a gente acabou passando a noite ali que não era para passar. No outro dia era para vir cedo e não veio. E depois ele veio com um almoço pra nós. Chegou com comida e aí nós comemos ali nesse hotelzinho mesmo, ali dentro do quarto e à tarde, depois que a gente comeu a gente foi. Veio buscar o coioite que ia atravessar a gente no rio mesmo. Era um rapazinho novinho¹⁹⁰.

À noite seguiram para realizar a travessia do Rio Grande, em companhia de outros emigrantes, sempre monitorados por dois coioites. Esse rio, na imaginação de Eliana era “uma coisa monstruosa de grande, e que a água era corrediça”, lhe causando muito medo. No entanto, como atravessaram no verão, não houve problemas. A recomendação era para que todos tirassem as roupas e as colocassem em um saco que os coioites levavam consigo. Eliana negou-se a fazer isso o, que segundo ela, contribuiu para que posteriormente tivesse dificuldade de correr. O trecho abaixo mostra os detalhes desde o momento em que o grupo começa a correr em direção a uma cidade dos Estados Unidos até o desfecho final: a prisão no Texas.

E eu comecei a correr, correr, e essa bolsa amarrada na minha cintura, pesada e minha calça jeans justa, pesou. E os meus

¹⁸⁹ - Idem.

¹⁹⁰ - Idem.

parentes todos correndo. E ali, sabe, você tem que começar a correr. Vai um coioote na frente e o outro atrás. E a gente faz tipo uma fila e começa a correr um atrás do outro. E eu muito nervosa e com aquele peso e tudo e eu já não estava agüentando correr mais, porque às vezes você tem que pular uns buracos, uns barrancos e você vai indo. E os meus primos já estavam correndo na frente, com o coioote da frente. E essa velhinha e os netos dela que eram gordos e não conseguiam correr eles ficaram pra trás e o coioote ajudava eles lá trás. E eu ficava no meio. E os meus primos, ali, cada um por si. Porque se eles vêm ajudar a gente eles não conseguem atrasar também. Mas eu pensei que eles iam me ajudar. E começaram a correr, correr. E vai chegando perto das casas tem que correr mais ainda, porque tem a rodovia e a polícia sempre está ali. A hora que a gente tem que dar o máximo da gente e é ali nessa hora e era a hora que eu já não estava conseguindo mais. Eu tropecei e aquela bolsa enganchada na minha cintura me levou no chão fácil ainda. Então eu caí de cara no chão. Eu já estava pingando água e a hora que eu levantei e fiquei puro barro na minha cara, na minha roupa, no meu cabelo e tudo. Aí um cara, esse que estava indo com a gente, ele pegou na minha mão e me arrastou. Ele me ajudou, ele foi uma pessoa que me ajudou. E os meus primos, os meus parentes, estavam na frente correndo, uns cem metros na frente. E esse rapaz veio por mim. Porque ele estava junto com a velhinha atrás, mas ele viu que eu caí e ele veio correndo, passou do meu lado, me puxou, me levantou e nós começamos a correr de novo. E tem a rodovia e vinha vindo uma carreta e eu fiquei com medo. Falei ‘eu já estou sem força e se eu passar na frente da carreta vai que essa carreta passa em cima de mim. Porque vai saber como as coisas aqui são?’ E esperei a carreta e o rapaz atravessou e ficou esperando eu do lado da rodovia. E só passou essa carreta, é muito calma a rodovia, e bem na justa hora passou. E os meus primos já correndo na frente. Já chegaram na primeira rua, no primeiro quarteirão do bairro, nos Estados Unidos. E eu correndo, correndo. A carreta passou e eu comecei a correr. Aí chegamos e eu olhei pra trás pra ver. Falei ‘não, é impossível, a velhinha não agüenta correr’. E eu ali e o coioote abaixou ela numa moita de árvore que tinha. Abaixou ela e os netos dela, porque eles não conseguiam. Aí eu pensei ‘eu fico com eles ou eu vou?’ Eu pensei ‘não, eu não posso ficar porque gente eu estou em outro mundo, eu não conheço esse povo, vim com os meus parentes. Vai saber o que esses coiootes vão fazer comigo. Então eu não posso ficar’. Eu tinha aquela coisa na minha cabeça, aquele medo. Se eu tivesse ficado talvez tinha dado certo. Mas eu peguei e fiquei com medo de eles fazer alguma coisa comigo e segui correndo. Eu falei ‘Não, eu tenho que ir. Tenho que conseguir chegar junto com os meus parentes’. Aí eu avistava eles correndo lá na frente e eu comecei a correr com esse rapaz de novo. E a gente chegou no primeiro quarteirão e estava na frente da terceira casa, perto da esquina, e

a polícia veio. Veio uma mulher no camburão e ela atravessou a rua de camburão e já pegou a gente assim em cima. Atalhou nas nossas costas e parou. E nós tivemos que parar. Eu pensei em correr, só que não dava. Mas eu olhei e ela estava sozinha no camburão. Sozinha. Não tinha polícia e mais ninguém. E o rapaz já deu sinal. Acho que ele já tinha experiência de alguma coisa. Ele me deu sinal que era melhor a gente ficar, esperar. Eu esperei. E ela veio e eu já comecei a chorar. A hora que eu vi ela eu já comecei a chorar e tremia, tremia. Porque eu já não tinha força mais. Ela veio, e eu estava pingando barro, e já pegou nós e já colocou nós dentro do camburão. Já algemou as nossas mãos e chamou mais reforço. Aí já veio quatro camburão. Rapidinho, rapidinho chegaram quatro. E eu nunca esqueço da imagem dos meus parentes correndo na minha frente. Até eu estava do lado direito da rua e eles estavam atravessando do lado direito para o lado esquerdo. E já estavam entrando na casa, aquela fila. Eu nunca, nunca vou esquecer na minha vida essa imagem. Eles já chegando sabe, no destino, entrando na casa pelo menos eles estavam, e eu estava na rua ainda e a polícia me pegando nessa hora. E ela viu eles também lá na frente, uns cem metros. Só que, claro, ela veio pegar nós primeiro que já estava ali do lado dela. Aí chamou o reforço e colocou nós lá dentro e nós ali dentro e eu chorando, chorando. E eu tinha um dinheiro que eu ia entregar para o coio. Eu tinha um dinheiro na minha cintura, dentro da minha calça. Aí eu dei sinal pra esse rapaz de que se eu entregasse esse dinheiro para ela será que ela não deixava a gente se livrar? E ele fez assim (sinal) que não, deu sinal que não, que não era pra eu fazer isso. Acho que ele já tinha experiência de alguma coisa e sabia que não. Porque a polícia do México é muito comprada, eles pegam o dinheiro pra qualquer coisa. Agora dos Estados Unidos não, e o preço tem que ser muito dinheiro. Aí eles me levaram para uma prisão lá e me trocaram de roupa, pediram pra eu trocar de roupa, me deram uma roupa lá usada, qualquer. Levaram esse cara e esse cara foi pego também, eu creio, porque ele estava me ajudando. Porque se ele quisesse se salvar ele se salvava. Eu só lembro que eu chorava, chorava, chorava. E os policiais dali muitos tiravam sarro, sabe, na hora que eu cheguei cheia de barro, chorando, desesperada. Porque muita gente eles pegam e a pessoa não chora e nem nada. Agora eu não. Eu chorava demais porque eu já tinha feito uma tentativa em noventa e nove, que foi a do visto, que foi fracassada. Fui para Londres e não deu certo. Os meus dois primos entraram e não deu certo. Aí chego ali que é o sonho da minha vida, vejo os meus parentes entrando, e a polícia me pega. Então você imagina como eu estava naquela hora, o jeito que eu chorava. Eu chorava de gritar. E eles todos tiravam sarro da minha cara. E eu xingava eles em português, sabe, eu falava. Já estava assim tão pra baixo, com o saco tão cheio, que

nem estava me importando mais se eu estava xingando policial ou quem estava xingando¹⁹¹.

Nos Estados Unidos, Eliana permaneceu detida por cerca de cinco meses em prisões do Texas ao lado de centenas de outras mulheres brasileiras e demais latino-americanas. Entre um presídio e outro seguiam, conforme ela, todas acorrentadas. No último local em que ficou, as instalações eram todas velhas e a comida era de péssima qualidade. No entanto, para as imigrantes que tinham dinheiro, o cardápio podia ser escolhido através de um catálogo. De acordo com Eliana, nesta prisão comprava-se desde sorvete até roupas. Para passar o tempo as imigrantes presas faziam jogos e brincadeiras e liam a Bíblia, um dos poucos livros que circulavam no local. Meses mais tarde chegou à prisão outra brasileira que trazia consigo uma caixa de lápis de cor. Estes lápis foram bastante disputados pelas presidiárias até que foram recolhidos por uma das policiais e resgatados mais tarde por Eliana. A partir desse momento, ela passou a usar os lápis para fazer desenhos que eram trocados com outras imigrantes por produtos, comidas e selos para cartas. Tais desenhos eram enviados por brasileiras e outras latino-americanas aos seus filhos que haviam ficado nos países de origem. Assim, Eliana foi passando até ser convocada para a primeira Corte. Nesta ocasião o advogado contratado, por telefone, por seus parentes que estavam nos Estados Unidos, não compareceu e nova Corte teve que ser agendada. Enquanto isso, brasileiras de Goiás, do Paraná, que haviam estado em Portugal e de diversas localidades chegavam e saíam do presídio no Texas.

Em novembro de 2003, depois de quase cinco meses presa, já com a intervenção de outro advogado e após o pagamento pelos parentes da fiança de mais de 15 mil dólares, Eliana conseguiu finalmente voltar ao Brasil.

Aí eu vim embora, vim embora chorando, chorando. Eu fiz uma surpresa para a minha família. Não falei nada que eu estava vindo embora. Quando estava chegando na minha cidade e o ônibus parou para a gente comer e aí liguei para a minha família falando que eu estava ali no Brasil e já estava chegando. E a minha família já começou a chorar e tudo e a minha irmã já preparou uma comida pra mim. Preparou aquela mesa farta dos brasileiros. E eu cheguei e fui comer, comer, a única coisa que eu queria era comer, comer, comer. Eu nunca me esqueço disso, que eu queria comer¹⁹².

¹⁹¹ - Idem.

¹⁹² - Idem.

De volta ao Brasil, Eliana tentou se readaptar em sua cidade, mas já não conseguiu mais. Segundo ela, a vergonha de ter fracassado tantas vezes a impedia de ficar ali. A partir de então, começou a buscar os documentos de seu avô italiano e reunir informações para ir à Europa.

Aí eu fiquei ali, fui fazer uns bicos, trabalhei numa loja de conveniência outra vez e depois eu falei ‘eu tenho que ir para algum lugar, porque não é impossível’. [...] Se eu quisesse eu podia falar com os médicos e eles me davam o trabalho de novo. Só que eu tinha até vergonha, sabe, porque eu falava tanto em exterior e fui negada em tantos países. Então eu falei ‘não, eu tenho que ir, tenho que ir porque aqui não vai dar não’. E eu estava indecisa entre a Itália, por causa do meu avô, e entre a Espanha, porque o rapaz que me vendia a passagem ele falava pra mim ‘Eliana, a Espanha é melhor. Já que você não conseguiu o documento do seu avô você vai pra Espanha que é melhor’¹⁹³.

Como tinha parentes e amigos em Antequera e outras localidades espanholas, Eliana decidiu tentar outra vez, agora em companhia do namorado Tiago. Para isso, recorreu a uma agência de viagens, financiando as passagens, tirou novo cartão de crédito e partiu novamente com destino a Málaga, na Espanha.

Compramos financiado. O meu cunhado deu cheque financiado e o dinheiro que a gente tinha a gente trouxe para poder passar. Porque, e se a Imigração pede? E tiramos cartão de crédito outra vez e aí viemos. E eu vinha assim orando, orando e lendo a Bíblia na viagem inteira. E vim passando mal a viagem inteira. Deu febre¹⁹⁴.

Ao chegar na Espanha, em junho de 2004, a primeira cidade em que morou foi Alicante. Pouco tempo depois desembarcou com o esposo em Antequera com a intenção de conseguir a deportação para o Brasil em função de sua gravidez. O tempo foi passando e Eliana e Tiago acabaram ficando na cidade, trabalhando na colheita da azeitona, em propriedades agrícolas, na construção civil e, mais recentemente, no caso dela, na faxina. Quando conversamos, em março de 2008, Eliana passava por um momento extremamente difícil. Seu esposo Tiago que, segundo ela, era muito pobre no Brasil, não havia conseguido lidar com o fato de ganhar bastante dinheiro na Espanha, passando a beber com frequência, a ponto de ter que ser internado em uma clínica de dependentes químicos em Málaga.

¹⁹³ - Idem.

¹⁹⁴ - Idem.

Para ela, depois de tudo o que passou, o que mais queria era estar com seu esposo de volta, recuperado, ao lado de sua filha, para poderem reviver os bons momentos que passaram juntos no Brasil e na Espanha.

As histórias de Eliana, de Adão, Joyce, Dener, Márcia, Toninho, João, Maria e tantas outras pessoas que ouvi durante o trabalho de campo em Antequera talvez não retratem o conjunto dos brasileiros nesta cidade. Porém, nos dão pistas para entender como vivem, em que trabalham e quais os locais por onde passaram anteriormente. O que parece claro, é que a estruturação das redes de imigração em Antequera ocorreu a partir dos anos 2000, mesmo já existindo brasileiros na cidade antes dessa data. Outro fator relevante diz respeito ao fato de os locais de origem desses brasileiros serem predominantemente pequenos municípios do estado de Mato Grosso e de Rondônia e de regiões de forte emigração como o Norte do Paraná e o interior de São Paulo. Nesse caso, a mudança de cidade possibilitou a muitos deles manter seus vínculos com o campo, com as ocupações exercidas no Brasil e com amigos e parentes. Além disso, as histórias contadas mostraram que a migração já era algo presente na vida desses brasileiros e de seus antepassados há bastante tempo.

Por outro lado, a atração exercida pelos que emigraram antes é bastante forte, mesmo quando esses tentam convencer os seus conterrâneos a não sair de suas localidades. A pressão policial em relação aos imigrantes em Antequera parece ter contribuído para a saída de muitos brasileiros dessa cidade, mas não tem sido um empecilho para que novas pessoas cheguem semanalmente em busca de uma vida melhor. Os recém-chegados, no entanto, já sabem que não podem se manter visíveis durante muito tempo nos espaços públicos da cidade e se utilizam das redes de imigrantes mais antigos e com papéis para conseguir sobreviver.

A invisibilidade dos brasileiros, ocorre paralelamente ao fato de em uma cidade com um núcleo urbano tão pequeno como Antequera ser mais difícil não se deixar perceber, como ocorrem em grandes centros como Madri e Barcelona. Isto talvez só seja possível porque mantê-los escondidos em casas e locais de trabalho faça parte de um pacto coletivo não escrito e que guarda diferentes interesses.

5.5 - UM OLHAR GERAL SOBRE OS BRASILEIROS EM ANTEQUERA E EM TODA A ESPANHA

Como mostrei ao longo deste capítulo e no capítulo anterior, os processos migratórios entre Brasil e Espanha ocorrem há mais de um século e têm muitos pontos em comum. Até a década de 1990 a tendência foi a emigração espanhola ao Brasil. Após esse período, inicia-se, lentamente, a chegada de brasileiros à Espanha.

Muitos dos brasileiros com quem conversei na Espanha durante o trabalho de campo, realizado em 2008, são descendentes de emigrantes de países do sul da Europa, notadamente da Itália, da Espanha e de Portugal. No entanto, para boa parte deles, a descoberta desses parentes distantes só ocorreu muito recentemente em função da importância da descendência européia para poderem circular livremente na Espanha e em toda a Europa. Além disso, o passado familiar serve como um instrumento de defesa nos conflitos de alteridade que ocorrem cotidianamente em um continente cuja memória da emigração ao Brasil e a outras partes do mundo tem sido cada vez mais ressignificada.

Por outro lado, se para os brasileiros há partes do passado que precisam ser constantemente lembradas, há outras que são difíceis de serem retomadas, porque mexem com sentimentos, com medos, traumas e ausências. Para muitos brasileiros e brasileiras com quem conversei, falar do passado quase sempre implicava em emoção, lágrimas nos olhos, voz alterada, choro contido ou explícito. Isso acontecia mais frequentemente com os recém-chegados, geralmente distantes dos filhos, dos pais, dos amigos e das pessoas queridas. Eram estes também os que mais falavam em voltar aos seus locais de origem no Brasil.

A dificuldade de concretizar o desejo do retorno é sentida à medida que o imigrante não atinge os objetivos traçados antes da partida e sente que se voltar terá que começar tudo de novo em uma condição não muito diferente daquela que deixou para trás. Entre os que voltam, nem todos se acomodam na terra natal, re-emigrando depois de um tempo. Para estes, o destino pode ser o mesmo país onde já estiveram antes ou outro em que a conjuntura econômica esteja favorável e no qual haja pessoas com quem possam fazer contatos e os acolher.

Dos brasileiros com quem conversei, apenas uma parte emigrou diretamente à Espanha e se estabeleceu em uma única cidade. O mais freqüente é uma emigração com

várias escalas e locais de residência. Nesse caso, a presença a partir do final dos anos 1980 e a estruturação de redes de contatos e de trabalho em Portugal, exercem uma importante influência sobre a configuração da emigração à Espanha após o final da década de 1990. Também tem papel decisivo as estruturas voltadas à emigração em diferentes cidades brasileiras, as quais possibilitaram a mudança do perfil do imigrante brasileiro na Espanha nos últimos anos. Um aspecto que chama a atenção em relação a isso, é que parece não haver na Espanha um predomínio de brasileiros oriundos da região de Governador Valadares, como constatei em Portugal. Ao invés disso, há uma presença significativa de imigrantes do Norte do Paraná, do interior do estado de São Paulo, do Mato Grosso e de Rondônia, todos territórios receptores de emigrantes e migrantes ao longo do século XX. Nesse aspecto, é clara a relação entre migrações internas no Brasil e migrações internacionais.

Como mostrei por meio dos depoimentos obtidos na Espanha, a decisão dos emigrantes de sair do Brasil tem sido influenciada por diferentes fatores. Dentre eles, estão as propagandas, positivas e negativas, feitas pelos que partiram antes, os quais vão estimulando a estruturação de pequenas e grandes redes de paisanagem. Também contribui a transformação da emigração em um grande negócio tanto nos lugares de origem como de destino e a sua vinculação direta à situação econômica e social dos imigrantes antes da partida. Para muitos, sair do país pode significar a possibilidade de adquirir uma casa própria, de ter um pedaço de terra, de comprar um carro e de tentar garantir um futuro melhor para si, para os filhos ou outros familiares. O problema é que, dos brasileiros entrevistados, poucos conseguiram atingir esses objetivos. Outro fator importante diz respeito a expansão das fronteiras agrícolas e às ocupações de novas áreas no Brasil. Como mostrou Maria em seu depoimento, as expectativas de melhorar de vida mudando internamente para estados como Mato Grosso e Rondônia, deixaram de existir para muitos brasileiros após a década de 1980. Aliado às transformações nos transportes e nas comunicações e às facilidades oferecidas por agências de emigração e pelos novos *ganchos* brasileiros e espanhóis, hoje tornou-se mais fácil e vantajoso para muitos brasileiros sair do Brasil do que migrar internamente para outros estados. Ou seja, guardadas as devidas especificidades, é um processo semelhante ao que ocorreu com os andaluzes que, até a década de 1950, migravam com mais facilidade à América do que à Europa.

Considerando o quadro atual da imigração brasileira em todo o mundo, é possível afirmar que a Espanha foi uma das grandes “descobertas” dos brasileiros nos

últimos tempos. Mesmo com a maior visibilidade deste coletivo tanto na imprensa espanhola quanto brasileira, especialmente nos últimos dois anos, em função das inúmeras deportações, pode-se dizer que o movimento de brasileiros em direção a este país está ainda em fase de expansão. Isto ocorre, porque, diferente do que acontece em Portugal, a imigração brasileira na Espanha ainda representa muito pouco no conjunto dos outros imigrantes e só agora se consolidou uma emigração profissionalizada nesse país. Além disso, a imagem dos brasileiros na Espanha continua sendo positiva e vinculada à alegria, ao futebol, à sensualidade e a outros estereótipos historicamente construídos, mesmo que em cidades como Antequera esta imagem venha aos poucos se modificando, devido a uma maior presença e visibilidade dos brasileiros nos diferentes espaços desta cidade.

Quanto ao trabalho, tema que será aprofundado no próximo capítulo, a precarização é uma característica forte entre os brasileiros, que tendem a se submeterem às oportunidades laborais oferecidas mesmo que estas impliquem em salários bem abaixo daqueles pagos aos trabalhadores nacionais. Percebe-se também que entre os recém-chegados os primeiros empregos constituem-se de “bicos” ou trabalhos pontuais que são arranjados geralmente por pessoas de suas redes de contatos. A conquista de empregos mais estáveis tende a acontecer à medida que o imigrante amplia suas redes de contato. Em alguns casos, no entanto, o trabalho e o desemprego temporário são uma realidade durante vários anos. As jornadas de trabalho são bastante extensas, principalmente para aqueles que ganham por horas trabalhadas. Há também um grande número de homens e mulheres que têm mais de um emprego, trabalhando inclusive de madrugada e aos finais de semana. Isso ocorre, por exemplo, com as mulheres que trabalham no cuidado de idosos. Boa parte do dinheiro recebido é enviado ao Brasil através de bancos e agências de envio de dinheiro espalhadas em todas as cidades de maior concentração de imigrantes. Nestas cidades há também toda uma rede de serviços voltados à imigração, como cabines telefônicas, lojas de internet, locais para empréstimo financeiro, bares, restaurantes, dentre outros.

Em síntese, a realidade dos brasileiros na Espanha é bastante parecida com aquela vivida, no presente e no passado, por outros imigrantes nesse país e em outros países da Europa e demais continentes, sofrendo variações conforme a conjuntura política e econômica de cada momento e de acordo com as especificidades do local aonde vivem na Espanha e de onde partiram no Brasil.

CAPÍTULO 6

AS FACES DO TRABALHO IMIGRANTE

Ao longo dos cinco primeiros capítulos, apresentei os fluxos migratórios e o cotidiano dos brasileiros em Portugal e na Espanha. Neste capítulo, focarei a análise nos distintos significados que o Trabalho tem na vida dos imigrantes brasileiros entrevistados, mostrando como as histórias contadas se relacionam entre si e com as transformações mais amplas do mundo do trabalho e da sociedade contemporâneos.

A expansão do número de imigrantes brasileiros e de outras nacionalidades na Península Ibérica ocorreu em um contexto de mudanças significativas no mundo do trabalho no continente americano e europeu. Em 1989, apesar das promessas de prosperidade com a implantação da Comunidade Econômica Européia, havia, na Europa, cerca de 15 milhões de desempregados (EXPRESSO, 09/06/1990). Nesse mesmo ano, de acordo com o jornal *Expresso*, ganhava força nos Estados Unidos o discurso do desemprego devido à falta de qualificação profissional dos trabalhadores, enquanto uma “onda clandestina” e de trabalho precário atingia o universo laboral de inúmeros jovens portugueses, pondo fim à era do “contrato a prazo”¹⁹⁵. Enquanto isso, no Brasil, em meio ao desemprego crescente, iniciava-se um processo de reestruturação produtiva que atingiria a indústria, o comércio e outros setores, levando à eliminação de 3,3 milhões de postos de trabalho ao longo da década de 1990 (MATTOSO, 1999).

As mudanças no mundo do trabalho, presentes em todo o mundo no final da década de 1980 e início da década de 1990, não se constituíram em algo novo na História. Elas têm ocorrido constantemente em várias partes do mundo, especialmente após a ascensão do Capitalismo Industrial no final do século XVIII e início do século XIX. Desde esse período, diferentes autores vêm tratando das mazelas geradas por uma sociedade baseada na exploração do trabalho e no lucro. Dentre esses autores, Marx e Engels foram dois dos que mais impactaram a sociedade e o pensamento moderno. Eles mostraram como o capitalismo industrial se tornou hegemônico na nossa sociedade e qual a sua lógica de atuação¹⁹⁶. Segundo eles, uma das principais características dos capitalistas é a exploração da *mais-valia* ou do *sobretabalho* da classe trabalhadora.

¹⁹⁵ - Reportagens sobre esses assuntos foram publicadas por *Expresso* (18/03/1989, p.12R) e *Expresso* (07/01/1989).

¹⁹⁶ - O pensamento destes autores está expresso em diferentes obras, entre elas, *A Ideologia Alemã* (1845-1846), *O Manifesto Comunista* (1848) e *O Capital* (1867).

Para isso, a força de trabalho é tratada como uma mercadoria que pode ser comprada e vendida. Assim, os preços oscilam conforme a lei da oferta e da procura. Dentro dessa lógica, para que os salários não se elevem em excesso é preciso garantir a existência de um “exército de reserva”, que serve para manter a concorrência entre os trabalhadores. Dessa forma, o desemprego foi projetado para ser uma realidade permanente e não algo que poderia ser facilmente superado. Durante o século XIX, boa parte dos trabalhadores que fizeram parte do “exército de reserva” era composta por ex-camponeses e migrantes nacionais e estrangeiros.

Naquele momento, o conceito de proletário, desenvolvido por Marx e Engels associava-se principalmente ao trabalhador de indústria e europeu. Este foi o trabalhador que predominou nas teorias sobre capital e trabalho até o século XX. No entanto, essa concepção de trabalhador se alterou muito a partir da segunda metade do século XX, com a decadência dos níveis de emprego no setor primário e secundário e com a adoção de novos padrões produtivos.

Como se sabe, desde Frederick Taylor (1856-1915) e Henry Ford (1863-1947), o trabalho industrial sofreu profundas mudanças, com a introdução de novas máquinas e a adoção de uma forma cada vez mais racionalizada de organizar a produção. Estas mudanças ficaram conhecidas como padrão taylorista-fordista, o qual teve grande sucesso entre os empresários até os anos 1960 e se manteve com força até que o toyotismo se tornasse o padrão hegemônico a partir dos anos 80.

O predomínio do toyotismo ou “padrão flexível”, como ficou conhecido, se deu em meio a processos mais amplos de mudanças na sociedade e no mundo do trabalho. Tal processo ocorreu especialmente na década de 1990 e atingiu, em cheio, o universo laboral de trabalhadores jovens, mulheres e imigrantes. Entre suas marcas estão a flexibilização e desterritorialização do trabalho, o desemprego e o uso intenso de novas tecnologias, não apenas nas indústrias, mas em todos os setores produtivos.

O presente capítulo trata das faces do trabalho imigrante no contexto pós-fordismo/taylorismo e mostra as principais características desse trabalho entre os brasileiros imigrantes em Portugal, na Espanha e em outros países, sugerindo alterações importantes nas noções de profissão, proletário, desemprego, família, gênero, trabalho, comunidade, futuro, direitos trabalhistas e cidadania.

6.1 - FLEXIBILIZAÇÃO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E DESEMPREGO:

o trabalho entre o final do século XX e início do XXI

Em 1991, Rosana Miyashiro e seu esposo Edu partiram de São Paulo rumo ao Japão. A decisão de sair do país havia sido tomada após mais de seis meses desempregados no Brasil. Para a viagem, o casal usou das estruturas montadas por outros *dekasseguis* desde o final da década de 1980 e aproveitou-se das facilidades oferecidas pelo governo do Japão a imigrantes *nikeis*.

No Japão, Rosana trabalhou, entre outros locais, na fábrica da Sony e conheceu de perto a adoção de um padrão produtivo que só mais tarde começaria a ser implantado pelas empresas brasileiras: o toyotismo. Seu trabalho, segundo me informou em entrevista concedida em junho de 2006, era montar componentes de câmeras filmadoras em uma linha de produção que mesclava o trabalho em série dos tempos do fordismo e novas estratégias de gestão, próprias do toyotismo.

Do ponto de vista da produção era bem aquilo do Chaplin, engrenagem da produção, porque era uma esteira de produção. Agora na gestão é o seguinte, você tinha o tempo de trabalho. Eu tinha vinte segundos pra fazer o meu trabalho que era apertar três parafusos, conectar dois cabos e testar três botões. Vinte segundos para fazer isso. Mas obviamente que o parafusar era elétrico, a chave de fenda elétrica com um ímã. Então era pegar o parafuso e apertar o botão. E caso existisse algum defeito, se eu não fizesse bem aquele trabalho tinha a carinha vermelha¹⁹⁷.

Outras características do trabalho no Japão eram, segundo Rosana, a ginástica laboral, a premiação do trabalhador modelo, “aquele que não tivesse nenhum erro, que fosse mais ágil na linha de produção”¹⁹⁸, a produção enxuta, “era a produção já contratada, já vendida” e “sem desperdício” e o emprego de jovens imigrantes e trabalhadores nacionais.

A experiência vivida por Rosana na indústria japonesa no início dos anos 90 ocorreu em um contexto de rápidas transformações do mundo do trabalho. Tais transformações marcaram o início da hegemonia do toyotismo nos processos produtivos em todo o mundo.

¹⁹⁷ - MIYASHIRO, Rosana. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Florianópolis, 01 jun. 2006.

¹⁹⁸ - Idem.

Para a maior parte dos trabalhadores, a entrada em cena do toyotismo representou uma nova forma de conceber o trabalho e a empresa, e implicou no aumento da produtividade. Livre das estruturas verticais das antigas fábricas, o trabalhador contemporâneo se tornou parte de uma “empresa flexível” e “enxuta” que exige um operário flexível, multifuncional, participativo e aberto ao trabalho em equipe e à resolução de problemas. A qualidade dos produtos passou a ser responsabilidade dos “círculos de controle de qualidade”, do qual participavam todos os trabalhadores de uma mesma “célula” de produção. Outras características do toyotismo foram a descentralização da produção por meio da terceirização dos serviços a outras empresas, a flexibilização das jornadas de trabalho e dos direitos dos trabalhadores e o grande investimento em novas tecnologias voltadas ao aumento da produção e da produtividade. No campo ideológico o toyotismo construiu o discurso do “trabalhador-patrão”, ou seja, aquele que veste a camisa da empresa e se dedica ao máximo para o sucesso desta. Nessa perspectiva foram forjados termos como “colaborador”, “associado” e “cooperado”, visando desfocar a antiga dualidade construída pelo movimento operário que opunha patrões e empregados.

Esse processo de mudanças, que iniciou mais fortemente nas indústrias japonesas e se espalhou por outros países e setores da economia, se acirrou na década de 1990 com a internacionalização radical da economia, com a desterritorialização do trabalho e com o aumento das taxas de desemprego. Nesse novo cenário internacional em que se mesclaram toyotismo, neoliberalismo e globalização, jogou-se cada vez mais ao trabalhador a responsabilidade pelo desemprego e pelos baixos salários. A partir de então, a saída apresentada pelo capital para muitos trabalhadores, centrou-se na busca de uma maior qualificação profissional, enquanto outros passariam a buscar a sobrevivência ou a melhoria de vida através das migrações.

Para Kovács (2001, p. 59), entre as conseqüências para os trabalhadores da adoção do modelo de empresa flexível “pós-taylorista” estão a “substituição massiva dos trabalhadores com idades superiores há 50 anos por um reduzido número de jovens recentemente formados”, a “redução do número de empregos baseados em contratos de longa duração ou a tempo indeterminado”, o “aumento substancial das formas instáveis de emprego”, a “procura do recurso humano mais qualificado possível ao preço mais baixo possível” e a “utilização da mão-de-obra pouco ou nada qualificada dos países mais pobres a preço mais baixo possível”. Todos estes fatores, segundo Kovács, vêm sendo associados pelos empresários ao aumento da competitividade internacional e do

lucro e têm gerado dois grupos de trabalhadores no mesmo local de trabalho. O primeiro grupo é constituído por um reduzido número de trabalhadores estáveis e bem pagos, enquanto o outro é formado por “formas de empregos periféricos”, que envolvem trabalhadores temporários, subcontratados por empresas de terceirização de força de trabalho e que se encontram em situação de exclusão no mundo do trabalho (KOVÁCS, 2001, p. 59-63).

Antunes (2005) enumera nove pontos que considera reveladores das novas faces do trabalho em tempos de hegemonia do padrão produtivo flexível. São eles: 1) a “crescente redução do proletariado fabril estável, que se desenvolveu na vigência do binômio taylorismo/fordismo; 2) um “enorme incremento do novo proletariado, do subproletariado fabril e de serviços, o que tem sido denominado mundialmente de trabalho precarizado”, associado à desaparecimento de inúmeras profissões; 3) “um incremento dos assalariados médios e de serviços”; 4) a “exclusão de jovens e dos idosos do mercado de trabalho”; 5) a “inclusão precoce e criminosa de crianças no mercado de trabalho, particularmente nos países de industrialização intermediária e subordinada”; 6) um “aumento significativo do trabalho feminino”, o qual é absorvido especialmente no “universo do trabalho *part-time*, precarizado e desregulamentado”; 7) uma expansão do trabalho no denominado “Terceiro Setor”, “especialmente em países capitalistas avançados, como EUA, Inglaterra, entre outros”; 8) a “expansão do trabalho em domicílio, propiciada pela desconcentração do processo produtivo”; e 9) uma “conformação mais complexa da classe trabalhadora”, cada vez mais “re-territorializada” e “des-territorializada” (ANTUNES, 2005, p. 28-31). Todos esses fatores apontados por Antunes estão associados ao desemprego crescente e ao uso cada vez mais intenso de novas tecnologias nos locais de trabalho.

Conforme mostrou Rifkin (1995), o final do século XX foi o período no qual milhões de trabalhadores perderam seus empregos em virtude de uma utilização sem precedentes de máquinas e novas tecnologias. Segundo ele, esta é uma “nova fase na história do mundo”, na qual cada vez menos trabalhadores são necessários para produzir bens e serviços para a população global.

Dessa forma, mais do que uma situação momentânea, estar desempregado tornou-se, ao longo dos anos 1990, algo permanente para milhares de trabalhadores. É isso que aponta não apenas Rifkin, mas também Robert Castel, em *As Metamorfoses da Questão Social*. Castel, confirmando o que Marx já havia dito no século XIX, mostra que o desemprego existente na sociedade contemporânea “não é uma bolha que se

formou nas relações de trabalho”, sendo algo atípico que pode ser simplesmente eliminado, mas é parte da dinâmica do sistema capitalista moderno (CASTEL, 1998, p.516-517). Dessa forma, o desemprego recorrente não é senão uma importante dimensão do mercado do emprego. Assim, segundo Castel, toda uma população, sobretudo de jovens, aparece como relativamente empregável para tarefas de curta duração, durante alguns meses ou algumas semanas, e mais facilmente ainda passível de ser demitida. São os “supranumerários” não-integrados ou não-integráveis à sociedade capitalista (Ibid., p.530).

Apesar dessa realidade, Castel afirma que “[...] o trabalho continua sendo uma referência não só economicamente, mas também psicologicamente, culturalmente e simbolicamente dominante, como provam as reações dos que não o têm” (Ibid., p. 578). E isto não apenas em um país ou outro, mas no mundo inteiro. Por outro lado, é por meio do trabalho que homens e mulheres garantem sua sobrevivência, seja nas suas cidades natais ou buscando novas terras.

Conforme Ricardo Antunes (2006), o que se está presenciando no mundo todo, desde o final do século XX, é um movimento que tem, de um lado, cada vez menos homens e mulheres que trabalham muito, em ritmo e intensidade semelhantes ao início do capitalismo industrial, e, por outro lado, cada vez mais homens e mulheres que encontram menos trabalho em seus locais de origem e acabam “esparramando-se pelo mundo” em busca de qualquer labor (ANTUNES, 2006, p. 55). Trata-se, segundo Antunes, de uma “nova polissemia” ou “nova morfologia” do trabalho que atinge diferentes setores da economia mundial, desde o operariado industrial e rural clássicos, em processo de encolhimento, até os assalariados de serviços, os novos contingentes de homens e mulheres terceirizados, subcontratados e temporários que se ampliam (Ibid., p.56).

Essas mudanças que vêm ocorrendo no mundo do trabalho na atualidade são, na opinião de István Mészáros (2002), reflexo de um processo maior, de expansão e acumulação do sistema do capital em escala mundial. Segundo Mészáros, o que tem sido vivenciado atualmente pela classe trabalhadora é o fim das concessões que haviam sido feitas pelo capital em décadas anteriores. Ou seja, é o desmonte das políticas keynesianas e um ataque às bases do Estado de Bem-Estar-Social. Isso vem ocorrendo paralelamente a uma etapa de concentração das riquezas mundiais nas mãos de pouquíssimas empresas transnacionais, que tem suas sedes nos países centrais e de lá administram seus negócios espalhados pelo mundo.

Nessa nova fase do capitalismo globalizado, o desemprego, diferente do que ocorria no início da era industrial, já não é mais, de acordo com Mészáros, um “elemento bem-vindo e necessário” para a boa saúde do capital, mas uma “sombra realmente ameaçadora” que paira sobre todo o sistema (MÉSZÁROS, p. 332-333). Da mesma forma, se durante muito tempo o desemprego foi tratado como um problema restrito aos países periféricos que ainda não haviam recebido os “benefícios” do desenvolvimento industrial e tecnológico, hoje atinge todos os países, inclusive os de capitalismo avançado ou de matriz socialista. Além disso, não está mais restrito apenas aos trabalhadores sem qualificação e com baixa escolaridade, mas atinge também os trabalhadores muito qualificados e com um nível de escolarização elevado. Trata-se, portanto, de um momento de multiplicação incontrolável do que Mészáros chama de “força de trabalho supérflua”.

Contudo, essas mesmas grandes massas de pessoas que continuam a ser expulsas do processo de trabalho e consideradas “redundantes” sob a ótica do trabalho, estão longe de poderem ser consideradas supérfluas como consumidoras que asseguram a continuidade da reprodução ampliada e da auto-valorização do capital (MÉSZÁROS, p. 322).

Para Néstor Canclini (2006), a participação na sociedade atual é organizada cada vez mais por meio do consumo. Segundo ele, graças aos meios eletrônicos como televisão, rádio e internet, vêm sendo estabelecidas outras maneiras de se informar, de entender as comunidades a que se pertence, de conceber e exercer os direitos. Com isso, novidades modernas aparecem para a maioria da população apenas como objetos de consumo, e para muitos apenas como espetáculo. Assim, o ato de consumir acaba sendo, para as grandes massas, uma maneira de tornar mais inteligível um mundo onde o sólido parece se evaporar. Já para o capital, mercadorias e consumo servem para ordenar politicamente cada sociedade, fazendo com que os grupos locais integrem-se e identifiquem-se cada vez mais ao que Canclini chama de “comunidades internacionais de consumidores”. “Nas novas gerações as identidades se organizam menos em torno dos símbolos histórico-territoriais, os da memória pátria, do que em torno dos de Hollywood, Televisa ou Benetton” (CANCLINI, 2006, p. 48). É, portanto, devido ao avanço tecnológico que se torna possível a ampliação da produção e as mudanças constantes no *design* de objetos. Tudo isso, articulado com poderosas estratégias de *marketing*, permite a ampliação de desejos e expectativas de consumo em todas as

camadas sociais, inclusive entre aquelas que vêm sendo expulsas do processo produtivo em virtude do avanço tecnológico e do desemprego.

Até que ponto a emergência destes novos padrões de consumo afetam o processo migratório que está sendo discutido nesta tese?

Certamente não são poucas as influências. Como mostrei nos capítulos anteriores, os deslocamentos das pessoas com quem conversei foram, em grande parte, motivados por desejos e expectativas de consumo. Migrar para realizar o “sonho” da casa própria, para comprar um carro ou para adquirir objetos até então inacessíveis no Brasil é algo recorrente entre os migrantes internacionais da atualidade. É claro que não é apenas isso que motiva esses deslocamentos, mas é inegável a influência da lógica atual de consumo na vida dos migrantes e dos candidatos a emigrantes. Tanto é assim, que uma das práticas comuns entre os que deixam o seu país é exibir, como símbolo do seu sucesso, tudo o que conseguiram adquirir desde que chegaram ao outro país: casas, carros, motos, celulares e outros produtos. Caso não consigam minimamente isso, são, em geral, tratados como fracassados. Misturam-se aí, portanto, a busca de acesso a direitos básicos como moradia e alimentação com desejos de integrar-se a já mencionada “comunidade internacional de consumidores”. Portanto, os migrantes internacionais da atualidade sofrem influência destes três fatores: o consumo de massa, o desemprego estrutural e as transformações no mundo do trabalho.

Para Saskia Sassen (2003a), outro fator que interfere diretamente nas migrações internacionais é o atual processo de globalização e mundialização da economia. Segundo Sassen, a imigração é um dos processos constitutivos da globalização atual, “ainda que não seja reconhecida ou não esteja representada como tal nos registros gerais da economia global” (SASSEN, 2003a, p. 17, tradução nossa). Neste contexto, em que emergem cidades globais, há, conforme a autora, uma nova geografia da centralidade e da marginalidade, com lugares estratégicos não só para o capital, mas também para uma força de trabalho transnacional, composta basicamente por trabalhadores de serviços. De acordo com Sassen, as migrações internacionais “estão parcialmente incorporadas às condições produzidas pela internacionalização econômica tanto nas áreas que recebem como nas que enviam emigrantes” (SASSEN, 2003a, p. 40, tradução nossa). Além disso, segundo Sassen (2003b), a “exportação de trabalhadores e trabalhadoras” e as remessas feitas pelos imigrantes são “instrumentos a disposição dos governos” para amortizar o desemprego e a dívida externa em vários países (SASSEN, 2003b, p.61). Dessa forma, os deslocamentos populacionais não são atos isolados que ocorrem

simplesmente por vontade própria dos indivíduos e que têm conseqüências apenas individuais, mas são, em grande parte, o resultado de ações desencadeadas propositadamente tanto pela iniciativa privada quanto pelo poder público. “A internacionalização econômica e a geopolítica resultante de velhos padrões coloniais sugerem que a responsabilidade pela imigração pode não ser exclusivamente dos imigrantes”, afirma Sassen (2003a, p. 40-41). Um dos exemplos dados pela autora, em relação a essa afirmativa, é a política de subsídio de países ricos, os quais investem bilhões de dólares para ajudar os produtores nacionais e acabam estimulando o desemprego e a miséria em diversos países pobres. Foi o que ocorreu, segundo Sassen, entre 1982 e 1988, quando os estadunidenses pagaram três bilhões de dólares anuais em impostos para subsidiar o preço do açúcar dos produtores nacionais, estimulando a concorrência com o açúcar do Caribe, o que resultou na perda de 400 mil postos de trabalho nessa região. Na mesma década, aumentou significativamente a imigração de caribenhos em direção aos Estados Unidos (SASSEN, 2003a, p. 47).

Portanto, ao emigrar, brasileiros e outros grupos ligam-se não apenas às redes de contato que lhes permitem viver e trabalhar em outros países, mas incorporam-se a uma dinâmica maior de movimentação de fluxos de capitais, de mercadorias, de remessas e de pessoas. Notadamente em Portugal e na Espanha, os imigrantes têm um papel estratégico no contexto econômico de pequenas e grandes cidades como Lisboa, Madri, Porto, Sevilha, Costa da Caparica, Antequera e tantas outras. Nessas cidades, mesmo ocupando espaços marginais e desempenhando trabalhos aparentemente sobrantes, contribuem para a expansão e desterritorialização do capital em nível nacional e internacional e para o incremento do PIB brasileiro e da Península Ibérica.

Diretamente, os imigrantes brasileiros e de outros países, estimulam a existência de uma rede de negócios que envolve desde o pequeno comerciante que fornece alimentos aos que ficaram no país de origem, até o capital especulativo e as grandes corporações internacionais. Dessa rede, fazem parte também agências de viagens, bancos, correios, financeiras, operadoras de cartão de crédito, de telefone, de internet, casas de câmbio, de envio e de recebimento de dinheiro, imobiliárias, construtoras, companhias aéreas e de transporte terrestre, hotéis, serviços de táxi e de alimentação, entre tantos outros. Há, ainda, toda uma série de serviços prestados por atravessadores, agenciadores, coíotes, falsificadores de documentos, cafetões, agiotas e outros que atuam na clandestinidade, mas que são essenciais para a manutenção e redirecionamento dos fluxos migratórios aos países com maior demanda de força de trabalho imigrante.

É em função do exposto acima que tratar de temas como Migrações Internacionais e Mundo do Trabalho numa perspectiva macroestrutural é fundamental neste início de século, período em que as teorias sobre a pós-modernidade continuam em alta no meio acadêmico, encantando inclusive muitos historiadores¹⁹⁹. Fazer isso não significa a homogeneização dos processos históricos, das classes sociais, dos trabalhadores e dos migrantes internacionais, mas, ao contrário, significa considerar que estes últimos são o resultado de um processo dinâmico que envolve o local e o global, ou, como afirmou Laclau (1992), o particular e universal.

O diálogo com essas diferentes escalas nos permite abordar os temas investigados nesta pesquisa de forma dialética e em sintonia com a realidade do mundo contemporâneo que, como mostrou Boaventura de Sousa Santos (2002), tem como uma de suas marcas a intensificação dos processos de globalização e, ao mesmo tempo, de localização, desterritorialização das relações sociais e a construção de novas identidades, territórios, formas de pertencimento e solidariedade. Para Santos, aquilo que habitualmente designamos por globalização são de fato “conjuntos diferenciados de relações sociais”, “localismos globalizados”, “globalismos localizados”, “globalizações” (SANTOS, 2002, p. 55). Não há, portanto, oposição entre o local e o global, mas, ao contrário, uma intensa interação, que pode ser percebida, entre outras formas, pelos fluxos contemporâneos do capital e pela hegemonia do padrão flexível nos processos de trabalho. Porém, se por um lado, o capital, por meio de empresas ou transações financeiras, torna-se cada vez mais transnacional, deslocando-se rápida e constantemente entre diferentes localidades do globo, o mesmo já se pode afirmar também em relação aos trabalhadores que, através das migrações, rompem com os limites entre o local e o global, tornando transnacional também sua força de trabalho. Além disso, esses trabalhadores não necessariamente conformam-se a um único movimento de partida e de chegada e, mesmo nos diferentes destinos escolhidos, não deixam de ter uma constante interação com suas localidades de origem, seja enviando dinheiro e notícias, fazendo investimentos em imóveis e pequenos negócios ou tentando transplantar para o novo local parte do que ficou para trás²⁰⁰.

¹⁹⁹ - Uma excelente análise a esse respeito foi feita pelo historiador brasileiro Carlos Zacarias F. de Sena Júnior em um artigo intitulado “A dialética em questão: considerações teórico-metodológicas sobre a historiografia contemporânea”, publicado na edição número 48 da Revista Brasileira de História.

²⁰⁰ - Assis (1995 e 2004) mostrou os inúmeros significados e implicações de “estar aqui” e “estar lá”, a partir de estudos com brasileiros migrantes e suas famílias, e as conexões transnacionais estabelecidas por estes entre Governador Valadares e os Estados Unidos e Criciúma e Boston.

A análise das redes que ligam o global e o local nos coloca diante do desafio de explicitar as contradições e inter-relações dos processos recentes de migração internacional e transformações do mundo do trabalho. No presente trabalho foram considerados esses “jogos de escalas” (REVEL, 1998), as redes e o fluxo transnacional da migração contemporânea.

No cenário atual, em que o olhar, a partir do tempo presente, focaliza rápidas mudanças na sociedade, nas relações entre local e global e no trabalho é preciso considerar que não se está diante do fim do trabalho, das classes sociais e da história, como propõem diferentes autores contemporâneos. Trata-se, ao contrário, de uma reconfiguração da sociedade de classes e da ascensão de novas noções de pertencimento, misturadas a desejos de consumo, distintas estratégias de organização e de luta e de inserção num mundo do trabalho cada vez mais precarizado e desterritorializado. Nesse contexto, antigos direitos como horas extras, final de semana remunerado, férias, décimo terceiro, seguridade social que garante auxílio doença, licença maternidade e aposentadoria, entre outros direitos duramente conquistados, deixam aos poucos de fazer parte do universo laboral de milhões de trabalhadores em todo o mundo. E dentre os que mais vivem no cotidiano a precarização do trabalho e o rebaixamento da massa salarial, estão os trabalhadores imigrantes. Isso não significa, como já mostrei acima, que estes estejam em um mundo do trabalho distinto dos demais trabalhadores, já que estão contabilizados, como precarizados, no conjunto daqueles que devem ajudar a produzir a riqueza mundial.

Os trabalhadores imigrantes continuam, há mais de dois séculos, sendo peças fundamentais na engrenagem que compõe a sociedade capitalista. Nos últimos 50 anos, têm sido cada vez mais requisitados a contribuir com o desenvolvimento do setor de serviços, em franca expansão após o fim da Segunda Guerra Mundial. A presença de imigrantes neste setor ficou bastante evidente no trabalho de campo que realizei em Portugal e na Espanha e nas entrevistas que gravei com imigrantes brasileiros nos Estados Unidos, na Inglaterra, no Canadá, na Itália, na Alemanha e no Japão. Além do setor de serviços, os imigrantes continuam sendo fundamentais na indústria, na construção civil e na agricultura, conforme mostrarei a seguir, a partir dos casos dos trabalhadores da construção civil, da hotelaria, da limpeza e do cuidado de pessoas, da azeitona e de *invernaderos*.

6.2 - O TRABALHO LONGE DE CASA

O cotidiano do trabalho longe de casa mostra os múltiplos fatores e as múltiplas facetas que compõem o mundo do trabalho neste início de século.

Como tenho mostrado ao longo desta tese, o trabalho é um elemento central na vida dos brasileiros em Portugal e na Espanha. Por meio do trabalho, estes e muitos outros imigrantes garantem não apenas sua subsistência, mas também ampliam suas redes de contato, conquistam novos espaços nas sociedades receptoras e habilitam-se a serem reconhecidos como cidadãos de direito. Além disso, a conquista de um trabalho digno pode favorecer o desejo de permanência e a integração no país de destino, assim como sua ausência geralmente estimula o sentimento de transitoriedade e a projeção do retorno, mesmo que este último muitas vezes não aconteça.

Para a maioria dos brasileiros entrevistados, trabalhar fora de casa não é nenhuma novidade. Ao contrário, as histórias ouvidas mostram que muitos dos que se encontravam na Península Ibérica, em 2007 e 2008, começaram a trabalhar muito cedo no Brasil, em alguns casos ainda quando crianças. As funções exercidas longe de casa também não se distinguem tanto daquelas desenvolvidas no país de origem. As maiores distinções ocorrem no caso de brasileiros com maior renda e escolaridade.

Quanto aos setores de maior atuação, predominam os empregados na Construção Civil, na Faxina e Serviços Domésticos, na Hotelaria, em Restaurantes, no setor de Serviços em Geral e na Agricultura. A seguir serão abordados alguns destes setores, tomando como referência as histórias de vida contadas pelos brasileiros em Portugal, na Espanha e em outros países.

6.2.1 - O Trabalho na Construção Civil

Historicamente o setor da construção civil e obras públicas tem sido um dos que mais empregaram migrantes em todo o mundo e é, hoje, um dos primeiros setores onde atuam muitos daqueles que escolheram Portugal e Espanha para viver e trabalhar.

Isso ocorre especialmente porque a construção civil continua sendo um setor que exige poucas qualificações dos recém-chegados e permite que mesmo trabalhadores indocumentados possam atuar. Apesar de ser um setor regulamentado e fiscalizado pelo Estado, é um dos espaços nos quais há, paralelamente ao emprego formal, um imenso submundo do emprego em que predominam a precarização e a exploração do trabalho.

Em Portugal, esse é um setor de forte atuação de imigrantes angolanos, cabo-verdianos, brasileiros e ucranianos. Já na Espanha, predominam marroquinos, imigrantes do leste europeu e latino-americanos. Nos dois países, opera uma rede de subempreiteiras, muitas delas dirigidas por imigrantes há mais tempo no local ou com maior capacidade de articulação junto a empresas nacionais. Estas subempreiteiras são, portanto, pequenas “empresas étnicas” que atuam como subcontratadas de empresas maiores. No trabalho de campo em Portugal e na Espanha conheci diferentes brasileiros que empregavam outros brasileiros como pedreiros, serventes de pedreiro, colocador de teto falso, entre outras atividades no ramo da construção civil. Essa realidade permite que em uma mesma obra existam trabalhadores empregados por diferentes patrões, às vezes exercendo ocupações similares, com distintos salários e condições de trabalho. Outra característica é a existência de vários atravessadores entre o que assume o serviço e aqueles que de fato executam a obra.

Grande número de trabalhadores da construção civil mora na própria obra, em moradias provisórias como barracas e *containers*, conforme mostrei no terceiro capítulo a partir da história de Silvio, brasileiro que hoje vive em Portugal, ou em outras habitações providenciadas pelos patrões. Em função de serem subcontratados, predomina entre os trabalhadores imigrantes o pagamento por horas trabalhadas, cujo valor varia entre quatro e doze euros por hora de trabalho, conforme o local de trabalho e o patrão. O pagamento por horas trabalhadas estimula os imigrantes a realizarem longas jornadas de trabalho, pois assim garantem melhores salários e podem reunir economias para enviar aos seus países ou se precaverem de momentos de desemprego, que tendem a existir entre uma obra e outra. Para muitos brasileiros com quem conversei em Portugal e Espanha, o desemprego esteve presente em suas trajetórias profissionais durante vários meses, tendo momentaneamente inexistido quando conseguiam fazer alguns bicos na construção civil e em outros setores. Isso ocorre com frequência em cidades turísticas, as quais permitem aos trabalhadores migrantes mesclarem o tempo de trabalho entre restaurantes, o comércio ambulante, o setor de serviços em geral e a construção civil.

Tanto em Portugal quanto na Espanha a grande maioria dos imigrantes empregados é do sexo masculino. No entanto, gradativamente, o setor também começa a empregar mulheres, as quais ocupam distintas funções, desde a limpeza de obras e o trabalho com acabamentos até o trabalho como motoristas de máquinas. Além disso, o setor também vem, cada vez mais, aderindo a novas tecnologias que aumentam a

produtividade dos trabalhadores e agilizam a entrega das obras aos proprietários. Infelizmente, o uso de novas tecnologias e de modernos equipamentos de segurança não têm sido suficientes para evitar milhares de mortes e acidentes todos os anos nesse setor. Na Espanha, segundo a Federação Estatal da Construção, Madeira e Afins (FECOMA) ligada às *Comisiones Obreras*, anualmente ocorrem mais de 250 mil acidentes na construção civil, o que representa quase 30% do total de acidentes de todos os setores econômicos do país. As razões para tantos acidentes são, segundo a FECOMA, as subcontratações indiscriminadas, as longas jornadas de trabalho, os trabalhos pagos por tarefas, os empregos temporários e as condições extremas que sofrem os trabalhadores. Soma-se a isso o fato de muitos trabalhadores usarem equipamentos de segurança inadequados ou não os utilizarem, muitas vezes por nem sequer serem disponibilizados aos imigrantes.

Realidade semelhante enfrentam os trabalhadores da construção civil em Portugal, conforme informaram João Serpa e Aquilino Coelho, do Sindicato da Construção do Sul, ligado a CGTP-IN, em entrevista concedida em Lisboa em dezembro de 2007. De acordo com eles, em Portugal também atuam inúmeras subempreiteiras, as quais empregam precariamente milhares de imigrantes. Algumas dessas subempreiteiras fecham as portas logo após concluírem as obras, deixando diversos trabalhadores desempregados e até sem salário. Este é, segundo Serpa, o momento em que alguns trabalhadores procuram o sindicato para tentar garantir os seus direitos, o que não significa que estejam engajados nas lutas posteriores desencadeadas pela categoria. Assim como ocorre em todas as categorias, a organização sindical no setor da construção civil é uma tarefa árdua e que nem sempre traz os resultados esperados.

Para muitos trabalhadores brasileiros, que estavam atuando nesse setor em Portugal e na Espanha, em 2007 e 2008, direitos como férias remuneradas, décimo terceiro salário, contrato de trabalho, final de semana remunerado e aposentadoria não fazem parte do seu cotidiano. “Aqui eu não tenho nada disso. Aqui eles querem me dar um contrato, mas eu que tenho que assumir todas as despesas do contrato. Eu não tenho as condições de assumir as despesas do contrato aqui. E a despesa do contrato é trezentos e poucos euros, praticamente a metade do meu salário aqui em Portugal”, relatou Jorge, em entrevista realizada em 2007 na Costa da Caparica²⁰¹. “Uai, com cinco

²⁰¹ - JORGE. Op. cit.

anos aqui, tirei agora uns dias para descansar um pouco e já estou agora com a cabeça quente querendo trabalhar. Férias por minha conta. Porque a empresa que eu trabalho é temporária. A gente não recebe nada. Então eu tirei para descansar pela minha conta. [...] É esse o contrato. E é em todas as empresas de trabalho temporário. Ninguém paga nada não”²⁰², contou Sebastião, um ex-agricultor de Minas Gerais que, em 2007, também morava na Costa da Caparica. Para ele, mesmo estando excluído de vários direitos, pagos aos trabalhadores documentados e aos nacionais, um dos principais instrumentos de luta dos trabalhadores, o sindicato, pouco pode contribuir para a melhoria de sua condição de trabalho em Portugal, já que “funciona mais no Brasil”. “Eu nunca mexi em nada disso. Eu nunca precisei mexer com isso. Eu não me preocupo com isso”, relatou. Situação semelhante a de Jorge e Sebastião era vivenciada por Seo Onofre, também um ex-agricultor de Minas Gerais. No trecho abaixo, ele afirma nunca ter recebido nada além de seu salário, exceto uma única vez em que foi pago parte de suas férias, o que não significa que tenha tido a possibilidade de deixar de trabalhar um instante sequer para passear, se divertir e descansar.

Aqui eu digo a verdade. Praticamente eu não tive isso, mas já vejo muita gente a dizer ‘Epa, eu trabalho para uma empresa e a empresa faz isso, faz aquilo, faz aquilo outro. O salário é menos mas eu tenho minhas férias, tenho o décimo terceiro, tem isso e aquilo e aquilo outro’. Então quer dizer, eu pelo menos nunca tive isso em lado nenhum. Se um dia eu disser assim: ‘vou ficar à toa um mês, dois meses, três meses, quatro meses, isso é por minha conta. Nunca tive isso. Dizer assim, o patrão ‘tá aqui seu salário, tá aqui seu décimo terceiro, tem aqui mais suas férias, está aqui’. Já, eu vou dizer a você que já recebi uma parte das férias. Mas de eu receber aqui e ir ali para passear, se divertir, nunca²⁰³.

Em geral, a situação dos brasileiros da construção civil em Portugal e na Espanha é bastante parecida a de imigrantes de outros países, predominando baixos salários, subcontratações, jornadas superiores a 12 horas por dia, distribuídas em seis e até sete dias de trabalho por semana, além de vários momentos de desemprego.

Em Portugal, o auge da construção civil foi a década de 1990, com inúmeras obras estruturais feitas com fundos europeus, conforme mostrei no terceiro capítulo. Na Espanha, a construção civil ganhou força na década de 1990 e ainda mantinha-se, em

²⁰² - SEBASTIÃO. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, Portugal, out. 2007.

²⁰³ - ONOFRE. Op. cit.

abril de 2008, como um dos setores que mais empregavam imigrantes e trabalhadores nacionais, fruto da expansão do setor imobiliário. As maiores oportunidades de trabalho e de salário na construção civil e em outros setores atraíram milhares de brasileiros para a Espanha após o início dos anos 2000, tanto de Portugal quanto diretamente de várias cidades do Brasil, conforme mostrei no terceiro capítulo desta tese. À época do trabalho de campo na Espanha, no entanto, já ocorria também neste país uma desaceleração do setor da construção civil e muitos brasileiros começavam a sentir cada vez mais dificuldades de conseguir novos empregos, especialmente aqueles que viviam em pequenas cidades como Antequera e Cádiz.

6.2.2 - O Trabalho no Cuidado de Pessoas e na Limpeza

Assim como a construção civil, o trabalho no cuidado de pessoas e na limpeza é a porta de entrada para o mundo do trabalho estrangeiro para milhares de imigrantes. Nesse caso, porém, predominam as mulheres.

Considerado historicamente como “trabalho sujo”, esse tem sido o local de atuação de imigrantes em diferentes partes do mundo. Conforme mostrei em artigo escrito em 2008 (SILVA, 2008a), a limpeza e o cuidado de pessoas empregam, há mais de uma década, centenas de mulheres brasileiras especialmente nos Estados Unidos. Neste país, diversas brasileiras iniciam sua atuação no setor por meio de agências de empregos ou por meio de outras conterrâneas, as quais subcontratam as recém-chegadas para atuar na limpeza de casas e apartamentos ou lhes vendem “pontos de faxina”. Estudos feitos por Assis (2004), Martes (1999) e outros autores, mostram que existe uma rede de trabalhadoras latino-americanas da faxina muito bem estruturada nos Estados Unidos. O “negócio da faxina”, segundo Assis (2004, p. 311), mesmo sendo exercido também por homens, é fortemente marcado pela presença e domínio das mulheres, em especial as brasileiras, e caracteriza-se por não requerer muito conhecimento da língua, nem habilidades específicas, além de ser uma boa oportunidade para muitas imigrantes se inserirem num mercado de trabalho que, para as brasileiras nos Estados Unidos, além de bem remunerado, é considerado autônomo.

Para Sassen (2003b), a atuação das mulheres nesse setor faz parte de um contexto maior, de crescimento de uma ampla variedade de “circuitos globais alternativos” de geração de ingressos, obtenção de renda e financiamentos governamentais. Estes circuitos, de acordo com ela, “incorporam um número crescente

de mulheres”, desde aquelas vinculadas ao tráfico de mulheres para a prostituição até as que emigram para o trabalho regular ou para atuar na “economia submergida” como cuidadoras de pessoas e no trabalho doméstico (SASSEN, 2003b, p. 65).

Tanto nos Estados Unidos quanto na Inglaterra, Portugal e Espanha, o trabalho no cuidado de pessoas e na limpeza é uma espécie de estágio inicial de muitas brasileiras no exterior e envolve desde mulheres semi-analfabetas, recrutadas por agenciadores em diferentes regiões do Brasil, até migrantes com grau de escolaridade elevado, como algumas brasileiras com quem conversei e que até 2008 viviam nos países anteriormente citados.

Apesar de esse ser um setor comum às brasileiras em vários países, é importante ressaltar que o trabalho tem diferentes especificidades, conforme o local e contexto em que é realizado. Em comum está o fato de se estruturar a partir de redes pessoais e profissionais, envolver recrutadores que atuam legalmente ou na clandestinidade e caracterizar-se por longas jornadas e pela precarização do trabalho.

Há pelo menos três maneiras pelas quais as brasileiras são encaminhadas para postos de trabalho nos Estados Unidos, no Canadá e em toda a Europa. A primeira delas, possivelmente a que envolve mais pessoas, é por meio de um parente, um familiar ou um conhecido que já esteja vivendo fora do Brasil. A segunda está relacionada à contratação, ainda no país de origem, através de agências de emprego e de intercâmbio. Neste caso, existe um perfil específico, geralmente estudantes universitárias de classe média ou jovens que possuam recursos para bancar um dos pacotes de “intercâmbio” oferecidos. Essas jovens são enviadas para casas de família e outros espaços onde residem e prestam seus serviços como *babysitter*, *au-pair* e em diferentes funções, quase sempre destinadas previamente a imigrantes. Tratam-se, portanto, de contratação e distribuição internacional de força de trabalho disfarçadas de intercâmbio, e que, conforme Dias (2008), não se restringem ao trabalho de limpeza e cuidado de pessoas.

A terceira maneira envolve um grupo numeroso de mulheres que entram no setor por meio de agências de trabalho temporário que estão espalhadas pelos países de destino. Em muitos casos, os empregos são conseguidos em agências transnacionais de contratação de força de trabalho, como *Manpower*, *Adecco*, *Randstad* e tantas outras. Só na Espanha, segundo a revista *Toumai* (2008), existiam, em 2008, mais de 400 empresas de trabalho temporário em atuação. Entre as trabalhadoras e trabalhadores contratados por essas empresas estão milhares de brasileiras e brasileiros, grande parte atuando na limpeza e no cuidado de pessoas. Trata-se de um trabalho que ocorre em distintos

espaços como residências, condomínios, comércios, indústrias, asilos, hospitais, casas de repouso, hotéis, restaurantes, entre outros.

Entre 2004 e abril de 2008, conversei com algumas brasileiras que estavam atuando no cuidado de pessoas e na limpeza por meio de, pelo menos, uma das três maneiras descritas acima. Os parágrafos a seguir tratam da presença de mulheres brasileiras imigrantes nos Estados Unidos, na Alemanha, em Portugal e na Espanha.

Nos Estados Unidos, Isadora²⁰⁴ entrou para a faxina e trabalhou como *babysitter* após contatar agências de emprego da região da Flórida. Já Gilda, conseguiu seu primeiro emprego na limpeza graças a uma amiga que já estava nos Estados Unidos. Isadora tinha curso superior e Gilda estava cursando faculdade quando deixou o Brasil. Ambas são do estado de Santa Catarina e, até o final de 2008, continuavam trabalhando nos Estados Unidos.

Do outro lado do Atlântico, na Alemanha, a brasileira Schirley Auffinger trabalhou quando chegou, em 1998, como *Au-Pair Mädchen*, graças a um contrato conseguido ainda no Brasil com uma agência de intercâmbio. Como *Au-Pair* ela deveria cuidar de crianças e fazer “um leve serviço da casa”, segundo me informou por *e-mail* em 2006.

Já em Portugal e na Espanha foi onde mantive contato com mais brasileiras que trabalhavam no setor de limpeza e no cuidado de pessoas. Em Portugal, uma das pessoas com quem conversei foi Iva, que havia trabalhado na limpeza desde a sua chegada em 2001. Seu primeiro trabalho foi como engomadeira e cinco meses depois passou a fazer limpeza em uma creche por meio de uma agência de trabalho temporário. A intenção, segundo Iva, era conseguir um contrato de trabalho que permitisse sua legalização em Portugal. No entanto, acabou trabalhando mais de dois anos nessa empresa e foi demitida sem que o contrato fosse feito. Para Iva, a empresa se aproveitou do fato de ela ser uma imigrante indocumentada. Além disso, grande parte do seu salário ficava com a empresa terceirizada que recebia 200 euros por seu serviço e lhe pagava apenas 50 euros.

Foi passando o tempo. Um ano que eu estava lá voltei para o encarregado e falei: ‘então, e meus documentos?’ ‘Ah, a gente vai providenciar’. Quando eu vi que eles não iam me dar o contrato eu comecei a falar com eles. Aí eles me mandaram embora, com dois anos e pouco trabalhando lá. Quando eu fui saber, eles me mandaram embora antes de eu me tornar efetiva.

²⁰⁴ - Isadora é um nome fictício. O nome verdadeiro foi ocultado a pedido da entrevistada.

Porque se eu me tornasse efetiva eles não poderiam me mandar embora. Então quer dizer, eles pegaram a minha mão-de-obra durante dois anos que eu trabalhei para eles, não faziam desconto para o Estado, não me deram o contrato, não conseguiram me legalizar, mas quando eles viram que eu ia ficar efetiva eles me mandaram embora. E naquela altura eu me revoltei. Me revoltei. Tanto que o Sílvio foi comigo várias vezes no escritório. Discutimos, discutimos e não deu em nada. Por quê? Porque eu tinha medo de levar eles na justiça. Por quê? Porque eu não tinha o visto. Então se eu soubesse que não ia dar em nada eu tinha levado eles na justiça, porque o que eles fizeram comigo na época não foi certo²⁰⁵.

Como se percebe pelo depoimento de Iva há empresas de trabalho temporário que usam o contrato de trabalho, um sonho para muitos imigrantes, como uma isca para atrair imigrantes e lhes explorar. Posteriormente, estas empresas se beneficiam do fato de os imigrantes não possuírem papéis e não procurarem a justiça com medo de serem descobertos e deportados.

No caso de Iva, após este primeiro emprego numa empresa de trabalho temporário, passou a buscar trabalhos de limpeza por conta própria, trabalhando por dia, por hora ou por faxina. Isso foi possível porque Iva, após mais de dois anos em Portugal, já havia estruturado sua própria rede de contatos e passado a circular com mais desenvoltura pela Costa da Caparica, Lisboa e outras cidades próximas. Em 2007, quando conversamos, continuava trabalhando neste setor como autônoma.

Na Espanha, o trabalho na limpeza também é uma das ocupações com grande presença de brasileiras, as quais atuam ainda em uma série de trabalhos domésticos e destacam-se no cuidado de crianças, portadores de necessidades especiais e idosos. Nas maiores cidades, como Madri e Barcelona muitas brasileiras estão no setor por meio de empresas de trabalho temporário, conhecidas como ETTs. Já em pequenas cidades como Antequera conseguem trabalho mais facilmente através das redes de paisanagem ou com o auxílio de instituições de apoio aos imigrantes como *Antequera Acoge*, *Cáritas* e *Pró-libertas*²⁰⁶.

Na ONG *Antequera Acoge*, presenciei casos de famílias que buscavam mulheres para trabalhar em suas residências e outras que telefonavam pedindo trabalhadoras para Antequera e cidades da região. Através de Haydeé Bossio, responsável pelo

²⁰⁵ - IVA. Op. cit.

²⁰⁶ - Estas instituições servem muitas vezes como intermediadoras de mão-de-obra entre os imigrantes e os empregadores, utilizando-se de suas redes de relações e contatos, inclusive com empresas de trabalho temporário.

atendimento aos imigrantes, tive acesso a correios eletrônicos enviados e recebidos buscando e oferecendo empregos e acompanhei buscas feitas em *sites* de emprego visando encontrar oportunidades de trabalho a brasileiros e outros imigrantes em Antequera. Nas diferentes visitas que fiz a esta cidade e à sede da ONG *Antequera Acoge*, presenciei também o grande afluxo de imigrantes marroquinos, romenos, brasileiros e de outras nacionalidades em busca de trabalho. Muitos deles chegavam pela primeira vez ao local, indicados por parentes e conhecidos, enquanto outros, geralmente recém-desembarcados, vinham acompanhados por uma pessoa próxima que dominava minimamente o espanhol e os códigos da cidade e do país receptor. Para as mulheres brasileiras em Antequera, este era um dos primeiros locais onde buscavam trabalho como empregadas domésticas, faxineiras ou para cuidar de idosos.

Em março de 2008, em uma das visitas que fiz a *Antequera Acoge*, chegaram ao local três brasileiras. A primeira delas já estava na Espanha há três anos, a segunda há sete meses e a terceira há apenas três dias. Eram todas do estado do Mato Grosso e vinham em busca de trabalho para a recém-chegada, uma senhora que aparentava uns 35 anos de idade e tinha grande dificuldade de comunicação em espanhol. A conversa foi mediada pelas brasileiras que lhe acompanhavam e a oferta de trabalho disponível era para um emprego doméstico na cidade de Alicante. Esta brasileira, mesmo não tendo nenhuma pessoa conhecida em Alicante e sendo recém-chegada se dizia disposta a seguir para a nova cidade, pois, segundo pude acompanhar, tinha deixado dívidas e a família no Brasil e sua preocupação era trabalhar o mais rápido possível para enviar dinheiro à sua terra. Já a acompanhante, há mais tempo em Antequera, que mais tarde descobri que se chamava Maria, também estava disposta a sair da cidade e, por isso, buscava informações sobre a oferta feita pelo prefeito do pequeno município de Alcóntar, na província de Almería, a famílias de imigrantes que tivessem filhos em idade escolar. A preocupação do prefeito era com o fechamento da escola da cidade por falta de crianças e por isso ofertava casa, trabalho e três mil euros a casais que mudassem para Alcóntar e matriculassem seus filhos no primeiro e no segundo ano do ensino fundamental. Graças ao trabalho de intermediação da ONG *Antequera Acoge*, Maria e o esposo Gustavo foram um dos cinco casais selecionados e migrariam em breve com os dois filhos de Antequera para Alcóntar. Maria e Gustavo se dispunham a mudar de cidade após experimentar por mais de três anos o cotidiano espanhol e estarem com sua documentação em dia. Segundo me informaram, buscavam acima de tudo a tranquilidade de uma cidade de pouco mais de 800 habitantes, novos ares e novas

oportunidades. A preocupação era mais com a família na Espanha do que com os familiares que ficaram no Brasil.

Em Antequera, conheci também Elzeni, Eliana, Joyce, Milene, Márcia, Alessandra, Eunice, Dorvalina, Maria, Fátima²⁰⁷, Marlene, Ilvani e Elisângela, todas brasileiras que dividiam seu tempo entre o trabalho doméstico e o cuidado de crianças e idosos ou como elas dizem “internas”. A atividade de “interna” exigia que estas e outras brasileiras se disponibilizassem a trabalhar de madrugada e aos finais de semana, dedicando grande parte do seu tempo ao cuidado de pessoas com distintas realidades, crianças, idosos, portadores de Alzheimer e outras doenças que exigem grande atenção. Como me relataram algumas das brasileiras acima, o trabalho como interna exige força física, pois precisam mover pessoas adultas, e, principalmente, força psicológica, já que lidam com situações de doença, abandono familiar e resignação. Trata-se, portanto, de uma ocupação distinta que põe, duramente, à prova brasileiras e brasileiros já fragilizados em função da distância da família e do Brasil.

Apesar disso, as brasileiras parecem ter a preferência por parte das famílias espanholas de Antequera em relação a outras imigrantes, como pude perceber durante a pesquisa de campo. Em geral, são conhecidas pela dedicação, carinho e seriedade no trabalho. Por outro lado, o cuidado de pessoas permite que muitas brasileiras tenham mais de um emprego, dividindo-se entre o trabalho diurno e noturno. Um dos fatores que as levam a buscar mais de um emprego são os baixos salários pagos pelas famílias. Isto vale tanto para o trabalho como interna quanto para aquelas que lidam na faxina e limpeza. Uma das entrevistadas, Elizângela, de Araputanga, no Mato Grosso, chegou a receber menos de 300 euros mensais, ou seja, metade do salário mínimo espanhol, para trabalhar como empregada doméstica pela manhã e à noite em uma casa de família. Ainda assim, foi “convidada” pela patroa a devolver 100 euros do ordenado sob o argumento de que estava ganhando demais. Para ela, mesmo ganhando menos de trezentos euros, seu salário ainda era maior do que os 150 reais que ganhava no Brasil antes de emigrar para a Espanha.

Por tratar-se de um trabalho em que patrões e empregados geralmente convivem com maior proximidade, o trabalho doméstico e o cuidado de pessoas permitem que se confundam as relações pessoais com as relações de trabalho. Se por um lado, este fator pode estimular relações de trabalho mais humanizadas, por outro, tem levado muitos

²⁰⁷ - Nome fictício. A divulgação do nome verdadeiro não foi autorizada pela entrevistada.

patrões a aproveitarem-se do fato de conhecerem bem seus empregados para explorá-los. Além dos baixos salários, conforme relato de Haydeé, há casos de famílias que pagam as imigrantes com roupas usadas e outros produtos. Contra estes abusos, a *Federação Andaluza Acolhe* realizava em 2008 uma campanha em toda a Andaluzia chamando a atenção das imigrantes e da sociedade local para o fato de o trabalho doméstico ser um emprego e não uma mera prestação de serviço, feita por serventes ou criadas.

6.2.3 - O Trabalho na Hotelaria

O trabalho na hotelaria, como reconhece a própria Organização Mundial do Turismo, é marcado pelos baixos salários, pela grande presença feminina, de trabalhadores imigrantes e de jovens (OMT, 2001).

Na Espanha, atualmente o segundo país que mais recebe turistas no mundo, cerca de 40% dos trabalhadores da hotelaria são imigrantes, de acordo com um levantamento feito, em 2007, pela empresa de terceirização de mão-de-obra *Randstad* a partir do seu banco de dados com mais de 48 mil e 500 contratos de trabalho. Esse percentual sobe para 60% durante a temporada de verão em cidades como Madri e Barcelona e a 100% quando se observa apenas a ocupação de camareira de piso (El ECONOMISTA, 2008). Em Portugal, os imigrantes também estão presentes em diferentes setores da hotelaria, em especial em regiões turísticas como o Algarve e Lisboa. Nos dois países, eles concentram-se principalmente nas “áreas invisíveis”, como cozinha, lavanderia, manutenção e na limpeza, em pequenos e grandes estabelecimentos hoteleiros.

Assim como ocorre em todo o mundo, o ramo hoteleiro da Península Ibérica também está marcado pela presença de vários hotéis ligados às grandes redes hoteleiras internacionais, bem como por uma extensa rede de empresas terceirizadas que distribuem os trabalhadores contratados temporariamente pelos milhares de hotéis existentes. É para uma dessas empresas que trabalhava Viviane, uma brasileira de Belo Horizonte com quem conversei em Lisboa, em outubro de 2007. Viviane, que era funcionária pública no Brasil, chegou a Portugal em 2004 e desde então trabalhava no setor hoteleiro, seguindo o exemplo de sua mãe, que desembarcou em Lisboa antes dela. Na mesma empresa terceirizada, trabalhavam também outras brasileiras e diversas imigrantes africanas e do leste europeu. “Angolanas, moçambicanas, cabo-verdianas,

romenas, ucranianas, búlgaras, russas. Tem de tudo. Portuguesas nem tanto.” Grande parte dessas trabalhadoras, segundo Viviane, eram dispensadas na baixa temporada, sendo recontratadas via empresas terceirizadas no ano seguinte. Já as que não eram demitidas eram redistribuídas no setor e muitas vezes prestavam serviços em diferentes hotéis em mais de uma cidade. Tudo isso, conforme Viviane, interessava principalmente aos proprietários de hotéis e às agências de terceirização.

Não só os hotéis usam ou tem essa estratégia por causa disso. Ou seja, como Portugal é um país que vive de turismo os hotéis enchem muito no verão e no inverno nem tanto. Então eles não querem ter aquele compromisso com funcionários quando os hotéis baixarem. Essa é uma estratégia não só da empresa, mas também dos hotéis. Porque a empresa, a empresa terceirizada, ela ganha muito com isso. Em cima de cada funcionário ela ganha muito²⁰⁸.

Viviane trabalhava para a mesma empresa em dois hotéis e sua jornada de trabalho, em alguns dias da semana, ultrapassava às 16 horas. As folgas eram rotativas e ocorriam de duas a três vezes por mês. “Não tem dia certo, nem data certa, nem data previsível. Normalmente, às vezes, no mês eu tiro duas folgas. Às vezes três. Mas eu nunca sei qual o dia vai ser”. Segundo Viviane, o seu contrato de trabalho era por tempo determinado e ia sendo “renovado” de tempos em tempos, o que é uma prática ilegal, mas bastante usual, segundo o sindicato da categoria. Seu trabalho, bastante cansativo, de acordo com ela, era o de camareira de piso que consistia em arrumar as camas, limpar os quartos e realizar outras tarefas. O fato de trabalhar sem qualquer tipo de proteção faz com que as camareiras fiquem expostas a vários riscos, como inalação de pó e produtos químicos usados para a limpeza, comprometimento das articulações devido a esforços repetitivos, entre outros. “Eu tenho amigas, inclusive, que já têm problemas sérios no ombro mesmo. Muitas amigas que estão de baixa. Umas três pessoas, por aí, com esse problema”, comentou Viviane. Somados aos problemas físicos, estão os abalos psicológicos provocados pela imigração e pelo excesso de trabalho.

Eu tenho muitas pessoas conhecidas assim. E pessoas que ficaram muito abaladas psicologicamente, pessoas que ficaram internadas aqui e tudo. Mesmo que seja na brincadeira, mas muita gente diz: ‘quando eu voltar para o Brasil vou fazer um tratamento intenso, vou fazer uma lavagem cerebral’. Porque

²⁰⁸ - VIVIANE. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Lisboa, Portugal, out. 2007.

não é fácil. Aqui exerce uma pressão mesmo de vários lados. Não é só de trabalho não²⁰⁹.

Apesar da realidade descrita acima, Viviane acredita que a hotelaria é um setor onde há boas compensações financeiras aos imigrantes. “No nível de hotelaria o salário é muito baixo. E as empresas terceirizadas elas pagam muito bem. Hotéis hoje aqui em Portugal é um bom negócio. É por isso que muitas brasileiras vão trabalhar nos hotéis. Trabalha-se muito, mas ganha-se muito bem”. Essa percepção de Viviane em relação ao salário recebido é provocada, em parte, pelo fato de os trabalhadores contratados receberem junto com o seu salário mensal todos os encargos que, para os demais trabalhadores são pagos em separado em momentos distintos. Em Portugal, o salário médio dos trabalhadores da hotelaria em 2007 era de 600 euros, variando conforme os níveis e os grupos de atividades. De todas as ocupações, o salário de camareira de piso é um dos mais baixos (FESAHT, 2007).

Além de Viviane, outra brasileira com quem conversei em Portugal em 2007 foi Clara²¹⁰, 38 anos, de Quirinópolis, Goiás, que também prestava serviço como camareira de piso para a mesma empresa terceirizada e no mesmo hotel onde trabalhava Viviane. No Brasil, Clara era dona de uma loja de calçados que foi vendida em 2004 quando emigrou pela primeira vez à Inglaterra para trabalhar em uma fábrica de processamento de frutas. Após denúncia de que nessa fábrica havia trabalho escravo, Clara obrigou-se a voltar ao Brasil, retornando oito meses depois a Portugal. Chegou pela Espanha e, depois de um mês desempregada, arranhou um emprego na hotelaria por meio de uma agência de emprego temporário. Trabalhou nessa empresa um ano e meio até que resolveu, junto com outras três companheiras de trabalho, buscar outra agência, pois estavam se sentindo exploradas. Os problemas enfrentados iam desde descontos indevidos no salário e o não pagamento de horas extras até denúncias de retenção do passaporte por parte da empresa. Esses problemas, segundo ela, teriam sido resolvidos com a mudança de empresa. Apesar disso, continuava trabalhando no que considerava um subemprego. “Esse trabalho que eu faço é subemprego. Se fosse no Brasil eu não trabalharia”.

Em Portugal, Clara chegou a trabalhar em até quatro hotéis para a mesma empresa durante o inverno, quando “o trabalho baixa”. Recebia por dia de trabalho e seu contrato era renovado de dois em dois meses. Em relação aos direitos afirmou que

²⁰⁹ - Idem.

²¹⁰ - Clara é um nome fictício. O nome verdadeiro foi ocultado a pedido da entrevistada.

muitas vezes ficavam apenas no papel. “Na lei nós temos que ser tratados com igualdade, mas no fundo isso não acontece”. O sindicato, em sua opinião, é somente para os portugueses. “Existe sindicato, mas para os portugueses. Eu nunca fui atrás”. Isso não significava, segundo ela, que estivesse de acordo com tudo o que acontecia com os trabalhadores do setor. Para Clara, um dos grandes limitadores era o fato de ser imigrante. “Eu não concordo com muita coisa que acontece aqui, mas sou uma imigrante”, afirmou ela na conversa que tivemos em Lisboa, em outubro de 2007, no dia de sua folga²¹¹. Seu depoimento não foi gravado, pois segundo me informou, “não confia mais em ninguém” depois que deu uma entrevista a um jornalista brasileiro e este denunciou a existência de trabalho escravo, fazendo com que ela e outras companheiras fossem deportadas da Inglaterra. Para ela não havia trabalho escravo. No momento em que conversamos Clara tinha um filho no Brasil e era casada com um português que estava trabalhando como eletricitista na França.

Situação semelhante a de Clara e Viviane também é vivida por outras brasileiras que trabalham na hotelaria na Espanha. Neste país, o setor emprega grande número de imigrantes do leste europeu e da América Latina. Sobre a situação dos imigrantes no setor hoteleiro espanhol, conversei, em fevereiro de 2008 com duas brasileiras na cidade de Barcelona. A primeira foi Claudette, cuja história contei parcialmente no quarto capítulo e a segunda foi Luciana, também já mencionada. À época em que conversamos, Claudette trabalhava como camareira de salão (garçonete) e caixa de um restaurante de um hotel da rede *Canárias*. Antes disso, já havia trabalhado em diferentes hotéis em vários países europeus. No hotel onde trabalhava, segundo ela, 85% dos empregados eram estrangeiros. “Somente a cúpula é espanhola e catalã. O restante está formado por brasileiros, argentinos, filipinos, uruguaios, colombianos e equatorianos”²¹². Os trabalhadores imigrantes dividiam-se entre os apartamentos (camareira de piso), os serviços de bar (camareira de salão), a recepção e por outros espaços do hotel. No entanto, de acordo com Claudette, em setores como a recepção e outros de atendimento ao público estão principalmente espanhóis e trabalhadores não-negros, que constituem o núcleo de trabalhadores estáveis²¹³. “Aqui tudo o que você vê do pessoal que está

²¹¹ - Nossa conversa estava marcada para o dia anterior, mas foi adiada em função de Clara ter sido chamada de última hora para cobrir a folga de uma colega.

²¹² - CLAUDETTE. Op. cit.

²¹³ - A existência de um núcleo de trabalhadores estáveis ao lado de uma “mão-de-obra periférica” e flutuante, submetida ao acaso da conjuntura, é uma das marcas do padrão flexível de empresa da era do globalismo, conforme Ianni (2002).

trabalhando de cara ao público são gente branca. As brasileiras negras não. Porque queira ou não a Espanha é racista. O negro está sempre escondido”²¹⁴.

Assim como em Portugal, grande parte dos trabalhadores da hotelaria na Espanha é contratada por empresas terceirizadas e presta serviço para mais de um estabelecimento hoteleiro. “Tem uma quantidade de empregados que vêm, porque elas trabalham por hora. Então ela pode trabalhar seis horas aqui nesse hotel e completar duas horas, quatro horas em outro hotel. Essas trabalhadoras não são permanentes”²¹⁵, de acordo com Claudette. Segundo ela, “o importante é que o hotel constantemente está coberto com uma quantidade de trabalho”. “Eles pagam um extra a mais para essas agências. Essas agências são as que bancam o uniforme, o salário, o fundo de garantia, tudo. O hotel não tem responsabilidade nenhuma com esses empregados”²¹⁶, complementou.

Segundo Claudette, entre 40% e 50% do salário dos trabalhadores temporários ficam com as ETTs. Apesar disso, a sensação entre estes trabalhadores em relação ao salário, é a mesma relatada acima por Viviane, já que recebem todos os meses seus direitos juntamente com o salário.

O trabalhador recebe um salário que ele pensa que está recebendo um salário legal. Eles dizem assim ‘tu vais receber doze... tanto por hora’. Mas dentro dessa hora ele faz as contas... porque aqui a gente tem catorze salários anuais, não é treze como no Brasil, são catorze. Então eles fazem o seguinte, chamam os catorze salários e dividem os catorze salários por doze, dá um e por um e pela quantidade de horas que se trabalha. Então se paga essas horas, mas já está tudo metido dentro. Há muitos que aceitam e dizem ‘adorei, tu ganhas cinco euros por hora mas eu ganho sete e meio’. Tu diz ‘eu ganho cinco euros por hora mas eu ganho o real e tu não ganhas o real’²¹⁷.

Na opinião de Luciana, as empresas de terceirização se beneficiam do fato de a hotelaria ser uma porta de entrada no mundo do trabalho estrangeiro para muitos imigrantes, já que se exigem poucas qualificações e, dependendo das funções exercidas, não é requerido o domínio da língua local. “É o que sempre sai primeiro, a hotelaria. Você tendo nada, nenhuma experiência, e você dizer que já trabalhou em algum lugar,

²¹⁴ - CLAUDETTE. Op. cit..

²¹⁵ - Idem.

²¹⁶ - Idem.

²¹⁷ - Idem.

te chamam em seguida”²¹⁸. Isso acontece, segundo ela, “primeiro porque eles começam te pagando menos, porque você é auxiliar” e “segundo porque se você não tem experiência eles até preferem, porque eles podem te formar e dizer ‘olha, faz assim’”. A realidade da terceirização nos locais de trabalho já era conhecida por Luciana antes mesmo de sair do Brasil, pois o emprego que tinha na *Telemar*, no Rio de Janeiro, havia sido conseguido por meio de uma empresa terceirizada que, posteriormente, fechou as portas e deu calote em dezenas de trabalhadores, inclusive nela.

A realidade do setor hoteleiro em Barcelona e em toda a Espanha, segundo Luciana e Claudette, é marcada pela exploração do trabalho, por baixos salários e pela pouca organização dos trabalhadores do setor, mesmo com o trabalho feito por centrais sindicais, federações e sindicatos que procuram organizar os trabalhadores por locais de trabalho. A organização por local de trabalho permite que os trabalhadores de um estabelecimento hoteleiro, por exemplo, se mobilizem para resolver seus problemas mais imediatos. O grande problema, segundo Luciana e Claudette, é convencer os companheiros de trabalho de que a causa coletiva vale a pena e de que, mesmo indocumentados, podem e devem lutar por seus direitos.

As pessoas, a maioria, por ser imigrantes morrem de medo de que por estar afiliado a um sindicato perder o seu trabalho e que não lhe dêem emprego em outro lugar. Então a maioria dessa gente, de todos os imigrantes, sessenta e cinco por cento que trabalha dentro de hostelería, não estão filiados a sindicatos e não procuram o sindicato, por medo. Porque aqui existe uma pressão bastante grande ao pessoal imigrante²¹⁹.

Tanto Luciana quanto Claudette são filiadas à Federação Estatal de Comércio, Hostalaria e Turismo (FECOHT-CC.OO) e representantes eleitas por seus colegas para atuar junto ao Comitê de Empresa, responsável por monitorar o cumprimento dos acordos coletivos realizados e buscar melhorias aos trabalhadores. Segundo elas, a pressão aos trabalhadores que fazem parte desse comitê é bastante grande, especialmente sobre aqueles delegados e delegadas que não estão alinhados aos patrões.

Entre os brasileiros, o número de filiações a sindicatos é bastante baixo. Segundo dados repassados pela FECOHT, existiam, em 2008, em toda a Espanha, 174 brasileiros filiados, a maioria deles em Valência. O baixo grau de sindicalização é uma realidade também entre imigrantes de outras nacionalidades e entre os próprios

²¹⁸ - LUCIANA. Op. cit.

²¹⁹ - CLAUDETTE. Op. Cit.

trabalhadores nacionais tanto na Espanha quanto em Portugal. Na verdade, essa é uma característica do setor de turismo e hotelaria em todo o mundo, segundo a Organização Mundial do Turismo (2001).

6.2.4 - O Trabalho em *Invernaderos* e na Azeitona

Durante o século XIX e o início do século XX, a agricultura foi um setor que utilizou largamente a força de trabalho de imigrantes em países como Estados Unidos, Brasil e Argentina. Até então, para o trabalho nesse setor, eram necessários braços fortes, preferencialmente de pessoas jovens, capazes de tirar da terra o sustento para si e centenas de outras famílias. O aumento da produtividade ocorria quanto mais trabalhadores fossem empregados.

A partir da década de 1950, um forte processo de êxodo rural levou ao esvaziamento do campo em diferentes países. Paralelo a isso, as mudanças provocadas pela chamada “Revolução Verde” e o uso cada vez mais intenso de tecnologias definiu o modelo agrícola que permanece em vigor até hoje em todo o mundo.

No contexto atual, é possível, com um pequeno grupo de trabalhadores, produzir a mesma quantidade de alimentos que antes demandaria centenas de homens e mulheres. Ao mesmo tempo, a produção em larga escala de determinados alimentos concentrou-se nas mãos de grandes proprietários de terra e de mega-investidores do chamado agronegócio, os quais competem em condição desigual com pequenos camponeses espalhados por todo o mundo. Nessas grandes propriedades de terra, atuam uma massa de trabalhadores nômades ou sazonais que migram de tempos em tempos conforme as colheitas e as ofertas de trabalho mais atrativas. Na Europa, isso ocorre durante a colheita do morango, da uva, do tomate, da beterraba, da batata, da azeitona e de diversos outros produtos agrícolas. A colheita desses produtos mobiliza milhares de trabalhadores nacionais, mas principalmente norte-africanos, latino-americanos e imigrantes do leste europeu.

Na Espanha, um dos atrativos a estes trabalhadores são os chamados *invernaderos*, localizados nas províncias de Huelva, Granada e Almería, nos quais são possíveis de três a quatro colheitas ao ano de morango, pimentões, tomates, cebolas, batatas e outros alimentos produzidos em grandes estufas de plástico. Segundo a historiadora Maria Dolores Pérez Murillo, grande parte destes *invernaderos* está localizada em terras que no passado tinham pouca produtividade, alguns em cima de

terrenos arenosos, doados às populações empobrecidas da região a partir dos anos de 1960, durante um processo de reforma agrária realizada pelo governo franquista. Mais tarde, parte destas terras foi comprada por imigrantes espanhóis que trabalhavam na Europa, os quais contribuíram para o início da produção de alimentos através do sistema de estufas. Atualmente, esse regime de produção permite que a Europa seja abastecida o ano inteiro por produtos que antes só estavam disponíveis uma ou duas vezes por ano. A foto abaixo, tirada em abril de 2008, mostra um *invernadero* na localidade de Carchuna, Granada, na costa do Mediterrâneo. Nesta foto pode-se observar que os plásticos brancos e amarelados dominam a paisagem. Em baixo deles, submetidos às altas temperaturas e extensas jornadas, trabalham, especialmente nas épocas de plantio e de colheita, centenas de trabalhadores imigrantes.



Invernadero em Carchuna – Granada – 2008
Foto: Adriano Larentes da Silva

Além dos *invernaderos*, outra área da agricultura que emprega grande número de imigrantes é o trabalho na azeitona. Da azeitona produzida em todo o mundo, cerca de 40% é proveniente da Espanha, mais especificamente de Castilla La Mancha e da

Andaluzia (76% do total) ²²⁰. Nesta última região, destacam-se as províncias de Jaén, Granada, Córdoba e Málaga, onde a azeitona é produzida principalmente em grandes propriedades que empregam, anualmente, milhares de imigrantes marroquinos, romenos, ucranianos, poloneses, equatorianos, colombianos e brasileiros. A safra da azeitona inicia no mês de novembro e se estende até o mês de abril²²¹. Neste período, a “campanha do azeite” mobiliza trabalhadores para a colheita, a moenda, o transporte e o processamento, conforme mostra a notícia abaixo, publicada pelo jornal *O Sol de Antequera*.

O passado dia 6 começou uma nova Campanha do Azeite – curiosamente começou em um século, em um milênio, e termina em outro – o que irá supor um forte aumento do emprego em toda a comarca: trabalhadores recolhendo a azeitona, trabalhadores na moenda, trabalhadores no transporte, no processo de transformação. (*O Sol de Antequera*, 02/12/00, p. 24)

Assim como a construção civil, a hotelaria, o cuidado de pessoas e a limpeza, o trabalho na azeitona também é um dos espaços de trabalho que garantem, provisoriamente, a sobrevivência, de inúmeros brasileiros na Espanha. Meu contato com os brasileiros desse setor ocorreu na cidade de Antequera, em Málaga, durante o trabalho de campo realizado em 2008. Parte considerável das pessoas com quem conversei havia trabalhado pelo menos em um momento na azeitona. A exemplo do que ocorre com os imigrantes em todo o mundo do trabalho, participar da colheita da azeitona exige meios de transporte e redes de contatos, os quais garantirão trabalho por todo o tempo da colheita. Foi isso que mostraram João Carlos, Dener e João, na conversa que tivemos em Antequera, em março e abril de 2008, respectivamente. “Você chega aqui e se você não conhece ninguém é difícil. Tem que ter bastante contato com o povo para poder trabalhar”²²², explicou João Carlos, um brasileiro de Londrina, no Paraná, Sul do Brasil. “Então nós chegamos aqui bem no forte da colheita da azeitona, estava começando a campanha da azeitona. Só que quem chega aqui e não tem contato nenhum fica parado uns dias. Como eu fiquei parado aqui, um tempo parado. E todo mundo trabalhando”²²³, lamentou Dener, de Rondônia, Norte do Brasil. Segundo Dener,

²²⁰ - Para mais informações sobre a produção mundial e europeia de azeitona consultar www.internationaloliveoil.org.

²²¹ - O período de maior demanda é dezembro e janeiro.

²²² - JOÃO CARLOS. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, mar. 2008.

²²³ - DENER. Op. cit.

mesmo tendo chegado “no forte da colheita da azeitona”, não conseguiu trabalho porque não tinha conhecidos que lhe convidassem para participar de uma das quadrilhas²²⁴ formadas por brasileiros para seguir às propriedades produtoras de azeitona.

Aqui é assim: na campanha da azeitona tem as quadrilhas que eles formam. Se você não tiver contato nenhum você não trabalha, porque não tem conhecimento nenhum com ninguém. Isso que passou comigo. Quadrilha é um grupo de pessoas que eles formam para trabalhar. Em comparação, tem uma finca (propriedade) ali que está colhendo azeitona. Aí eles formam uma quadrilha de sete, oito. Mas são amigos e se a gente não tiver contato nenhum... eles pegam primeiro os amigos²²⁵.

Situação semelhante a de Dener viveu com João, que mesmo tendo chegado em 2002, só conseguiu trabalhar na azeitona em 2003, pois, segundo ele, este foi um ano de muita chuva e para trabalhar na azeitona era necessário ter um carro para o deslocamento até as áreas de colheita. Nesse primeiro momento, todos os seus conhecidos que possuíam carro trabalhavam na construção civil. Assim, no ano seguinte, já com mais contatos e maiores condições financeiras resolveu reunir-se com outros brasileiros para comprar um carro e, dessa forma, participar da colheita da azeitona.

Para Joyce, outra brasileira que conversei em Antequera, em março de 2008, trabalhar na colheita da azeitona exige “esperteza” e isto se adquire após um tempo no exterior. Segundo ela, a montagem das quadrilhas geralmente é feita pelos “brasileiros mais espertos que chegaram”²²⁶. Esperteza, nesse caso, tem um duplo sentido, pois significa estar atento, estabelecer contatos, constituir grupos, mas também está associado ao caráter de competição e falta de solidariedade: chegar primeiro, fechar-se em um grupo para garantir os melhores trabalhos, não se importar com os companheiros que estão desempregados.

A disputa pelo trabalho na azeitona ocorre principalmente em função dos salários pagos, entre 30 e 70 euros por dia. O valor recebido depende da quantidade de horas trabalhadas, pois o cálculo é por hora e não por dia. Em função disso, os imigrantes procuram fazer o maior número de horas possíveis e chegam a trabalhar até em três turnos, em jornadas de mais de 15 horas diárias. Nesse universo laboral, o

²²⁴ - Grupo de trabalhadores reunidos para executar um determinado trabalho, geralmente nas épocas de colheitas agrícolas.

²²⁵ - DENER. Op. Cit.

²²⁶ - JOYCE. Op.cit.

desejável é encontrar um patrão que seja um grande produtor de azeitona, o que possibilitará trabalho por um bom tempo. Além disso, é preciso buscar os melhores postos na colheita da azeitona, pois alguns exigem muito mais esforço físico do que outros.

Sobre o trabalho na azeitona, João diz nem gostar de lembrar, pois em alguns momentos chega até a se parecer com um regime de escravidão. Segundo ele, para trabalhar na azeitona “tem que ter muita garra” e “muita vontade de ganhar dinheiro”.

Porque não é fácil. Além disso, parece até escravizante, até explorado. Muito. Você às vezes começa a trabalhar sete e meia da manhã, oito horas, porque tem dias que está escuro, e para as duas e meia da tarde. Depende. Eu tive azeitona que eu colhi que parava as duas e meia. E tive muita azeitona não parávamos enquanto tinha dia. Quando acabava o dia que não dava mais para trabalhar acendia a luz do trator e ia recolher os fardos, recolher a azeitona que estava no chão. E terminava de noite. Cheguei a ganhar setenta e dois euros por dia na azeitona. Aí tu faz uma idéia de quantas horas estava trabalhando. O preço era seis, seis e cinco por hora. E ganhei mais dinheiro, porque eu peguei sempre o pior da azeitona. Na azeitona eu trabalhava com a máquina. Que ela é uma motosserra que você põe nas costas. Que tem um vibrador. Pega o galho e vibra para derrubar a azeitona. Então eles pagavam um euro a mais por hora. Tinha que trabalhar com as pernas abertas para você firmar. Você tem que firmar o peso da máquina para ela balançar. Não gosto nem de lembrar. Nem comentar eu quero²²⁷.



Plantação de Oliveiras – Andaluzia – Espanha
Fonte: <http://es.wikipedia.org>

²²⁷ - SOARES NETO, João. Op.cit.

O trabalho na azeitona envolve homens e mulheres, como mostraram os depoimentos anteriores. Para Joyce, esse foi um de seus primeiros empregos na Espanha e era prestado para os mesmos proprietários da residência e da cafeteria onde trabalhava fazendo limpeza. “Eu cheguei numa semana e na outra eu comecei na azeitona, trabalhando na azeitona. Aí chegava da azeitona e ia para a casa do mesmo dono da finca onde eu trabalhava, para limpar”²²⁸, contou-me ela na conversa que tivemos em Antequera, em março de 2008. Ao todo, Joyce fazia nos primeiros meses na Espanha, entre 15 e 18 horas de trabalho por dia. “Então eu chegava da azeitona às cinco e meia, seis horas, já parava na casa deles e já limpava ali, passava na minha casa e tomava banho e ia para a cafeteria com ela. Chegava em casa dez, onze, doze da noite para descansar e sair seis horas para a azeitona”²²⁹.

Na colheita da azeitona, Joyce trabalhava ao lado de outros imigrantes, da África e da América Latina. O trabalho, segundo ela, “não era fácil”, pois envolvia várias etapas, desde a colheita das azeitonas verdes e maiores até o carregamento e o processamento na fábrica.

Azeitona não é fácil não. E não estávamos colhendo azeitona madura para azeite. Estávamos colhendo as verdes, as mais grandes. Então dava mais trabalho porque tínhamos que selecionar ela no pé, tirar as grandes e deixar as pequenas para crescer mais. E colhendo de mão, colocando nas caixas e carregando. Então é o serviço mais difícil. Esse da azeitona negra também é difícil, só que o outro é um pouquinho mais complicado, selecionar e tudo. E dali já quando terminou de colher as grandes, e depois com as outras repassa, enquanto passava uma semana e meia ou duas para crescer as azeitonas, fomos para partir as azeitonas, para espremer para curtir, para colocar em conserva. Então de lá eu fui para a fábrica já para esse processo de conserva²³⁰.

O trabalho na azeitona, portanto, compõe o universo laboral dos imigrantes brasileiros na Espanha e é parte da mesma dinâmica de trabalho precarizado, temporário e explorado presentes em toda a Europa e em outros continentes. É esse trabalho que ajuda a definir os preços da azeitona e do azeite que consumimos e que permite a existência e manutenção de requintados pratos que são apreciados pelas elites do mundo inteiro. Ou seja, o azeite de oliva tem entre seus componentes invisíveis e principais o

²²⁸ - JOYCE. Op. Cit.

²²⁹ - Idem.

²³⁰ - Idem.

trabalho e o suor imigrante, assim como também o tem o tomate, a batata e os morangos produzidos em distintos *invernaderos* da Espanha.

6.3 - OS TRABALHADORES IMIGRANTES E OS DESAFIOS DO NOVO SÉCULO

As distintas atividades laborais exercidas pelos brasileiros em Portugal, na Espanha e em outros países mostram algumas das faces do trabalho imigrante na atualidade. Entre os setores abordados estão a construção civil, o cuidado de pessoas, a limpeza e o trabalho doméstico em geral, a hotelaria e a agricultura.

Que elementos comuns existem entre esses setores? Quais os sentidos do trabalho para os trabalhadores imigrantes nesse novo século?

Como mostrou Antunes (2005), desde a Antiguidade, o trabalho tem sido visto como expressão de vida e degradação, de criação e infelicidade, como atividade vital e escravidão, felicidade social e servidão. Segundo ele, até o final da Idade Média, predominou a perspectiva do trabalho como um castigo, um martírio. Para a Igreja, era o “atalho certo para o mundo celestial, caminho para o paraíso”. Essa perspectiva começou a mudar com são Tomás de Aquino, quando o trabalho foi considerado “ato moral digno de honra e respeito”, e com a Reforma Protestante, que conferiu ao trabalho o caráter positivo e virtuoso que conhecemos até os dias atuais (ANTUNES, 2005, p. 11-12).

Max Weber em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* mostra que as novas doutrinas nascidas do protestantismo conceberam o trabalho como parte de um ascetismo laico e religioso que passou a ser vinculado à idéia de vocação. Nessa perspectiva, o trabalho racional, sistemático e metódico, focado na vocação, combinava-se com a poupança, com um padrão de conduta moral e ética e com a oração, enquanto o ócio passou a ter uma conotação negativa. Dessa forma, segundo Weber, o protestantismo justificou a divisão internacional do trabalho e estimulou o desenvolvimento do capitalismo (WEBER, 2001).

A antiga moral protestante do trabalho, segundo Walter Benjamin (1985), estimulou que o trabalho fosse definido como “fonte de riqueza e de toda a civilização” e como “redentor dos tempos modernos” durante o século XIX. Segundo Benjamin, estas idéias afetaram, inclusive, grupos de esquerda ligados à social-democracia alemã.

Em contraposição a definições como estas acima, Marx e Engels chamaram a atenção na época para o fato de o trabalho ter um caráter cada vez mais alienante, pois não permitia que os produtores (trabalhadores) se reconhecessem no que haviam produzido e tirassem o sustento necessário do trabalho realizado. Mesmo assim, a concepção de trabalho como virtude e regenerador da sociedade foi aos poucos se tornando hegemônica. Conforme mostrou Donzelot (1986), no século XIX havia toda uma preocupação das autoridades com as camadas mais pobres, vítimas da nascente sociedade industrial e do rápido crescimento urbano, as quais passaram a ser vigiadas por uma “polícia da família” que estimulava o trabalho como forma de evitar o vício, o ócio e o aumento dos conflitos sociais. Foi na esteira dessas perspectivas, elencadas anteriormente, que se popularizaram em nossa sociedade expressões como “o trabalho humaniza”, “o trabalho dignifica o homem” e “o trabalho é fonte de prosperidade”.

Esse conjunto de representações sobre o trabalho, construído ao longo da história, se aplicado ao trabalho imigrante, permite múltiplas leituras. Dizer que o trabalho humaniza, dignifica e gera prosperidade não é incorreto se partirmos da noção materialista histórica dialética de que é o trabalho que distingue os seres humanos de outros animais, que é capaz de gerar satisfação, desenvolver o potencial criativo, possibilitar o sustento dos indivíduos e que é o único capaz de gerar riquezas na sociedade. Por outro lado, se partirmos do cotidiano dos imigrantes, vemos que o trabalho tem um caráter muitas vezes desumanizante, pouco dignificante, para homens e mulheres e que, mesmo sendo o gerador de riquezas para a sociedade, nem sempre é fonte de prosperidade individual e para determinados coletivos. Conforme Antunes (2005), o trabalho na sociedade atual tem uma dupla e contraditória dimensão. Por um lado é fonte de riqueza e por outro é fonte de miséria.

Entre as marcas do trabalho imigrante no início do século XXI, estão a exploração, a realização de tarefas com as quais se tem pouca afinidade ou identidade, o cumprimento de longas jornadas em ocupações muitas vezes insalubres e pouco rentáveis economicamente, a baixa organização coletiva em sindicatos e associações, a submissão a intermediários e subcontratadores de força de trabalho, a desregulamentação, o predomínio de contratos temporários, a terceirização e a desterritorialização. Trata-se de um trabalho realizado em condições semelhantes, e por vezes piores, do que aquele que realizavam os trabalhadores imigrantes dos séculos XIX e do começo do século XX. Até porque, nestes últimos dois séculos, havia determinados limitadores que hoje já praticamente desapareceram. Entre eles, estavam a interferência

da Igreja sobre os dias de trabalho e não-trabalho, a forte pressão e luta do movimento operário, a limitação ao trabalho noturno para muitas ocupações, o pouco uso de máquinas e novas tecnologias em outras, a menor produtividade do trabalho.

Se por um lado houve melhorias com a conquista de direitos pelos trabalhadores, a limitação do trabalho infantil e a gradual substituição do trabalho repetitivo dos tempos do fordismo, hoje, com o padrão produtivo flexível, tem-se, por outro lado, a não-aplicação, no caso dos trabalhadores imigrantes, de vários dos direitos conquistados, a desestruturação da infância de muitas crianças, a menor valorização do trabalho de negros, mulheres e outros grupos de trabalhadores e uma onda de baixas médicas, em função de problemas psicológicos gerados pelo excesso de trabalho e pela distância de familiares e do país de origem. Além disso, o trabalho e a imigração atual são fortemente mediados por um processo de globalização, que tem como uma de suas marcas a ampliação do número de pobres e miseráveis.

Nesse processo, as principais vítimas são milhões de imigrantes indocumentados, os quais estão, segundo Boaventura de Sousa Santos (2001), excluídos do contrato social entre estado e sociedade civil e da própria noção de cidadania. Trata-se, de acordo com ele, de “não-cidadãos”, pertencentes a uma “terceira sociedade”: a sociedade da exclusão. Nesta sociedade, a ausência de cidadania está associada à desregulamentação do trabalho. Segundo Santos, na história da modernidade ocidental o trabalho estava associado ao acesso à carteira profissional, a direitos e à cidadania. Essa perspectiva fez com que o movimento sindical focasse (e continue focando) sua luta em prol da conquista de direitos aos trabalhadores com carteira e com registro e não se preocupasse com os imigrantes indocumentados. “Exatamente porque o trabalho era uma forma de cidadania”. Hoje, no entanto, “cada vez mais, o trabalho não dá acesso à cidadania, porque há cada vez mais milhões e milhões de pessoas a trabalhar sem nenhum direito, sem estabilidade, sem direitos, sem sair da pobreza” (SANTOS, Boaventura, 2001, p. 06).

Essa incapacidade do trabalho possibilitar a ascensão social também é abordada por Sassen (2003b), que mostra que o atual processo de reestruturação econômica e de emergência de cidades globais tem gerado um incremento da demanda internacional por trabalhadores e trabalhadoras sub-remunerados e informais. A informalidade, segundo ela, está diretamente ligada à flexibilização de direitos e à redução dos custos, “especialmente os do trabalho”. Neste processo, os imigrantes e as mulheres “são atores

importantes nas novas economias informais das cidades globais”, pois “absorvem os custos de informalizar as atividades produtivas” (SASSEN, 2003b, p. 75).

O preço pago pelos trabalhadores imigrantes nesse novo cenário é bastante alto. Em setores como a construção civil, a informalidade e subcontratação têm resultado em milhares de acidentes e na morte de centenas de trabalhadores todos os anos. Em outros setores, os impactos sentidos não são visíveis em curto prazo, pois se tratam de problemas psicológicos e de distúrbios que, muitas vezes, só aparecem depois de vários anos no exterior.

Como relataram alguns imigrantes com os quais conversei em Portugal e na Espanha, o trabalho no exterior exige mais força psicológica do que física e nem todos conseguem lidar bem com os impactos causados pelas mudanças ocasionadas pela imigração. Entre os problemas estão a angústia, a depressão, a insônia, o alcoolismo, o uso de drogas, o sentimento de culpa, pequenos distúrbios mentais, entre tantos outros. Estes problemas se manifestam no exterior ou mesmo posteriormente, quando retornam ao Brasil, conforme também mostrou o estudo feito por Galimbertti (2002) com imigrantes brasileiros retornados do Japão. No caso dos brasileiros *dekasseguis*, as experiências relatadas pelos retornados, segundo Galimbertti, “geralmente traduzem vivências de intensa exploração de sua força de trabalho e de impotência diante de conflitos quotidianos: solidão, angústia, desajuste cultural, incapacidade econômica” (Ibid, p. 37-38). São “silenciosos sofrimentos” que se acumulam, fragilizam e comprometem a capacidade psíquica e laboral de milhares de imigrantes.

No entanto, os efeitos psicológicos ocasionados pela imigração não são apenas negativos, já que os desafios impostos àqueles que estão longe de casa podem, em alguns casos, estimular a superação dos limites, o auto-conhecimento, gerar mais autonomia e desenvoltura para enfrentar problemas e momentos de crise. Isto, porém, depende dos motivos da saída e da forma como a migração ocorreu, das redes que dão sustentação no local de origem e de destino, do tempo de residência no exterior, se o imigrante está documentado ou não, da condição de trabalho, da integração no país receptor e de vários outros fatores.

Apesar de ser difícil saber se as migrações interferem mais positiva ou negativamente na estrutura psicológica dos imigrantes, o que ficou perceptível no trabalho de campo que realizei é que os impactos negativos são muito grandes, não só na vida dos que saíram, mas também de outros membros da sua família, com quem os

imigrantes brasileiros têm contato constante. Um dos fatores que podem estar contribuindo para isso é o desencanto existente no contexto migratório atual.

Para a historiadora Maria Dolores Pérez Murillo, hoje, ao contrário do que ocorreu com as gerações passadas de imigrantes, a vida dos filhos e netos dos novos imigrantes possivelmente não seja melhor do que a de seus pais e avós. “A imigração de agora é uma imigração de desencanto”, segundo ela, porque “agora mesmo há uma pobreza globalizada”²³¹. Para Pérez Murillo, a segunda geração dos que se foram à Europa melhorou e os que se foram à América melhoraram também, mesmo que agora os netos são arruinados e voltam à terra dos seus antepassados. “A América e a Europa prometiam algo, mas agora mesmo, com o que temos aqui na Península Ibérica, não creio que as pessoas vão ter melhor vida que na América Latina”, me disse ela em entrevista realizada em março de 2008. Isto ocorre, segundo Pérez Murillo, “porque o laboratório de experimentação do Consenso de Washington” agora está sendo vivido também pelos europeus²³².

As mudanças nas características das migrações refletem-se em diferentes depoimentos colhidos, que tratam de um tempo, talvez apenas mítico, que deixou de existir, o fim da “época de ouro da imigração” na Europa, no Japão e nos Estados Unidos. Essa época desaparecida contrasta-se com um presente de vazios, de dificuldades, de conquistas provisórias e instantâneas e com uma concepção de futuro de curta duração, de projetos imediatos e de muitas incertezas. A situação piora quando o foco é o trabalho, a realização profissional e a subsistência. Uma das válvulas de escape utilizadas pelo capital para conter a pressão dos trabalhadores nos dias atuais é o discurso da qualificação. Em muitos casos, o acesso a cursos técnicos, de graduação e de qualificação profissional tem sido uma forma encontrada pelos trabalhadores para buscar a ascensão social e a conquista de empregos mais estáveis e de melhor remuneração. Apesar disso, a concorrência e o desemprego tem aumentado também entre os “super-qualificados”.

Se isso ocorre entre essa parcela de trabalhadores documentados, o que dizer então daqueles que não têm autorização legal para viver e trabalhar em um outro país?

Parte dos imigrantes brasileiros, com quem conversei na Espanha, em Portugal, nos Estados Unidos e em outros países, era composta por imigrantes que possuíam

²³¹ - PÉREZ MURILLO, 2008. Op. cit.

²³² - O Consenso de Washington, segundo Boaventura de Sousa Santos (2002, p. 41) destacou-se por três componentes principais: o consenso do Estado fraco, o consenso da democracia liberal e o consenso do primado do direito e do sistema judicial.

cursos de graduação e pós-graduação. Mesmo assim, a grande maioria estava em empregos bem distintos daqueles que tinham antes da saída, que pouco eram influenciados, em termos de remuneração, pela experiência profissional acumulada e pelo nível de escolaridade. Em alguns casos, a busca pela atualização continuava a ocorrer, mas para a grande maioria era algo no qual pouco ou nada investiam. Entre os motivos para isso estava o fato de que se encontravam no exterior “provisoriamente” para trabalhar e ganhar dinheiro e não para estudar. O discurso presente era o de que se alguém deveria fazer isso, estes deveriam ser os filhos e os mais jovens, já que boa parte dos recursos enviados ao Brasil era para esse propósito. Além do mais, em que um curso feito acrescentaria em sua remuneração no exterior? Para os que desejavam fazer um curso profissionalizante ou uma faculdade (vários entrevistados manifestaram essa vontade), o excesso de trabalho, a irregularidade das jornadas e dos locais de atuação, a ausência de documentação e recursos financeiros, eram impeditivos importantes. Por isso, esse era um projeto de alguns imigrantes para quando voltassem ao Brasil.

Além das novas configurações do mundo do trabalho imigrante, elencadas acima, uma série de outras alterações vêm ocorrendo nesse início de século. Dentre elas, se poderia falar, por exemplo, do fim das profissões. Para os imigrantes indocumentados, não se trata apenas do desaparecimento de determinadas profissões ou de sua substituição por outras, já que atuam em espaços em que seus conhecimentos técnicos e profissionais, quando os tem, geralmente não são requeridos e definidores de uma melhor colocação no mercado de trabalho. Poucos são aqueles e aquelas que permanecem por mais de um ano no mesmo posto de trabalho desempenhando a mesma função. No lugar da profissão, o que predomina são ocupações realizadas por curtos períodos de tempo e que não requerem muitas habilidades específicas. Como mostrei no início desse capítulo, as profissões e os trabalhos que exigem maiores habilidades e conhecimentos estão hoje cada vez mais restritos a um pequeno grupo de trabalhadores.

Associado ao fim das profissões, especialmente para os imigrantes indocumentados, está o fim do emprego fixo, com registro e gerador de direitos adicionais, como férias, fundo de garantia, décimo terceiro e aposentadoria, conforme apontei acima a partir do debate sobre a contratação de imigrantes por empresas terceirizadas e por subcontratadores. Além disso, estamos diante do desaparecimento da identificação com o local de trabalho. Afinal, como identificar-se com espaços de trabalho apenas de passagem e onde não se criam relações duradouras? E se este local for em um outro país, distante da residência habitual, como no caso dos brasileiros que

vivem em Portugal e trabalham na Espanha? Isto nos faz questionar se é possível ainda hoje falarmos de “bairros operários”, de espaços operários e de uma família operária, nos moldes clássicos, como conhecemos por meio dos estudos de Hobsbawm e Thompson.

Hoje, as relações entre o local de trabalho, a comunidade e a família são bastante distintas, já que temos outras noções de pertencimento e envolvimento laboral, comunitário e familiar. Como mostrou Margolis (2003, p. 59), a partir de um estudo sobre os brasileiros nos Estados Unidos, há uma falta de sentido de comunidade e de organizações de base entre os imigrantes, pois seu projeto, ao menos inicialmente, é reunir economias para um possível retorno. Isso é agravado, segundo ela, porque a maioria dos brasileiros entrevistados nega seu status de imigrante, pois se considera apenas visitantes de passagem. Pelo que pude constatar no trabalho de campo realizado em Portugal e Espanha, há a constituição de pequenas comunidades no exterior, geralmente estimuladas pela relação de parentesco e amizade, por afinidades religiosas e por sentimentos de pertencimento. Neste caso, a comunidade não está restrita a um lugar ou território, pois tem sua existência focada em seus membros, os quais não necessariamente moram na mesma rua, no mesmo bairro e até na mesma cidade. Estas pequenas comunidades possuem pontos de encontro voltados ao lazer e à diversão (bares, clubes, casas de jogos, clubes esportivos, residência de um dos membros), ao trabalho (praças, ruas e bares) e a oração (igrejas, casas de família). Em Portugal e Espanha um dos principais pontos de encontro de grupos de brasileiros são os “bares étnicos”, como os que visitei na Costa da Caparica, em Madri, em Sevilha e em Antequera. Já em relação às igrejas, predominam as evangélicas, como Universal do Reino de Deus, Assembléia de Deus, Deus é Amor, Congregação Cristã, entre outras. Destes diferentes pontos de encontros, participam brasileiros recém-chegados e os mais antigos, documentados e indocumentados. A participação nessas pequenas comunidades é afetada diretamente pelos fluxos migratórios e pelos vários deslocamentos internos realizados pelos imigrantes. Há situações em que a comunidade migra junto com seus membros, como mostrei no caso dos brasileiros que mudaram de Vigo para Antequera, no início dos anos 2000.

Se a noção de comunidade mudou, o mesmo pode-se dizer em relação à família que, no contexto das novas migrações internacionais, vem construindo outras maneiras de se relacionar, comunicar e educar os filhos. Essa família já não necessariamente vive mais sobre o mesmo teto, partilha dos mesmos projetos, tem uma vida comunitária em

comum, está mediada por relações de gênero como em outras épocas. Como mostrou Sassen (2003b), os processos migratórios têm impactos diretos nas relações de gênero e podem afetar negativa ou positivamente o papel da mulher no espaço familiar. “A migração internacional altera os padrões de gênero” e “a formação de unidades domésticas transnacionais podem outorgar poder às mulheres.” Isto ficou claro pelo relato feito pela brasileira Maria, no capítulo anterior dessa tese, quando afirmou que é comum, em momentos de pouco trabalho e em lugares onde o trabalho feminino é mais requisitado, que as mulheres assumam um papel central na manutenção da casa e que os homens fiquem responsáveis pelo trabalho doméstico e pelos filhos, diferente do que ocorria no Brasil. Em vários casos, as mulheres são também as que migram primeiro e tornam-se as principais responsáveis pelo sustento da família no país de origem. Segundo Assis (2004), os processos migratórios não são apenas desestruturadores das relações familiares, já que estimulam rearranjos familiares e de gênero, o que não significa que haja sempre uma transformação linear que leva ao rompimento das práticas tradicionais e que tais rearranjos não ocorram em meio a conflitos e negociações. Por outro lado, mesmo com os rearranjos familiares e de gênero, continuam existindo a dupla, tripla ou quádrupla jornada de trabalho feminina e situações de violência contra as mulheres.

Além das mulheres e homens, os impactos das migrações internacionais sobre a família são sentidos também pelas crianças. Para estas, uma das grandes dificuldades é serem filhos de pais ausentes em uma sociedade em que o modelo de família tradicional continua presente. A educação feita por um dos membros da família, como tios e avós ou por telefone e pela internet é uma realidade de milhares de crianças que ficam em seus países de origem. Há situações, como mostrei no terceiro capítulo, no caso da brasileira Iva, em que estas crescem resignadas com os próprios pais e que têm inúmeras dificuldades de aceitá-los como tal nos poucos momentos de reencontro físico que ocorrem. Para mulheres como Iva, isso leva a questionamentos sobre o papel de mãe que historicamente lhes foi atribuído pela sociedade. No entanto, em situações em que as crianças acompanham os pais, estas podem assumir um papel de protagonismo na família, pois, ao inserirem-se na escola e ao conviver com os “nativos”, passam a dominar a língua e os códigos do território, servindo de guia e intérpretes junto aos pais e outros membros da família, como mostrou Menezes (2003). Estas crianças dividem-se

entre dois mundos tornando-se cada vez mais cidadãs “hifenizadas”²³³. Porém, o fato de incorporarem os códigos locais nem sempre é visto com bons olhos pelos pais, especialmente por aqueles que sofrem situações de humilhações e que se sentem excluídos pela comunidade receptora. Essa, no entanto, é uma característica antiga dos processos migratórios, sejam nacionais ou internacionais.

Para finalizar a análise sobre o que mudou e o que permaneceu no atual contexto de migrações internacionais e transformações no mundo do trabalho, gostaria de retomar o debate sobre o uso de dois conceitos em nossa sociedade. O primeiro deles é o conceito de operário, largamente utilizado desde o século XIX, mas que hoje me parece bastante limitado para entender a dinâmica do conjunto dos trabalhadores mundiais e a realidade vivida nos diferentes setores econômicos, em especial no setor de Serviços, onde está a maioria dos imigrantes. O que temos hoje, segundo Sassen (2003b), é a emergência de um “operário periférico”, principalmente feminino e imigrante, “tanto em novos quanto em velhos setores de crescimento”. Este novo operário faz parte de uma “classe de trabalhadores invisíveis”, “sem poder” e sem capacidade de transformar-se em uma “aristocracia operária”, organizada em sindicatos fortes, como nos tempos de predominância do setor industrial. Mesmo assim, é um operário que está a serviço dos setores estratégicos da economia mundial (SASSEN, 2003b, p. 75-77).

Outro conceito que precisa ser ressignificado é o de desemprego, uma vez que, para grande número de imigrantes, não encontrar uma colocação com contrato e registro em carteira é uma realidade que pode perdurar por vários anos. Logo, se estar ou não registrado e ter um contrato de trabalho for o critério usado para definir empregados e desempregados, muitos imigrantes fariam parte permanentemente deste último grupo.

Todos os fatores elencados acima são parte de uma sociedade e de um tempo em que, segundo Hobsbawm (2005, p. 24-25), vem havendo a desintegração de velhos padrões de relacionamento social humano e a “quebra dos elos entre as gerações”, “entre passado e presente”. Nessa nova conjuntura predominam, conforme Hobsbawm, os valores de um “individualismo associal absoluto” e “um conjunto de indivíduos egocentros sem outra conexão entre si, em busca apenas da própria satisfação (o lucro, o prazer ou seja lá o que for)”. No entanto, não se trata da destruição maciça da

²³³ - Esta expressão foi utilizada por Demant (2004, p. 184) para se referir às identidades de imigrantes muçulmanos nos Estados Unidos. Em Portugal e na Espanha, o termo “cidadãos hifenizados” pode ser usado para designar os luso-brasileiros e hispano-brasileiros, respectivamente. Ou seja, filhos de brasileiros que nasceram na Península Ibérica.

velha sociedade, mas de uma adaptação seletiva da herança do passado para uso próprio da nova sociedade no presente.

Escrevendo logo após a queda do Muro de Berlim e fazendo uma retrospectiva do “Breve século XX” Hobsbawm afirmava que no final do século XX, pela primeira vez, tornou-se possível ver como pode ser “um mundo em que o passado, inclusive o passado no presente, perdeu seu papel” e, no qual “velhos mapas e cartas que guiavam os seres humanos pela vida individual e coletiva” já não representam mais a paisagem na qual a humanidade se move, “o mar em que navegamos”. Trata-se de um momento em que “não sabemos aonde nos leva, ou mesmo aonde deve levar-nos, nossa viagem” (Ibid.).

Um dos indícios dessa perda de referenciais refere-se, segundo Hobsbawm, a noção de pertencimento de classe. No final do século XIX, conforme ele, os distintos grupos de trabalhadores que “ganhavam a vida nos países desenvolvidos vendendo seu trabalho braçal por salários aprenderam a ver-se como uma única classe trabalhadora, e a encarar esse fato como de longe a coisa mais importante em sua situação como seres humanos na sociedade” (Ibid., p. 299-300). Estes trabalhadores estavam unidos “não só por salários e por suarem as mãos no trabalho”, mas também pela pobreza e pela luta em partidos e movimentos “que os atraíam essencialmente como trabalhadores”. Eram operários focados no trabalho manual “unidos também pela maciça segregação social, por estilos de vida ou até de roupas diferenciados e pela limitação de oportunidades de vida, que os separavam da camada de trabalhadores de escritórios, socialmente mais móveis”. Eram, enfim, unidos “pelo elemento central de suas vidas, a coletividade: o domínio do “nós” sobre o “eu”” (Ibid., p. 300). Conforme Hobsbawm, o que dava aos partidos e movimentos operários “sua força original” era “a justificada convicção dos trabalhadores de que pessoas como eles não podiam melhorar sua sorte pela ação individual, mas só pela ação coletiva, de preferência através de organizações, fosse pela ajuda mútua, a greve ou o voto”. Por outro lado, a vida de toda a família operária tinha que ser em grande parte pública, “por ser o espaço privado tão inadequado”. A sociabilidade de homens, mulheres, jovens e crianças era a rua, o parque, os salões, a feira, o cinema, a praça, os jogos, as “casas públicas”. As próprias assembléias de partidos e sindicatos serviam aos trabalhadores como espaços de diversão e entretenimento.

Essa realidade, no entanto, começou a mudar consideravelmente a partir da década de 1950, segundo Hobsbawm, com a expansão da sociedade industrial e de

consumo, com a ascensão do rádio, da TV e do vídeo, com a crise do pleno emprego após os anos 70 e com a adoção do neoliberalismo e de novas tecnologias na indústria e em todo o mundo do trabalho. Nas cidades, aos poucos, foram desaparecendo os conjuntos habitacionais públicos, “antes construídos para o sólido núcleo da classe operária”, e foram surgindo “assentamentos dos marginalizados, socialmente problemáticos e dependentes da previdência social” (Ibid., p. 303). Nos países centrais do capitalismo, as migrações em massa trouxeram, de acordo com Hobsbawm, um fenômeno até então desconhecido, “a diversificação étnica e racial da classe operária e, em consequência, os conflitos dentro dela”, estes últimos facilitados pelo enfraquecimento dos movimentos trabalhistas tradicionais. Essa diversidade étnica e racial trazida pelas migrações não eram um problema até então, “pois cada grupo particular de migrantes tendia a encontrar seu próprio nicho na economia, que então colonizava ou mesmo monopolizava”. Com isso, a tendência era não haver competição entre os grupos e manter a solidariedade de classe. Tal realidade praticamente deixaria de existir após a Segunda Guerra Mundial, quando novos imigrantes, patrocinados pelo Estado, entraram no mesmo mercado de trabalho que os nativos e, principalmente, posteriormente quando o emprego se tornou cada vez mais escasso.

Os problemas, apontados acima por Hobsbawm, se agravaram na década de 1990, tanto para trabalhadores imigrantes quanto para os trabalhadores nacionais, com a introdução de novas tecnologias, com o advento do padrão produtivo flexível, com o neoliberalismo, com a nova dinâmica do capital internacional e o enfraquecimento do movimento operário em nível nacional e internacional.

Tudo isso, no entanto, não representou o fim da centralidade do trabalho e das classes sociais, o que significa que sindicatos, associações de trabalhadores e organizações de imigrantes continuam sendo fundamentais. Não simplesmente para fazer um trabalho assistencial, como tem sido feito em muitos desses espaços pelo mundo afora, mas para organizar os trabalhadores imigrantes e o conjunto dos demais trabalhadores para travar pequenas e grandes lutas. Um dos temas estimuladores à participação, como se pode perceber pelos protestos que envolveram milhares de imigrantes em 2006 nos Estados Unidos, é o tema da legalização e da luta pela documentação. Isto porque estar documentado é hoje o sonho de milhões de imigrantes em todo o mundo, pois permite a estes sua inserção como cidadãos nas sociedades de destino e aumentam as chances de realizar seus projetos de emigração.

Outra frente a ser expandida é a atuação sindical em nível internacional, utilizando-se das entidades de trabalhadores criadas para esse fim e da própria estrutura e financiamentos da OIT para encontros internacionais, porém com propósitos que não se limitem a perspectiva do “Diálogo Social” e do “Sindicato Cidadão”, os quais servem muito mais aos exploradores do que aos explorados. Além disso, outras ações, já em andamento são importantes, tais como: as desencadeadas por entidades de defesa dos imigrantes brasileiros, que formaram recentemente uma rede de contatos e solidariedade envolvendo entidades e trabalhadores brasileiros na Europa e em todo o mundo; a aproximação entre distintos movimentos sociais unificando suas forças para denunciar propostas de flexibilização dos direitos de todos os trabalhadores em todo o mundo; a assinatura de acordos entre centrais sindicais, como fizeram pela primeira vez, em 2007, CUT, do Brasil e CGTP, de Portugal, visando transformar a luta pelo direito dos imigrantes uma luta internacional; a participação em encontros que envolvam acadêmicos e movimentos sociais, como os que vêm ocorrendo desde o primeiro Fórum Social Mundial, em Porto Alegre.

Hoje, mais do que em outras épocas, a exploração do trabalho ocorre de forma globalizada e exige dos trabalhadores estratégias e lutas também em escala internacional. No entanto, a união dos trabalhadores necessita nos dias atuais de novas táticas e formas de organização e engajamento que possibilitem reconstruir o que GRAMSCI (1989) chamou de “Bloco Histórico”, profundamente abalado após a queda do Muro de Berlim, em 1989.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante cinco séculos o Atlântico foi o caminho percorrido e o principal limite físico a ser superado por milhões de homens e mulheres. Nesse tempo, as migrações internacionais mobilizaram indivíduos, pequenas e grandes comunidades, sonhos e projetos de vida em ambos os lados desse oceano.

Até o final do século XX, o sentido da travessia era em direção à América, uma terra construída imaginariamente como o lugar da riqueza, da abundância e da prosperidade. A ela se lançaram portugueses, italianos, espanhóis e tantos outros grupos que passaram a deixar seus povoados e cidades utilizando-se de estruturas migratórias cada vez mais intrincadas e que lhes impeliam ao movimento e ao sonho de retorno triunfante. Tal movimento ocorria em meio a um importante processo de migrações internas que ganhou força a partir do século XIX, quando lentamente a condição salarial, os princípios e as estruturas da “economia-mundo” passaram a influenciar todo o globo.

Nesse tempo iniciava-se no Brasil um processo de transição que levaria ao término oficial do trabalho escravo, à colonização de determinadas regiões por imigrantes europeus e asiáticos, à industrialização, à manutenção do grande latifúndio e da exclusão social. Enquanto isso, a Europa ia aos poucos deixando de lado as antigas práticas feudais e incorporava o espírito da sociedade moderna e todos os seus aparatos: maquinaria, urbanização e trabalho repetitivo. Reagindo às mudanças em curso, às secas, epidemias e pragas que atacavam o campo, buscando viabilizar as estratégias familiares e atendendo às necessidades de um novo continente que, como anunciavam os recrutadores de força de trabalho, precisava de braços fortes para a próspera agricultura e para a nascente indústria, famílias inteiras de europeus se puseram em marcha. À medida que as saídas da Europa aumentavam, criava-se toda uma estrutura e redes de emigração, com cartas de chamada, engajadores de mão-de-obra, rotas e portos para a emigração clandestina e documentada, formas de envio de remessas e mecanismos que possibilitavam os retornos e novas partidas. Ao mesmo tempo, expandiam-se os negócios das companhias de navegação, das agências de viagem, dos bancos e tantos outros envolvidos com o movimento transoceânico de seres humanos.

Essa dinâmica foi mantida ao longo do século XX, com o aperfeiçoamento e a modernização de todos os aparatos já existentes. Os fluxos, no entanto, tornaram-se por vezes menos constantes e foram redirecionados para novos territórios que mantiveram acesa a esperança em um futuro promissor. Pelo menos até metade desse século, países como Brasil e Estados Unidos tiveram um papel decisivo na regulação e redimensionamento dos fluxos internacionais de força de trabalho e fizeram com que mudanças em suas políticas de imigração ou restrições às novas entradas acabassem influenciando o aumento ou a diminuição das migrações para outros países e continentes.

Depois da Segunda Guerra Mundial foi a vez da Alemanha e da França, juntamente com os Estados Unidos, assumirem um papel de protagonistas em relação ao recrutamento de trabalhadores para a indústria, a construção civil, a área de serviços e demais setores econômicos. Desde então, estes dois primeiros países receberam milhares de portugueses, espanhóis, italianos, turcos e africanos. As descolonizações da África e da Ásia contribuíram para que esses fluxos se ampliassem, inclusive para países de tradição predominantemente emigratória como Portugal e Espanha.

Na década de 1970, no entanto, em meio a uma forte crise mundial do capitalismo, os imigrantes que até então tinham sido a solução para a falta de força de trabalho na Europa e nos Estados Unidos, voltaram a ser tratados como um problema para os estados receptores, os quais passaram a dificultar as entradas e a estimular o retorno, conforme mostrei no segundo capítulo dessa tese. Nesse mesmo tempo, as migrações para o Norte e Centro-Oeste do Brasil e para Paraguai, incentivadas pelo governo militar, constituíram-se como válvulas de escape para famílias brasileiras do campo e da cidade. No Sul do Brasil, vendedores de terra e intermediários voltavam a percorrer as antigas e novas áreas de colonização italiana e alemã propagando as oportunidades oferecidas nas regiões acima e no país vizinho. Era a abertura de novas fronteiras agrícolas no Mato Grosso, em Rondônia, na Amazônia e no Paraguai. Em menos de uma década regiões inteiras do Sul do Brasil viram-se esvaziadas por esse movimento de saída. Nas décadas seguintes esse fluxo foi se estancando e sendo substituído pelas migrações de jovens e de famílias a capitais como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Nas outras regiões do Brasil o processo de mobilidade interna também se manteve com força, alternando as rotas conforme a conjuntura.

Por volta de meados da década de 1980, ampliaram-se lentamente as saídas em direção aos Estados Unidos, ao Canadá e ao Japão e começaram a chegar notícias de um novo-velho continente, a Europa da integração, do mercado único, do sonho de prosperidade. Em distintas regiões do Brasil, em especial em Minas Gerais, estruturas que viabilizavam as migrações internacionais tornaram-se cada vez mais sólidas. Em pequenas cidades do interior de São Paulo, japoneses e filhos de japoneses criaram grupos de estudo da língua e da cultura ancestral com vistas a preparar os seus descendentes para retornar ao Japão. Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul descendentes de imigrantes redescobriram suas origens européias, reinventaram suas tradições, promoveram “festas típicas”, construíram monumentos e iniciaram a busca de documentos que lhes garantissem a dupla cidadania e facilitassem a travessia pelas, cada vez mais rígidas, fronteiras internacionais. Paralelo a tudo isso, transformações importantes estavam ocorrendo na economia brasileira e internacional e na dinâmica da sociedade, afetando em cheio o mundo do trabalho. Os efeitos mais nefastos tornaram-se visíveis ao longo da década de 1990. Novas tecnologias, privatizações, globalização, desemprego, requalificação e flexibilização do trabalho e de direitos foram termos cada vez mais ouvidos em todo o mundo.

Nesse contexto, ocorreram as chegadas de latino-americanos ao Brasil e a saída de brasileiros de distintas camadas sociais em direção aos Estados Unidos, ao Japão e à Europa. Da mesma forma, se ampliaram os deslocamentos em massa da África, da Ásia e da América Latina rumo aos países ricos. 500 anos depois da conquista do Novo Mundo pelos europeus e do início das grandes viagens, navegações e migrações em direção à América e outros continentes, a mobilidade internacional atingiu níveis jamais vistos na história da humanidade. Nada, portanto, ocorreu da noite para o dia.

O processo de longa duração descrito acima mostra a importância de um olhar para além do instantâneo, do imediato, do tempo presente e ajuda a situar-se em contextos nos quais tudo parece mudar rapidamente. Este processo revela que as estruturas sociais e migratórias existentes são construções humanas e que algumas demoram séculos para se consolidarem. Entre as continuidades e descontinuidades da história há mudanças que são apenas conjunturais, restritas a anos e décadas, enquanto outras são estruturais e mais difíceis de perceber quando ocorrem. Tentar identificar esses momentos de transição é uma das principais tarefas dos historiadores. Por isso,

essa foi uma das tarefas que tive ao analisar os temas imigração e trabalho e ao focar a investigação nos deslocamentos populacionais entre o Brasil, Portugal e Espanha.

A presente tese teve como objetivo geral analisar o processo de migração internacional do final do século XX e início do século XXI, mostrando suas relações com as migrações ocorridas em épocas anteriores e com as transformações contemporâneas do mundo do trabalho. Já os objetivos específicos foram: a) investigar a história das migrações internacionais entre Brasil, Portugal e Espanha, mostrando a chegada de espanhóis e portugueses no Brasil e o contexto de ampliação das migrações de brasileiros para esses dois últimos países a partir de 1986; b) identificar as narrativas, memórias, territórios e o cotidiano dos imigrantes brasileiros em Portugal, Espanha e outros países; c) mostrar as novas faces do trabalho imigrante entre o final do século XX e início do século XXI tendo como referência o trabalho de imigrantes brasileiros na construção civil, na limpeza e no cuidado de pessoas, na agricultura e na hotelaria; d) contribuir para o aprofundamento das pesquisas sobre migrações internacionais e mundo do trabalho.

Para atingir os objetivos acima foram abordados os processos de migrações ocorridas há mais de um século envolvendo a América e a Europa e enfatizada a manutenção de uma lógica maior ligada ao movimento de expansão internacional do capital. Ao estudar os contextos específicos de Portugal e Espanha, foi possível confirmar a tese de que existem inúmeras continuidades e similitudes entre novas e antigas migrações econômicas e que estas utilizam-se há mais de 100 anos dos mesmos aparatos: políticas de incentivo pelos países de destino, fortes propagandas vinculadas às novas oportunidades oferecidas, estruturação de negócios em torno das migrações com a presença de empresas de transporte, agências de viagem, intermediários, engajadores de força de trabalho (*coiotes*, *ganchos* e tantos outros), incentivo ao envio de remessas, emigração indocumentada e ocupação de lugares definidos aos imigrantes nos mercados de trabalho dos países de destino. Além disso, tanto as migrações do presente quanto as do passado serviram como válvula de escape diante dos problemas sociais e econômicos existentes no campo e na cidade e foram usadas pelas famílias dentro de uma estratégia que visava à subsistência e a melhoria de vida. Essas famílias forjaram “culturas de emigração” em diferentes localidades e uniram os dois lados do Atlântico por meio de redes de emigração baseadas em laços de solidariedade,

parentesco, amizade e interesses, os quais permitiram a manutenção dos fluxos primeiro em uma, depois em outra direção.

Outro fator em comum entre as migrações do passado e do presente é a forma como o retorno foi construído enquanto prática social e individual. Há mais de um século, o retornado esperado é aquele que prosperou, que venceu, que conseguiu provar para sua família e comunidade de onde partiu que sua saída não foi em vão. Por isso, seu retorno não deveria e não deve passar despercebido no seio familiar e comunitário. É preciso grandes festas, jantares e outras formas de exibição pública. Com o dinheiro recebido são construídas imponentes casas e adquiridos bens antes inacessíveis. Foi isso que ocorreu com os “brasileiros de torna-viagem” em Portugal, com os “indianos” na Espanha e que continua a ocorrer hoje com os brasileiros e outros imigrantes que retornam aos seus países. Nesse universo de códigos e símbolos não há espaço para o fracasso, para o simples retorno. Voltar em condições iguais ou piores do que antes da partida é, para muitos imigrantes, reconhecer-se diante de suas famílias e comunidades como incapazes e fracassados. Nessas situações, a saída há muito tempo utilizada pelos imigrantes é permanecer no exterior até que consigam provar que venceram. Caso isso não seja possível, a tendência tem sido fantasiar a vitória ou nunca mais voltar.

Em períodos mais recentes, com a emergência de novas tecnologias da informação e da comunicação, a construção e a manutenção do discurso da vitória são acompanhadas de provas instantâneas do sucesso ou ao menos indícios materiais de que a vitória está em curso. Pela internet, por imagens captadas por máquinas digitais e celulares, por DVDs e vídeos, pelo envio de remessas e por tantas outras maneiras, os que partiram vão aos poucos mostrando suas novas aquisições e tentando convencer os seus de que valeu a pena emigrar. Ao fazer isso, acabam estimulando os que ficaram a emigrar também. Como mostrei a partir de entrevistas com brasileiros em Portugal e na Espanha, mesmo em situações em que os que já saíram reconhecem que foi um erro emigrar e tentam desestimular os seus a fazer o mesmo, a tendência é haver novas migrações, pois para os que ficaram isso é muitas vezes encarado como um blefe ou uma estratégia utilizada para evitar que outras pessoas também possam prosperar. Isso ocorre especialmente em localidades onde há uma cultura de imigração instalada e onde estão presentes estruturas ligadas às emigrações profissionalizadas, já que ambas facilitam as saídas e tornam as viagens ao exterior por vezes mais atrativas e menos dispendiosas do que os deslocamentos internos.

As migrações internacionais recentes, assim como as do passado, envolvem pessoas cujos antepassados ou elas próprias já haviam migrado internamente antes para áreas consideradas promissoras. No caso do Brasil, isso ocorre desde o século XIX com as migrações de nordestinos para a Amazônia, com os deslocamentos de imigrantes e seus descendentes para áreas do interior paulista, do Paraná e de Santa Catarina e, após os anos 1940 com a migração de levas de nordestinos para a cidade de São Paulo e de sulistas para as regiões Centro-Oeste, Norte e Sudeste. Para muitos desses grupos, as migrações internacionais representam a continuidade da mobilidade interna iniciada há mais de um século.

Aproveitando-se da evolução e agilidade nos transportes, as migrações de hoje permitem múltiplos destinos, seja internamente nos países de destino ou destes em direção a outros países. No caso da Península Ibérica isso é bastante visível entre os brasileiros que, após se estabelecerem principalmente em Portugal, passaram a se deslocar para países do bloco europeu, num movimento de várias idas e vindas. Essa prática também estava presente no final do século XIX e início do século XX quando espanhóis, por exemplo, migravam para o Brasil e em seguida para a Argentina ou vice-versa. No entanto, as dificuldades para esses deslocamentos eram muito maiores e as re-migrações eram menos intensas do que hoje.

Em relação ao trabalho, há também muitas continuidades no processo migratório dos últimos 100 anos. Os setores de grande presença de imigrantes são praticamente os mesmos: agricultura, indústria, construção civil e serviços. No entanto, em cada localidade e em cada período histórico alguns setores se destacaram. No final do século XIX e início do XX a grande demanda no continente americano era de trabalhadores para a agricultura. Posteriormente, com a industrialização, estes passaram a ser requisitados para o trabalho nas cidades. Na Europa do Pós-Guerra, as maiores demandas eram para a construção e a indústria. Em contextos mais recentes, com o declínio do número de empregos no setor industrial e a mecanização do campo, as maiores procuras são para o setor de Serviços.

Outra marca do trabalho no último século é a exploração. Hoje, assim como no passado, permanecem as longas jornadas, os contratos de fachada, a clandestinidade, os baixos salários e as más condições de trabalho. Como agravante está a grande dificuldade de organização dos trabalhadores imigrantes e seu pouco engajamento em sindicatos, movimentos sociais e políticos, o que parece ser reflexo da fragmentação e

da falta de utopia que marcam a história mais recente do movimento operário internacional. Sobre isso, são bastante esclarecedoras as análises feitas no último capítulo dessa tese, com base em Hobsbawm e outros autores. Dessa parte, o que se extrai é que o trabalho imigrante, no contexto atual de uma globalização exacerbada, de implantação de novas tecnologias e de predomínio do padrão produtivo flexível, ocorre em um contexto bem distinto daquele realizado até a década de 1970. Nos contextos mais recentes também são distintas para os imigrantes as formas de morar e de viver, bem como as noções de família, comunidade, profissão, emprego, sociabilidade, pertencimento e a maneira como estes encaram o passado, o presente e o futuro. O debate que realizei sobre esse assunto no sexto capítulo dessa tese, contribuiu para que uma das questões que levantei no projeto de doutorado sanduíche e outra feita na introdução do atual trabalho fossem respondidas. Ou seja, o trabalho imigrante tem sim inúmeras especificidades nesse início de século, porém, não se pode falar de uma “cultura do trabalho imigrante”, já que estes estão, ao lado dos demais trabalhadores, integrados e contabilizados como parte do conjunto dos trabalhadores que devem produzir a riqueza mundial.

Outra questão respondida após as investigações de campo está relacionada aos impactos das transformações recentes no mundo do trabalho sobre o trabalho imigrante. Por meio das pesquisas em Portugal e na Espanha e das entrevistas com imigrantes brasileiros em outros países, ficou claro que a imigração vem sofrendo interferências diretas das alterações nos padrões produtivos, dos níveis de emprego e desemprego e da dinâmica do mundo do trabalho tanto nos países de origem quanto nos de destino. Estes fatores, no entanto, não são os únicos que determinam mobilidade internacional dos brasileiros desde o final do século XX.

Em relação aos impactos das migrações internacionais nas memórias, projetos individuais e coletivos e nas representações dos que partiram, os capítulos três e cinco, nos quais abordei a presença brasileira nas cidades da Costa da Caparica e Antequera, são bastante elucidativos quanto às inúmeras mudanças entre os imigrantes após a partida. As memórias e projetos dos brasileiros entrevistados estão geralmente envoltas por re-elaborações sobre o país de origem, as pessoas e os lugares que ficaram para trás. Para muitos, as lembranças estão ora associadas à vida no campo, ao contato com a natureza e aos atributos positivos de uma terra para onde se deseja voltar, ora à pobreza, ao trabalho duro e às inúmeras partidas e chegadas realizadas durante décadas. As

histórias de vida contadas retomam as trajetórias de distintas gerações, incluindo antepassados que viveram no século XIX, e familiares que migraram da Itália, da Espanha e de Portugal para o Brasil. Já as percepções sobre o “outro” por vezes reproduzem estereótipos criados em momentos de conflitos, como é o caso da visão negativa entre diferentes grupos de brasileiros, entre brasileiros e portugueses e entre brasileiros e espanhóis. Muitas vezes, o distanciamento territorial estimula percepções que se desfazem depois da chegada. Isto vale para os que saíram do Brasil e também para os que re-emigraram de um país para outro. Na Costa da Caparica, por exemplo, os brasileiros entrevistados em 2007 acreditavam que uma das vantagens dos espanhóis em relação aos portugueses era de que os primeiros respeitavam mais os brasileiros, não falavam alto durante o trabalho, tinham paciência para ensinar. Já em Antequera, na Espanha, a visão de brasileiros com quem conversei em 2008 era de que os espanhóis tinham por hábito falar alto em um tom que para eles era bastante ofensivo e discriminavam bastante brasileiros e outros imigrantes.

Muitas memórias explicitadas em 2007 e 2008 durante o trabalho de campo foram “memórias ucrônicas” associadas a arrependimentos, sofrimentos e projetos de futuro. Se pudessem, muitos imigrantes brasileiros reescreveriam sua própria história ou explicitariam publicamente tudo o que vêm sentindo. Escreveriam uma carta, publicariam suas memórias em livros, fariam recomendações através de rádios, TVs e jornais, lembrariam às autoridades brasileiras e do países de destino que existem e que exigem respeito e tratamento digno. Já muitos dos que desejam voltar, se pudessem, acelerariam o tempo e, como o brasileiro Jorge, fariam acontecer mais rapidamente o reencontro com o seu passado.

O que eu espero para mim e minha família nos próximos tempos é que possa chegar rapidamente agosto, que é um pouco complicado chegar rápido, porque só passando os dias para chegar, para que eu possa estar mais perto possível deles e que possamos estar reunidos de novo. Meu desejo é voltar e estar perto da minha família, estar perto deles, estar presente²³⁴.

Enquanto Jorge desejava voltar, muitos outros brasileiros permaneceriam distantes, por vontade própria, por medo de reencontrar-se com seu passado ou simplesmente por não conseguir mais conformar-se a um só lugar e a tudo que ficou para trás. Para os que ficam um dos grandes desafios será enfrentar o aumento da

²³⁴ - Jorge. Op. cit.

xenofobia e as novas táticas de seleção dos imigrantes “desejados” e dos “indesejados”. Para os que voltam, há pela frente as dificuldades de um país com enormes desigualdades sociais, cujo povo se mantém esperançoso de que a prosperidade econômica e social, há muito sonhada, um dia haverá de chegar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jorge Fernandes. **Os “brasileiros”**: emigração e retorno no Porto oitocentista. Porto: Universidade do Porto, 1993.

_____. Atalhos batidos – a emigração nortenha para o Brasil. In: **Atalaia/Intermundos**. Revista do CICTSUL - Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa, nº. 6-7, Verão de 2000. p. 297-308. Disponível em: http://www.triplov.com/atalaia/atalaia_6_7/index.html.

ALVITO, Marcos. **A parte que te cabe neste latifúndio**: o futebol brasileiro e a globalização. *Análise Social*, v. 41, p. 451-474, 2006.

AJA, Eliseo e ARANGO, Joaquin (org.). **Veinte años de inmigración en España**: perspectivas jurídica y sociológica [1985-2004]. Barcelona: Fundació CIDOB, 2006.

AMENGUAL, Andrés Bibiloni. Migración interprovincial en la España del siglo XX. Flujos y cadenas migratorias entre Andalucía y Baleares. **Revista de Estudios Antequeranos**, Antequera, vol. 14, 2004.

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **O fim da História**: de Hegel a Fukuyama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

ANTONACCI, Maria Antonieta. **Atravessando o Atlântico**. Memórias de imigrantes espanholas no fazer-se de São Paulo. (mimeografado). S/d, p. 1-36.

ANTUNES, Ricardo. Afinal, quem é a classe trabalhadora hoje? **Margem Esquerda - Ensaios Marxistas**. Nº. 07. São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **O caracol e sua concha**: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 1999.

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Unesp, 1996.

ASSIS, Gláucia de O. **De Criciúma para o mundo**: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. 2004. Tese (Doutorado em Antropologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. **“Estar aqui... estar lá”**. 1995. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. A fronteira México-Estados Unidos: entre o sonho e o pesadelo - as experiências de e/imigrantes em viagens não-autorizadas no mundo global. **Cadernos Pagu**, nº 31, Campinas Jul./Dez. 2008

AXT, Günter. **O Poder Judiciário na sociedade coronelista gaúcha (1889-1930)**. sd. Disponível em: <http://www.tjrs.jus.br/institu/memorial/artigojustica.php>.

BAGANHA, Maria Ioannis. Política de imigração: a regulação dos fluxos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº. 73, 2005.

_____. A cada sul o seu norte: dinâmicas migratórias em Portugal. In: SANTOS, Boaventura de S. (org.). **Globalização: fatalidade ou utopia?** Porto: Edições Afrontamento, 2001.

_____. A emigração portuguesa e as correntes migratórias internacionais (1855-1974) – síntese histórica. **Estudos Migratórios Latinoamericanos**. Buenos Aires, Centro de Estudos Migratórios Latinoamericanos, ano 13, nº. 38, abril 1998.

BAGANHA, M. I. & GOIS, P. Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos? In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº. 52/53, nov. 1998/ fev.1999.

BAGANHA, Maria; GOIS, Pedro e MARQUES, José Carlos. **O Sector da Construção Civil e Obras Públicas em Portugal: 1990-2000**. Coimbra: *Oficina do CES*, nº. 173, 2000.

BAGANHA, Maria Ioannis e MARQUES, José Carlos. **Imigração e Política: o caso português**. Lisboa: Fundação Luso-Americana, 2001.

BAGANHA, Maria Ioannis, FERRÃO, João e MALHEIROS, Jorge (Orgs.). **Os movimentos migratórios externos e a sua incidência no mercado de trabalho em Portugal**. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional, 2002.

BARRANCO, Antonio Parejo. **Historia de Antequera**. Antequera: Biblioteca Antequera de la Caja de Ahorros, 1987.

BASSANESI, M. Silvia B. & BÓGUS, Lucia M. M. **Brasileiros na Itália: movimentos migratórios e inserção social**. Disponível em: <http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2000/Bogus-Bassanesi.PDF>.

BAUS, Carlos Llorca. **Los Barcos de la emigración: 1880-1950**. Alicante: Duch Serra, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas, vol. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BESERRA, Bernadete. **Brazilian Immigrants in the United States: Cultural Imperialism and Social Class**. New York, NY, USA: LFB Scholarly Publishing LLC, 2003.

_____. **Brazilians in Los Angeles: Imperialism, Immigration, and Social Class.** Ph. D. Dissertation, University of California, Riverside, 2000.

BLOCH, Marc. **Introdução à História.** 6ª ed. Portugal: Publicações Europa-América, 1993.

BÓGUS, Lúcia. Brasileiros em Portugal: novos movimentos migratórios ou volta às origens? **Travessia** – Revista do Migrante, São Paulo, nº. 21, jan./abr. 1995.

_____. Esperança Além-Mar: Portugal no “arquipélago migratório” brasileiro. In: : MALHEIROS, Jorge M. (org). **Imigração Brasileira em Portugal.** Lisboa: ACIDI, 2007.

BÓGUS, L.M.M. e BASSANEZI, M.S.B. - "Do Brasil para a Europa – Imigrantes Brasileiros na Península Itálica neste final de Século". In: **O Fenômeno Migratório no Limiar do 3º Milênio,** Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

BORUCKI, Alex, CHAGAS, Karla e STALLA, Natalia. Apuntes sobre el trabajo esclavo y su persistencia en el Río de La Plata: la frontera uruguayo-brasileña a mediados del siglo XIX. In: **XIII Jornada de Jóvenes Investigadores da AUGM.** Trabajos Completos. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 2005.

BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a História.** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992a.

_____. **Reflexões sobre a História.** São Paulo: Martins Fontes, 1992b.

BUSTAMANTE, Jorge. **Migración Internacional y Derechos Humanos.** México: UNAM, 2002.

BUSTILLO, Josefina Cuesta (coord.). **Historia Social y del movimiento obrero.** Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 1999.

CABRAL, A. M. Pires. **A emigração na literatura portuguesa: uma coletânea de textos.** Lisboa: Secretaria de Estado da Emigração. Série Migrações, 1985.

CAMPOS, Émerson C. **Territórios deslizantes: recortes, micelânias e exibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002).** 2003. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** 6ªed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

CARDOSO, José Álvaro de Lima. **Reestruturação produtiva e mudança no mundo do trabalho: um olhar sobre os setores têxtil e alimentício em Santa Catarina.** 2003. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

CARVALHO, José Murilo. **A construção da ordem: a elite política imperial.** Brasília: UNB, 1981.

CASTEL, Robert. **As metamorfoses da questão social**: uma crônica do salário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

CASTELO BRANCO, Camilo. Eusébio Macário. Lello & Irmão, Editores, Porto, s/d. In: CABRAL, A. M. Pires. **A emigração na literatura portuguesa**: uma colectânea de textos. Lisboa: Secretaria de Estado da Emigração. Série Migrações, 1985.

CASTRO, Ferreira. Emigrantes. 14ª edição. Lisboa: Guimarães Editores, s/d. In: CABRAL, A. M. Pires. **A emigração na literatura portuguesa: uma colectânea de textos**. Lisboa: Secretaria de Estado da Emigração. Série Migrações, 1985.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 2001.

CAVALCANTI, Leonardo. **Los inmigrantes brasileños en la ciudad de Barcelona**: un estudio antropológico sobre sus estrategias migratorias y su vida cotidiana. Tesis doctoral, Dept. de Sociología, Universidad de Salamanca: Salamanca, 2004a.

_____. Lembrança de emigração e realidade de imigração: o fenômeno migratório na Espanha e a recente chegada dos brasileiros. **Cadernos CERU**, N. 15, 2004b.

_____. “Imigrantes”, “imigrados”, “estrangeiros”... e a fabricação do “outro” imaginário. A presença brasileira no contexto da imigração na Espanha. **Revista Universitas**. Relações internacionais. V. 3 n.2, 2005.

_____. O protagonismo empresarial imigrante a partir de uma perspectiva de gênero: o caso das brasileiras nas cidades de Madri e Barcelona. In: **Actas VI seminario internacional "fazendo gênero"**. Florianópolis, 2006.

_____. (Re)pensando a construção social da categoria “imigrante”. Reflexões a partir da presença brasileira na Espanha. **Revista Ágora**, v. 13, nº1, jan/jun, 2007.

CAVALCANTI, Leonardo e BOGGIO, Karina. Una presencia ausente en espacios transnacionales. Un análisis sobre la cuestión del retorno, a partir del cotidiano de uruguayos y brasileños en España. Girona: **Actes del IV Congrés sobre la immigració a Espanya**: Ciutadania i Participació, nov. 2004c.

CERVELLÓ, Josep Sánchez. Los estados autoritarios. In: GÓMEZ, Hipólito de la Torre (editor). **España y Portugal. Siglos IX-XX – Vivencias históricas**. Madrid: Editorial Síntesis, 1998.

CHAUVEAU, Agnes e TETART (org.). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.

CONTRERAS-PÉREZ, Francisco. **Tierra de ausencias – la moderna configuración migratoria de Andalucía (1880-1930)**. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2000.

DEBIAGGI, Sylvia Duarte Dantas (Author). **Changing Gender Roles : Brazilian Immigrant Families in the U. S**. New York, NY, USA: LFB Scholarly Publishing LLC, 2001.

DIAS, Guilherme Mansur. Migração y Trabajo “Temporal” en los Estados Unidos: un abordaje etnográfico del Okemo. **Seminário Nuevos Retos del Transnacionalismo en el Estudio de las Migraciones**. Barcelona, feb. 2008. Disponível em: <http://docsgedime.wordpress.com/mesa-7mercado-de-trabajo-y-redes-transnacionales>.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DEMANT, Peter. **O mundo muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ERICE, Francisco. Retorno y retornados de la emigración a América: el caso de Asturias. In: BUSTILLO, Josefina Cuesta (coord.). **Historia Social y del movimiento obrero**. Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 1999.

FAUSTO, Boris. **Brasil, de colônia a democracia**. Madrid, Alianza Editorial, 1995.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Entre a “fortaleza” da Europa e os laços afetivos da “irmandade” luso-brasileira: um drama familiar em um só ato. In: CASTRO, Mary Garcia (org.). **Migrações internacionais**: contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001.

FERNANDES, Duval. Fontes de dados para a estimativa do volume de imigrantes na Espanha: notas introdutórias. In: **Anais do 5º Encontro Nacional Sobre Migração**. Campinas: ABEP, out. 2007.

FERNANDES, Duval e NUNAN, Carolina. O Imigrante brasileiro na Espanha: perfil e situação de vida em Madri. In: **Anais do 6º Encontro Nacional da ABEP**. Campinas, out. 2008.

FIORI, Neide Almeida. Deslocamento do sonho: imigração e emigração no Brasil. In: SCHERER-WARREN, Ilse e FERREIRA, José M. C. (Org.). **Transformações sociais e dilemas da globalização**: um diálogo Brasil/Portugal. São Paulo: Cortez, 2002.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. Lobato na América - americanismo e tecnologia da seleção. **Revista Estudos de História**, Franca SP, v. 12, n. 2, p. 205-231, 2005.

_____. O mito de Caliban na interpretação do Brasil: acerca do americanismo na República Velha Brasileira. **Diálogos**, Aahus, p. 50-71, 2005.

_____. **Os espanhóis conquistam a ilha de Santa Catarina - 1777**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

_____. **Povoadores da fronteira**: os casais açorianos rumo ao Sul do Brasil. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.

_____. Fronteiras Celibatárias: Nação, Corpo e Etnia. **História: Fronteiras**. XX Simpósio Nacional da ANPUH. Florianópolis, 1999.

FREYRE, Gilberto. **Aventura e Rotina**. Lisboa: Livros do Brasil, 1952.

_____. **O mundo que o português criou**. Lisboa: Livros do Brasil, 1940.

_____. **Um brasileiro em terras portuguesas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares**. 2000. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade de Campinas, Campinas.

FUSCO, Wilson, HIRANO, Fábio & PERES, Roberta. Brasileiros nos Estados Unidos e Japão. **In: Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Ouro Preto, 2002.

GALIMBERTTI, Percy. **O caminho que o dekassegui sonhou: cultura e subjetividade no movimento dekassegui**. São Paulo: Educ/Fapesp; Londrina: Ed. Uel, 2002.

GERONIMI, Eduardo. **Admisión, contratación y protección de trabajadores migrantes: panorama de la legislación y práctica nacionales de Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Colombia, Ecuador, España, Perú, Portugal y Uruguay**. Ginebra: Oficina Internacional del Trabajo, 2004.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GOMES, Angela de Castro. "Imigrantes italianos: entre a italianità e a brasilidade". In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal e VAINFAS, Ronaldo. Sonhos galegos: os espanhóis no Brasil. In: IBGE. **Brasil, 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HIRANO, Fabio Yoiti. **O Caminho para Casa**: o Retorno dos Dekasseguis. 2005. Dissertação (Mestrado em Demografia), Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas.

HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital**: 1848-1875. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. **Era dos Extremos**: o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. **O novo século**: entrevista a Antonio Polito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. **Sobre a História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. 7ª ed.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

JAMESON, Fredric. **Pós-modernismo**: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

JUNTA DA FREGUESIA DA COSTA DA CAPARICA. **As ruas de Costa de Caparica**. Oeiras: DSA Editores, 2003.

KOVÁCS, Ilona. Empresa flexível: problemas sociais do pós-taylorismo. In: GARCIA PEREIRA, António [et.al.]. **Globalizações**: novos rumos no mundo do trabalho. Florianópolis: Editora da UFSC/SOCIUS, 2001.

LACLAU, Ernesto. Universalism, Particularism, and the Question of Identity. In: The Identity in Question. **October**, vol. 61, summer, 1992.

LINARES, Ybelice Briceño. Inmigración, exclusión y construcción de la alteridad. La figura del inmigrante en el contexto español. En Daniel Mato (coord.) **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, pp. 201-219. Disponível em: <http://www.raco.cat/index.php/Athenea/article/viewArticle/39843/0>.

LÓPEZ, José Ramón García. **Las remesas de los emigrantes españoles en América** – siglos XIX y XX. Ediciones Jucar, 1992.

MACHADO, Igor José de Renó. **Implicações da imigração estimulada por redes ilegais de aliciamento** – o caso dos brasileiros de Portugal. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências – painel: o tráfico de pessoas no espaço lusófono, Coimbra, 2004a.

_____. **Cárcere Público**: identidades e estereótipos de brasileiros no Porto, Portugal. In: XXIV Reunião Brasileira de antropologia. Olinda, 2004b.

_____. **Cárcere Público**: processos de exotização do imigrante brasileiro em Portugal. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Unicamp, Campinas.

_____. Dentistas brasileiros em Portugal. **Revista Com Ciência**. Disponível em: www.Comciencia.com.br. Publicado em: 10 dez. 2000. Acesso em: 14 set. 2007.

_____. Estado-nação, identidade-para-o-mercado e representações de nação. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, V. 47, Nº 1, 2004c

_____. O “brasileiro de torna-viagens” e o lugar do Brasil em Portugal. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 35, 2005.

_____. Reflexões sobre as identidades brasileiras em Portugal. In: MALHEIROS, Jorge M. (org). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **A política de colonização do império**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

MAESTRI, Mario. **Castro Alves, o poeta da resistência**. 1997. Disponível em: <http://www.sinpro-rs.org.br/extra/nov97/cultu2.htm>.

MAFFESOLI, Michel. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MALHEIROS, Jorge M. (org). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007.

MARGOLIS, Maxine L. **Little Brazil: imigrantes brasileiros em Nova York**. Campinas: Papirus, 1994.

MARGOLIS, Maxine L. Na virada do milênio: a emigração brasileira para os Estados Unidos. In: MARTES, Ana C. B. & FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARTES, ANA C. B. **Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MARTES, Ana C. B. & FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MARTÍNEZ, Elda González. Los inmigrantes invisibles: condiciones de vida e identidad de los españoles en São Paulo, en la segunda mitad del siglo XX. In: **Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe**. Volumen 11, nº 1, Enero-Junio de 2000. Disponível em: http://www.tau.ac.il/eial/XI_1/gonzalez.html

MARX, Karl. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **O Capital** – crítica da economia política. 3ª ed. São Paulo: Nova Cultura, 1988. Vol. 1, Tomo I e II.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **O manifesto comunista**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MATTOSO, Jorge. **O Brasil Desempregado**: como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

MEIHY, José C.S. **Brasil fora de si**: experiências de brasileiros em Nova York. São Paulo: Parábola, 2004.

MENEZES, Gustavo H. Filhos da imigração: a segunda geração de brasileiros em Connecticut. In: MARTES, Ana C. B. & FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo, Boitempo, 2002.

MONTEIRO, Joyce A. R. **Estados Unidos: um retrato político das migrações Internacionais**. 1997, Dissertação, Unicamp, Campinas.

MORENO, M.L.G, TEGEIRO, L.R e VARGAS, R.L. Antequera, una comarca de reforma agrária (1984-1994). **Revista de Estudios Antequeranos**, nº 2, 1994.

OMT. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

PADILHA, Beatriz. A imigrante brasileira em Portugal: considerando o gênero na análise. In: MALHEIROS, Jorge M. (org). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007.

_____. Redes sociales de los brasileiros recién llegados a Portugal: solidaridad étnica o empatia étnica? **Socius Working Paper**, nº 2, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, 2005.

PATARRA, N. (coord.). **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. São Paulo: FNUAP, 1995.

PATRÍCIO, Maria Cecília. No truque: fluxos migratórios de transgêneros brasileiras a Espanha: uma perspectiva transnacional. In: **Anais do 5º Encontro Nacional Sobre Migração**. Campinas: ABEP, out. 2007.

PEIXOTO, João e FIGUEIREDO, Alexandra. Imigrantes brasileiros e mercado de trabalho em Portugal. In: MALHEIROS, Jorge M. (org). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007.

PÉREZ MURILLO, María Dolores. **Oralidad e historias de la vida de la emigración andaluza hacia América Latina (Brasil y Argentina) en el siglo XX**. Cádiz: Servicio de Publicaciones de la Universidad, 2000.

_____. Experiencias migratorias contadas por sus protagonistas. La migración andaluza a América a comienzos y mediados del siglo XX. **Tiempos de América**, nº 13, 2006.

_____. Historia de vida, de familia y de género sobre la emigración a Brasil a comienzos del siglo XX: desde la Andalucía del minifundio a los cafetales de Sao Paulo. **Trocadero**, Cádiz, Universidad de Cádiz, 2003.

PINHO, Ana Filipa Antunes. **Migrações e Processos Comunicacionais**: O caso dos brasileiros em Portugal. 2001. Dissertação (Mestrado), Lisboa, ISCTE.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Revista Projeto História**. São Paulo, 14, fev. de 1997.

_____. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. In: **Revista Projeto História**. São Paulo, nº 10, dez. 1993.

REMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVEAU, Agnes e TETART (org.). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

RIFKIN, Jeremy. **O fim dos empregos**: o declínio inevitável dos níveis dos empregos e a redução da força global de trabalho. São Paulo: Makron Books, 1995.

RIPOLL, Erika Masanet. **De Brasil a Espanha**: un estudio sobre la migración desde una perspectiva integrada de los lugares de origen y de destino. 2009. Tese (Doctorado en Sociología) Departamento de Sociología II, Universidad de Alicante, Alicante, España.

_____. O Brasil e a Espanha na dinâmica das migrações internacionais: um breve panorama da situação dos emigrantes brasileiros na Espanha. In: **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, realizado em Caxambu - MG – Brasil, Setembro de 2006. Publicado por: www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docs/pdf/ABEP2006_499.pdf. Acesso em 05/02/07.

RODRIGUES, Manuel Augusto. **A universidade de Coimbra**: marcos da sua história. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1991.

ROSSI, Pedro. Remessas de imigrantes: estudo de caso de brasileiros em Portugal. In: MALHEIROS, Jorge M. (org). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. **Fora do Lugar – Memórias**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SALES, Teresa. **Brasileiros longe de casa**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. O Brasil no contexto das novas migrações internacionais. **Travessia** – Revista do Imigrante, São Paulo, nº 21, jan./abr. 1995.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. A territorialização/desterritorialização da exclusão/inclusão social no processo de construção de uma cultura emancipatória. In: **Seminário: Estudos Territoriais de desigualdades sociais**. São Paulo: PUC, 2001. Disponível em: <http://www.cedest.info/Boaventura.pdf>.

SANTOS, Fabio Muruci. Um éden germânico: Europa e América nas viagens de Oliveira Lima. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, nº 35, 2005.

SANTOS, Gislene Aparecida. **O caso dos migrantes da cidade de Criciúma Brasil/ para os Estados Unidos**. *Scripta Nova*, Universidad de Barcelona, n.94, 2001. Disponível em: www.ub.es/geocrit/sn-94-13.htm.

_____. **Redes e fronteira**: o caso da migração sul catarinense para os EUA. 2004. Projeto de Qualificação (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____. Redes e território: reflexões sobre a migração. In: DIAS, Leila C. & SILVEIRA, Leandro L. (Org.) **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

SANTOS, Vanda. **O discurso oficial do estado sobre a emigração dos anos 60 a 80 e emigração dos anos 90 à actualidade**. Lisboa: Observatório da imigração, vol. 8, outubro de 2004.

SASAKI, Elisa M. **O Jogo da Diferença**: a experiência identitária no movimento de kassegui. 1998, Dissertação, Unicamp, Campinas.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. São Paulo: **Revista Travessia**, número especial, 2000.

SASSEN, Saskia. **Los espectros de la globalización**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, S.A, 2003a.

_____. **Contrageografías de la globalización**: género y ciudadanía en los circuitos transfronterizos. Madrid: Traficantes de Sueños, 2003b.

_____. Será este o caminho? Como lidar com a imigração na era da globalização. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, nº 64, 2002.

_____. Immigration and Local Labor Markets. In: PORTES, Alejandro. **The economic sociology of immigration**. New York: Russel Sage Foundation, 1995.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias F. “A dialética em questão: considerações teórico-metodológicas sobre a historiografia contemporânea”. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 48.

SEIXAS, Xosé M. Núñez. Una aproximación a la imagen social Del emigrante retornado de América en la Península Ibérica (siglos XVI-XX). In: BUSTILLO, Josefina Cuesta (coord.). **Historia Social y del movimiento obrero**. Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 1999.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: UNB, 1990.

SILVA, Adriano Larentes. Entre Brasil, Portugal y España: trayectorias de trabajadores inmigrantes de la construcción civil. **Simposio Nuevos Retos del Transnacionalismo en el Estudio de las Migraciones**. Barcelona, feb. 2008a. Disponível em: <http://docsGEDIME.files.wordpress.com/2008/02/tc-adriano-larentes-da-silva.pdf>.

_____. La importancia de las historias de vida en los estudios sobre migración internacional y mundo del trabajo. **Revista de Historia Ubi sunt?** Los movimientos migratorios de ayer y de hoy. Nº 23. Cádiz: Universidade de Cádiz, 2008b.

_____. **As novas velhas deportações**. 2008c. Disponível em: <http://www.agenciamigrantes.com.br/analise150408.htm>. Acessado em 20 fev. 2009.

_____. **Fazendo cidade**: a construção do urbano e da memória em São Miguel do Oeste-SC. 2004. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, Sandra e SCHILTZ, Aline. A relação entre os imigrantes brasileiros e os portugueses – a construção de imagens recíprocas. In: MALHEIROS, Jorge M. (org). **Imigração Brasileira em Portugal**. Lisboa: ACIDI, 2007.

SILVA, Maria Dolores T. **A política pública de trabalho e emprego em Santa Catarina**: contextualização e questionamentos. 2003. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVAR, Gabriel Álvarez. **La migración de retorno en Galicia (1970-1995)**. Universidad Complutense de Madrid (Tesis Doctoral), 1996.

SOARES, Weber. A emigração valadarense à luz dos fundamentos teóricos da análise de redes sociais. In: MARTES, Ana C. B. & FLEISCHER, Soraya. **Fronteiras Cruzadas**: etnicidade, gênero e redes sociais. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

TAMAMES, Ramón. Los movimientos migratorios de la población española 1951-1960. **Revista de Economía Política**. 1962. Disponible en: www.Cepec.es/rap/publicaciones/revistas/11/RECP_32_107.pdf.

TÉCHIO, Kachia. Imigrantes brasileiros não documentados: uma análise comparativa entre Lisboa e Madri. **Socius Working Papers**, nº1, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa, 2006.

TEXIDÓ, Ezequiel, BAER, Gladys et al. **Migraciones laborales en Sudamérica: el MERCOSUR ampliado**. Ginebra: OIT, Estudios sobre migraciones internacionales, nº 63, 2003.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. In: **Revista Brasileira de História**. SP, v.22, nº 44, 2002.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

_____. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Unicamp, 2001.

_____. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VENÂNCIO, Renato Pinto. "Presença portuguesa: de colonizadores a imigrantes". In: IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro : IBGE, 2000.

VERÍSSIMO, Luis F. e FONSECA, Joaquim. **Traçando New York**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

VERÍSSIMO, Erico. **Gato Preto em Campo de Neve**. 22ª ed. São Paulo: Globo, 1996.

VICENTE, Gil. **Auto da barca do inferno** (1517). Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br/content/view/full/1811>.

VIDAL, Marcelo. A Emigração de Latino-americanos e Brasileiros rumo à Espanha. In: **Anais do 5º Encontro Nacional Sobre Migração**. Campinas: ABEP, out. 2007.

VIEIRA, Paulo F. (org.). **A pequena produção e o modelo catarinense de desenvolvimento**. Florianópolis: Aped Editora, 2002.

VITÓRIO, Benalva da Silva. **Imigração brasileira em Portugal – identidades e perspectivas**. Santos: Leopoldianum, 2007.

WALLERSTEIN, Immanuel - **O Moderno sistema económico mundial**. Lisboa: Teorema, 1998.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ZÚÑIGA, Pilar Cruz. **Inmigración de indígenas saraguros y otros ecuatorianos en Vera (Almería)**: diagnóstico de las condiciones socioeconómicas y de residencia. Sevilha: Junta de Andalucía, 2007.

ENTREVISTAS GRAVADAS

ABRANTES, Sílvio Caldeira. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Costa da Caparica, 02 nov. 2007. Gravação em MP3.

ADAIR JOSÉ. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, Espanha, 19 mar. 2008. Gravação em MP3.

ADÃO. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, Espanha, 20 mar. 2008. Gravação em MP3.

ALESSANDRA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, Espanha, 09 mar. 2008. Gravação em MP3.

CASTRO, Wander da Silva. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Costa da Caparica, Portugal, 09 dez. 2007. Gravação em MP3.

CLARA. **Entrevista (não gravada) concedida a Adriano Larentes da Silva.** Lisboa, 16 out. 2007.

CLAUDETTE. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Barcelona, 18 fev. 2008. Gravação em MP3.

DANIEL. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Costa da Caparica, Portugal, 14 out. 2007. Gravação em MP3.

DENER. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, Espanha, 20 mar. 2008. Gravação em MP3.

DORVALINA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, Espanha, 09 mar. 2008. Gravação em MP3.

ELIANA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, Espanha, 18 mar. 2008. Gravação em MP3.

ELZENI, WALTEMI, PAULO e ANA. **Entrevista coletiva concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, Espanha, 08 mar. 2008. Gravação em MP3.

FABIANA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Madri, Espanha, 13 mar. 2008. Gravação em MP3.

FÁTIMA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, Espanha, 18 mar. 2008. Gravação em MP3.

FRANCISCO. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Madri, 13 mar. 2008. Gravação em MP3.

GABRIEL. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 10 abr. 2008. Gravação em MP3.

GÁMEZ, Jose Sánchez. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, 09 abr. 2008.

GUENNES, Duda. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Lisboa, 09 de out. 2007. Gravação em MP3.

HAYDEÉ e EMILIO. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, 09 abr. 2008. Gravação em MP3.

HERNANDEZ, Antonio. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Barcelona, 16 fev. 2008. Gravação em MP3.

ISADORA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Florianópolis, 18 jun. 2004. Gravação em fita k-7, 60 min.

IVA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, 02 nov. 2007. Gravação em MP3.

JESÚS e REGINA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Cádiz, 09 fev. 2008. Gravação em MP3.

JOÃO CARLOS. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, mar. 2008.

JOYCE. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 20 mar. 2008. Gravação em MP3.

LEANDRO. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, Portugal, 13 out. 2007. Gravação em MP3.

LUCIANA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Barcelona, 19 fev. 2008. Gravação em MP3.

LUZ, Enoir de Oliveira. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Lisboa, 11 dez. 2007. Gravação em MP3.

MARCELO. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Sevilha, 06 mar. 2008. Gravação em MP3.

MÁRCIA e RAFAEL. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Cádiz, 12 fev. 2008. Gravação em MP3.

MARIANA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Madri, 13 mar. 2008. Gravação em MP3.

MARLY. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Sevilha, 20 mar. 2008. Gravação em MP3.

MIYASHIRO, Rosana. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Florianópolis, 01 jun. 2006.

NETO, José Rodrigues. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Costa da Caparica, Portugal, 08 out. 2007. Gravação em MP3.

ODA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Sevilha, 05 mar. 2008. Gravação em MP3.

ONOFRE. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Costa da Caparica, Portugal, 07 out. 2007. Gravação em MP3.

PÉREZ MURILLO, Maria Dolores. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Sevilha, 01 mar. 2008.

PIRES, António. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Lisboa, 08 out. 2007. Gravação em MP3.

REGOLIN, Flávio. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Madri, Espanha, 13 mar. 2008. Gravação em MP3.

RODRIGUES, Mariano. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Madri, 13 mar. 2008. Gravação em MP3.

SANTOS, Vitor. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Lisboa, 08 out. 2007. Gravação em MP3.

SEBASTIÃO. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Costa da Caparica, Portugal, out. 2007.

SERPA, João e COELHO, Aquilino. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Lisboa, 10 dez. 2007. Gravação em MP3.

SILVA, João Araújo. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, 10 abr. 2008. Gravação em MP3.

SOARES, Maria Rodrigues. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, 09 abr. 2008. Gravação em MP3.

SOARES NETO, João B. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Antequera, Espanha, 09 mar. 2008. Gravação em MP3.

SONIA. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Costa da Caparica, 09 out. 2007. Gravação em MP3.

TRINDADE, Carlos. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva.** Lisboa, 10 dez. 2007.

VANDERLEI (Chapinha). **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Costa da Caparica, 08 out. 2007. Gravação em MP3.

VANDERLEI. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 09 mar. 2008. Gravação em MP3.

VIVIANE. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Lisboa, Portugal, 16 out. 2007. Gravação em MP3.

ZANETTI, Antonio. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Antequera, Espanha, 10 abr. 2008. Gravação em MP3.

ENTREVISTA PELA INTERNET

ALBERTI, Fernanda. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Realizada através do MSN em 24 jun. 2006.

AUFFINGER, Schirley. **Minha Biografia [mensagem pessoal]**. Mensagem recebida por <larentes@yahoo.com.br> em 04 jul. 2006.

EDUARDO. **Re: Pesquisa de Doutorado [mensagem pessoal]**. Mensagem recebida por <larentes@yahoo.com.br> em 22 mai. 2006.

MEDEIROS, Gilda. **Re: Pesquisa de Doutorado [mensagem pessoal]**. Mensagem recebida por <larentes@yahoo.com.br> em 12 jun. 2006.

_____. **Re: Pesquisa de Doutorado [mensagem pessoal]**. Mensagem recebida por <larentes@yahoo.com.br> em 23 jun. 2006.

PATRÍCIA. **Re: Pesquisa de Doutorado [mensagem pessoal]**. Mensagem recebida por <larentes@yahoo.com.br> em 2 de jul. de 2006.

PAULO E ANA. **Re: Pesquisa de Doutorado [mensagem pessoal]**. Mensagem recebida por <larentes@yahoo.com.br> em 22 mai. 2006.

ROSA, Fernando. **Informações sobre o BB Espanha [mensagem pessoal]**. Mensagem recebida por e-mail larentes@yahoo.com.br em 08 dez. 2008.

VANDERLEI (Chapinha). **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Realizada através do MSN em 28 mar 2008.

ZANETTI, Antonio. **Entrevista concedida a Adriano Larentes da Silva**. Realizada através do SKYPE em 02 dez. 2008.

JORNAIS E REVISTAS

A PÁGINA. **Vaga de imigrantes assusta Europa**. Disponível em: www.apagina.pt. Acesso em: 18/10/06.

A TRIBUNA. **Um dentista para cada dez mil portugueses**. Lisboa, A Tribuna, 23 mai.1980.

CENTRO DE NOTÍCIAS DA ONU. **CEPAL exhorta a debater sobre derechos humanos de migrantes de América Latina**. Disponível em: www.un.org/spanish/news. Acesso em: 12/04/06.

CORREIO BRAZILIENSE. **Brasileiros aguardam deportação**. Correio Braziliense, Brasília, 24 abr. 2005.

CORREIO DA MANHÃ. **Legalizar odontologistas sem necessárias habilitações é porque o crime compensa**. Lisboa, 18 set. 1982.

_____. **Portugal e Brasil: Irmãos... mas pouco – diplomas e vistos “pesam a barra”**. Lisboa, 10 nov. 1991.

_____. **Portugal necessita de 3800 dentistas**. Lisboa, 06 jul. 1986.

DIÁRIO DE LISBOA. **Vai à América do Sul?**. Lisboa, 17 nov. 1953, p. 02.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **Brasileiros enviaram 150 milhões através de canais paralelos**. Lisboa, Diário de Notícias, 26/05/06. Disponível em <http://dn.sapo.pt/2006/05/26/economia.html>.

_____. **Embaixador chamado a Brasilia**. Lisboa, 05 fev. 1993.

DIÁRIO POPULAR. **Memórias de Exilados**. Lisboa, 05 mai.1986.

EL ECONOMISTA. **En España 40% de trabajadores de hostelería son inmigrantes, según informe**. 2008. Publicado en: www.economista.es.

EL MUNDO. **600.000 extranjeros regularizaron sus situación en seis procesos extraordinarios entre 1991 y 2001**. Disponível em: www.elmundo.es/elmundo/2005/02/06/sociedad/1107690435.html. Acesso em: 08 dez. 2008.

EL PAÍS. **De la boina al turbante**. Madri, 02 mar. 1992.

_____. **Escasos resultados de la visita de Soares a Brasil**. Madrid, 18 dez. 1976. Disponível em: http://www.elpais.com/articulo/internacional/SOARES/_MARIO_/POLITICO_PORTUGAL/PORTUGAL/BRASIL/Escasos/resultados/visita/Soares/Brasil/elpepiint/19761218/elpepiint_18/Tes.

_____. **El sociólogo brasileño Freyre, en Madrid**. Madrid: El País, 24 set. 1976. Disponível em: www.elpais.com/archivo.

_____. **Entrevista: almuerzo con... Álvaro Marchesi.** Madrid: El País, 15 mai. 2008. Disponível em: www.elpais.com/articulo. Acesso em: 07 dez. 2008.

_____. **Estudiantes brasileños en Madrid boicotean una recepción ofrecida por João Figueiredo.** Madrid, 14 abr. 1984. Disponível em: www.elpais.com/articulo/espana/FIGUEIREDO/_JOAO/ESPANA/BRASIL/BRASIL/Estudiantes/brasilenos/Madrid/boicotean/recepcion/ofrecida/Joao/Figueiredo/elpepiesp/19840414elpepinac_14/Tes.

_____. **Francia suprimirá la inmigración de trabajadores extranjeros.** Madrid, 29 set. 1977. Disponível em: http://www.elpais.com/articulo/internacional/FRANCIA/Francia/suprimira/inmigracion/trabajadores/extranjeros/elpepiint/19770929elpepiint_7/Tes.

_____. **La vieja dama Europa:** tribuna Alberto Iniesta. Madri, 29 jan. 1988.

_____. **Soares no consegue que Brasil absorba a los “retornados” portugueses.** Madrid, 17 dez. 1976. Disponível em: www.elpais.com.br/archivo.

_____. **Telefónica pide 100.000 pesetas a un inmigrante por darle línea.** Madrid, 18 fev. 1995. Disponível em: www.elpais.com/articulo/sociedad/ESPANA/LATINOAMERICA/TELEFONICA/Telefonica/pide/100000/pesetas/inmigrante/darle/linea/elpepisoc/19950218elpepisoc_7/Tes

_____. **Un 27% más de inmigrantes ilegales intentó pasar por Barajas en 1997.** Madrid, 21 mar. 1998. Disponível em: www.elpais.com/articulo/madrid/ESPANA/LATINOAMERICA/ESPANA/27/imigrantes/ilegales/intento/pasar/Barajas/1997/elpepiespmad/19980321elpmad_8/Tes.

EL SOL DE ANTEQUERA. **Editorial:** La Antequera de los sesenta mil. Antequera, 15 enero 2000.

_____. **Comenzó la temporada de la aceituna.** Antequera, 02 dez. 2000.

ÉPOCA. **Anúncios Gratuitos para Trabalhadores - Oferta de Serviço.** Nº 210, Lisboa 01 set. 1971.

EXPRESSO. **Alentejo: operação 1992.** Lisboa, 12 nov. De 1988.

_____. **A nova fronteira luso-européia.** Lisboa, 30 mai. 1987.

_____. **Brasil à beira do vulcão.** nº 767. Lisboa, 11 jul. 1987.

_____. **Brasil: à espera de um plano cruzado.** Lisboa, 24 jan. 1987, p.14.

_____. **Brasileiros em Portugal:** os novos emigrantes. Lisboa, 11 jul. 1987

_____. **Caparica à brasileira.** Edição 1762, 05/08/2006. Disponível em: <http://expresso.clix.pt/>. Consulta em 12.09.07.

- _____. **CEE: ano zero.** Lisboa, 21 dez. 1985.
- _____. **Dentistas brasileiros sob investigação.** Lisboa, 07 out. 1989.
- _____. **Desemprego de longa duração afecta mais de oito milhões.** Lisboa, 09 jun. 1990.
- _____. **Emprego: a onda clandestina.** Lisboa, 18 mar. 1989.
- _____. **Falta de trabalhadores altamente qualificados preocupa os Estados Unidos.** Lisboa, 07 jan. 1989.
- _____. **Médicos espanhóis processam Machado Macedo.** n° 906. Lisboa, 10 mar. 1990.
- _____. **Maus acessos e falta de alojamentos afectam praias da Costa da Caparica.** Lisboa, 15 jul. 1989.
- _____. **Portugal candidata-se à Expo-98 e Mundial de Futebol.** Lisboa, 11 nov. 1989.
- _____. **Portugueses d'Além-Mar e seus parceiros:** duzentos empresários brasileiros à conquista dos mercados português e europeu. Lisboa, 26 jul. 1986, (Caderno Mercado).
- _____. **Soares: ninguém ficou indiferente no Brasil.** Lisboa, 04 abr. 1987.
- _____. **3 milhões de emigrantes.** Lisboa, 28 mar. 1987.
- FECOMA. La siniestralidad en la construcción: causas y soluciones. **Revista Construcción y Madera.** Madrid: FECOMA, ene./feb. 2008, n° 59.
- FESAHT. **Revista Hotelaria e Alimentação.** Lisboa, n°82, abr/mai/jun 2007.
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Brasileiros ilegais nos Estados Unidos batem recorde.** São Paulo, 04 jul. 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u74389.shtml>. Acesso em 04 julho 2004.
- _____. **Desemprego e racismo alimentam revolta em Paris.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u47771.shtml>. Publicado em: 03/11/05. Acesso em: 06/11/05.
- _____. **Governo francês põe fim a estado de emergência.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u91149.shtml>. Publicado em 03/01/06. Acesso em 21/04/06.
- _____. **Imigrantes fazem dia de protesto nos Estados Unidos.** Disponível em: www1.folha.uol.com.br/folha/mund/ult94u95506.shtml. Acesso em 01.05.06.
- _____. **Para especialistas, violência na França ameaça a Europa.** Disponível em: www1.folha.uol.com.br. Publicado em 05/11/05. Acesso em 06/11/05.

_____. **Protestos pelos direitos dos imigrantes reúnem milhares nos EUA.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u94689.shtml>. Publicado em: 10/04/06. Acesso em: 13/04/06.

_____. **Senado dos EUA chega a acordo sobre reforma da imigração.** Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u94528.shtml>. Publicado em: 06/04/06. Acesso em: 13/04/06.

INTERNATIONAL PRESS. **Estrangeiros preocupam polícia japonesa.** Tóquio, 07/09/2006. Disponível em: www.ipcdigital.com. Acesso em: 27/09/06.

ISTOÉ. **Estamos invadindo Portugal.** São Paulo, 30 nov. 1977.

JORNAL DO BRASIL. **Classe média brasileira busca o paraíso.** Rio de Janeiro: JB, 03 nov. 1991.

_____. **Desde 1991, voltaram 600.** Rio de Janeiro, 04 fev. 1993.

_____. **Portugal, o inferno dos brasileiros.** Rio de Janeiro, 31 jul.1988.

LA VANGUARDIA. **Los cayucos llegan ahora de Portugal.** Barcelona, 15 out. 2006. Disponible en: <http://www.lavanguardia.es/premium/edicionimpresa>

O GLOBO. **Brasileiros em Portugal.** Rio de Janeiro, 20 nov. 1987.

_____. **Portugal - República dos Retornados (I).** Rio de Janeiro, 10 abr. 1977.

O INDEPENDENTE. **Brasileiros já estão de saída.** Lisboa, 03 jun.1988, p.12.

_____. **Carta do Brasil.** Lisboa, 01 dez. 1988, ano 1, nº 29.

O JORNAL. **Brasileiros descobrem Portugal.** Lisboa, 31 dez. 1987.

PÚBLICO. **Bartoon.** Lisboa, 30 abr. 1993.

_____. **Brasileiros “estagiam” na indústria do calçado.** Lisboa, 16 dez. 1991.

_____. **Discriminação de emigrantes ameaça relações luso-brasileiras.** Lisboa, 02 nov. 1991.

_____. **Estudantes ‘chumbam’ dentistas brasileiros.** Lisboa, 21 mar. 1992.

TOUMAI. ETT: **Relación laboral a tres bandas.** Barcelona, Año VI, nº 57, 2008.

VEJA. **Conexão portuguesa.** São Paulo, 10 fev. 1993.

ESTATÍSTICAS

ACIME. **Estatísticas da Imigração**. Lisboa: ACIME, dez. 2005.

AYUNTAMIENTO DE ANTEQUERA. **Padrón Municipal** – resumen numérico por nacionalidade – 1996-2008. Antequera: Ayuntamiento Municipal, abr. 2008.

IBGE. **Brasil : 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. Publicado em: www.ibge.gov.br/censo/brasil500. Acesso em 10.10.2006.

FECOHT. **Afiados FECOHT-Brasil**. 2008. Recebido por correio eletrônico.

INE. **Recenseamento geral da população e habitação de 1890**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1896. Disponível em: www.ine.pt (Biblioteca Digital).

_____. **Recenseamento geral da população e habitação de 1900**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905. Disponível em: www.ine.pt (Biblioteca Digital).

_____. **Censo da População de Portugal** – no 1º de dezembro de 1911. Lisboa: Imprensa Nacional, 1913. Disponível em: www.ine.pt (Biblioteca Digital).

_____. **Censo da População de Portugal** – dezembro de 1920. Lisboa: Imprensa Nacional, 1923. Disponível em: www.ine.pt (Biblioteca Digital).

_____. **Censo da População de Portugal** – dezembro de 1930. Lisboa: Imprensa Nacional, 1934. Disponível em: www.ine.pt (Biblioteca Digital).

_____. **VIII Recenseamento geral da população no Continente e Ilhas Adjacentes em 12 de Dezembro de 1940**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1945. Disponível em: www.ine.pt (Biblioteca Digital).

_____. **IX Recenseamento Geral da População**. Lisboa. Instituto Nacional de Estatística. Tipografia Portuguesa, Lda, 1952. Disponível em: www.ine.pt (Biblioteca Digital).

_____. **X Recenseamento Geral de População**. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1963. Disponível em: www.ine.pt (Biblioteca Digital).

_____. **XI Recenseamento da População** – Continente e Ilhas Adjacentes 1970: dados preliminares. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1971.

_____. **XII Recenseamento Geral da População e II Recenseamento Geral da Habitação**: Resultados Definitivos. Total do País. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

_____. **Censos 1991**: XIII Recenseamento Geral da População, III Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos – Portugal. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 1991.

_____. **Censos 2001**: resultados definitivos - Lisboa: XIV recenseamento geral da população: IV recenseamento geral da habitação. Lisboa : I.N.E., 2001.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA DA ESPAÑA. **Revisión del Padrón municipal 1998** – Datos a nivel nacional, comunidad autónoma y provincia. Disponible em: www.ine.es. Consulta em jan. 2008.

_____. **Revisión del Padrón municipal 2004** – Datos a nivel nacional, comunidad autónoma y provincia. Disponible em: www.ine.es. Consulta em jan. 2008.

_____. **Revisión del Padrón municipal 2006** – Datos a nivel nacional, comunidad autónoma y provincia. Disponible em: www.ine.es. Consulta em jan. 2008.

_____. **Revisión del Padrón municipal 2008** – Datos a nivel nacional, comunidad autónoma y provincia. Disponible em: www.ine.es. Consulta em jan.2009.

_____. **Revisión del Padrón municipal 2008** - Población por sexo, nacionalidad y país de nacimiento. Disponible em: www.ine.es. Consulta em jan. 2009.

_____. **Censo de la población de España en 1900**. Madrid: Dirección General del Instituto Geográfico y Estadístico, 1902. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de la población de España en 1910**. Madrid: Dirección General del Instituto Geográfico y Estadístico, 1913. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de la población de España en 1920**. Madrid: Dirección General del Instituto Geográfico y Estadístico, 1922. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de la población de España en 1930**. Madrid: Instituto Geográfico y Catastral, 1932. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de la población de España en 1940**. Madrid: Dirección General Estadística, 1943. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de la población de España en 1950**. Madrid: Instituto Nacional de Estadística, 1952. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de la población y de las viviendas en España - 1960**. Madrid: Instituto Nacional de Estadística, 1962. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de la población de España - 1970**. Madrid: Instituto Nacional de Estadística, 1972. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de Población de 1981**. Resultados Nacionales: características de la población. Tomo I, Volumen I.Madrid, 1985. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de la población y viviendas - 1991**. Madrid: Instituto Nacional de Estadística, 1991. Disponible em: www.ine.es.

_____. **Censo de la población y viviendas - 2001**. Madrid: Instituto Nacional de Estadística, 2001. Disponible em: www.ine.es.

MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasileiros no mundo**: estimativas (julho de 2008). Disponível em: <http://www.abe.mre.gov.br/avisos/brasileiros-no-mundo>.

SEF. **População estrangeira em território nacional** – Dados provisórios de 2006. Disponível em: www.sef.pt. Consulta em jan. 2008.

_____. **População estrangeira em território nacional** – Dados provisórios de 2007. Disponível em: www.sef.pt. Consulta em jan. 2009.

_____. **Relatório de actividades 2006** – imigração, fronteira e asilos. Lisboa: SEF, 2007. Disponível em: www.sef.pt.

OUTROS DOCUMENTOS

BRASIL - Ministério da Educação e Saúde – Biblioteca Nacional. **Estudantes brasileiros na universidade de Coimbra (1772-1872)**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA. **Está a nascer uma nova cidade**: Costa da Caparica. Almada: Câmara Municipal, mai. 2007.

CONFERENCIA INTERNACIONAL DEL TRABAJO. **Recomendación (núm. 86) sobre los trabajadores migrantes (Revisada en 1949)**. Ginebra: OIT, junio de 1949.

_____. **Recomendación 100 - Recomendación sobre la protección de los trabajadores migrantes en los países y territorios insuficientemente desarrollados**. Ginebra: OIT, junio de 1955.

FRANCISLAINE (Neguinha). **Carta enviada aos pais**. São Paulo, jan. 2008.

METROPOLITANO DE LISBOA. **Um pouco de história**. Disponível em: <http://www.metrolisboa.pt/Default.aspx?tabid=65>. Acesso em 16 nov. 2008.

MIGRANT WORKERS. **International Labour Conference, 87th Session**. International Labour Office: Geneva, 1999.

MINISTERIO DE TRABAJO Y ASUNTOS SOCIALES. **El servicio del hogar familiar**. Madrid, 2006.

OITBRASIL. **Desemprego continua aumentando e atinge mais os jovens**. Disponível em: www.oitbrasil.org.br/news/nov/ler_nov.php?id=1119. Publicado em 25/01/2006. Acesso em 26/02/06.

OIT. Conferencia Internacional del Trabajo, 92ª reunión, 2004. Informe VI. **En busca de un compromiso equitativo para los trabajadores migrantes en la economía globalizada**. OIT, Ginebra.

_____. **Trabajadores migrantes representan 3% de la fuerza laboral mundial, afirma la OIT.** Publicado em Centro de Notícias da ONU. www.un.org/spanish/News. Acesso em 12/04/2006.

ONU - Economic and Social Council Pop/942. **Un commission on population and development to meet at headquarters, 3-7 april, with focus on international migration, development.** United Nations, 30 march 2006. Publicado em: <http://www.un.org/apps/press/latest.asp>. Acesso em: 04.04.06.

PANORÂMICA DA COSTA DA CAPARICA. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Costa_da_Caparica. Consulta em jan. 2009.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTÉRIOS – Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas. **Estatísticas da Imigração.** Lisboa: ACIME, dezembro de 2005.

www.parquedasnacoes.pt/pt/expo98

<http://www.amigosdobrasilbarcelona.org/es/index.html>

www.internationaloliveoil.org.

<http://www.casado brasil.org/Historia.html>

ANEXOS

QUADRO GERAL DE ENTREVISTAS*

ESPAÑA

Abul – 31 anos, nasceu em Marrakech, no Marrocos. Antes de partir trabalhava como padeiro em seu país. Emigrou para a Espanha em 2008 no interior de um container. Em 2008 vivia em uma casa de acolhida de emigrantes em Algeciras.

Adão – 26 anos, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Emigrou, em 2008, diretamente do Mato Grosso, Nova Lacerda, para Antequera. No Brasil foi integrante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, MST. Na Espanha trabalhava na agricultura.

Alessandra – 35 anos, nasceu em Londrina, Paraná. Saiu de sua cidade natal em 2006 com destino a Antequera, deixando esposo no Brasil. Em 2008 trabalhava na faxina e no cuidado de idosos. Avó era de Almeria, Espanha.

Alfredo Tovar – nasceu em La Garnatilha, Motril e vive desde sua infância nesse local. Em 2008 trabalhava na prefeitura de Motril e mantinha-se como um dos principais preservadores da memória de sua cidade e de seu “pueblo” de origem.

Ana – nasceu em La Garnatilha, Motril. É filha de espanhóis que emigraram ao Brasil. Era 2008, já aposentada, permanecia vivendo em La Garnatilha.

Andres – padre operário espanhol. Chegou a Algeciras nos anos 1970 para trabalhar nas indústrias locais. Nos anos 80 fundou a paróquia São Pedro. Desde então é conhecido por “*cura patera*”, por acolher imigrantes que fazem travessia clandestina do Estreito de Gibraltar.

Angeles Martin Roldan – nasceu em Motril, Espanha. Desde pequena acompanhou a emigração de familiares ao Brasil. Era a responsável por escrever cartas que sua avó enviava ao interior de São Paulo. Em 2008 permanecia vivendo em Motril.

Antonio Hernandez – 62 anos, nasceu em Barcelona, Espanha. Emigrou para São Bernardo do Campo em 1950, permanecendo no Brasil até os 17 anos de idade. Em 2008 era comerciante em Barcelona e um dos diretores da Associação Amigos do Brasil.

Antonio Zanetti (Toninho) – 41 anos, nasceu em São Vicente, São Paulo. Emigrou para Antequera em companhia da esposa em 1999. Até 2008 trabalhava em um restaurante local, mas voltou ao Brasil no final desse ano. Brasil no início do século XX.

Cecília – emigrou do Rio de Janeiro para Madri em 1967 em companhia de esposo (espanhol). Em 2008 trabalhava na Casa do Brasil e permanecia vivendo em Madri.

* - Somente entrevistas trabalhadas na tese.

Claudette – 55 anos, nasceu no Recife, PE. Formada em Psicologia e Administração de Empresas. Ex-executiva brasileira que emigrou para Zaragosa, Espanha, em julho de 1992. Em 2008 trabalhava em um restaurante de um hotel em Barcelona.

Cristiane – 47 anos, nasceu no estado do Paraná. Emigrou de Curitiba para Madri em 1984 conhecendo aí um brasileiro de Natal, com quem é casada até hoje. Em 2008 seguia vivendo em Madri.

Dener – 39 anos, nasceu em Foz do Iguaçu, Paraná. Nos anos 70 foi com os pais para Cacoal, Rondônia. Em 2005 emigrou de Cacoal em companhia da esposa e filhos para Antequera. Em 2008 trabalhava como cuidador de cabras na Espanha.

Eliana – 33 anos, nasceu em São José do Rio Preto, SP. Emigrou de sua cidade natal para Antequera em junho de 2004, depois de tentar, sem sucesso, entrar nos Estados Unidos e na Inglaterra. Em 2008 trabalhava como empregada doméstica em Antequera.

Elisângela – 22 anos, nasceu em Mirasol do Oeste, Mato Grosso. Emigrou do Mato Grosso para Antequera em janeiro de 2007. Em 2008 trabalhava como empregada doméstica nessa última cidade.

Eunice – nasceu em Londrina, PR. Em 2008 vivia em Antequera em companhia dos dois filhos (João e Alessandra) e dos netos. Sua mãe partiu em 1906 de Almeria rumo ao Brasil. Está em Antequera desde 2006 e trabalha no cuidado de crianças e na faxina.

Everton – nasceu em Cuiabá, Mato Grosso. Em 1999 migrou para Florianópolis, Santa Catarina, onde trabalhava como motoboy, mototáxi e açougueiro. Em 2008 vivia em Antequera, onde tinha um bar muito frequentado por brasileiros.

Fabiana – 34 anos, nasceu no Recife, Pernambuco. Emigrou para Madri em 2004 para fazer doutorado em Antropologia. Em 2008 atuava na Associação Hispano-Brasileira de Apoio a Imigrantes - AHBAl.

Flávio Regolin – 56 anos, nasceu em Marialva, Paraná. Emigrou de Pontal do Paraná para Madri em fevereiro de 2005. Em 2008 trabalhava como eletricitista em Madri e participava da AHBAl.

Francisco – 45 anos, nasceu em Caxias, no Maranhão. Em 1989 migrou para Ribeirão Preto, SP. Em 2007 emigrou à Espanha em companhia da esposa, deixando as filhas no Brasil. Em 2008 trabalhava na construção civil em Madri.

Gabriel – nasceu em Mandaguari, Paraná. Emigrou para Vigo pela primeira vez em 1999 retornando em seguida ao Brasil. Em 2002 volta a emigrar para a Espanha, desta vez para Antequera. Em 2008 trabalhava na construção civil.

Haydeé – nasceu em Córdoba, Argentina. Neta de italianos que emigraram à Argentina depois da I Guerra Mundial. Em 2001 emigrou com esposo e filho para Antequera. Em 2008 atuava junto a imigrantes na *ONG Antequera Acoge*.

Jaqueline – jovem brasileira que em 2008 vivia e trabalhava em Antequera. É natural de Araputanga, Mato Grosso.

Jesús – 33 anos, nasceu em Cádiz, Espanha. Nos anos 90 emigrou ao Brasil onde conheceu Regina, sua atual esposa. Voltou à Espanha em 1996. Em 2008 trabalhava com professor de marcenaria em entidade que oferecia cursos de requalificação profissional.

João Araújo – 58 anos, nasceu em Santo Amaro, SP, em um bairro chamado Capão Redondo. No Brasil trabalhava como motorista de caminhão. Emigrou em 1999 para Portugal e depois para a Espanha, onde viveu vários meses em um caminhão. Em 2008 vivia em Antequera.

João Carlos – 23 anos, nasceu em Londrina, PR. Foi o primeiro da família a emigrar para a Espanha em janeiro de 2005. Em 2008 trabalhava em um lar de idosos de Antequera.

João Soares Neto – 48 anos, nasceu em Ecoporanga, Espírito Santo. Em 1975 migrou com o pai do norte do Paraná para Jauru, Rondônia. Casou-se em Porto Velho e migrou para Cuiabá, de onde saiu em 2002 rumo a Antequera. Em 2008 trabalhava nessa última cidade na construção civil.

Jose Sánchez Gámez – 74 anos, nasceu na Almería, Espanha. Há cerca de 40 anos vive na região de Antequera, onde acompanhou a saída de emigrantes espanhóis e tem acompanhado a chegada de imigrantes brasileiros e de outras nacionalidades.

Luciana – 29 anos, nasceu no Rio de Janeiro. Filha de português. Emigrou do Rio de Janeiro para Barcelona em companhia do esposo em maio de 2002. Em 2008 fazia faculdade de Turismo e trabalhava em um restaurante de um hotel de Barcelona.

Marcelo – 27 anos, nasceu em Marília, SP. Saiu de sua cidade natal pela primeira vez em 2002 migrando para Curitiba, PR. De lá migraria para Lisboa e posteriormente (2006) para Sevilha, Espanha. Em 2008 estava de licença médica do restaurante onde trabalhava.

Márcia – 26 anos, nasceu em Cuiabá, Mato Grosso. Chegou na Espanha em maio de 2007 deixando filha de sete anos no Brasil. Em 2008 trabalhava em Antequera no cuidado de pessoas e na limpeza.

Marcia – 26 anos, nasceu no Rio de Janeiro. Estudou até o Ensino Médio. Estava desempregada quando saiu do Brasil em 2007 rumo a Medina Sidônia, na Espanha. Em 2008 conseguiu seu primeiro trabalho em Cádiz como garçomete em um restaurante local.

Maria Dolores – 54 anos, nasceu em Motril, Granada. Formada em História. É atualmente professora de História da América da Universidade de Cádiz e investigadora da emigração espanhola para a América e da emigração latinoamericana para a Espanha.

Maria e Gustavo – brasileiros que em 2008 viviam em Antequera e haviam sido selecionados para viver e trabalhar no pequeno povoado de Alcóntar. Tinham dois filhos, ambos também na Espanha.

Maria Rodrigues Soares – 52 anos, nasceu em Cruzeiro do Sul, Paraná. Chegou na Espanha em 2002 em companhia do filho e do esposo. Em 2008 trabalhava em um hotel na cidade de Antequera.

Mariana – 40 anos, nasceu em União Piauí, Piauí. Migrou com esposo e filhos do Nordeste para Ribeirão Preto, São Paulo, em 1989. Desta última cidade saiu em 2007 rumo a Madri, onde trabalhava em 2008 no cuidado de idosos e na faxina.

Mariano Rodrigues – 57 anos, nasceu em Nova Granada, SP. Médico Veterinário, filho de emigrante espanhol no Brasil. Emigrou pela primeira vez de São José do Rio Preto para Madri em março de 1999. Em 2008 atuava como porteiro em Madri.

Marli – nasceu no interior do estado de São Paulo. Emigrou de São José do Rio Preto para Madri em 2005. É filha de espanhóis de Torrecilhas, Cáceres que emigraram ao Brasil.

Marly Assis - 43 anos, nasceu em Porto Firme, Minas Gerais. Quando saiu do Brasil estava em Porto Velho, Rondônia. Está em Sevilha desde 2002 e trabalha atualmente como psicóloga.

Milene – natural do estado de Mato Grosso. Emigrou para Antequera há pouco tempo deixando filhos e netos no Brasil. Em 2008 trabalhava cuidando um idoso com alzheimer em Antequera.

Mohamed – jovem da Guiné que emigrou para a Espanha no início de 2006 em um barco de pesca. Em 2008 trabalhava em um estacionamento de carros em Algeciras e morava em uma casa de acolhida a imigrantes nessa cidade.

Oda – 31 anos, nasceu em Caracas, na Venezuela. Aos cinco anos de idade, foi com a mãe para o Rio de Janeiro e, por isso, se considera brasileira. Emigrou do Rio de Janeiro para Sevilha em 1998 e em 2008 trabalhava como garçonne em um restaurante local.

Rafael – 28 anos, nasceu em Araruama, RJ. Emigrou para Cádiz em fevereiro de 2004. Dali mudaria mais tarde para Medina Sidônia. Em 2008 trabalhava em um restaurante dessa última cidade.

Regina – 46 anos, nasceu em São Paulo, SP. Emigrou para Cádiz, Espanha, em 1996, em companhia do esposo de sua filha. Em 2008 coordenava a ONG *CEAIN*, em Cádiz.

Ride – 18 anos, nasceu no Marrocos. Entrou na Espanha com 17 anos amarrado em baixo de um caminhão. Em 2008 vivia em uma casa de acolhida a imigrantes em Antequera.

Santusa – de descendência Quechua, emigrou do Peru para a Espanha em 1989. Trabalhou em distintas ocupações e cidades espanholas. Em 2008 vivia na cidade de Algeciras e estava desempregada.

Wahahid – 19 anos, nasceu no Marrocos. Com 17 anos atravessou o Estreito de Gibraltar em um navio de passageiros. De Algeciras se refugiou nas montanhas do Sul da Espanha, sendo posteriormente preso e levado a um lar de menores.

Youssef – 18 anos, nasceu no Marrocos. Chegou a Espanha em uma bateira. Em 2008 vivia em uma casa de acolhida a imigrantes em Antequera.

PORTUGAL

Adriana – brasileira do município de Castro Alves, na Bahia. Emigrou para Portugal em 1999. Em 2007 trabalhava em uma loja de envio de remessas ao Brasil e morava na Costa da Caparica. Voltou ao Brasil no final de 2007.

Antonio Pires – nasceu em Almada, Portugal, e é padre da paróquia da Costa da Caparica há mais de 20 anos. A partir do início dos anos noventa vem acompanhando a chegada de brasileiros nessa localidade.

Clara (nome fictício) – 39 anos, nasceu em Quirinópolis, Goiás. Emigrou para Portugal em 2005. Antes disso havia vivido na Inglaterra. Em 2007 morava em Lisboa e trabalhava na hotelaria como camareira.

Daniel – 25 anos, nasceu em Goiânia, Goiás. Em 2003 emigrou de Trindade, Goiás para Portugal. Em 2007 vivia na Costa da Caparica e trabalhava na construção civil.

Duda Guenes – 71 anos, nasceu no Recife, Pernambuco. Formado em jornalismo seguiu para Portugal em 1974 para cobrir a Revolução dos Cravos. Em 2007 vivia em Lisboa e seguia trabalhando como jornalista.

Enoir de Oliveira Luz – 70 anos, nasceu em Caxias do Sul, Rio Grande do Sul. Militante de esquerda no Brasil na época do Regime Militar, se exilou na Rússia em 1972 e em 1976 seguiu para Portugal. Em 2007 tinha um restaurante em Lisboa, onde trabalhava com a família.

Ermenegildo – brasileiro de Governador Valadares que emigrou para Portugal em 2007. Morava na Costa da Caparica e trabalhava na construção civil. Chegou a esse país depois de duas tentativas frustradas de entrar nos Estados Unidos.

Iva – 37 anos, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Em 2001 emigrou de Governador Valadares para Portugal. Em 2007 vivia na Costa da Caparica e trabalhava no ramo de limpeza e faxinas.

João Serpa e Aquilino Coelho – sindicalistas portugueses do setor da construção civil. Dirigentes do Sindicato da Construção do Sul, ligado à CGTP-IN.

Jorge – 23 anos, nasceu em Guarulhos, São Paulo. Nos anos 80 emigrou com a mãe para o Paraguai. Em 2006 emigrou de Galiléia, MG, para Portugal. Em 2007 vivia na Costa da Caparica e trabalhava na construção civil.

José Rodrigues Neto – 54 anos, nasceu em Nova Mógica, Minas Gerais. Ex-bancário no Brasil, em 1999 emigrou de Governador Valadares para Portugal. Em 2007 trabalhava com a família em um bar na Costa da Caparica.

Leandro – 26 anos, nasceu em Goiânia, Goiás. Emigrou para Portugal em 2003. Em 2007 trabalhava em uma loja de envio de dinheiro na Costa da Caparica.

Moisés – brasileiro de Governador Valadares com idade entre 40 e 50 anos que em 2007 morava na Costa da Caparica e trabalhava na Espanha, no setor da construção civil.

Naum – brasileiro de Governador Valadares. Emigrou para Portugal no final da década de 1990. Em 2007 trabalhava nas obras do metrô de Lisboa e vivia na Costa da Caparica.

Onofre – 48 anos, nasceu em Galiléia, Minas Gerais. Em 2001 emigrou de Central de Minas para a Costa da Caparica. Em 2007 trabalhava na construção civil nesta última cidade.

Paulinho - brasileiro de Governador Valadares, trabalhador da construção civil, que vivia em 2007 na Costa da Caparica.

Sebastião – 51 anos, nasceu em Ferros, Minas Gerais. Emigrou para Portugal em 2001. Em 2007 vivia na Costa da Caparica e trabalhava na construção civil.

Silvio Caldeira Abrantes – 39 anos, nasceu em Governador Valadares, Minas Gerais. Chegou em Portugal em 1999. Em 2008 vivia na Costa da Caparica e era um empreiteiro de obras no setor da construção civil, empregando, inclusive, outros brasileiros.

Vanderlei - 35 anos, nasceu em Campo Mourão, Paraná. Em 2007 emigrou de sua cidade natal para Portugal, passando a trabalhar na Costa da Caparica como pintor de carros. Em 2008 emigrou para a Espanha.

Vitor Santos – 60 anos, nasceu na Caparica, em Portugal. Sempre morou na Costa da Caparica, com exceção de um ano em que esteve servindo o exército português em Angola. Em 2007 tinha uma loja de jogos no centro da Costa da Caparica.

Viviane – 29 anos, nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais. Ex-funcionária pública, emigrou para Portugal em 2004. Em 2007 trabalhava como camareira na hotelaria e morava em Lisboa.

Wander da Silva Castro – 55 anos, nasceu em Anicuns, Goiás. Em 1987 emigrou do Rio de Janeiro para Portugal. Em 2007 vivia na Costa da Caparica e trabalhava na construção civil.

OUTROS PAÍSES

Estados Unidos

Isadora (nome fictício) – 30 anos, nasceu em Rio do Sul, Santa Catarina. Formada em História pela UFSC. Emigrou para os Estados Unidos em 2001 e aí permanece até hoje. Casada com um cubano e mãe de uma filha. Vive na Flórida, EUA.

Gilda Medeiros – 49 anos, nasceu em Sombrio, Santa Catarina. Emigrou para os Estados Unidos em 2001, onde permanece até hoje trabalhando no ramo da faxina.

Japão

Rosana Miyashiro – 40 anos, nasceu em Pedro de Toledo, São Paulo. De família de imigrantes japoneses saiu de São Paulo rumo ao Japão em 1990. Permaneceu nesse país por cerca de um ano, trabalhando em distintos empregos. Atualmente é coordenadora pedagógica em uma escola de Turismo e Hospitalidade em Florianópolis, Santa Catarina.

Alemanha

Schirley Alffinger – 33 anos, nasceu em Itajaí, Santa Catarina. Professora primária no Brasil, emigrou para a Alemanha em 1998 por meio de uma agência de intercâmbio. Em 2007 permanecia vivendo na Alemanha e trabalhava no aeroporto de Frankfurt.